

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTE, CULTURA E LINGUAGENS

Natália Teles Silva e Fróes

Mapeamento dos espaços de Exibição de Juiz de Fora:
Historiografia, mapas interativos e um passeio pela cidade

Juiz de Fora

2022

Natália Teles Silva e Fróes

Mapeamento dos espaços de exibição de Juiz de Fora:

Historiografia, mapas interativos e um passeio pela cidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arte, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Teorias e processos poéticos interdisciplinares.

Orientadora: Prof. Dra. Alessandra Souza Melett Brum

Juiz de Fora

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fróes, Natália Teles Silva e.

Mapeamento dos espaços de exibição de Juiz de Fora : historiografia, mapas digitais e um passeio pela cidade / Natália Teles Silva e Fróes. -- 2022.

328 f. : il.

Orientadora: Alessandra Souza Melett Brum

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, 2022.

1. mapas interativos. 2. espaços de exibição. 3. Juiz de Fora. 4. histórias de cinemas. I. Brum, Alessandra Souza Melett, orient. II. Título.

Natália Teles Silva e Fróes

Mapeamento dos espaços de Exibição de Juiz de Fora:
Historiografia, mapas interativos e um passeio pela cidade

Dissertação
apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em Artes,
Cultura e
Linguagens, da Universidade
Federal de Juiz de
Fora como requisito
parcial à obtenção do
título de Mestre em
Artes, Cultura e
Linguagens. Área de
concentração:
Teorias e Processos
Poéticos
Interdisciplinares

Aprovada em 07 de 12 de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Alessandra Brum - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Luís Alberto Rocha Melo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Rafael de Luna Freire
Universidade Federal Fluminense

Juiz de Fora, 21/09/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Alessandra Souza Melett Brum, Professor(a)**, em 10/12/2022, às 08:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luis Alberto Rocha Melo, Professor(a)**, em 10/12/2022, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rafael de Luna Freire, Usuário Externo**, em 12/12/2022, às 19:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uff (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0957846** e o código CRC **B97F0E88**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a

Minha orientadora, Alessandra Brum, pela paciência e cuidado com que vem me mostrando caminhos desde o começo, por sempre lembrar da necessidade de ser sensível, e por lutar o tempo todo para que eu e todos os alunos que aprendemos com ela tenhamos condições de desenvolver nossas pesquisas.

Os membros dessa banca, pelas reflexões que me fizeram repensar esse trabalho: Rafael de Luna Freire, que sigo desde a graduação, inspirador em seu trabalho incansável, sempre escavando e questionando cada detalhe. Luiz Alberto Rocha Mello, por mostrar novos ângulos e formas de pensar, que me surpreendem e me forçam a questionar minhas convenções.

Ryan Brandão por conversas que inspiraram essa pesquisa, refletindo sobre os sites observados nesse projeto e as pesquisas sobre cinemas já realizadas em Juiz de Fora.

Ricardo Zaidan por permitir que assistisse suas aulas introdutórias aos Sistemas de Informação Geográfica e por dar acesso a mapas históricos de Juiz de Fora, e fazer com que estivesse menos perdida nessas cartografias digitais.

Elianne Ivo por se tornar uma amiga tão querida e insistir sempre que aprenda sobre novas tecnologias.

A todos os professores que nessa trajetória não só nos ensinaram suas matérias, mas nos confrontaram com um mundo complexo e arrebatador, em especial Sérgio Puccini, Luiz Carlos de Oliveira Júnior e Thereza Medeiros.

Aos membros do projeto de pesquisa Minas é Cinema, João Pedro da Silva Assis, Guilherme Nadalini Pereira, Lucas Alexander Silvério e Janis Santos de Souza, sem os quais o novo site do Minas é Cinema não existiria, e que em várias conversas ajudaram a pensar sobre a natureza do projeto. Ao amigo Gustavo Dutra por me ajudar a pensar o que seria necessário e possível para a criação do mapa que estava imaginando.

A meus pais, pela amizade, companhia e força necessárias para sobreviver a esse período doloroso de isolamento e falecimentos. Aos amigos cuja presença foi um sopro de vida, Ana Flávia, Letícia Fróes, Larissa Martins, Letícia Magpali, Heitor, ao Cineclube Movimento e às colegas Marize, Eliza, Laura Helena, Mariana, Marina, Helena, e Thaiz, a todas as pessoas malucas que assistem filme de luta comigo e aos ex-vizinhos, Sasha, Adler, Daniel, Isabela e Eric.

À UFJF pela bolsa que permitiu que me dedicasse a esse mestrado.

RESUMO

Esse trabalho é uma discussão teórico-prática do mapa interativo como ferramenta de pesquisa para *histórias de cinemas*. Tenta se localizar em um campo interdisciplinar onde imagens, interfaces interativas, bases de dados digitais, e, especificamente, o mapa digital, são usados em pesquisas de história, nesse caso, projetos de história da ida ao cinema. A intenção é entender um pouco as disputas de narrativas envolvidas nesse local. A seguir, faz uma breve descrição de *sites*, na busca de referências de como interfaces lidam com diferentes tipos de conteúdo, do que seria possível fazer em nosso projeto. Em sua porção prática, o objetivo é criar um mapa digital dos espaços de exibição de Juiz de Fora (Minas Gerais), como “piloto”, de ferramenta e formato de apresentação para se adotar na plataforma online do projeto de pesquisa Minas é Cinema. Esse texto descreve o processo de criação do mapa, bem como as reflexões que surgiram com ele.

Palavras-chave: mapas interativos. Espaços de exibição. Juiz de Fora. *histórias de cinemas*.

ABSTRACT

This project is a theoretic and practical discussion of the interactive map as a research tool for *cinema histories*. It tries to locate itself in an interdisciplinary camp where images, interactive interfaces, digital databases, and specifically the interactive digital map, are used in history research, and in this case, in cinemagoing history projects. The intention is to understand a little of the competition of narratives involved in this place. Next, there's a brief description of websites, in a search for references on how interfaces deal with different kinds of content, of what is possible to do in our project. In its practical portion, the objective is to create a digital map of exhibition spaces in Juiz de Fora (Minas Gerais), as the "pilot" of a tool, or a presentation format that can be adopted by the online platform of Minas é Cinema research project. This text describes the map creation process, as well as the reflections that arose from it.

Keywords: interactive maps. Exhibition spaces. Juiz de Fora. *cinema histories*.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
SUMÁRIO	8
INTRODUÇÃO	8
Andando entre ruínas.....	8
Proposta e objetivos	9
CAPÍTULO 1: Revisão Bibliográfica	13
Minas é Cinema.....	13
<i>histórias de cinemas</i>	17
Novas histórias? Novas tecnologias?	23
História, humanidades digitais, <i>big data</i>	25
Interface, representação, conteúdo	28
Mapas digitais e histórias de cinemas	36
Meandros	43
CAPÍTULO 2: Bases de dado digitais	45
Cinemafalda	45
Cinematca Brasileira	47
Cinema Context.....	53
Cinema Bélgica.....	57
Cinematic Brno	60
Italian Cinema Audiences	63
Australian Cinemas Map	68
Going to the Show	71
Mapping Movies.....	75
Coleção Preciosa	79
Minas é Cinema.....	82
CAPÍTULO 3: Relatório da criação de um mapa digital dos espaços de exibição de Juiz de Fora	86
Da elaboração do mapa	86
Da seleção e apresentação de informações	115
Tabela: Linha do tempo de funcionamento dos espaços de exibição de Juiz de Fora	136

CONCLUSÕES.....	144
REFERÊNCIAS	149
Correspondências.....	149
Apresentações orais	149
Produções Audiovisuais.....	149
Mapas e cartas geográficas	149
Matérias de Jornal	150
Webgrafia	150
Bibliografia	163
ANEXO 1.....	171
Informações sobre os espaços de exibição de Juiz de Fora	171
Tabela com informações sobre exposições itinerantes	171
Tabela com as informações sobre espaços de exibição comercial colocadas no mapa digital:	172
Tabela com as informações sobre mostras, festivais e cineclubes, conforme segundo mapa digital:.....	189
ANEXO 2.....	199
Imagens dos espaços de exibição de Juiz de Fora	199
Exposições itinerantes	199
Salas de Rua	205
Salas de shopping	319

INTRODUÇÃO

Andando entre ruínas

Quando estava terminando de escrever o texto para qualificação desse projeto, a Cinemateca Brasileira estava em chamas. Era o auge da pandemia do Covid-19 e estávamos todos presos em casa, ouvindo sobre morte todos os dias, em números abstratos ameaçadores e em dolorosas perdas de parentes e amigos. Havia muita angústia, e um desejo desesperado de tentar conectar com algum futuro possível. Minha pesquisa original, pautada em coleta de memória oral, não era possível, e tive que pensar em algo que pudesse se desenvolver de forma remota.

Ao longo desse trabalho, refleti sobre encontrar formas mais criativas e rigorosas de pesquisa por causa de nossa condição de subdesenvolvimento. O problema não é apenas o subdesenvolvimento, estamos diante de um “descaso” para não dizer destruição intencional das vidas, memórias e expectativas de futuro no Brasil. Às vezes parece fútil colocar aqui essas palavras quando um museu pega fogo todo ano, quando mais de 600 mil vidas foram levadas pela pandemia e pelo escárnio com o qual nosso poder público lidou com ela. Existe cultura, existe memória, é possível construir alguma coisa em terra arrasada?

Esse projeto tem uma dose de ingenuidade ao tentar imaginar um trabalho que mistura pesquisa em arquivo, trabalho de campo, e construção de bancos de dados digitais. Algo que em outros países é aplicado com doses massivas de investimento, surgindo num lugar onde tanto a Academia, quanto a produção cultural, quanto a memória são sucateados. Ao mesmo tempo, acredito que isso pode ser necessário: que para caminhar em meio às ruínas precisamos ser arqueólogos, para entender que essas ruínas não são *absolutamente nada*, tentar escutar o que esses silêncios dizem, tentar encontrar algum tipo de memória frente à destruição. Precisamos ter teimosia e imaginação de dizer que passado e futuro são possíveis, ou vamos ser impotentes diante da destruição.

Não é possível recuperar as vidas ou as memórias materiais perdidas, e nossa caminhada nesse presente é dilacerante. Essa pesquisa não tem a capacidade de insurgir contra as políticas de morte e destruição em poder. Ela não é capaz de responder à destruição dos arquivos da Cinemateca Brasileira, de pensar o que fazer com o rescaldo, ou de prevenir que tragédias como essa aconteçam novamente. Ela não propõe formas de guardar memórias das pessoas que perdemos na luta por preservar um lugar e uma forma

de se viver, e não se posiciona, necessariamente, na tensão entre patrimônio e esquecimento.

Esse trabalho olha para memórias de pessoas que caminham por espaços e vão ao cinema, na cidade de Juiz de Fora. Está remetendo em memórias mais seguras e fáceis de acessar, porque recentemente levantadas por outras pesquisas. Está enfiado nessa informatização de um mundo que não pode mais ser tão presencial. Esse trabalho não enfrenta os problemas das políticas de esquecimento, apenas contribui para a organização e acessibilidade do que produzimos até agora sobre a exibição em Juiz de Fora. É um trabalho que levanta muitas dúvidas e as respostas que encontra, se as encontra, são pontuais e voltadas para o caso específico a que apliquei aqui. Não há uma tentativa de oferecer sugestões para essas angústias maiores. Mas são as respostas que pude encontrar, pensando que é necessário não estar paralisado nesse momento, é necessário ouvir o passado e construir futuros.

Proposta e objetivos

A ideia que sugeri ao discutir um novo tema para minha dissertação¹ com minha orientadora, Alessandra Brum, era inteiramente fantasiosa: queria, estando em um espaço de exibição, poder levantar o meu celular, e ver nele, como se através de uma janela da história, imagens desse lugar no passado². Eu não possuía o conhecimento em novas tecnologias para imaginar o que um projeto desses precisa para ser realizado, e o que decidimos fazer passa longe disso, mas ainda existe esse interesse em localizar e sobrepor imagens do passado.

Esse trabalho é em seu cerne e em seu aspecto prático, um [mapeamento](#) com dados e imagens dos espaços de exibição cinematográfica que existiram e existem em Juiz de Fora. Queremos que funcione como um resumo (sempre que possível, deixei links para acessar textos, vídeos e páginas que descrevem esses lugares de forma mais detalhada), e ele está incompleto (há muito que não sabemos sobre esses espaços, e sabemos da existência de muitos outros espaços que não consegui localizar nesse mapa. Uma

¹ O projeto original era falar sobre a segregação racial na ida ao cinema na cidade em que cresci, Patos de Minas. Tive dificuldade de acessar fontes documentais que tratassem diretamente sobre esse problema nos arquivos da cidade, esbarrando em muitos não-ditos e interdições ao acesso, então pensei em pautar minha pesquisa na coleta de memória oral. Com a pandemia do Covid-19, essa ideia também se tornou inviável.

² Em parte influenciado por trabalhos que vi no [Réseau International Universitaire de création Numérique](#) (RUN) de 2018, em Paraty. Um deles usava *QR-codes* colados nas paredes da cidade histórica para levar a imagens dos mesmos espaços tomados por festeiros fantasiados durante o carnaval. A ideia é também influenciada pelo [ImagineRio](#), atlas histórico da cidade do Rio de Janeiro.

vantagem de ser uma publicação digital, é que podemos atualizar esse mapa conforme adquirirmos mais informações, tornando-o mais completo.)

Não pretendo reduzir a noção de exibição a salas de cinema de rua. Dessa forma, estão registradas nesse mapa: salas de cinema de rua, salas de cinema de shopping, e exposições itinerantes. Eu quis ainda mapear festivais, mostras e cineclubes, mas percebemos durante a realização do trabalho prático, que havia muitas questões a respeito dessas experiências da exibição que não podiam ser endereçadas pelo mapa que idealizamos, e os espaços desses eventos não estão listados no mapa que publicamos. Como mapa interativo, ele permite uma navegação livre pelos espaços ali registrados, diferentemente do que uma organização linear, como esse texto, permitiria.

Jill Lepore (*Apud.* HOYT, 2016, pp. 363-364) afirma que “o que humanistas [quem trabalha com humanidades digitais] fazem é pegar os dados que conhecemos e colocá-los em uma linguagem que tem força e beleza.” Esse desejo pode fazer sentido diante de projetos de divulgação de pesquisa e organização de bases de dados digitais, aplicados à exibição cinematográfica ou não, e está relacionado com os objetivos desse trabalho.

No entanto, quando observei vastas bases de dados e tecnologias aparentemente muito complexas, a ideia de que poderíamos construir algo assim parecia inatingível, de uma complexidade que mal podia compreender. Tudo parecia ter sido desenvolvido através de longos períodos, com muito recurso financeiro, muita gente trabalhando ao mesmo tempo, desenvolvendo novos *softwares*, digitalizando enormes quantidades de fontes primárias... Esses projetos pareciam grandes demais em comparação com os prazos e possibilidades dessa pesquisa, que afinal se espreme nos moldes de um mestrado.

Ao mesmo tempo, enquanto fazia as leituras para uma revisão bibliográfica, me deparei com denúncias de colonização do pensamento: de que a aparente impossibilidade de fazer algo tão grandioso como as referências que me empolgavam, não era experiência individual minha, mas algo enfrentado de forma quase sistemática, fora dos centros europeus ou dos países americanos de língua inglesa.

Por isso, um dos objetivos principais dessa pesquisa é: propor um mapeamento histórico e digital das salas de cinema de uma cidade, pensando no que é possível fazer partindo de condições não-ideais. Sem muitos recursos financeiros e humanos, sem o conhecimento de Sistemas de Informação Geográfica ou programação que normalmente são considerados necessários para criar esses projetos, e com apenas uma pessoa

trabalhando para coletar informações para esse mapa³, o que é possível fazer? Quis assumir uma precariedade, mas ainda assim criar algo que pudesse servir de ferramenta de pesquisa em espaços de exibição.

Encontrei ainda outros objetivos enquanto realizava essa pesquisa, entre eles um desejo de fazer uma revisão do que produzimos (em publicações bibliográficas ou para a web) nos diversos levantamentos de espaços de exibição de Juiz de Fora que existem anteriores à minha pesquisa. Queria ver o que foi feito nesses mapeamentos, descobrir em que direções não estávamos olhando, ou inconsistências de informações apresentadas em diferentes fontes.

Também percebi que o Minas é Cinema, como repositório digital, tinha interesse em registrar possíveis fontes para fazer pesquisa sobre cinema em Minas Gerais. Por isso, tentei incorporar esse objetivo ao formato do mapa que estava criando, na forma de hiperlinks que levassem para as fontes que utilizei, sempre que possível.

Por fim, o objetivo desse texto é servir de acompanhamento para o mapa digital produzido, descrevendo as inquietações, desejos e referências que o motivaram, bem como os problemas e soluções que surgiram durante sua realização. Ele está organizado da seguinte forma:

No primeiro capítulo, organizo alguns conceitos que foram importantes para pensar esse mapa, como forma de revisão bibliográfica e tentativa de tatear algo dos campos interdisciplinares que ele tangencia. Tentei identificar o projeto Minas é Cinema como uma “coleção temática de pesquisa”⁴, e colocar esse mapeamento diante de algumas das questões políticas envolvidas na construção de narrativas históricas da ida ao cinema, e da produção de bancos de dados e publicações digitais como essa. Quis entender melhor o que significa pensar interface e conteúdo, olhando para o campo das humanidades digitais e perguntando: de que forma a apresentação de informações poderia modificar o que está sendo transmitido?

Apresento muitos problemas e talvez passe por eles um pouco depressa, numa busca mais voltada para entender que eles existem do que de trazer uma argumentação coerente de como lidar com eles. Como projeto interdisciplinar, tentei relacionar

³ Existem outros bolsistas e voluntários no Minas é Cinema, mas eles estão trabalhando em outros aspectos desse amplo projeto, como por exemplo a própria transferência do portal antigo para seu novo provedor, com uma interface mais acessível, ou o levantamento de notícias sobre os exibidores itinerantes que passaram por Juiz de Fora, em jornais locais.

⁴ Conceito de Palmer (2004), referente a coleções digitais que reúnem fontes com temas muito específicos e propõem formas diversas de busca e recuperação de informações.

conceitos que partiam de áreas de pensamento diferentes, como por exemplo “escala”, em pesquisa histórica e em cartografia. O capítulo se aproxima mais de uma estrutura de tópicos do que uma narrativa, e tentei reorganizá-lo após o trabalho prático, de forma que refletisse o que achei relevante para a criação do mapa digital.

No segundo capítulo, descrevo algumas bases de dados digitais que serviram de referência para a produção desse mapa, com especial atenção para outros projetos de mapeamento de espaços de exibição. Esse capítulo serve como tentativa de levantamento de uma *webgrafia*. Pensei nele como um meio-termo entre as partes prática e teórica desse projeto, onde observaria sites com objetivos semelhantes ao meu e tentaria ver de que forma os conceitos que estudei anteriormente se refletiriam ou não ao navegar por eles. Não é uma análise de sua programação, nem leva em consideração as estratégias normalmente usadas para descrever a Experiência do Usuário (*User Experience* ou *UX*) num trabalho de *web-design*, como por exemplo a quantidade de acessos a esses sites. É uma descrição mais particular de minha experiência deles como usuário, em que descrevo meu contato com eles, dificuldades eu tive para lidar com a interface, e como entendi sua organização.

O terceiro capítulo é um relatório do projeto prático, onde descrevo a nossa escolha de *software*, as decisões de que tomei sobre as informações que seriam levantadas, as inquietações que surgiram no processo de inserir dados nas categorias determinadas. Ele inclui, ao final, a tabela resumindo dados e referências sobre os espaços de exibição de Juiz de Fora, e as imagens que disponibilizei no mapa.

Esse trabalho cai, portanto, um pouco na crítica que Hoyt (2016, p. 363) aponta, de que projetos de humanidades digitais muitas vezes focam nos processos técnicos e relatórios de resultado, se afastando das culturas, indústrias e pessoas que nos empolgaram para estudar essas histórias para começo de conversa. Espero, no entanto, que o mapa criado se prove uma ferramenta útil para outros estudantes no futuro, ou que realmente funcione como “projeto piloto” para desenvolvermos ideias parecidas em outros lugares, especialmente no portal do Minas é Cinema, que mapeia a exibição em diversas cidades de Minas Gerais.

CAPÍTULO 1: Revisão Bibliográfica

Minas é Cinema

Esse trabalho está situado no projeto Minas é Cinema, desenvolvido pelo grupo de pesquisa [CPCINE](#) (História, estéticas e narrativas em cinema e audiovisual), na Universidade Federal de Juiz de Fora. O Minas é Cinema é desenvolvido de forma permanente e coordenado por Alessandra Brum, e conta com uma equipe de professores, pesquisadores, bolsistas e voluntários. Ao longo de suas etapas recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Desejo me aproximar, numa interpretação literal, de um objetivo expresso no [texto de apresentação do projeto](#): “Minas é Cinema objetiva mapear a atividade cinematográfica no Estado de Minas Gerais, no que diz respeito à produção, exibição, distribuição de filmes, recepção, produção crítica e publicações sobre cinema”.

Coincidentemente, 2021 foi um momento em que sites dos grupos de pesquisa da UFJF estavam se atualizando, numa tentativa da instituição de resolver o que foram considerados problemas de [acessibilidade](#) em suas versões anteriores. Assim, esse trabalho está situado em um esforço de grupo, em que também atuam e atuaram Luiza de Amorim Carvalho, Janis Santos de Souza, Lucas Alexander Silvério, Guilherme Nadalini Pereira, João Pedro da Silva Assis e nossa orientadora, Alessandra Brum.

Na configuração anterior do Minas é Cinema, já existia um mapeamento, não literal, mas no formato de uma [lista de cidades](#) que tiveram informações sobre atividades cinematográficas localizadas ali reunidas pelo grupo. A organização desse site gira em torno dessa lista, e atualmente é possível acessar [três tipos de conteúdo](#) a partir de cada cidade, supondo que o grupo tenha reunido material para preencher as diferentes páginas. São: informações sobre as [salas de cinema](#) da cidade, onde constam seus endereços e fotografias, uma [lista de referências](#) (livros, arquivos e bibliotecas) sobre a atividade cinematográfica nesse local, e [publicações](#), parte de um projeto a longo prazo de digitalização de programações e revistas.

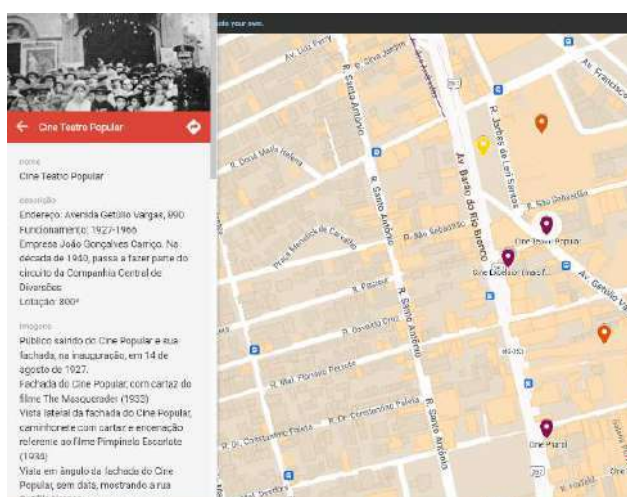
Como “mapear a atividade cinematográfica” é um objetivo amplo, existem outras iniciativas no projeto, como o [Laboratório de Narrativas Audiovisuais](#) (LANAv), onde realizamos entrevistas com personalidades, cineastas, técnicos e pesquisadores. Há ainda

uma página onde estão organizadas as publicações do projeto, como os livros [Cinema em Juiz de Fora](#) e [História dos Cinemas de Rua em Minas Gerais](#).



[Cidades já mapeadas pelo Minas é Cinema](#). Acesso: 2 ago. 2022.

O mapa que produzimos substitui a página que existia anteriormente com informações sobre as salas de cinema da cidade de Juiz de Fora, localizando-as no espaço. Ao clicar nos marcadores do mapa, é possível acessar imagens desses lugares de exibição, uma lista de informações sobre eles, e links para as fontes de onde retiramos essas informações.



Era localizado na Av. 15 de novembro (atual Av. Getúlio Vargas), nº 890 – Centro.



Cine Theatro Popular – ao lado, como as informações sobre a sala aparecem no mapa. Acima, a mesma sala na lista de salas de cinema de Juiz de Fora. Recorte de capturas de tela realizado em 02 ago. 2022.

De certa forma, essa ferramenta divulga as pesquisas já existentes sobre salas de cinema em Juiz de Fora, tornando-as acessíveis através do nosso acervo ou de outras

bibliotecas e livrarias. Com o mapa, desejamos criar uma forma alternativa de entrar em contato com esse material, que acreditamos poder disparar novas pesquisas.

Não consideramos o Minas é Cinema um arquivo. Um arquivo está engajado na preservação dos materiais em seu acervo a longo prazo, e essa missão coordena a forma como tudo é pensado, como os materiais são selecionados, guardados, acessados.

O Minas é Cinema tem, dentro de seus objetivos, a reunião de um acervo, o que a [página sobre o projeto](#) torna claro, definindo como um de seus três critérios principais⁵: “a organização/disponibilização de fontes primárias que servirão de base para pesquisas futuras”. Assim, ali existem páginas onde estão armazenadas versões digitais de publicações locais ou que citam a atividade cinematográfica da cidade. Dentre as publicações de Juiz de Fora, existem revistas ([A Torre de Marfim](#) e a [Scena Muda](#)), folhetos de programação ([Coleção Waltencir Parizi](#)) e jornais ([Lar Catholico](#)). O projeto de organização de fontes tem até iniciativas que não passam pelo âmbito digital, uma vez que estão depositados, em sua sede no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, algumas cópias de livros que não possuem fácil acesso online.

No entanto, como Besser (2004) relembra, a simples reunião de materiais digitais não constitui uma biblioteca ou arquivo digital. Para ele, a missão de uma biblioteca digital envolve selecionar, coletar, organizar, preservar, conservar, prover acesso a informações em diferentes mídias, além de prover continuamente serviços de desenvolvimento educacional, garantindo acesso público à informação.

Assim, para falarmos do Minas é Cinema como arquivo, seria necessário pensar de forma mais atenciosa a preservação física das informações digitais que reunimos, a degradação dessas mídias ao longo do tempo, de *hardware* e *software*... Seria necessária a determinação de muitos padrões para identificação de cada material, e na ordenação do acervo que criamos, estruturando as páginas do nosso portal de formas que dificultem a perda de conteúdo⁶. Essas estratégias de salvaguarda e possibilidades de aplicá-las no nosso banco de dados estão além dos objetivos dessa pesquisa.

Tudo isso não é para dizer que a ideia de patrimônio está ausente na forma como o Minas é Cinema pensa sua atuação, que tenta contribuir para a preservação a partir do

⁵ Os outros dois critérios listados: ineditismo da iniciativa e viabilidade da execução.

⁶ Como tentativa de pensar na preservação de nosso acervo digital, em 2021 tentamos criar um site do zero, colocar o conteúdo de nosso acervo em um banco de dados organizado de [forma relacional](#), onde seria possível movê-lo entre diferentes categorias, e criar diferentes formas de acesso, sem ser necessário fazer cada alteração individualmente, reduzindo riscos de perda de material. No entanto, descobrimos que essa mudança não está atualmente ao nosso alcance, e o projeto continua hospedado em blogs pré-programados, pelas plataformas *Wordpress* e *Hostgator*, usando o espaço de armazenamento oferecido ali.

ponto de vista de pesquisadores que trabalham em conjunto com instituições de guarda. Parte do trabalho realizado pelo grupo é o contato com arquivos e lugares de memória das cidades sobre as quais pesquisamos, o que, como [Alessandra Brum](#) (*In: _____, BRANDÃO. 2021, pp. 141-148*) ressalta, significa construir uma relação de respeito e confiança com os responsáveis por essas coleções. A digitalização e disponibilização desse material é pensada tanto como um interesse do projeto, quanto uma possível contrapartida para oferecer a essas pessoas e organizações.

Além disso, como apontado por Brum, muitas vezes os materiais em que nossas pesquisas se concentram não eram considerados importantes nesses arquivos e coleções, o que muda com nossas demonstrações de interesse. Esse é o caso da revista [Torre de Marfim](#), que passou a ser catalogada, onde estava depositada no setor de memória da [Biblioteca Murilo Mendes](#). É dessa forma que a preservação da memória do cinema está presente nos esforços do Minas é Cinema.

Acredito que o Minas é Cinema, como portal *online*, se aproxima de uma “coleção temática de pesquisa”, como definida por Carole L. Palmer (2004): de natureza digital, essas coleções são criadas com o objetivo de dar apoio a pesquisas, mas diferente de uma biblioteca ou arquivo, estão especializadas em um microcosmo de materiais voltados para algum processo de pesquisa específico. Cita John Unsworth (2000, *Apud. PALMER, 2004*), segundo o qual essas coleções são eletrônicas, com tipos de dados heterogêneos, extensas, mas com coesão temática, estruturadas, mas abertas à alteração, pensadas para dar apoio a pesquisas, possuem um ou mais autores, são interdisciplinares, e possibilitam acesso digital a fontes primárias. Um dos exemplos que levanta de Coleções Temáticas é o [William Blake Archive](#), editado por Morries Eaves, Robert Essick e Joseph Viscomi, onde estão disponíveis diversas formas de acesso para a obra também diversa do pintor e poeta, uma revista acadêmica dedicada a ele, bem como sugestões de bibliografia extra.

São ao mesmo tempo ambientes onde pesquisadores podem fazer algum tipo de pesquisa mais convenientemente, mas também são em si apresentações do resultado de pesquisas, contribuições que por vezes tem a ver com sua funcionalidade, e tentam pensar os tipos ferramenta de pesquisa que essas coleções possibilitam. Por isso, são espaços digitais que transitam no limiar entre publicação digital e local de pesquisa.

De acordo com Palmer, o objetivo de uma coleção temática de pesquisa não é necessariamente a reunir um acervo vasto, mas sim sistematizar fontes e desenvolver ferramentas para interagir com elas. Isso é, são caracterizadas por variados formatos de recuperação de informações, através, por exemplo, do uso de hipertexto, mapeamentos

ou gráficos e outros tipos de modelamento. Assim, Palmer sugere que essas coleções se aproximam mais da ideia de um laboratório do que da de uma biblioteca, na tentativa de reunir materiais que precisam ser estudados numa investigação específica e criar instrumentos que podem dar apoio a esse trabalho, pensando que perguntas os pesquisadores que a acessam gostariam de fazer. Por isso acredito que é possível chamar o Minas é Cinema de uma coleção temática de pesquisa.

histórias de cinemas

Essa pesquisa é muito técnica a um primeiro olhar, com seu objetivo de criar um mapa digital da exibição em uma cidade. A proposta também não é uma novidade, e existem muitos outros projetos de mapeamento da exibição com o recorte de uma cidade:

Alguns são mapeamentos digitais semelhantes a esse, como por exemplo, [Cinematic Brno](#), uma base de dados que dentre outros dados, levanta as localizações de salas de cinema da cidade da República Checa que existiram até 1945. Outro exemplo é o projeto [Walking Tour](#), em que a base de dados mais ampla do portal Mapping Movies é explorada por alunos da Universidade de New Hampshire, que organizam visitas guiadas a esses espaços ao redor da sede da universidade na cidade de Manchester.

Se desconsideramos o formato do mapa digital e pensamos no recorte, espaços de exibição de uma cidade, esse “modelo” se torna ainda mais amplamente difundido. Isso pode ser percebido mesmo no livro editado pelo Minas é Cinema, *Histórias de cinemas de rua de Minas Gerais* (BRUM, BRANDÃO, 2021), em que encontramos capítulos sobre a exibição em Araxá, Patos de Minas e Varginha. Em [sua resenha do Cinematographo em Nictcheroy](#), de Rafael Freire, José Inácio Melo Souza (2013) afirma:

Dos quatro cantos do território nacional, Recife, Porto Alegre, Rio Branco, Itororó, Belo Horizonte, Belo Jardim, ou seja, das capitais ao interior, as cidades passaram a ser vasculhadas sob a ótica da modernização, incluindo-se os espaços de exibição como um dos signos do conjunto de elementos renovadores do lazer e da vida urbana moderna.

Ainda assim, essa pesquisa está envolta em disputas de narrativa, e não é nem pode ser interpretada como um repetir mecânico de moldes de pesquisa. Por isso, quero relacionar essa pesquisa com a ideia de múltiplas *histórias de cinemas*.

Essas palavras assim, no minúsculo e plural, são um termo sugerido por [João Luiz Vieira](#) (2021), para descrever pesquisas, que necessariamente não excluem os filmes e a análise fílmica, mas que interpretam o “público” como pessoas com diferentes

identidades, cujo hábito de ir ao cinema está envolto em complexas relações culturais. Segundo ele, esse é um “esforço de desviar da Grande História do Cinema para histórias menores e múltiplas”, pautadas em objetos microscópicos, dentre eles a experiência cotidiana de ir ao cinema em diferentes locais.

Existem aproximações entre essas *histórias de cinemas* e o que se chama de *New Cinema History*, o que pode a um primeiro olhar parecer uma decisão estranha de dar outro nome para produções que já existem e estão estabelecidas em um campo. É verdade também que usar o plural representa uma tentativa de aceitar uma diversidade de pensamentos, e há um desejo de não se sugerir como título, nessas letras minúsculas. O termo *New Cinema History* também expressa um desejo de expandir o que podemos interpretar como história do cinema. Assim, a princípio, não acho que devia colocar esses termos como uma disputa, o que de certa forma eu fiz aqui.

Até pouco tempo, eu chamava minha pesquisa de *New Cinema History*. Eu conhecia trabalhos brasileiros que me influenciaram, mas não via um problema em pensar neles como reproduções de metodologias estrangeiras, num processo supostamente global de crescente academicização da escrita historiográfica do cinema, portanto, de crescente busca por rigorosidade científica.

Essa é a história contada a respeito da produção historiográfica nos Estados Unidos por uma referência muito levantada para definir o que é *New Cinema History*, o manual de historiografia de Allen e Gomery (1985), *Film History: theory and practice*. É verdade também que na década de 1970 surgem trabalhos historiográficos sobre cinema nas universidades brasileiras, tanto que Autran (2007, p. 24) chama esse momento de “historiografia universitária” do cinema brasileiro, levantando como marco a tese de Maria Rita Galvão, “Crônica do cinema paulistano.” Mas um exemplo de como não podemos apenas transportar essa narrativa para outros recortes é que Allen e Gomery são considerados precursores por sugerir a exibição como objeto de pesquisa nesse livro. Mas existem outras formas de chegar a pesquisas com esse objeto: de acordo com Souza (2013), um motivo para a escrita de *Espaços de Sonhos* (VIEIRA, PEREIRA, 1982), foi publicado antes de *Film History*, era a decadência dos espaços de exibição na década de 1980, período de amplo fechamento de salas no Brasil.

Para que eu percebesse isso, foi importante a apresentação de Rafael Freire (2021) na HoMER (History of Moviegoing, Exhibition and Reception) Conference, chamada [o que não é novo na New Cinema History no ponto de vista de um pesquisador não-](#)

[europeu](#)”. Como esse título deixa claro, o lugar de onde partimos como pesquisadores vai definir muito do que importa para nós.

Por isso, adoto o termo *histórias de cinemas* em primeiro lugar como posição decolonial, tentando prestar atenção ao que é produzido localmente. Isso não tentar negar as influências estrangeiras: a própria palavra decolonial, de acordo com livro “O giro decolonial”, de Castro Gomez e Grosfoguel (2007), não se refere a algo purista, mas um pensamento híbrido que surge a partir do choque com as produções de outras culturas, incluindo os centros que margeamos.

Freire (2021) conta como em sua experiência pessoal, temas que se tornaram importantes para trabalhos organizados sob o termo-guarda-chuva *New Cinema History*, também surgiram e se tornaram importantes por outros caminhos. Aponta, por exemplo, os trabalhos de Alice Gonzaga (1996), e João Luiz Vieira e Margareth Campos Pereira (1982) como influências que o levam a se interessar pela exibição cinematográfica.

Ainda segundo Freire (2021), não é a apenas a influência da conferência de Brighton⁷, famosa por aproximar historiadores do cinema de arquivos e cinematecas, que teria chamado a atenção de muitos pesquisadores brasileiros para a necessidade de trabalhar em conjunto com arquivos, ou para o primeiro cinema. Nem é a entrada na universidade e o de rigor científico que ela pede, que fazem os pesquisadores brasileiros entrarem em arquivos. Freire sugere que esse movimento foi parte de uma necessidade de defesa do cinema nacional diante da produção estrangeira, apontando a influência da obra de Paulo Emílio Salles Gomes⁸, que também lutou pela construção da Cinemateca Brasileira e trabalhou ali por vários anos. Salles Gomes, afinal, afirmava que “cada filme é algo que se arranca do inimigo, por isso, qualquer filme tem valor e é melhor do que o melhor filme estrangeiro” (*Apud.* SCHVARZMAN, 2007, p. 32.)

É importante reiterar que não foi somente com essa “nova” história que se passou a considerar “a história para além do filme”, pensando as pessoas, tecnologias, ou lugares envolvidos na produção, distribuição e exibição, ou na experiência de ir ao cinema. Freire (2021) cita, por exemplo: “Cinemas na Bahia 1897-1918”, focando nos locais de exibição naquele estado, publicado em 1919 por Sílio Bocaneira Junior, e “Mercado

⁷ Conferência de 1978 da FIAF (Federação Internacional de Arquivos Fílmicos) em Brighton, com os temas “Cinema: 1900-1906/Película para o Videotape e Videotape para o filme: o presente e o futuro.”

⁸ Freire se refere a sua tese defendida em 1972: “Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte”, editada em 1974 como livro, que se vale de pesquisa em revistas e da busca por cópias dos filmes de Mauro. O livro de Gomes “Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento”, publicado em 1973, é considerado um marco na história do cinema brasileiro, e agita essa bandeira do cinema brasileiro em guerra com o estrangeiro.

Cinematográfico no Brasil”, uma análise histórica de dados mercadológicos, publicado por Francisco Silva Nobre em 1957.

Para além de um contraste, uma bandeira, uma diferença geracional contra a suposta história tradicional do cinema, as palavras *New Cinema History*⁹ também representaram um alinhamento com a Nova História, movimento que começou na década de 1970 na França, também conhecido como escola dos *Annales*. Havia uma proposta de *histoire totale*, que interpreta tudo como construção cultural e afirma que tudo possui uma história digna de atenção.

De acordo com Peter Burke (2001), é uma história que pretende superar a história “da elite”, história como política do passado, com uma história “construída de baixo”, “do povo”¹⁰, que também é interdisciplinar, buscando aprender com antropólogos sociais, economistas, críticos literários...

A expansão do que pode ser considerado história e o diálogo com outros campos do conhecimento também ampliam a noção do que pode ser considerado documento, para além dos registros oficiais, e tornam mais rigorosos e profissionais os métodos empregados. Além disso a própria organização da história como narrativa cronológica evolutiva é questionada.

Se é necessário questionar narrativas cronológicas em geral, isso inclui a colocação de uma escrita histórica tradicional do cinema superada por uma nova história. É estranho dizer que toda a produção historiográfica de um período se parece. É estranho dizer que hoje temos, necessariamente, um entendimento mais amplo do que é cinema, de fontes possíveis e fazemos sempre análises mais críticas do que foi escrito antes¹¹.

O que a palestra de Freire (2021) demonstra não é que essa narrativa que organiza a forma como o pensamento histórico sobre cinema muda com o tempo não tem utilidade.

⁹ Outra denominação, questionada por Elsaesser (1986), que também foi usada, foi *New Film History*, uma “nova história do filme”. Como Freire (2021) aponta, a nuance da mudança se perde na tradução pois em português não dizemos “história do filme” e sim “do cinema”. Como Elsaesser aponta, na denominação anterior, não se refletia o fato de que a *New Cinema History* inclui uma história social do cinema. Quando falamos “história do filme” soa como se o único objeto de preocupação fosse o próprio filme.

¹⁰ Ainda de acordo com Burke (2001) foi apenas mais tarde com estudos feministas e decoloniais que essa ideia de “povo” como uma massa disforme que existe apenas como conceito oposto ao de “elite” passou a ser visto como um agrupamento questionável de diversas existências humanas diferentes.

¹¹ Não estou tentando questionar a pertinência de periodizações como o “Panorama da historiografia do cinema brasileiro” (AUTRAN, 2007) ou a “História e historiografia do cinema brasileiro: objetos do historiador” (SCHVARZMAN, 2007), importantes revisões bibliográficas e reflexões sobre o que consideramos marcos nas histórias brasileiras do cinema e os pensamentos que influenciaram as escritas desses marcos.

Ao invés disso, afirma que ela não corresponde à realidade de todas as experiências, e insiste na ideia de experiência pessoal como chave para criar narrativas históricas.

Gauthier (2012) também tenta lidar com a impossibilidade de uma narrativa linear, e afirma que faria mais sentido dizer que existem paradigmas dominantes, que não impedem que hoje sejam feitas pesquisas que possuem características de história evolutiva, ou que vejam o cinema como prática social antes dos marcos que definem a *New History*.

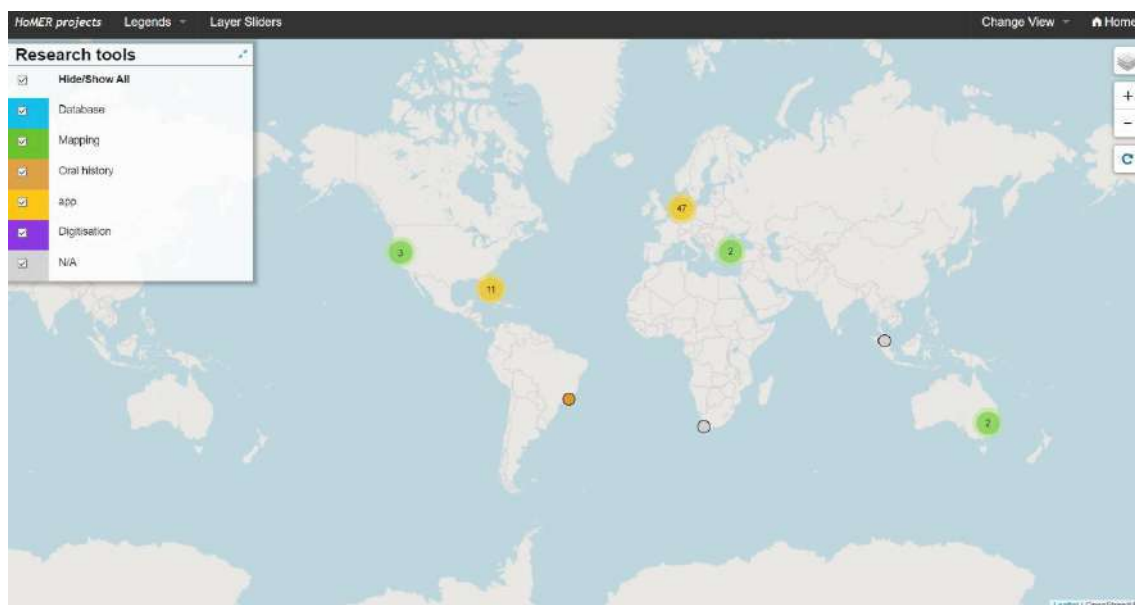
Dizer *histórias de cinemas*, então, não é também uma crítica inédita ao título de *New Cinema History*. A intenção que ressaltamos aqui é o chamado para prestar atenção ao que é produzido fora dos eixos europeus e anglo-americanos, e Vieira (2021) fala também de histórias translatinas. Tentei prestar atenção aqui ao menos ao que é produzido no Brasil.

Schwarzman (2017) sugere de forma ainda mais radical que é necessário fragmentar a ideia de nacional, quando aponta a disparidade de uma história nacional do cinema focada no eixo Rio-São-Paulo. Schwarzman admite que esse recorte parte dos lugares onde existem arquivos fílmicos, que tornam a pesquisa possível. Mas ela aponta que esses também são lugares economicamente ricos: suas condições de produção e distribuição não podem ser tomadas como as mesmas do resto do país. É errado imaginar um preenchimento por omissão, em que os lugares cujas histórias não conhecemos acompanham as histórias desses eixos, que também são divergentes entre si.

Schwarzman parte do conceito de “estratos do tempo” de Koselleck, de acordo com o qual faz sentido falar sobre narrativas que coexistem simultaneamente, mas a partir de perspectivas diferentes possuem recortes e temporalidades diferentes, se organizando em camadas (estratos) de experiência. Assim, ela aponta que chamar essa história paulista e carioca de nacional, e o que acontece em outros lugares de regional, é ineficaz, e urge por uma historiografia capaz de “acolher a singularidade pela singularidade, mas também estudar a origem e o desenvolvimento dessas experiências individuais no jogo de interação com a História no singular” (p. 142). A sugestão dela é importante para o Minas é Cinema, cujo ineditismo está pautado justamente na tentativa de historicizar as diferentes experiências cinematográficas no estado de Minas Gerais.

Se estamos falando sobre decolonizar e da necessidade de apresentar referências locais, eu gostaria de ressaltar uma desigualdade que pode ser vista no portal da [HoMER](#)

[Network](#) (*History of Moviegoing, Exhibition and Reception*)¹², que propõe uma rede de conexões entre pessoas pesquisando a ida ao cinema, a exibição e a recepção ao redor do mundo. A imagem abaixo apresenta o mapa interativo que serve como banco de dados dos projetos de pesquisa desenvolvidos por essa rede.



Página "[Mapa de pesquisas](#)" da rede HoMER. Acesso em 1 jul. 2022.

Acessando o mapa¹³, é possível ver que há, ao menos enquanto escrevo esse texto, 47 projetos localizados na Europa, 9 projetos registrados nos Estados Unidos, 4 no México, e um total de 8 projetos distribuídos pelo resto do mundo. A proposta do portal é apenas mapear projetos que fazem parte da rede HoMER, mas mesmo assim parece estranho que o único ponto no Brasil se refira à pesquisa comparativa de [Thalita Ferraz e Daniel Byltereyst](#) (2022) a respeito das memórias de salas de cinema reabertas no Rio de Janeiro, Antwerp e Namur (cidades que ficam na Bélgica). Existem diversos outros projetos sobre ida ao cinema, exibição e recepção no Brasil¹⁴.

¹² Também é importante apontar que essa denominação não é sinônimo de *New Cinema History*, já que é uma definição um tanto restrita de objetos de pesquisa. Isso é, se o desejo é expansão das diferentes formas como podemos fazer história do cinema, Allen e Gomery (1985), urgiam por exemplo, por estudos das tecnologias, por histórias da produção, da distribuição, análises mercadológicas, da documentação burocrática de empresas... E em nenhum momento pensaram em abandonar a análise fílmica como ferramenta historiográfica. Não é possível reduzir esse desejo a histórias sobre a ida ao cinema. Por mais ricos que esses trabalhos sejam, há certa padronização aqui, que não deve ser vista como natural.

¹³ É necessário acessar o mapa, porque a imagem apresentada aqui não é suficiente para ver essas localizações. Fiz esse *zoom out* para mostrar esse panorama global. No entanto, esse *software* reúne os pontos próximos em um único símbolo, que se torna geograficamente impreciso conforme nos afastamos, e cada vez mais pontos se aglomeram em um único lugar.

¹⁴ Há um projeto de mapear onde essas pesquisas estão sendo desenvolvidas, organizado por Ryan Brandão e João Luiz Vieira na Universidade Federal Fluminense. Mais do que apenas listar pesquisas associadas a

Se buscamos exemplos sobre essas pesquisas feitas em nosso país, somente em sua [resenha](#) do livro de Freire, *Cinematographo em Nictheroy* (2013, *Apud.* Souza, 2013), José Inácio de Melo Souza (2013) lista dezenas de trabalhos sobre o assunto, partindo de diversas áreas do conhecimento, como a arquitetura, como o de Ilda Castelo Branco e Renato Anelli (1990, *Apud.* Souza, 2013), sobre os cinemas projetados por Rino Levi, de humanidades, como o a dissertação de Daniel Roberto dos Reis, sobre o Cine-Teatro Central de Juiz de Fora (2006), e da própria área do cinema, como a famosa *Filme Cultura* (1986, *Apud.* Souza, 2013) temática sobre as salas de cinema.

Em nossa experiência com o Minas é Cinema encontramos inclusive pesquisas sobre a ida ao cinema em projetos de Educação Física, sob a perspectiva de estudos do lazer, como por exemplo os trabalhos de Igor da Silva e Sarah Teixeira (2020 e 2021) sobre [Barbacena](#). Mesmo em minha pesquisa restrita à ida ao cinema em Juiz de Fora, encontrei diversos trabalhos, dentre eles a pesquisa de Sirimarco sobre João Carriço, que se debruça sobre o Cine Popular (2005), e a publicação de Musse, Neto, Henriques (2017), que tem uma perspectiva memorialista sobre o Cine São Luiz.

Novas histórias? Novas tecnologias?

Ryan Brandão e Alessandra Brum (2021) acreditam que se há uma novidade em *New Cinema History*, ela está na criação dos bancos de dados e mapas digitais, e não propriamente nos temas de pesquisa, o que Freire¹⁵ sugere ser influência das humanidades digitais na história social do cinema. Por isso, é interessante pensar como essas novas metodologias permitiriam que não só organizemos e tenhamos acesso a documentos de formas novas, mas também que produzamos conhecimento de novas formas a partir dessas criações digitais. Um exemplo imediato da pesquisa histórica que só é possível com o digital, é o acesso remoto a materiais de arquivo, o que foi essencial durante a pandemia do Covid-19, quando não era possível acessar esses arquivos fisicamente.

No entanto, Brandão e Brum (*idem*), e Freire (2021), ressaltam que a realidade em países periféricos, como os da América Latina e do Brasil, é de que é muito difícil criar ferramentas digitais de pesquisa poderosas e em grande escala em histórias de cinemas. Afinal, requerem a formação e financiamento de grandes grupos interdisciplinares de

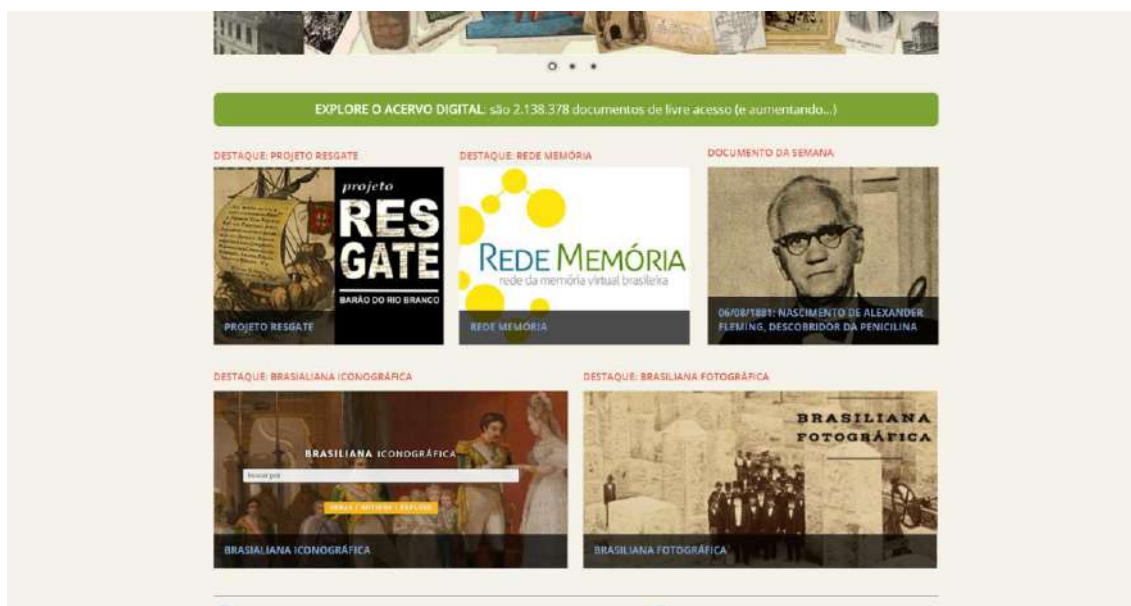
determinado grupo, me parece necessário projetos como esse, pretendendo a exaustão e fadados a inconclusão. Não só porque é necessário estar atento a projetos parecidos com as pesquisas que desenvolvemos, mas justamente porque estamos falando de pesquisas muitas vezes microscópicas, se queremos mesmo estabelecer relações entre elas.

¹⁵ Em banca de qualificação dessa pesquisa.

pesquisa a longo tempo, e a aplicação de tecnologias complexas. Brandão destaca uma citação de Freire (2021):

Se Glauber Rocha em sua fundamental Estética da Fome já criticava a comunicação da trágica situação social latino-americana apenas em termos quantitativos, esse mal-entendido foi veiculado de novo no discurso sedutor das novas tecnologias digitais baseadas em *big data*. De um ponto de vista não europeu, como uma abordagem comparativa pode ser vista como um reposicionamento de uma relação neocolonial na qual as ex-colônias como o Brasil, por exemplo, importam metodologia manufaturada e exportam dados brutos para enriquecer currículos acadêmicos metropolitanos?

Freire critica especialmente a possibilidade de enviar nossos documentos para serem digitalizados em outros países, armazenados e disponibilizados em bancos de dados estrangeiros cuja interface não está sequer disponível em nossas línguas. Ao mesmo tempo, não vê como impossível a criação de projetos nacionais com objetivos semelhantes como uma impossibilidade, citando o “escopo e natureza pioneira de projetos como o da [Biblioteca Nacional Brasileira](#), que disponibiliza centenas de revistas e jornais de sua coleção, gratuitamente, para usuários em qualquer lugar no mundo”.



Página inicial da [Biblioteca Nacional Digital](#), em destaque diferentes projetos de digitalização e acesso a material de arquivo. A [Hemeroteca Digital](#), mencionada por Freire(2021), é apenas uma das iniciativas da BNDigital, que com a [Rede da Memória Virtual Brasileira](#) procura “automatizar e disponibilizar no ciberespaço os acervos de todas as instituições nacionais que disponham de um patrimônio visual ou textual”¹⁶, e com projetos como as [Brasilianas Fotográfica](#) e [Iconográfica](#), procura dar visibilidade e fomentar o debate e a reflexão sobre acervos imagéticos brasileiros. Acesso 05 ago. 2022.

¹⁶ Citação da página de apresentação da [Rede da Memória Virtual Brasileira](#). Todos os links mencionados nessa legenda foram acessados em 5 de agosto de 2022.

Esse exemplo é importante para pensar que, apesar de todo o projeto de desmonte em que estamos imersos, existem sim possibilidades de construir projetos amplos, gratuitos, de bases de dado digitais como a BNDigital no Brasil. No entanto, isso não pode significar presumir que cada instituição possui as mesmas disponibilidades. Não pretendo aqui fazer uma análise das condições atuais das instituições de guarda e pesquisa no Brasil, mas no que é relevante para esse projeto, o projeto Minas é Cinema conta como financiamento atualmente, uma única bolsa de Iniciação Científica. Diante dessa situação e, para citar desastres recentes, da [inundação](#) e [incêndio](#) na Cinemateca Brasileira em 2020 e 2021, e do [incêndio do Museu Nacional da UFRJ](#) em 2018, é possível imaginar a Biblioteca Nacional como um ponto fora da reta.

Essas discussões também levantam a pergunta: de que formas nossa precariedade, nossa existência periférica pode ser potência para pesquisa? Ela está na afirmação de Paulo Emílio Salles Gomes¹⁷ que vale a pena reiterar, de que “cada filme é algo que se arranca do inimigo, por isso, qualquer filme tem valor e é melhor do que o melhor filme estrangeiro”. A partir dessa afirmação podemos assumir, como Schvarzman (2007), que viramos a chave da pesquisa curatorial para a necessidade de compreender toda nossa produção cinematográfica. Está também no trabalho de alguém como Francisco Sérgio Moreira que aplicou o “cinema de gambiarra” ao campo da restauração e preservação de filmes, construiu equipamentos especiais para tratar de casos considerados impossíveis, e trabalhou na restauração de mais de uma centena de filmes¹⁸.

Essa pergunta é central para essa pesquisa e tentamos usá-la para guiar as escolhas que tomamos no trabalho prático: que mapa digital dos cinemas de Juiz de Fora é possível fazer, com os recursos que temos agora, que características ele precisa ter para ser uma ferramenta de pesquisa útil, das quais não podemos abrir mão, e o que pode ser improvisado? Buscar pela realização do que foi idealizado mesmo que de forma precária, e assumir os problemas que essa precariedade vão criar, é também uma militância.

História, humanidades digitais, *big data*

Para Certeau (2006), se antes do surgimento do computador fazer história correspondia a encontrar uma grande quantidade de raridades e tentar inventar linguagens

¹⁷ Ver: Tem Coca Cola no Vatapá (Pedro Farkas e Rogério Corrêa, 1975).

¹⁸ Conheci o trabalho de Francisco Sérgio Moreira através do terceiro episódio da série Lost + Found (Thiago Brito, Hernani Heffner, 2022).

para sua compreensão que não fossem pautadas nas trajetórias indefinidas de nossa curiosidade, o computador muda essa chave. Como um sistema generalizado onde uma grande quantidade de informações é mediada por um mecanismo que já organiza modelos, nos cabe criar significado para as diferenças que surgem quando vemos essas unidades formais, encontrar algo heterogêneo que seja tecnicamente utilizável. Se o computador já cria séries e combinações, nosso papel se torna pensar os desvios dos modelos, a descoberta de limites para eles (CERTEAU, 2006, pp. 83-84).

Guldi e Armitage (2014) fazem uma comparação no capítulo 4 de seu Manifesto da História, intitulado “*Big questions, big data*” (pp. 88-89): Segundo eles, o índice e as indicações bibliográficas serviram como uma forma de lidar com uma quantidade que parecia avassaladora de conhecimento, e possibilitaram a organização de nossas bibliotecas. Assim, as novas tecnologias de análise de *big data* teriam uma função parecida, ao condensar grandes quantidades de dados, lidos e organizados por algoritmos.

Lev Manovich (2017, p. 269) descreve a análise estatística como algo que tem o objetivo de representar os fatos da forma mais condensada o possível, ao converter informações em números que podem ser resumidos. Por isso, descreve o que considera o “tendão de Aquiles” fundamental de qualquer estatística, quando aponta que a média de uma série numérica pode não corresponder a nenhum dos números na população original. Mais do que isso, ressalta que quando falamos de sociedades humanas, não existem médias. Nos alerta também que esse tipo de análise pode, ao invés de capturar a diversidade, esconder sua existência.

Isso não é uma tentativa de invalidar os métodos quantitativos, mas uma tentativa de argumentar que, se para gerar modelos matemáticos é necessário converter fenômenos sociais em dados numéricos, esses modelos não podem ser interpretados como algo abstrato. Manovich sugere que uma forma de lidar com esse problema é continuar a fazer cálculos para examinar grupos de fontes, mas ao mesmo tempo buscar amostras dessas fontes. Argumenta que as amostras tornam visíveis e palpáveis as questões que estão sendo observadas. No entanto, também as problematiza, apontando que um grupo pequeno também seria tão incapaz de representar o todo quanto uma média imaginada, seja essa amostra coletada aleatoriamente, ou a partir de algum critério de escolha. Nos lembra ainda (2017, p. 270) que a seleção tradicional de cânones ou nomes importantes não é representativa de nenhum tipo de totalidade, mas também deixa claro que as amostras digitais não estão isentas da influência dessa escolha de cânones, na seleção do que será disponibilizado, reproduzido ou digitalizado.

William G. Thomas (2004) narra a introdução de métodos computacionais à Nova História nos anos 1970, e acautela contra um entusiasmo acrítico pelas possibilidades antes inimagináveis de fazer história em grande escala e através de modelos matemáticos. Levanta um exemplo perturbador, na forma do livro de 1974 de Robert Fogel e Stanley Engerman, *Time on the cross*, (apud. THOMAS, 2004) que usa uma suposta análise quantitativa para descrever a economia escravista americana numa “luz benigna e até mesmo de sucesso”. Cita a crítica de Herbert Gutman (1975, apud. THOMAS, 2004) a esse trabalho, que aponta que é importante não apenas uma precisão estatística na análise de dados, mas também a qualidade das evidências e a forma como essas evidências são usadas.

Johanna Drucker (Apud. HORAK, 2016) argumenta que quando tornamos informações estatísticas simples e legíveis, escondemos os aspectos interpretativos originais onde essas estatísticas foram construídas, e por isso considera que ferramentas de visualização digital podem ser um “cavalo de Tróia intelectual”. Acredito que ela, Thomas e Manovich estão falando da mesma coisa, quando ela pede que pensemos de acordo com o que chama de “um dos princípios básicos das humanidades”: no conhecimento como interpretação, a apreensão dos fenômenos do mundo físico, social e cultural, através de atos que constroem o recorte observado e que por sua parte também foram construídos. Assim, nada é mecânico, natural-realista, pré-existente, ou evidente em si mesmo.

Se estamos falando de *big data* e possibilidades de uma história computacional em grande escala, ainda faz sentido pensar no embate entre história microscópica e a macro história. Pelo que entendo, essa tensão está entre dois objetivos da narrativa histórica, um deles o da necessidade de apresentar narrativas detalhadas, realistas e comprovadas documentalmente, e outro o da criação de leis e teorias que possam compreender acontecimentos. Ambos são parte de um impulso de entender experiências humanas, mas por um lado a micro-história pode descambar em uma série de anedotas sem nenhum tipo de relação umas com as outras, enquanto a história mais ampla pode ser totalizante e não perceber complexidades, ou até se perder em teorias mais interessadas em acontecimentos previstos do que acontecimentos reais.

Giovanni Levi (2001) situa a micro-história como uma de várias formas de lidar com a “Nova História”, e alerta que não é como se quaisquer formalizações, generalizações ou comparações destruíssem a alteridade, que a micro-história não é aversa a esses procedimentos. Descreve, portanto, a redução da escala de pesquisa como

uma ferramenta, que tem o poder de demonstrar a falibilidade e incoerência das amplas teorias que é invisível num contexto mais amplo, e o objetivo de expressar a complexidade da realidade. Há também um desejo na micro-história, de quebrar com a voz autoritária, incorporar na narrativa o próprio processo de pesquisa e suas limitações técnicas. Assim, se trata em primeiro lugar de uma tentativa de se livrar do positivismo, do relativismo, do irracionalismo que seria, segundo ele, reduzir o trabalho do historiador a uma atividade retórica.

Peter Burke (*in*: LEVI, 2001. pp. 115-117), no entanto, oferece uma contribuição a esse mesmo texto, em que alerta que se a micro-história pode mostrar problemas nas teorias históricas, ela não se justifica por si só, se permanecer sempre incompatível com uma “Macro-história”. Assim, se limitaria a apontar que o mundo é fragmentado, ao invés de buscar enxergar algum sentido nessa fragmentação.

Acredito que, se há uma possibilidade sem precedentes de reunir dados e organizá-los em padrões, poder se aproximar para ver as inconsistências neles e se afastar para organizá-los se torna ainda mais necessário. Além disso, como Manovich (2017), Drucker (*Apud*. HORAK, 2016) e Thomas (2004) insistem, pensar em métodos quantitativos não significa, não pode significar, não ser criterioso com as fontes e os métodos empregados, e isso não muda quando falamos de uma produção histórica com ferramentas digitais.

Interface, representação, conteúdo

Para além da capacidade de processar dados em quantidades antes inimagináveis, usamos computadores para representar o que estamos dizendo de formas diversas, usando *links*, imagens, vídeos, gráficos, mapas e diferentes estratégias de interação com os usuários desse conteúdo. Se estou tentando defender a construção de um mapa digital da ida ao cinema em Juiz de Fora, é necessário tentar pensar o que essas formas diversas podem mudar na forma como estamos construindo pensamento histórico.

Matthew Kirschenbaum (2004) relembra que há uma tradição de décadas de análise literária e cultural que postulam que a forma e o conteúdo são indissociáveis um do outro. Argumenta, no entanto, que do ponto de vista de um desenvolvedor de programas digitais, a interface não é apenas um conceito distinto, como também é computacionalmente distinta do conteúdo. Talvez isso fique mais claro ao pensar, por exemplo, que muitas vezes profissionais diferentes trabalham com a programação do conteúdo (*back end*) e com a programação da interface com a qual os usuários vão

interagir (*front end*). Kirschenbaum ainda sugere que, como a experiência primária e na maior parte dos casos a única experiência de um determinado produto digital que os usuários terão, a interface é onde a representação e as ideologias envolvidas nela aparecem para nós.

Decidi tentar pensar aqui, portanto, sobre formatos de apresentação de informações como algo específico, numa tentativa de pensar o que significa exibir um conteúdo de uma forma e não de outra. Quando parti para o projeto prático, mais tarde, essa separação não pareceu muito evidente – talvez porque não estava programando nenhum *software* novo, ou porque eu estava tanto juntando os materiais para apresentar, colocando-os no banco de dados, e tomando as decisões de representação que o *software* que escolhermos permitiam. É verdade, no entanto, que pensei visualizações alternativas para os mesmos dados, como as datas de funcionamento dos espaços de exibição¹⁹, que me pareceram capazes de tornar visíveis diferentes ideias do que o mapa.

Guidi e Armitage (2014) parecem muito entusiasmado com as novas tecnologias em seu Manifesto da História, e uma das coisas que ressaltam é existência de arquivos digitalizados onde é possível fazer buscas por palavras em documentos históricos, de uma forma que não seria possível antes, citando como exemplo a ferramenta *Google Analytics*. Apesar de se tratar de aplicações com objetivos diferentes, já que *Google Analytics* gera gráficos de quão frequentemente uma palavra se repete, por exemplo, para mim quando falamos de buscas por palavras em documentos históricos, a conexão imediata é com a [Hemeroteca Digital](#). Penso na diferença de experiência, a velocidade de uma pesquisa onde é possível fazer um levantamento de quais páginas aparecem determinadas palavras, em comparação ao lento processo de folhear frágeis folhas de jornais antigos em um arquivo, onde as horas de acesso são limitadas, e às vezes é necessário pagar para acessar ou reproduzir o material.

Guidi e Armitage (2014), citam ainda outras novidades que os impressionam, dentre elas a possibilidade de uma historiografia que parte da interface do mapa, onde um historiador pode trabalhar com camadas sobrepostas de informações populacionais, ou sobre o clima, mapas de diferentes transparências retratando o crescimento de cidades ao longo do tempo, dentre outros tipos de mapas, que por si só já condensam grandes quantidades de informações, tornados comparáveis em Sistemas de Informação Geográfica (GIS). Assim, de acordo com eles,

¹⁹ Ver [Linha do tempo](#) do tempo no capítulo 3.

(...) Análises digitais estão começando a oferecer uma imensa gama de ferramentas para lidar com a história quando há simplesmente papel demais para ler. Não estamos mais na era da sobrecarga de informações, mas numa era em que novas ferramentas e fontes começam a criar nos imensos períodos de tempo que eram passados em silêncio. (Guldi, Armitage, 2014. P. 102)

Essa admiração pelas possibilidades do digital também está nessa citação de Robert Darnton (1999, *Apud*. Thomas, 2004²⁰):

Se eu pudesse apenas mostrar como temas se cruzam para além da minha narrativa e se estendem muito além dos limites de meu livro... ao invés de usar argumentos para resolver uma questão, eles podiam abrir novas formas de dar sentido às evidências, novas possibilidades de tornar acessível o material bruto encrustado na história, uma nova consciência das complexidades envolvidas na construção do passado.

Manovich (2020) está interessando em entender o que se perde na tradução de um objeto em dados, como explorar esses dados em várias escalas, em como é possível ver tanto padrões quanto o que é único e infrequente, e se interessa em entender como criar formas de visualizações que sirvam a essas várias funções.



Legenda original: “um detalhe de montagem, visualização de 53.498 fotos de Tokyo.” Em: “Ritmos visuais em escala planetária”. Visualização criada a partir de imagens do Instagram. Fonte: <http://phototrails.info/instagram-cities/>, acesso 11 jan. 2022.

Para Manovich, (2020) pesquisadores midiáticos, de humanidades, e cientistas sociais precisam ser alfabetizados em ciências computacionais. Ele considera que “o campo das humanidades digitais ainda tem textos demais, e tem poucas visualizações e simulações” (p. 11, tradução minha.). O manual de Manovich traz como exemplos alguns projetos coordenados por ele: pesquisas são apresentadas através de gráficos, e essas representações muitas vezes são interativas também. Ele aponta que o uso de

²⁰ Ao menos na versão do [Companion to Digital Humanities](#) a que tive acesso, os capítulos não eram paginados. Acesso 22 ago. 2022.

representações numéricas oferece uma nova linguagem para descrever artefatos culturais, que podem ser mais úteis que dimensões analógicas para descrever, por exemplo, movimento e ritmo. (2020, p. 10) A imagem que eu reproduzi aqui é um exemplo disso, construída através da organização de imagens postadas em um local específico de acordo com o horário em que são postadas, revelando um ritmo visual, nas mudanças entre dia e noite visíveis nas imagens.

Já Hoyt (2016) afirma que *softwares* podem ser sugestivos como arte visual, mas não possuem clareza expressiva, precisão e linearidade necessária para um discurso complexo, para o que defende o texto escrito como ferramenta mais útil. No entanto, acredita que a construção de softwares tem interesse principal em servir os outros, deixando que cheguem em seus próprios *insights*, surpresas e conclusões. Quero pensar um pouco mais sobre essa afirmação de Hoyt, pois acredito que, enquanto ele está certo que a linearidade é um recurso importante para a argumentação lógica, acredito que a relação entre *softwares* e a ideia de linearidade é um pouco mais complexa que isso.

Bolter e Gruisin (2000), no livro “*Remediation: understanding new media*” (“remediações: entendendo as novas mídias”) afirmam que um de seus princípios chave é a interatividade com o usuário. Assim, “a mídia digital visual pode ser entendida melhor através das formas com que honra, rivaliza e revisa a perspectiva linear de pinturas, fotografias, filmes, televisão e mídia impressa.” (Tradução minha, p. 15)

A importância desse conceito é pensar que o conteúdo é fruído a partir de decisões do usuário, e os autores não têm o mesmo controle da narrativa que em mídias analógicas. Isso não significa uma explosão da narrativa como possibilidade, ou que o usuário tem sempre controle total sobre o que vai ver e ouvir, mas sim que a mídia é pensada com uma camada, com mecanismos de interação que preveem de que forma o usuário vai poder mover as peças ali disponíveis, e isso seria a interatividade²¹.

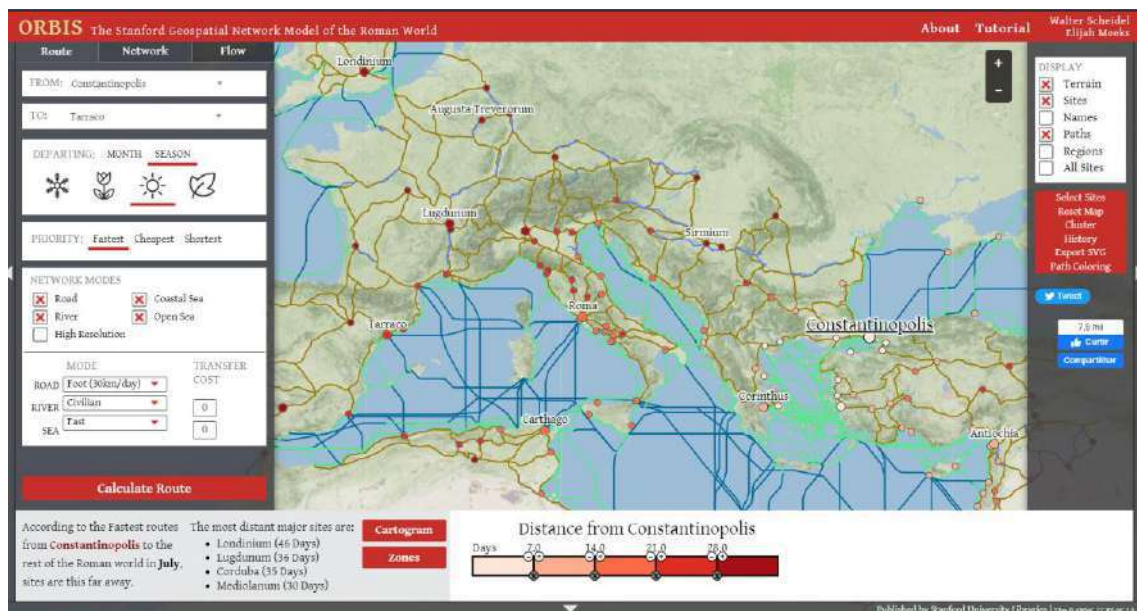
Não necessariamente o usuário vai usufruir dos mecanismos ali das formas que foi previsto, e é possível pular etapas, mas não é possível naquele programa se afastar totalmente do que foi previsto que ele faria. Para pensar num exemplo que funciona em *videogames*, muitas vezes é possível usar códigos para avançar níveis e conseguir benefícios de uma forma que não estava necessariamente prevista nas regras do jogo, é possível explorar defeitos na programação de forma inventiva. No entanto, não é possível transformar um jogo em algo que ele não foi programado para fazer, por exemplo tentar

²¹ Definida por Roth et al. (2017) como a diferença entre um objeto estático e um que permite ações do usuário.

usar um jogo de corrida para jogar cartas. Por isso, dá para afirmar que é possível criar objetos digitais interativos que representam [narrativas relativamente lineares](#), e outros que permitem uma [exploração muito livre do conteúdo oferecido](#), cuja pretensão narrativa é mais diluída ou nula.



[Jamaican Slave Revolt 1760-1791](#), um mapa narrativo com animações. Acesso 12 jul. 2022.



[ORBIS: The Stanford Geospatial Network Model of the Roman World](#). Acesso 12 jul. 2022.

Como exemplo, estou citando dois mapas listados por Laura Horak (2016), em artigo onde também descreve o mapa digital como mecanismo de investigação da história do cinema. Respectivamente, são: como exemplo de mapa narrativo, um mapa de revoltas

de escravizados na Jamaica, de 1760 a 1761, coordenado por Vincent Brown na Universidade de Harvard, que apresenta uma série de animações organizadas numa linha do tempo, acompanhadas de textos explicativos do que está acontecendo em cada data demarcada. O outro faz modelos do tempo que seria gasto em viagens no mundo romano, a partir de condições determinadas pelo usuário. Criado na Universidade de Stanford, ORBIS é composto por diversas opções de itens que determinariam uma viagem, como tipo de transporte, estação do ano, rota.

Como Laura Horak (2016, pp. 72 e 79) sugere, há uma tensão na criação de objetos digitais interativos, com um ponto nas narrativas com animações, imagens e registros cartográficos que ilustram uma argumentação, e o ponto oposto nos projetos que oferecem opções de escolha, onde usuários podem controlar camadas, filtros, períodos, e que não necessariamente tem linhas a serem seguidas. Ela aponta que há um risco, nesse segundo caso, dos projetos se tornarem incoerentes ou sem significado. Segundo ela, está em aberto o quanto quem estuda humanidades espaciais (que seria uma área específica das humanidades digitais voltadas para a cartografia digital), desejariam reconciliar essas novas possibilidades com as tradições da narrativa histórica.

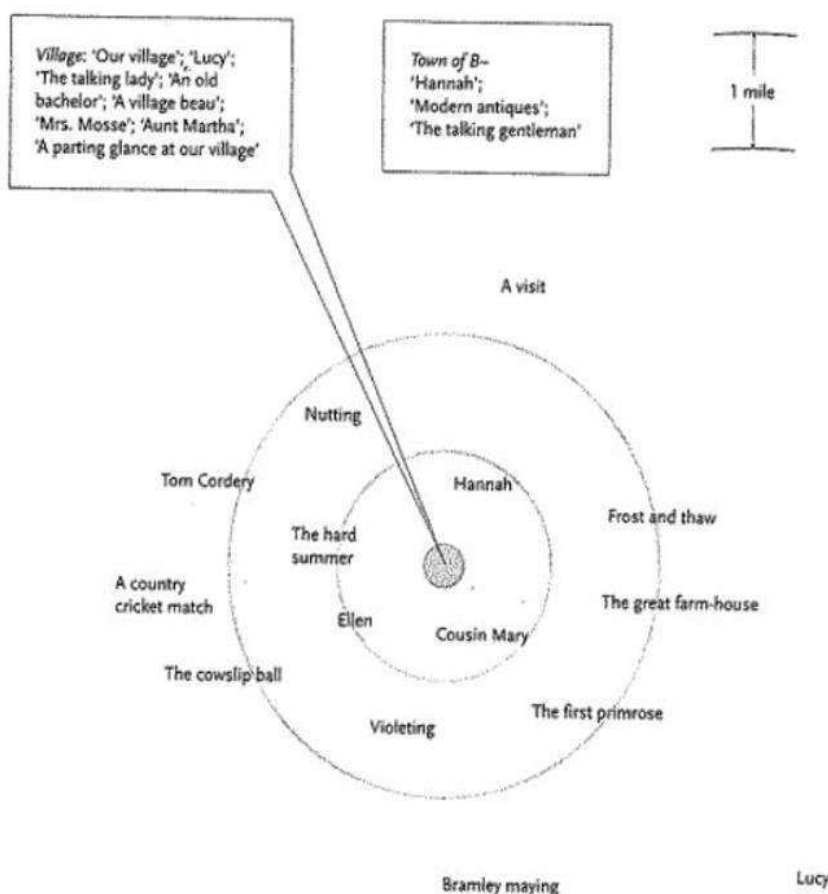
Portanto, mais do que pensar nas novas mídias como possibilidade de enriquecer um argumento ou como possibilidade de se desfazer da narrativa, é necessário pensar que em cada projeto, há um desejo específico. É em função dessa intenção que estão as linguagens que podem ser usadas ali – imagem, mapa, gráfico, interface interativa, a própria narrativa escrita.

Ao menos para um projeto onde o produto digital serve como uma ferramenta de pesquisa, essa conversa sublinha que é necessário perguntar, por que decidi fazer um mapa interativo? É uma pergunta que parece óbvia, mas que torna mais claro o que será produzido: é uma narrativa, ou estou organizando fontes para que o usuário construa suas próprias narrativas e perguntas? O que eu desejo mostrar, e de que forma isso se tornaria mais visível? O que pode ser feito aqui, que não pode ser feito numa publicação de formato tradicional? Como eu posso organizar essas informações em um mapa de forma que elas sejam legíveis? É útil para pesquisadores, que essas informações existam num formato de mapa? Ou seria melhor organizá-las numa tabela ou gráfico? As fontes disponíveis podem ser usadas dessa forma que planejei?

Como Michael Jensen (2004) sugere, é fácil quando buscamos formas alternativas de apresentação, tentar forçar materiais a se encaixar em tecnologias sem pensar nas

restrições de cada um, e perder tempo e investimento ao confundir “legal” com algo que tem valor para a pesquisa em questão.

Um livro chamado “Gráficos, mapas e árvores: modelos abstratos para a História Literária” (Moretti, 2005) representou para mim uma explicação dessa noção de que há coisas que se pode dizer com mapas, que não se pode dizer com palavras. Se mapas carregam em si ideias que não poderiam ser compreendidas sem essa visualização, então eles se justificam como documentos em si mesmos. Em um dos exemplos que organiza, Moretti (p. 37), esquematiza locais citados em narrativas, medindo as distâncias e tempo de viagem entre elas. Ele observa através dos esquemas que cria, um mundo que se organiza em círculos concêntricos em histórias ambientadas em vilarejos ou pré-revolução industrial, e um mundo mais disperso e complexo em termos de distância em narrativas ambientadas em grandes cidades.



“Aí você faz um mapa do livro, e tudo muda. As vinte e quatro histórias de Mitford, primeiro volume, se organizam num sistema solar, com o vilarejo no centro do modelo e dois anéis concêntricos ao seu redor”. (Moretti, 2005. Pp. 37-38. Tradução minha.) Legenda original: “Mary Mitford, Our Village, volume I [1824]”.

Queria pensar também na célebre citação de Marc Ferro, quando defende que para a escrita histórica é necessário interpretar a imagem cinematográfica como fonte em si mesma, e não olhar para ela a partir de ideias previamente formuladas:

Partir da imagem, das imagens. Não buscar nelas somente ilustração, confirmação ou desmentindo do outro saber que é o da tradição escrita. Considerar as imagens como tais, com o risco de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las. Os historiadores já recolocaram em seu lugar legítimo as fontes de origem popular, primeiro as escritas, depois as não-escritas: o folclore, as artes e as tradições populares. Resta agora estudar o filme, associá-lo com o mundo que o produz. Qual é a hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História. E qual o postulado? Que aquilo que não aconteceu (e por que não aquilo que aconteceu?), as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão História quanto a História.²²

Para além da ideia de que imagens dizem coisas diferentes do que palavras, e precisam ser tanto construídos quanto interpretados a partir de suas próprias regras, há outras possibilidades criadas pelo mundo digital, não apenas na possibilidade do link e da interação que dá ao usuário mais controle sobre o que vai fruir. Thomas (2004) sugere que no futuro possivelmente recriaremos paisagens perdidas usando realidade virtual, em “quatro dimensões”. Segundo ele, talvez consigamos criar formas dos usuários não só fazer perguntas para nossos bancos de dados, mas interagir de forma ainda mais ativa com eles, talvez através de mecanismos participativos.

Robinson et al. (2017) escrevem um artigo com o objetivo de listar “desafios e oportunidades para fazer mapas que importam”, onde descrevem preocupações e caminhos possíveis de exploração no mapeamento digital de dados em grande escala. Por exemplo, como lidar com dados que mudam frequentemente? Como criar análises computacionais capazes de prever as mudanças de fenômenos dinâmicos? Como criar visualizações não-estáticas, por exemplo através de animações, para representar mudanças de dados ao longo do tempo? Como criar *softwares* de reconhecimento de padrões que também possibilitam que o usuário busque exemplos e manipule a busca de padrões a partir de seus próprios conceitos?

Há uma diversidade de ideias e aplicações do que se pode fazer no meio digital, e se torna difícil conciliar noções amplas do que está se transformando quando transportamos nossas investigações e publicações para esse meio.

²² FERRO, Marc. O filme, uma contra análise da sociedade? O original é de 1971. Tive acesso à tradução de 1992.

No entanto, também parece importante apontar que apesar da aparentemente infinita possibilidade de caminhos para se aproximar das nossas dúvidas e de formas criativas de representar nossos dados, isso não significa conciliação imediata de nenhuma questão. Estou me remetendo ao que Doreen Massey (2008, pp. 51-52) afirma quando, a respeito da espacialização de histórias, afirma que descrever graficamente uma trajetória não representa uma resolução das relações representadas. Isso é: as ferramentas digitais representam formas antes inimagináveis de olhar para nossos problemas, mas esses formatos “intelectualmente interessantes”, “bonitos”, ou “legais” não precluem, insisto, o cuidado na coleta e interpretação de fontes, não tornam os “dados” evidentes em si mesmos, e discutir ou olhar de várias formas para um problema não o resolve na prática, mesmo se ajuda a tomar decisões sobre ele.

Mapas digitais e histórias de cinemas

No primeiro capítulo do livro “*Locating the Moving Image: New Approaches to Film and Place*”, Julia Hallam e Les Roberts (2014) fazem um panorama de algumas possibilidades de “cartografia do cinema” (p.7): a representação cinematográfica de mapas, o mapeamento da produção e do consumo de filmes, o mapeamento de filmes como marketing local (sobre a relação entre filmes e turismo em seus locais de produção), mapeamento cognitivo e emocional, e o filme como uma crítica espacial.

Essa divisão parece interessante, mas como Moore (2016) critica, antes de analisá-la, Hallam e Roberts sugerem outra forma de dividir as conexões entre cartografia e cinema. Essa nova divisão separa antropologia espacial, que estuda como as práticas cinematográficas se relacionam com culturas específicas, ontologia espacial, onde o cinema sugere uma construção ou discurso do espaço, e finalmente historiografia espacial, ou um mapeamento empírico da história da produção e da exibição.

Por mais que não exista no texto uma explicação maior sobre por que motivo eles apresentam essas duas possíveis divisões diferentes, o fato de que as elencam demonstra ao mesmo tempo que existem várias formas de fazer cartografia do cinema, e que essas pesquisas podem ter objetos e métodos que a princípio se parecem, mas perguntas muito diferentes, ou vice-versa.

Moore (2016) aponta ainda que, apesar dessas descrições de diferentes relações entre cinema e espaço, apenas dois capítulos do livro organizado por Hallam e Roberts não encaixam na categoria de historiografia espacial. Hallam e Roberts defendem um

“novo empiricismo”, ao usar mapas como ferramentas para explorar geografias sociais, culturais e econômicas. Essa é uma perspectiva semelhante a que seguimos aqui, mas parece se afastar de boa parte do campo que tentaram definir, como por exemplo os trabalhos que pensam o texto fílmico como crítica espacial.

Quis destacar esse levantamento já que, por mais que esse trabalho trate a cartografia digital como ferramenta, e tente se aproximar dessa ideia de empiricismo, essa não é a única ou sequer a tradição quando falamos sobre o que se chamou de “virada espacial” nos estudos de cinema. De acordo com Jeffrey Klenotic (2011), essa virada se dá em parte por influência do livro *A produção do Espaço* de Henri Lefebvre (1991, *apud*. KLENOTIC, 2011), que sugere que existem os espaços vividos, o espaço pensado ou planejado, e a forma como interpretamos o espaço, que não necessariamente são coerentes entre si. Assim, de acordo com Klenotic (2011, p.61), em um primeiro momento, os estudos de cinema se interseccionaram com geografia cultural, em trabalhos interessados em investigar as relações entre a representação no filme e a paisagem, arquitetura e mobilidade. Eram trabalhos que buscavam escavar a “psicogeografia” dos lugares produzidos pela urbanização, modernidade e globalização.

Quando falamos de “novo empiricismo”, então, estamos pensando num método que se parece com o defendido por Klenotic (2011), que ao situar espacialmente lugares de exibição em Sistemas de Informação Geográfica, imagina pessoas frequentando salas de cinema numa rua, saindo e topando com outros eventos culturais em uma esquina. É parte do que Bowels (2014) identifica como uma comunidade de historiadores do cinema cujo trabalho se sustenta no argumento de que o cinema é um hábito social, formado pela participação cultural muito mais do que pelo conteúdo dos filmes em si, e o que é social é também necessariamente espacial.

Para Klenotic (2011), portanto, não interessam conceitos como “modernidade” ou “a cidade” ou “sensibilidade urbana”. Ele traz uma afirmação de Massey (1999, *Apud*. KLENOTIC, 2011), segundo a qual enxergar o cinema como agente desses conceitos, é a-histórico e a-geográfico. Ao invés disso, afirma que é necessário situar as salas de cinema de forma precisa, e estudar as multiplicidades de lugares onde elas existem, antes de fazer afirmações.

Para Klenotic (2020), comparar as práticas de audiências de salas de cinema em lugares específicos não pode significar interpretar o espaço como algo geral e amorfo, onde podemos desenterrar lugares individuais e compará-los estatisticamente. Como epígrafe de um texto sobre o “espírito do lugar”, Klenotic (2020, p. 5, tradução minha)

traz uma citação de Massey: “a própria formação da identidade de um lugar, sua estrutura social, sua personalidade política, sua cultura ‘local’ é um produto de interações que costuram o local e o global”. Para Klenotic, o lugar é mais do que a soma dessas interações, no entanto, e por isso seria necessário descobrir ou inventar novas formas de entendê-lo.

Estamos de volta à problemática da escala, que talvez se torne mais literal quando lidamos com a espacialização das histórias que estudamos. Isso se torna visível no discurso de Klenotic, e de Allen (2006, p. 24), quando afirma que a sala de cinema não é um lugar autônomo ou neutro, mas suas identidades são constituídas através das colisões que acontecem ali. Allen vê o mapeamento digital não só como ferramenta para fazer história, mas como uma metáfora de um procedimento historiográfico de mudança de recorte e escala:

Google Maps pode nos ajudar ao representar um correlato espacial ao remapeamento conceitual da relação de coisas relevantes para a ida ao cinema em certo lugar em certo momento. Precisamos de uma historiografia onde podemos dar zoom, onde podemos dar zoom o suficiente para ver uma alta granulação, mas operamos com o reconhecimento que quando damos esse zoom até ver essa alta granulação, e ela preenche a tela, estamos escondendo muitas outras coisas. Nós precisamos dar zoom out também, e poder conectá-los. Não pequeno e grande, mas aqui e ali.
(ALLEN, 2004. *Apud.* KLENOTIC, 2020. p.17. Tradução minha.)

Se a linhas entre o conceito de escala como metáfora para o recorte feito pelo historiador e o conceito de escala como parte da codificação da linguagem cartográfica se confundem, acho importante também discutir esse procedimento da mudança de escala permitida pelos mapas digitais numa perspectiva cartográfica:

Quando fazemos o gesto de *zoom*, não estamos apenas “entrando” mais profundamente numa única imagem, mas de fato estamos substituindo mapas por outros com escala maior ou menor, e essa substituição não significa total compatibilidade entre esses mapas. O grau máximo de *zoom* que podemos dar num aplicativo como o *Google Maps* depende da fonte mais detalhada que possuímos, seja uma fotografia aérea, um mapa digitalizado, ou outro procedimento. A escala original dessa fonte determina a precisão máxima de detalhes desse mapa digital, então por exemplo, se estamos falando de um mapa em escala 1:100000, um traço representando um rio, de um milímetro de largura, corresponderia no espaço real a 100 metros de distância, que não necessariamente é o espaço exato ocupado pelo rio.

Ao se afastar, a maior parte dos mapas digitais sacrificam o nível de detalhe pela compreensão, suprimindo informações, o que é possível ver quando damos *zoom out* num

aplicativo de GPS e vemos desaparecer ruas, restando apenas as “vias principais”. Muitas vezes, durante esse processo, se transformam também as formas de objetos, por exemplo estradas ou rios com muitas curvas, que numa grande distância aparecem quase como retas, seguindo a direção geral em que seus meandros apontam.

Em escalas muito maiores também entra em questão a planificação da terra no plano cartesiano, que é impossível sem diversas distorções, porque esferas não são formas que podem ser “desdobradas” em planos. Assim, quanto mais distante o mapa, menor sua indexicalidade com o real. É claro que há semelhanças o suficiente entre esses mapas, que simular o movimento de *zoom* é possível, e que muitos cálculos existem para tornar a transição entre esses diferentes mapas menos visível. Talvez se pensarmos, como Massey (2008) sugeriu, que a representação no espaço de um problema não o resolve, a mudança de escala cartográfica como algo muito complexo e cheio de aproximações nos diga algo também a respeito da permanência de tensões e tentativas de conciliação entre micro e macro histórias²³.

Me lembro desse problema quando penso [naquele mapa localizando as pesquisas da HoMER Network](#), já que, na [página sobre a rede de pesquisa](#), está descrito um desejo de criar bases de dados com critérios parecidos em todo o mundo, para de alguma forma torná-las comparáveis. Para além da pouca quantidade de contribuições de países periféricos que percebemos ali, já alertados por Freire e já ressaltados aqui, destaco ainda uma dúvida de Horak (2016, p. 70):

Pontos ou agulhas representando salas de cinema flutuam na expansão, de outra forma vazia, verde e bege da base de dados comum do *Google*, partida apenas pelas principais fronteiras políticas. Onde e como os pontos se aglomeram revela a distribuição em escala nacional das salas de cinema que, não surpreendentemente, costuma seguir a densidade populacional. Uma virtude desses mapas é que você pode facilmente mover de uma perspectiva em grande escala para uma perspectiva bem detalhada num gesto de *zoom* até que você consegue ver quarteirões individuais e os cinemas localizados ali. No entanto, essas vistas detalhadas não são de forma alguma tão detalhadas ou enriquecidas quando o próprio mapa descrito acima. Não está claro, ainda, como alguém poderia gerar um mapa global ou nacional das salas de cinemas, com texturas ricas, e que não se aproxima da incompreensibilidade, ou como criar uma representação que funciona tanto num nível global quanto local, e nas perspectivas entre eles.

Ela aponta que para de fato conectar as escalas globais e locais, seria necessário colaborações, financiamento e ferramentas de pesquisa transnacionais ativas. Horak

²³ Para essa explicação minha fonte foi D'alge (2001). Uma discussão que pode demonstrar as complexidades envolvidas na transição de escalas em mapas digitais pode ser encontrada em: *Framing guidelines for multi-scale design using databases at multiple resolutions*. (BREWER, BUTTENFIELD, 2007).

lembra que parte do trabalho envolve conectar diferentes bases de dados feitas em diferentes locais, e de fato isso é algo em que a *HoMER Network* tenta ativamente fazer. No entanto, ela aponta que em vários projetos ainda estamos longe de mapas que podem responder perguntas sobre que pessoas encontraram quais filmes, e que ideias elas formavam sobre os filmes que encontravam.

Há um eco dessa angústia quando Bowels (2014) supõe que muitas vezes, perseguir mapeamentos muito precisos com vastas bases de dados quantitativas pode não responder as perguntas que desde o começo interessaram para a criação deles. Sobre isso, Horak (2016) se pergunta: seria possível criar essas representações espaciais com ferramentas digitais, sem assumir que conhecemos tudo o que há para conhecer? Como desenhamos mapas digitais que reconhecem, ao invés de esconder, suas inadequações?

Kate Bowels (2014), envolvida na produção de um [mapa digital de cinemas na Austrália](#), vê essa dificuldade de forma um tanto diferente, chamando os mapas digitais de “radicalmente incompletos”. Em seu aspecto prático, o mapa que Bowels colaborou para criar se trata de uma localização das salas de cinema listadas no censo de salas de cinema em funcionamento anual registrado pela revista *Film Weekly*. Ela percebeu que muitas formas de exibição ficavam de fora desse recorte, como salas “não profissionais” e “não permanentes”, que supõe serem a principal forma de se ver cinema no interior da Austrália.

Se o trabalho de registrar esses outros lugares parecia interminável, diante do escopo de fazer um mapeamento nacional na Austrália, quando era necessário encontrar essas salas de cinema através de pesquisas de campo, viajando pelo interior do país, Bowels e os outros pesquisadores envolvidos nesse projeto tentam encontrar algum tipo de resposta para essa incompletude. Ela considera que, ao invés de montar mapas exaustivos (em precisão e completude, mas também de recursos e tempo necessários para a criação desses projetos) seria interessante a criação de estratégias participativas, mapas abertos, que recebem informações a partir de contribuições voluntárias, mapas “criados por curiosidade histórica compartilhada” (2014, p. 241, tradução minha) num desejo de dividir a autoridade histórica.

Esse desejo de Bowels (2014) de ressaltar a incompletude do mapeamento e de chamar a participação do usuário como parte do desenvolvimento do projeto parece se repetir também em Klenotic (2020), quando defende esses objetos digitais como [palimpsestos](#), superando as bifurcações entre completo e incompleto, publicado e não publicado, e profissional e amador. Por um lado, se toda pesquisa é interminável, há valor

no digital como algo que poderá ser editado conforme novas descobertas mudem concepções anteriores. É ainda verdade que o digital oferece a possibilidade de interação com o usuário de formas diversas, e que é importante se pensamos em formar redes de pesquisa, criar mecanismos de troca de informações com os usuários.

No entanto, não é possível simplesmente assumir a participação do público como forma de suprir as lacunas de um trabalho, e dizer que essa será a solução para qualquer publicação digital. Para falarmos de fato de um mapeamento participativo, acredito que seria necessário incorporar o desejo de construção participativa de conhecimento na ferramenta, afetando o tipo de ação do usuário que ela permite.

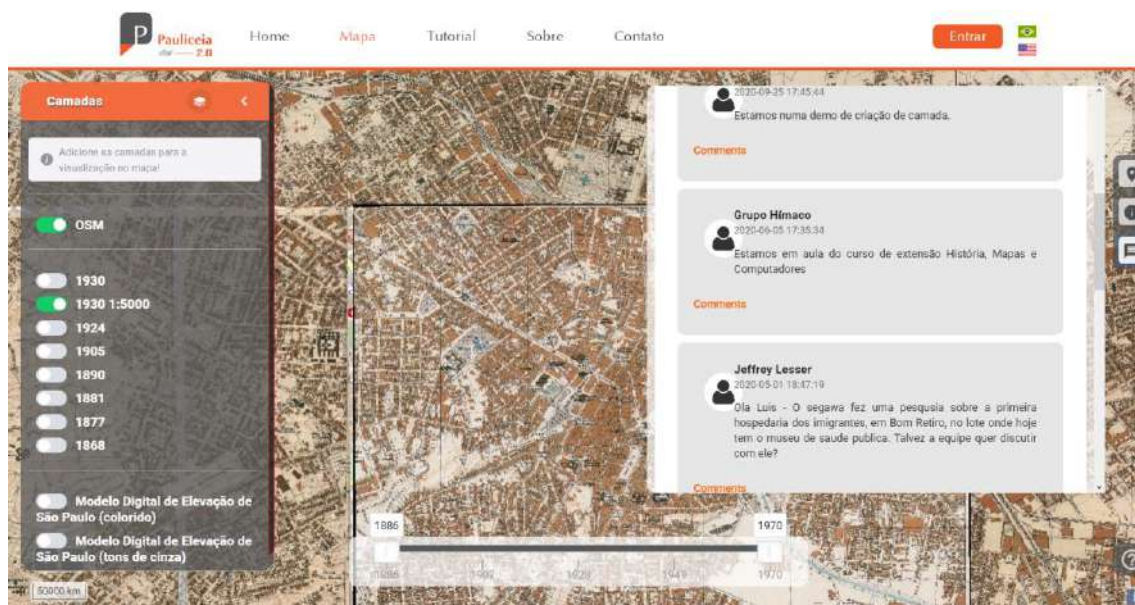


Imagem: [Pauliceia 2.0](#). No lado direito da tela, estão em exibição comentários recentes de usuários a respeito da plataforma – uma das formas de construção participativa do conteúdo desse projeto, que inclui ainda a possibilidade de criação de camadas e pontos pelos usuários. Acesso 13 jul. 2022.

Como Marina Gowert dos Reis (2019) demonstra em sua tese de doutorado, que analisa ações participativas que diferentes acervos brasileiros tentaram realizar, nem sempre a existência da possibilidade de participação vai representar engajamento do público. Ela afirma que ao mesmo tempo que existem projetos de instituições de difusão digital de, no caso, ações de preservação de seus acervos, existe um interesse humano de pessoas que realizam ações de preservação digital de forma desestruturada e não intencional, mas esses movimentos não parecem se comunicar. Ela pede, assim, que se discuta de forma mais madura formas de aproveitar essas ferramentas e não simplesmente se interprete projetos digitais como “experimento em uma novidade”.

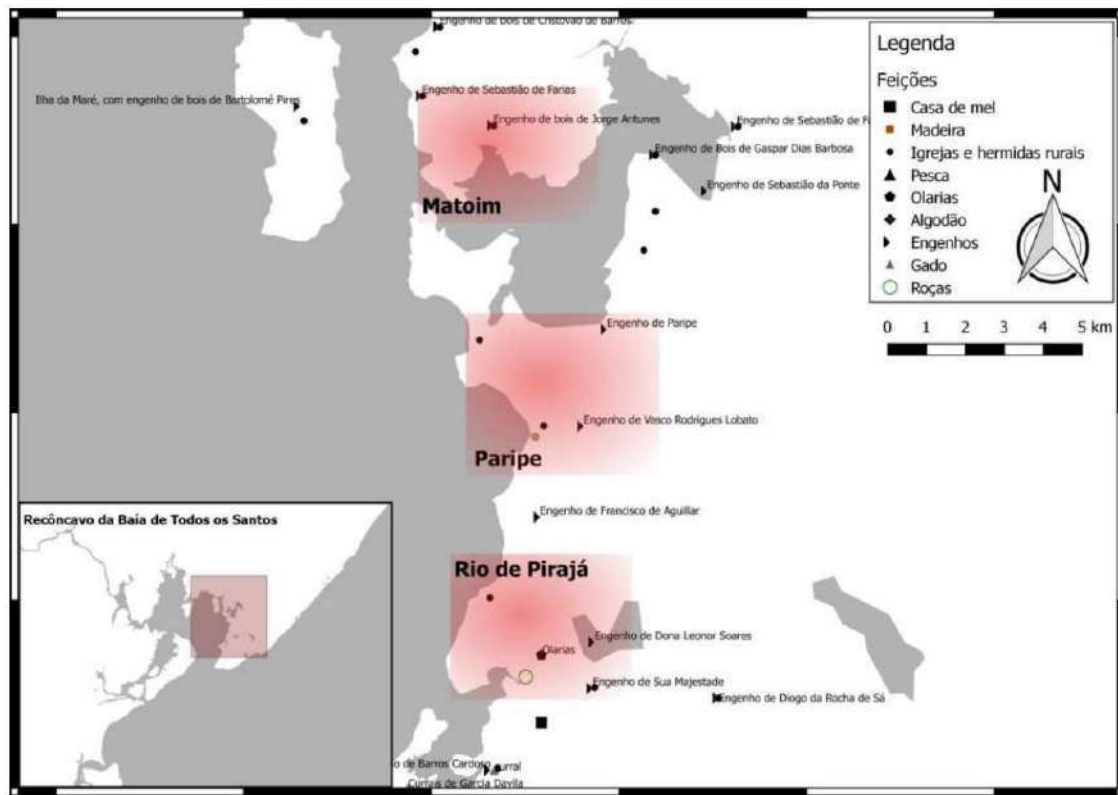
Quando tentei pensar sobre uma possível solução para isso, pensei que um passo necessário seria realizar [testes controlados](#) da forma como os usuários vão interagir com essas ferramentas, da mesma forma como se faz com programas digitais lançados comercialmente. Pensei que seria necessário realizar testes de como esses programas funcionam e o que as pessoas acham deles, em primeiro lugar com os funcionários responsáveis pelo desenvolvimento do programa, e em segundo lugar com membros do público-alvo desse programa (chamados de testes alfa e beta).

Acredito que se uma ferramenta prevê uma interação com o usuário, descrever essa interação para além de previsões, com dados empíricos de como as pessoas de fato reagiram a ela, seria uma forma de discuti-la “com maturidade”. Além disso, acho que para que realmente aconteça, essa “democratização da autoridade histórica” deve ser encarada como um objetivo em si mesma, e não apenas uma resposta à incompletude de informações. Assim, deveriam ser desenvolvidos programas voltados explicitamente para esse objetivo, como é o exemplo do Pauliceia 2.0.

Acredito que por mais que a democratização da autoridade possa ser vista como uma solução para a incompletude desses mapas, esses são problemas separados. Penso ainda que se vamos assumi-los como incompletos, é necessário ser mais transparentes sobre o fato de que eles não estão completos, trazer esse problema à representação, como Horak (2016) sugere. Assim, seria importante deixar claro no próprio mapa quando estamos colocando dados incertos, quando existem dúvidas, quando falta algo nos nossos levantamentos. Como argumentam Robinson et al. (2017), a incerteza tem papéis importantes nos resultados, e é muitas vezes ignorada quando tentamos usar métodos visuais em mapas. Ser capaz de medir a veracidade dos dados ou ao menos avisar aos leitores os limites do que estão vendo pode ser, segundo eles, um dos objetivos principais para mapeamentos efetivos, criando um *ethos* de cuidado, ao apreciar a existência de erros e dúvidas.

Métodos de indicação gráfica dessa incerteza não são uma novidade na cartografia. Exemplos vão desde o uso de marcadores diferentes a partir do nível de certeza a respeito de algum dado, a desenhos com bordas suaves ou cores esmaecidas. É possível ver a aplicação desse tipo de indicador, por exemplo, na representação de dados climáticos através de cores que se transformam suavemente uma na outra. Como exemplo, cito ainda a terceira parte do livro “O Retorno dos mapas: sistemas de informação geográfica em história”, organizado por Carlos Valencia Villa e Tiago Gil (2016). Ela é toda dedicada a textos que usam ou discutem ferramentas de análise espacial

para resolver problemas de falta de informação, relacionando diferentes conjuntos de dados e fontes.



Mapa desenvolvido por Tiago Gil (In: VILLA, GIL, 2016. p. 208). Tentativa de georreferenciar pontos listados em texto histórico, “com grande margem de erro e imprecisão”. Legenda original: Regiões de Matoim, Paripe e Rio de Pirajá.

Meandros

Este capítulo pontua diversas questões, das quais certamente não dá conta, nem este trabalho como um todo será capaz de se aprofundar nos problemas apresentados aqui. Este texto é um meandro por inquietações historiográficas, por tentativas de entender conceitos básicos de humanidades digitais e cartografia, e por alguns escritos sobre mapas digitais aplicados às histórias de cinemas. Busco soluções apenas na medida em que tento entender que atitudes seriam interessantes para a criação do mapa dos espaços de exibição de Juiz de Fora.

É uma jornada confusa caminhar por campos interdisciplinares, e continuo não entendendo muito do que deveria para ser falar com propriedade dessa intersecção específica onde essa pesquisa se crava. Para criar um mapa digital histórico de qualquer assunto existem muitos problemas técnicos que devem ser levados em consideração, e cada escolha técnica implica uma tomada de uma posição filosófica, ética, teórica. Afinal,

estamos falando de representação e da seleção dos itens que estarão nessa narrativa histórica a ser contada, por mais que ela não se organize de forma explícita e linear como narrativa. É ainda importante, se vamos remeter sempre na ideia de escala e local e global, estar diante do lugar de onde falo, e preciso estar atenta ao quão periférico esse trabalho é, tanto como desejo de apresentar uma resposta a projetos de pesquisa internacionais, mas também por não estar sendo desenvolvido por especialistas de todas essas áreas, que estou mesmo tateando para tentar entender.

Tentei destacar aqui os itens que foram conceitualmente relevantes para mim, ao pensar o mapa das salas de cinema de Juiz de Fora. Não digo que consegui aplicar todas essas ideias na prática, mas que precisei tentar entendê-las durante essa pesquisa, e acredito que se tornaram, de forma mais distante ou não, inspiração para o trabalho que foi feito mais tarde. Espero ter conseguido traçar os rumos dessa pesquisa, e ter conseguido refletir algo dessas inquietações mais tarde, no mapa que criamos.

CAPÍTULO 2: Bases de dado digitais

Esse capítulo é uma descrição de algumas bases de dados digitais, a partir de minha experiência ao navegar por elas. Não tenho a pretensão de uma lista exaustiva dos bancos de dados sobre salas de exibição que existem ou dizer que essas são as bases de dados mais importantes atualmente em funcionamento. Tentei focar em bases de dados que localizavam esses espaços de exibição em mapas, como referências para o Minas é Cinema. Ainda assim, como percebi ao descrevê-los, alguns dos sites que eu observei aqui não se encaixam perfeitamente nessa descrição. Em parte, o que me move neste capítulo é ver como e se as discussões que realizamos previamente se transportam para esses objetos digitais. São objetos diversos, que lidam de formas diferentes com os dados que pretendem apresentar, e tentei observar suas diferenças ou semelhanças como influências para a construção do mapa de espaços de exibição de Juiz de Fora.

Cinemafalda

Uma referência imediata quando pensamos em bases de dados digitais sobre a exibição no Brasil é o blog [Cinemafalda](#). Ele se anuncia, no cabeçalho, como “relação detalhada de antigos cinemas da cidade de São Paulo e interior,” mas na prática se aproxima mais da sugestão presente no título do blog, de que se trata de uma “relação de cinemas antigos de rua do Brasil em atividade nos anos 60”. Em geral, as salas de cinema estão listadas de forma textual, com o nome, endereço, proprietários, e informações de bitola, frequência e lotação. Há ainda um esforço em encontrar imagens de algumas delas, procedimento feito, como destaca o cabeçalho do blog, a partir de buscas na internet.

De acordo com Alexandre Mikó²⁴, responsável pelo blog, a fonte dessas informações é um catálogo de uma distribuidora, o que parece fazer sentido quando pensamos as categorias de informações listadas, que parecem úteis para uma empresa interessada no aluguel de filmes para essas salas de exibição.

Publicado através da plataforma de gerenciamento de conteúdo *Blogger*, é um site onde as publicações estão organizadas por ordem de postagem, sendo possível acessar o

²⁴ E-mail recebido em 28 abr. 2022. Já de acordo com Freire é um catálogo de cinemas do Brasil (mensagem de áudio recebida em 2 mai. 2022), e há um exemplar na Cinemateca Brasileira. Em busca de que livro seria esse, encontrei no catálogo da Cinemateca, dos anos 1960, 1961, e 1966 um “Cadastro por município: cinemas, cineteatros, teatros, produtoras de filmes cinematográficos, laboratórios cinematográficos, estúdios de gravação, palcos de filmagem e companhias distribuidoras de filmes”, do departamento de estatística do estado de São Paulo. Não tive acesso a esses livros, mas acredito que pode ser um deles.

conteúdo cronologicamente a partir da [página inicial](#), em um menu lateral que separa as publicações por ano e mês. Também é possível fazer o mesmo procedimento manualmente através do recurso “postagens mais antigas”, ao fim da página inicial. Cada nova página carregada dessa forma apresentará uma quantidade fixa de sete postagens, por ordem de publicação.



[Cinemafalda](#), página inicial. Acesso 14 jul. 2022.

Seria difícil buscar algum conteúdo específico do site nesse tipo de organização, mas a navegação é facilitada por uma ferramenta de busca por palavra, que leva em consideração todo o conteúdo das postagens, do título ao texto da publicação. Há ainda, ao final, uma lista de links supostamente separando o conteúdo do blog por [estado](#), mas essa organização parece abandonada, uma vez que cada link dá acesso ao registro de uma única sala de cinema.

O recorte das informações levantadas, bem como de quais salas de cinema serão listadas (que parece corresponder, na verdade, a salas em funcionamento na década de 1950, ou então no ano de 1960, uma vez que não encontrei registros de salas de cinemas inauguradas após 1960 nas pesquisas que já fiz nesse site), parte de uma transcrição fiel do catálogo-fonte, não havendo, eu acredito, tentativas de expandir a catalogação a salas de cinema de outros recortes temporais. Há alguma simplicidade tanto na forma de apresentação quanto na coleta de informações, mas isso não tira muito de um site que abrange registros históricos de salas de cinema no Brasil inteiro, e é provavelmente a única iniciativa de fazer esse mapeamento tão amplo. É considerado uma das principais

fontes online para pesquisa em salas de cinema no Brasil, especialmente quando tratamos de cidades onde não foram feitos outros levantamentos.

Mesmo em cidades onde existem esforços em contar a história dos espaços de exibição, o blog potencialmente lista espaços ignorados por essas histórias. Isso leva a pensar na ideia de patrimônio – as salas de cinema que é possível falar que existiram quando pesquisamos nos arquivos da cidade, porque existem evidências delas preservadas, não necessariamente correspondem a todas que funcionaram ali, quando comparamos com uma fonte como um censo de salas.

Cinemateca Brasileira

A Cinemateca Brasileira possui uma [vasta base de dados digital](#), onde estão disponibilizados diferentes conteúdos a respeito da atividade cinematográfica no Brasil. A [Filmografia Brasileira](#) talvez seja o projeto mais conhecido dessa base de dados, e disponibiliza informações sobre a produção audiovisual brasileira, sendo que alguns dos filmes catalogados estão desaparecidos ou há poucas informações sobre eles em outras fontes. Ali estão registradas sinopses e informações dos créditos, de cinejornais a longa metragens. Na base de dados da Cinemateca, existe [uma sessão sobre salas de cinema](#).

cinemateca brasileira

FILMOGRAFIA BRASILEIRA TV TUPI BIBLIOTECA BLU-RAY, DVD E VHS CARTAZES ARQUIVOS E COLEÇÕES PERIÓDICOS SALAS DE CINEMA

Salas de cinema de São Paulo (1895-1929)

INVENTÁRIO DOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE CINEMATOGRÁFICA NA CIDADE DE SÃO PAULO: 1895-1929

O Arquivo Histórico de São Paulo - AHSP em parceria com a Cinemateca Brasileira e com apoio do CNPq disponibiliza a base de dados Salas de cinema em São Paulo: 1895-1929, um levantamento sobre os espaços de projeções cinematográficas na cidade durante o período silencioso.

Esse momento da história do cinema remete às primeiras experiências com kinetoscópio, invento dos laboratórios de Thomas Alva Edison, ainda de projeção individual, até 1929, ano em que a Paramount apresentou os dois processos de sonorização em disputa no mercado: o vitaphone e o movietone.

Resultado da pesquisa Inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica na cidade de São Paulo: 1895-1929, a base de dados possibilita o acesso a documentos como plantas arquitetônicas das salas, cartazes dos filmes exibidos, materiais de imprensa, folhetos de programação, fotografias, além de outros registros do acervo do Arquivo Histórico de São Paulo.

[Leia mais](#)

[Links de referência](#)

Outros materiais (digitalizados do acervo da Cinemateca Brasileira)
1 | 2 | 3 | 4 | 5

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO SECRETARIA DE CULTURA DPH DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO AHMWL CNPq cinemateca brasileira

Pesquisa simples Pesquisa avançada

Entre uma ou mais palavras

pesquisa

Todas as palavras (AND) Qualquer palavra (OR)

[Salas de cinema de São Paulo \(1895-1929\)](#). Página inicial. Acesso 14 jul. 2020.

Estão disponibilizados no mesmo portal, ainda, um resgate do acervo audiovisual jornalístico da TV Tupi, uma lista dos periódicos, itens bibliográficos e de Blu-ray, DVD e VHS, reunidos na Biblioteca Paulo Emílio Salles Gomes, bem como uma coleção de cartazes de filmes nacionais. Há uma base de dados de Arquivos e Coleções, que mapeia o acervo do Centro de Documentação e Pesquisa da Cinemateca.



Banco de Conteúdos Culturais

cinemateca brasileira

FILMES CARTAZES FOTOS TEXTOS COLEÇÕES 🔍

ATLÂNTIDA

Fundada em 1941, a Atlântida Empresa Cinematográfica do Brasil S.A. deixou um importante legado para o cinema brasileiro. Produziu curtas-metragens e cinejornais, mas foram os seus longas-metragens que consolidaram os traços mais marcantes da companhia. Seja pela temática social, ou pelas memoráveis chanchadas, a produção cinematográfica da Atlântida traz aspectos formadores da cultura popular brasileira.

GALERIA DE FOTOS

CARTAZES

FILMES

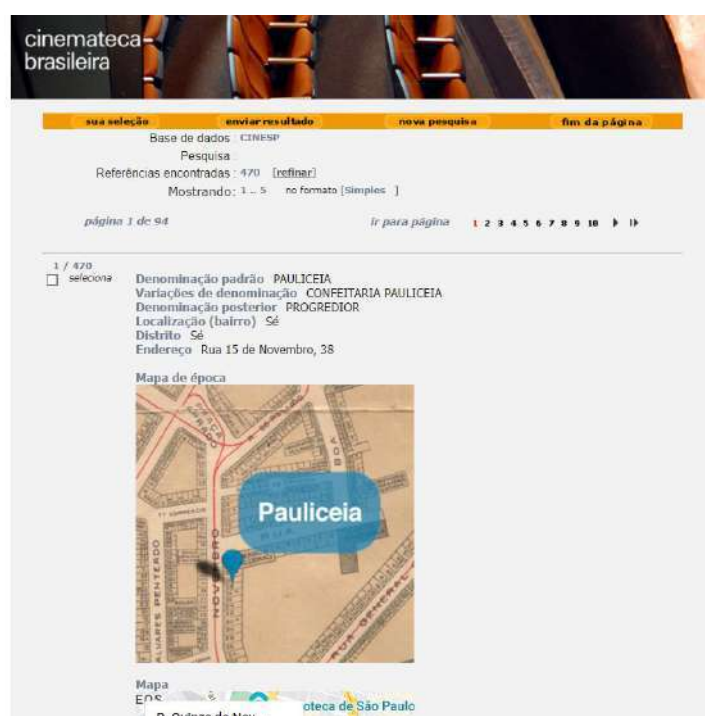
[Coleção Atlântida](#). Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira. Acesso 14 jul 2022.

Com exceção do [acervo da TV Tupi](#), no entanto, esse banco de dados não dá acesso direto a filmes, cartazes, ou periódicos, sendo em sua maior parte uma lista dos materiais disponíveis na Cinemateca. Como forma de ter acesso ao material em versão

digitalizada, existe o [Banco de Conteúdos Culturais](#), onde estão disponíveis filmes, cartazes, fotografias, digitalizações de textos publicados sobre o cinema brasileiro.

No Banco de Conteúdos Culturais, é possível acessar itens de acordo com o tipo de material, ou a partir de coleções, onde estão organizados, sendo elas: das produtoras Atlântida e Vera Cruz, as entrevistas da coleção Encontros Transversais e do arquivo de entrevistas filmadas por Suely Rolnik em projeto sobre a memória de Lygia Clark, exemplares da revista Filme Cultura, coleções pessoais de Glauber Rocha, Gustavo Dahl, e B. J. Duarte, do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), novamente o acervo da TV Tupi, e 102 filmes silenciosos. Acompanhados de alguns textos explicativos, as páginas sobre essas coleções e materiais no Banco de Conteúdos Culturais apresentam em suas páginas iniciais destaques da coleção, entre vídeos e imagens. Também é possível fazer buscas por palavra, levantando resultados de todo o Banco de Conteúdos Culturais.

Voltando à Base de Dados da Cinemateca Brasileira, as informações sobre [salas de cinema](#) disponibilizadas ali foram levantadas na pesquisa “Inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica na cidade de São Paulo: 1895-1929”, coordenada pelo historiador José Inácio de Melo Souza, que também resultou na publicação do livro “Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930)”, em 2016.



Salas de cinema de São Paulo (1895-1929). Resultado de uma busca onde não digitei nada no campo de busca em palavras, levantando, eu suponho, todos os resultados do banco de dados. Acesso 14 jul. 2022.

Como os outros projetos da Base de Dados da Cinemateca Brasileira, a página inicial que dá acesso aos registros de salas de cinema de São Paulo apresenta um pequeno texto explicativo, sobre o que está catalogado ali, e um campo para pesquisa em palavras. É possível expandir esse texto, que abre em outra janela explicando como essa parte do banco de dados foi construída. A partir dessa página ainda é possível acessar alguns documentos em PDF, parte deles conjuntos de recortes de jornal, e um trabalho de graduação datilografado, a respeito das edificações teatrais na cidade de São Paulo. Eles aparecem de forma discreta, identificados como “outros materiais” e a partir de itens numerados, sem maiores explicações sobre o que eles são e por que estão em destaque.

Estão catalogados centenas de verbetes, entre espaços de exibição, técnicas e tecnologias de exibição, exibidores, empresas exibidoras, e personalidades relacionadas ao ramo. Há uma quantidade grande de informações textuais sobre os espaços de exibição registrados: diferentes denominações, dados sobre a localização: o endereço escrito, ele localizado em mapas antigos, ele localizado num mapa atual. Há informações sobre o imóvel: proprietário, reformas, para que tipo de outros usos servia, se ainda existe o prédio, período de funcionamento. Também sobre as exibições que aconteceram ali: o período de exibição (que não corresponde necessariamente ao funcionamento, quando não estamos falando de lugares construídos exclusivamente para exibição), os exibidores que se apresentaram ali, e um texto histórico sobre a sala de cinema ou os aparelhos de projeção. Também existem verbetes sobre personalidades e empresas, acompanhados ou não de imagens.

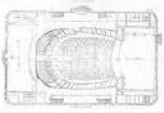
Na página temos acesso a uma versão resumida desses verbetes, cuja versão completa pode ser acessada em um arquivo de PDF. Também temos acesso às fontes das informações citadas na forma de uma bibliografia, e algumas palavras-chave. Quando disponíveis, também estão ali pranchas arquitetônicas do espaço, bem como anúncios, charges e outras imagens. Elas estão apresentadas através de miniaturas, com legendas, e clicando na miniatura é possível acessar a imagem em tela cheia, em uma guia diferente.

Quanto às localizações desses espaços de exibição, o mapa histórico é uma imagem fixa. Acredito que a ferramenta [Pauliceia 2.0](#) foi usada para localizar esses cinemas nesses mapas históricos. A localização no mapa atual está em um *plugin* do *Google Maps*: é possível ampliar e diminuir o tamanho, sobrepor o mapa com a imagem de satélite, e ver pontos de referência próximos, bem como acessar em página cheia o aplicativo do *Google*. Não é possível sobrepor os dois mapas, ou ver, por exemplo, pontos de referência históricos, mas os dois mapas estão organizados na página um em cima do

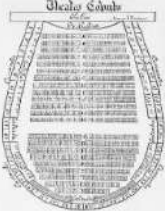
outro de forma que facilite a comparação entre eles. Não é possível acessar um mapa onde estejam localizados todos os marcadores de espaços de exibição, ou ao menos ver mais de uma sala no mapa ao mesmo tempo. Me pergunto se esses cinemas estão localizados em alguma das camadas disponíveis para acesso público no Pauliceia 2.0, e caso sim, gostaria que ela estivesse referenciada nesse banco de dados, para que pudesse explorar os cinemas através da interface de mapas, como forma alternativa de interagir com essas informações.

Bar / Cartaz / Companhia Antarctica Paulista / Companhia Dramática Italiana de Antonio Bolognesi / Marconi / Plateia


Pranchas



legenda: Planta baixa do Colombo.
fonte: KUHL, Beatriz Muçayar. Contribuição para o estudo da evolução da edificação teatral na cidade de São Paulo, sp.




legenda: Planta baixa da plateia em forma de ferradura.
fonte: KUHL, Beatriz Muçayar. Contribuição para o estudo da evolução da edificação teatral na cidade de São Paulo, sp.




legenda: Reforma das galerias em 1917.
fonte: Grupo Edificações Particulares, caixa C3/1917, AHMWL.


Fotos




legenda: Vista lateral do Colombo na década de 1920.
fonte: A Capital paulista; comemorando o Centenário da Independência, p.57.




legenda: Tirada do palco para a plateia com destaque para o gabinete de projeção sobre a porta de entrada.
fonte: A Cigarra, (169): 29, 1/10/1921.




legenda: Outra imagem da plateia do Colombo, sempre cheia, agora em 1928.
fonte: A Cigarra, (316): 25, jan.1928.



legenda: Foto da caixa do teatro nos anos 1950-60.
fonte: REALE, Eba Brás, Pinheiros, Jardins, p.48.





legenda: O Colombo em chames.
fonte: Agência Estado, 21/7/1966.





fonte: Agência Estado, 21/7/1966.

Outras imagens









Miniaturas e descrições das imagens referentes ao Theatro Colombo, no banco de dados Salas de cinema de São Paulo. Acesso 14 jul. 2020.

A [Base de Dados da Cinemateca Brasileira](#) tem uma interface relativamente simples, com predominância de texto nos resultados da busca. As imagens embutidas ali disponibilizadas precisam de uma nova guia para serem observadas em detalhes, e só é possível assistir os vídeos do acervo audiovisual da TV Tupi caso o computador possua

o *software Quicktime* instalado. Acredito que a existência do [Banco de Conteúdos Culturais](#) é uma tentativa de lidar com as limitações oferecidas pela forma como foi programada a base de dados, que, com exceção da Filmografia, e talvez das salas de cinema, funciona mais como um catálogo digital do que está disponível para acesso físico na Cinemateca, e não parece capaz de oferecer suporte a muitos conteúdos midiáticos.

Acredito que há uma mudança de objetivos entre os dois sites, uma necessidade de apresentar o conteúdo digitalizado pela Cinemateca e facilitar o acesso do usuário. Por exemplo, não é possível acessar o conteúdo diretamente na página inicial dos diferentes projetos da base de dados, enquanto no Banco de Conteúdos Culturais, existem destaques das coleções, que podem ser assistidos imediatamente, sem a necessidade de uma busca prévia. Na base de dados, para acessar o conteúdo é necessário fazer uma pesquisa, e não existem opções de organização diferente pelas quais poderíamos navegar.

Mesmo com o interesse voltado para catalogação e sem formas alternativas de acesso ao conteúdo, a base de dados da Cinemateca Brasileira é uma ferramenta para pesquisa extremamente rica, utilizada por boa parte dos pesquisadores em cinema no Brasil. Além disso, o sistema de busca por palavras da base de dados da Cinemateca, em sua versão simples, é relativamente intuitivo, e é possível escolher se os resultados da busca precisam apresentar todas as palavras digitadas, para uma busca mais refinada, ou qualquer uma das palavras digitadas, para uma busca mais ampla. Existe ainda um manual com orientações de pesquisa, e uma ferramenta de busca avançada, onde é possível selecionar em que campo (no caso da Filmografia, itens como título, data e local de produção, direção, argumento/roteiro...) as palavras digitadas serão buscadas.

Não é um site que não tem como um interesse pensar como o usuário vai interagir com o conteúdo, apesar de sua estrutura rígida. Ao tentar encontrar uma forma de descrever essa base de dados, me lembrei dos conceitos sugeridos por Reis (2019), de “Patrimônio Cultural Digital 1.0”, onde o foco dos projetos de preservação digital é produzir resultados e não divulgá-los, armazenar informações e não difundi-las (p. 83), e “Patrimônio Cultural Digital 2.0”, onde a internet é vista como um meio de possibilitar acesso amplo a “acervos que, ao contrário, estariam disponíveis somente a uma parcela específica da população.” A minha interpretação é de que a base de dados da Cinemateca está em algum lugar entre esses dois paradigmas, enquanto o Banco de Conteúdos Culturais se coloca firmemente nesse patrimônio 2.0.

Cinema Context

Cinema Context é uma “enciclopédia da cultura cinematográfica”, que tem como lema “expor o DNA da cultura cinematográfica holandesa”. O conceito por trás do título é que “o contexto em que um filme é exibido proverá mais entendimento da cultura cinematográfica local.²⁵” Para isso, foram analisados programas, de diversos cinemas, em diversas cidades. Foram registradas também empresas envolvidas na atividade cinematográfica, pessoas trabalhando nelas, e arquivos da censura.

Idealizado por Karel Dibbets, falecido em 2017, atualmente a base de dados é coordenada por Julia Noordegraaf, e [conta com diversos colaboradores](#), com as parcerias da Universidade de Amsterdam, Utrecht, o *Netherlands Institute for Sound and Vision*, e do *Eye Filmmuseum*, e financiamento da *Netherlands Organization for Scientific Research*, bem como do Ministério da Saúde, Bem-estar e Esporte holandês. A base de dados está disponível em holandês e inglês.

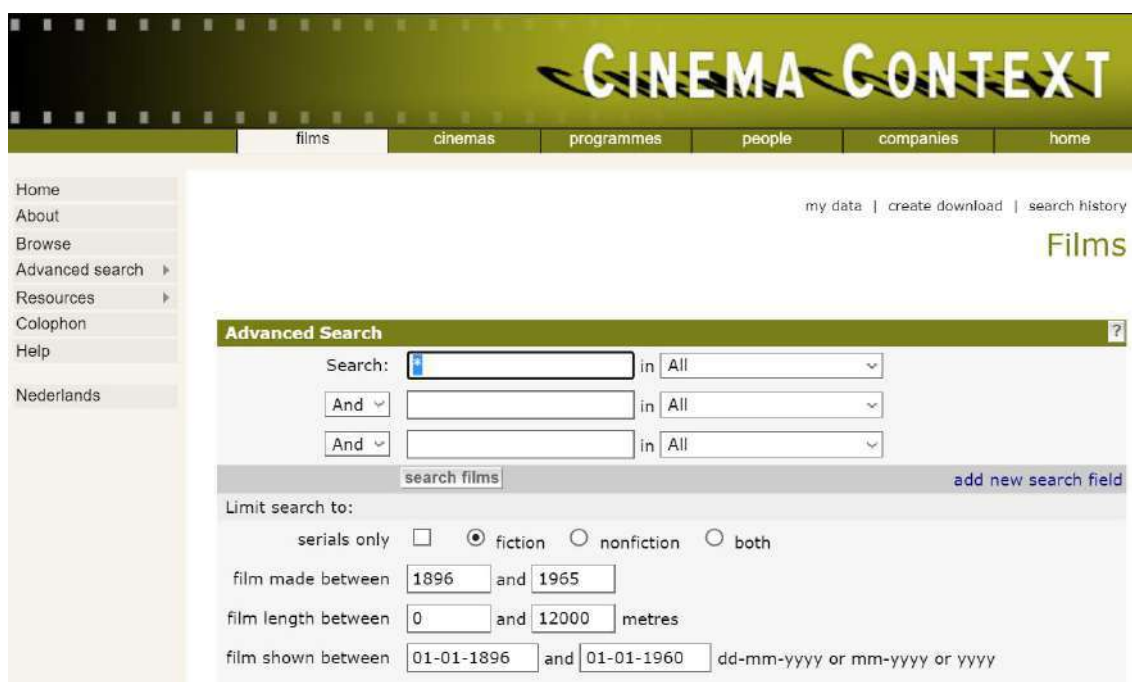


Legenda: Página inicial da base de dados [Cinema Context](#), acesso 12 ago. 2022.

Cinema Context é uma ferramenta que permite “estabelecer conexões, procurar padrões, enumerar dados, e criar tabelas”, o que significa, eu acredito, olhar para seu conteúdo como uma base de dados quantitativa, com interesse em pensar modelos

²⁵ Tradução minha. Citação da página “[sobre](#)” no site *Cinema Context*. Outras informações aqui detalhadas foram extraídas da [página inicial](#), dos [tutoriais de pesquisa](#), e [das páginas de recursos](#), acesso 31 ago. 2021.

matemáticos. Uma das formas principais de acessar o conteúdo são os formulários de busca, que estão divididos em diferentes páginas de acordo com: filmes, cinemas, programações, pessoas e empresas. É possível fazer buscas por palavras, em diversos itens, e filtrar os resultados a partir de recortes temporais.



The screenshot shows the 'CINEMA CONTEXT' website interface. At the top, there is a navigation bar with tabs for 'films', 'cinemas', 'programmes', 'people', 'companies', and 'home'. Below this, a sidebar on the left contains links for 'Home', 'About', 'Browse', 'Advanced search', 'Resources', 'Colophon', 'Help', and 'Nederlands'. The main content area is titled 'Films' and features an 'Advanced Search' section. This section includes three search input fields, each with a dropdown menu set to 'All'. Below the search fields are buttons for 'search films' and 'add new search field'. The 'Limit search to:' section contains radio buttons for 'serials only', 'fiction' (selected), 'nonfiction', and 'both'. There are also input fields for 'film made between' (1896 and 1965), 'film length between' (0 and 12000 metres), and 'film shown between' (01-01-1896 and 01-01-1960).

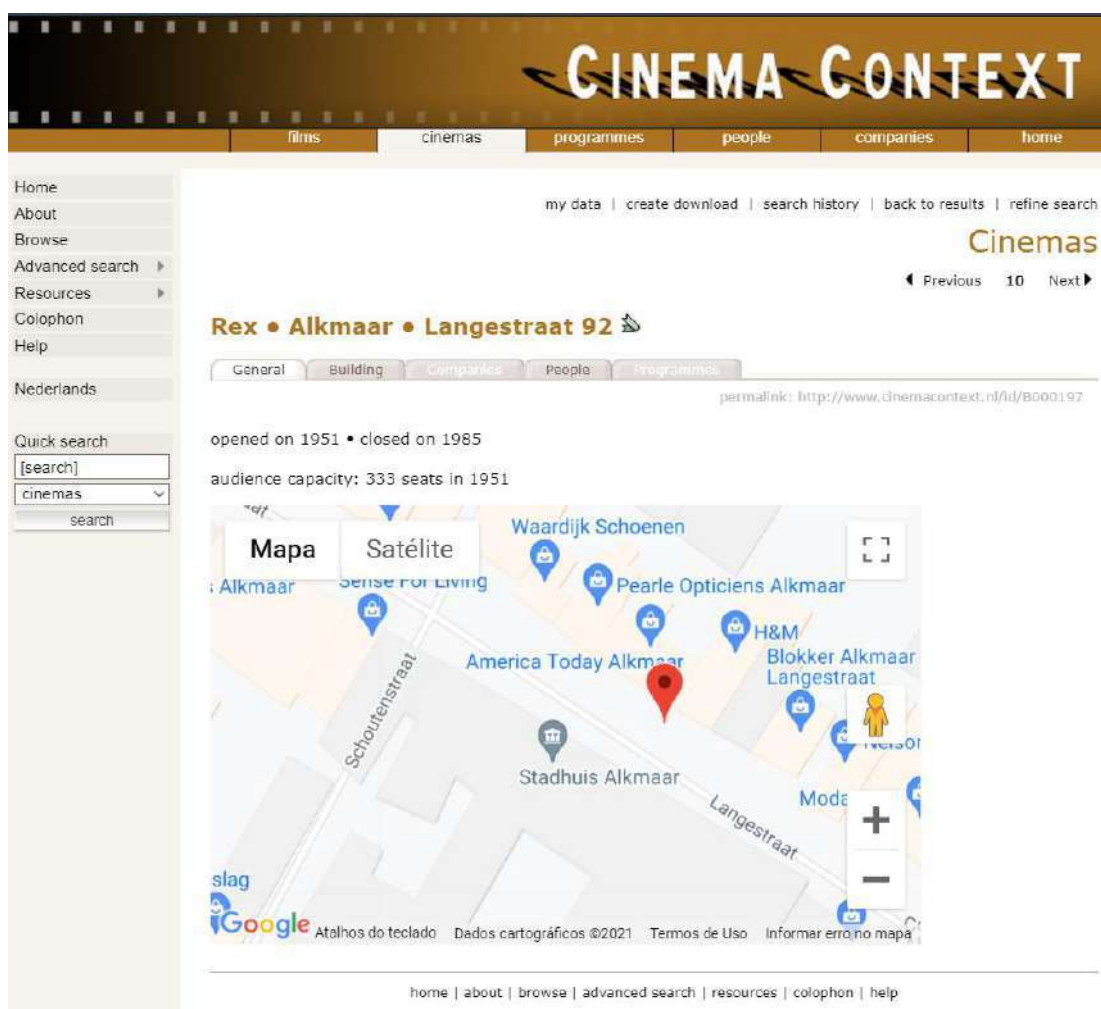
Legenda: Janela para [pesquisa em filmes](#) no *Cinema Context*. Acesso 15 jul. 2022.

A base de dados “evita imagens”, mas inclui em seus dados alguns pôsteres, embora não seja possível pesquisar por eles²⁶. As salas de cinema estão localizadas em mapas, que aparecem quando selecionamos salas específicas numa busca, como *plugins* do *Google Maps*. Existe uma sessão dentro da aba “recursos” chamada “[mapas](#)”, mas nela é possível acessar apenas [listas de salas de cinema por cidades](#). Só ao clicar em [salas individuais](#) é possível vê-las num mapa, junto a descrições de algumas características da sala. É possível, no entanto, navegar entre resultados de pesquisas, sem ser necessário realizar novas buscas para cada item individual, uma vez que, por exemplo, salas de cinema tem conexão com empresas e pessoas, e com seus os programas dessas salas, páginas de programas levam a filmes individuais, que levam aos programas onde foram listados, seus certificados de censura, sua empresa distribuidora...

²⁶ Não encontrei esses pôsteres nas tentativas que fiz de usar essa plataforma, e estou apenas citando a página sobre o projeto. Acredito, portanto, que a forma de ter acesso a pôsteres é relativamente aleatória, e depende se um ou outro filme pesquisado teve essas imagens registradas junto com as outras informações sobre ele. Não é explicado por que essa decisão foi tomada ao criar o site.

A plataforma oferece ainda dados estatísticos, da ida ao cinema e produção cinematográfica nos Países Baixos, ida ao cinema em Amsterdam, Rotterdam e em Haia, e uma lista de revistas sobre cinema.

Há outras formas de pesquisar nessa plataforma, e é possível [navegar](#) através de listagens, por exemplo, dos títulos originais de filmes exibidos na Holanda, em ordem alfabética, salas de cinema por cidade ou por ano de inauguração, empresas distribuidoras e exibidoras, cinemas viajantes, arquivos da censura, entre outros.



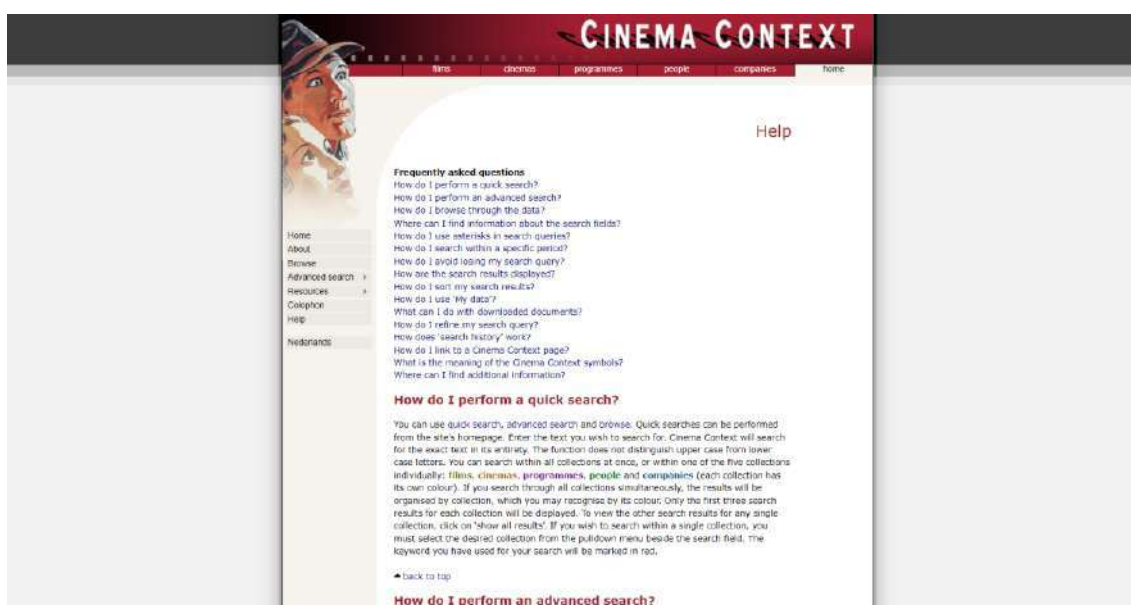
The screenshot shows the 'CINEMA CONTEXT' website interface. The main header features the site title and navigation tabs for 'films', 'cinemas', 'programmes', 'people', 'companies', and 'home'. The 'cinemas' tab is selected. On the left, there is a sidebar with navigation options like 'Home', 'About', 'Browse', 'Advanced search', 'Resources', 'Colophon', and 'Help'. The main content area displays the entry for 'Rex • Alkmaar • Langestraat 92'. It includes a 'General' tab, a 'permalink' (http://www.cinemacontext.nl/id/B000197), and information such as 'opened on 1951 • closed on 1985' and 'audience capacity: 333 seats in 1951'. A map of Alkmaar shows the cinema's location on Langestraat, with various nearby businesses marked. The footer contains links for 'home', 'about', 'browse', 'advanced search', 'resources', 'colophon', and 'help'.

Como exemplo, [registro do cinema Rex, na cidade de Alkmaar](#), exibindo sua localização no mapa. Existem nessas páginas informações a respeito do prédio: datas de funcionamento de outros cinemas no mesmo endereço, reformas e arquitetos responsáveis por elas, empresas e pessoas trabalhando no estabelecimento, de gerentes a mecânicos. Acesso 15 jul. 2022.

Ainda é possível fazer download de dados da plataforma para o computador, num formato compatível para leitura da ferramenta *Access*, do pacote *Microsoft Office*, e salvamento temporário de histórico de busca na própria plataforma. Não estão disponíveis

dados sobre exposições contemporâneas, e o ano mais recente disponível no formulário de busca é 1965.

O projeto é muito vasto, e parece claro que preza por uma versatilidade de formas de buscar informações. O site é considerado uma influência para vários dos projetos que listarei aqui. No entanto, as ferramentas de pesquisa são muito complexas, como parece demonstrar o extenso manual de como usá-las, fornecido pelo site. Há até mesmo uma lista de perguntas que podem ser feitas, e que procedimentos adotar para tentar respondê-las. Em meu primeiro contato com esse site, este manual me intimidou e eu tive a impressão de que havia um extenso processo a ser adotado para a menor pesquisa, o que não é verdade. O formulário de pesquisa é um tanto similar ao que existe nas pesquisas avançadas da Cinemateca Brasileira. Existem alguns recursos mais complexos, como a possibilidade de salvar o histórico de pesquisa, ou a de salvar alguns documentos para acessá-los novamente sem a necessidade de fazer novas buscas. Isso levanta a pergunta – até que ponto explicar como uma ferramenta digital funciona torna ela mais acessível?



Página “[Ajuda](#)” em *Cinema Context*. Acesso 20 ago. 2022.

Não é necessariamente difícil chegar às informações, mas me parece que há uma curva de aprendizado para se usar as ferramentas desse site. Quanto à comparação entre itens, por exemplo, acredito que os mecanismos de salvar pesquisas anteriores servem para ajudar, já que os resultados de buscas mais detalhados só podem ser vistos em itens individuais, e talvez isso dificulte pesquisas de interesse quantitativo. Talvez seja possível acessar uma tabela de informações no formato para *download*, ou gráficos, mas, mesmo

assim, esse parece um procedimento complexo de acesso a informações. Isso é um problema, se a ideia é tornar esses dados acessíveis para um público amplo, e não só a pesquisadores.

Cinema Bélgica



[Página inicial](#) do Cinema Bélgica, acessado em 18 jul. 2022.

Se *Cinema Context* é um modelo para sites que desejam criar bases de dados sobre a atividade cinematográfica, talvez sua influência seja mais óbvia no projeto [Cinema Bélgica](#).

A [plataforma foi desenvolvida](#) em conjunto pelas Universidades de Ghent, Antwerp e Amsterdam, e seus coordenadores são Daniël Biltreyst, Philippe Meers, Christophe Vervruggen, Dries Moreels, e Julia Noordegraaf. A [base de dados](#) é dividida nos mesmos itens que interessam ao *Cinema Context*: salas de cinema, programações, empresas e pessoas, filmes, certificados de censura. Isso não quer dizer que se trata de uma simples cópia do outro portal, o que se torna mais visível quando acessamos as plataformas de busca de cada categoria.

Para cada tipo de objeto a ser buscado, é imediatamente possível acessar uma lista de salas de cinema, ou programações, ou pessoas, (etc), sem a necessidade de fazer uma busca inicial, permitindo a navegação pelos itens listados. [A ferramenta de busca](#) funciona, portanto, como filtro do que aparecerá listado ao lado. É possível fazer buscas por palavra, divididas por categoria. Por exemplo, na página relativa a salas de cinemas, é possível pesquisar por nome da sala ou nome da rua onde elas existiram.

É possível escolher a cidade onde se quer fazer a busca, e um gráfico contabilizando quantas salas de cinema existiram no recorte selecionado, de 1879 a 2021. (O gráfico acompanha o recorte espacial selecionado). O gráfico é um filtro de pesquisa também, e podemos usar pontos na linha do tempo para determinar o período-recorte da busca. De forma similar a Cinema Context, a partir de resultados de pesquisa, como uma sala de cinema, ou um filme, é possível acessar links a outros conteúdos relacionados, como por exemplo programações dessas salas ou onde esse filme está listado.

The screenshot shows the 'Search venues' page on the Cinema CB BELGICA website. It includes search filters for Name, City, Street name, and Date. A bar chart shows the number of venues over time from 1879 to 2021. A table displays search results with columns for Name, City, Street name, Date opened, and Date closed.

Name	City	Street name	Date opened	Date closed
A. Platteeuw	Ieper	Menenssteenweg	19217	19217
ABC	Gent	Brabantdam 106	1970	2015
A.B.C.	Antwerpen	Annessensstraat 31	1948	1952
ABC	Brussel	Adolphe Maxlaan 149	1971	1985?
ABC	Eisene	Eiseneesteenweg 29	1937?	1950?
A.B.C.	Leuven	Vital Decosterstraat 49	1942?	1960?
A.B.C.	Schriek		1956?	1957?
ABC	Nieuwkerke		1957?	1957?

[Pesquisa em salas de cinema](#), Cinema Bélgica. Acesso 18 jul. 2022.

The screenshot shows an article titled 'Further Research' with a list of research topics and an image of a film advertisement for 'LES FILMS TALBA'.

Further Research

On Cinema Belgica there is much more to discover about Hollywood's distribution practices and strategies. Some interesting topics for further research are:

- Were there differences in the distribution strategies of major Hollywood companies like Fox, Warner, or Paramount in Belgium?
- How big was the film catalogue of these companies?
- Did US distributors sell European movies as well?
- Given the harsh Belgian post-war resentments towards Germany, when were German films first released in Belgium, and who had these pictures in their portfolio?
- What happened with the arrival of sound? Was sound a blessing for French companies, and do we see an increase of French-language movies and French distributors on the bilingual Belgian market? What about Belgian companies? And, of course, did Hollywood lose or increase its power?

Other Sources and Data

Researchers who are interested in the topic of film distribution and the dominance of Hollywood in Belgium and Europe, can also look at:

- [BelgicaPress](#): digitized Belgian historical newspapers of the

Les Films Talba Advertisement, 1932
This tiny Belgian company, Les Films Talba, still seems to distribute silent films in 1932. Talba was active on the Belgian film market between 1919 and 1934. Source: [Royal Belgian Film Archive](#).

Recorte de tela mostrando os tópicos de pesquisa posterior, bem como uma imagem do anúncio de uma empresa de distribuição, no artigo “[Como Hollywood conquistou a Bélgica após a Primeira Guerra Mundial](#)”, de Daniel Biltreyst. Acesso 18 jul. 2020.

As funcionalidades da plataforma parecem intuitivas, ao menos quando a comparamos com Cinema Context, e a possibilidade de navegar por todos os itens disponíveis, e filtrar os resultados a partir de ferramentas de busca simultaneamente, pode ser uma forma de dar liberdade ao usuário, de transitar entre uma navegação dispersa e a busca por perguntas específicas. A minha impressão de que é uma ferramenta intuitiva parece corroborada pelo fato de que ao invés de algum manual explicativo de como usar o site, Cinema Bélgica oferece uma [série de histórias](#) que contextualizam os diferentes tipos de informação disponíveis na base de dados. Supostamente, essas histórias servem para demonstrar o que é possível e o que não é, numa busca nessa base de dados, mas se esse é o caso, fico um pouco confusa, porque esses são quase artigos, resultados de pesquisas, e não necessariamente muito descritivos de seu processo de investigação.

Outra curiosidade que essas histórias me trazem, é que são todas ricas em imagens, de fotografias de salas de cinema, programações, [cartazes de filmes com anotações interativas](#), que saltam em gestos de *zoom* quando clicamos em setas sob o cartaz. Até onde consegui utilizar a plataforma de pesquisa, os resultados quando selecionamos algum item foram apenas textuais, mesmo se ricos em links que nos levam a vários outros itens na base de dados e permitem uma navegação muito fluida pelo conteúdo. Dá para imaginar como essa base de dados se transformou nas extensas tabelas da pesquisa de John Sedwick, "[Ida ao cinema e popularidade de filmes em Antwerp e Ghent, 1952](#)", mas essas imagens partem de buscas em outros arquivos? Ou há uma parte imagética na base de dados, e eu simplesmente não consegui acessá-la? Os artigos são resultados de pesquisa muito interessantes, mas se eles dizem como a plataforma pode ser utilizada, isso parece limitado a um gesto ilustrativo, acompanhado de uma série de perguntas que indicam como tópicos de pesquisa posterior, ao final de cada artigo.


Certamente, essas perguntas podem ser respondidas a partir dessa base de dados, mas também parecem interpretar que os usuários do site saberão automaticamente transformar essas perguntas em métodos de usar o portal como ferramenta de pesquisa. Talvez essa impressão de que esse gesto é necessário surja apenas de um contraste com os extensos manuais que existem em *Cinema Context*, que, afinal, para mim não tornou aquele portal mais acessível.

Cinematic Brno

MUNI Digitalia
ARTS Cinematic Brno

English
Čeština

Home Database Oral histories About Help Contact




Cinematic Brno

Documentation of movie exhibition history and cinema-goers' preferences in Brno, 1918-1945

The database offers researchers and those interested in the history of cinema a reconstruction of the programme of Brno cinemas in 1918-1945. They can also find information about the location of the cinemas, their capacity and the owners of the licences for their operation. The second part of the database offers transcripts of interviews with cinemagoers who frequently visited these cinemas before 1945.

54 cinemas
9 230 films
27 158 programmes
13 889 quotes



Year: 1930



Copyright

The Cinematic Brno [dataset], authored and created by Masaryk University, can be used in accordance with the following licence:

- copyright database rights: Creative Commons BY 4.0
- database rights: Creative Commons 0



How to cite the database:

Página inicial de [Cinematic Brno](#). Acesso 13 ago. 2022.

Influenciado por *Cinema Context*, até mesmo na apresentação de contadores de quantos itens há em cada tipo de conteúdo estão catalogados em sua página inicial, [Cinematic Brno](#) tem um recorte relativamente menos ambicioso, ao se focar na cidade de Brno, na República Checa, ao invés de um recorte com amplitude nacional. Há uma base de dados a respeito da programação dos cinemas da cidade, de 1918 a 1945, e uma segunda base de dados, onde estão disponíveis transcrições de entrevistas com pessoas que iam frequentemente ao cinema nesse período.

A primeira base de dados organiza informações a respeito de salas de cinema, programações, “números”, que é outra forma de acessar as programações, filmes, pessoas e organizações. A partir do menu principal, que dá acesso a esses itens, é possível ir a páginas onde os itens estão listados em ordem alfabética, com alguns filtros de pesquisa do lado esquerdo. Assim, é possível pesquisar [salas de cinema](#) a partir dos distritos em que ficavam, digitar seus nomes numa caixa de busca de palavras, e também selecionar um ano em uma linha do tempo, filtrando os cinemas que estavam em funcionamento naquele ano. Os [filmes](#) listados podem ser pesquisados por país de origem e ano de lançamento, bem como título, e as programações por sala de cinema a que se referem. Ao menos nessa base de dados, Cinematic Brno é muito similar à de Cinema Belgica.

Já as transcrições de entrevistas podem ser acessadas a partir de uma lista em ordem alfabética dos nomes dos [entrevistados](#), ou por [citações](#), que estão separadas por cinemas, filmes e pessoas mencionadas, bem como gênero, endereço, classe social, e outras características dos narradores. Também é possível filtrar essas citações a partir de palavras-chave, como: “cinemas favoritos”, “família”, “especificidades nacionais e culturais”, “assistir o mesmo filme repetidamente”, “funcionários do cinema”, etc.

Uma característica que me chamou a atenção nessa base de dados foi, em sua [página inicial](#), a presença de um mapa identificando todos os cinemas listados em determinada data. Há uma linha do tempo, onde pode ser selecionado o ano que determinará quais salas aparecerão no mapa. As salas estão identificadas por marcadores que não se diferenciam em categorias, e as únicas informações que aparecem quando clicamos nesses pinos são seus nomes e endereços. No entanto, esses marcadores levam a [páginas referentes às salas de cinema individuais](#), com informações como datas de funcionamento, lotação, pessoas e empresas, e fotografias de programações. Nas páginas relativas às salas, também é possível ver suas localizações em mapas.

Há na [página sobre o projeto](#), informações de como ele surgiu em 2008, sobre o financiamento e os pesquisadores envolvidos, no Departamento de Estudos Fílmicos e Cultura Audiovisual da Faculdade de Artes na *Masaryk University*. Destaco essa página, pois ali estão abertamente declarados tanto a influência de *Cinema Context*, quanto a falibilidade da base de dados: a plataforma avisa aos usuários que “alguns cinemas periféricos não anunciavam sua programação ou o faziam aleatoriamente, e dessa forma a reconstrução da programação está, nesses casos, cheia de buracos ou totalmente em falta.” (Tradução minha) Assim, a plataforma parece um pouco mais transparente sobre seu próprio surgimento e cuidadosa sobre a veracidade e completude das informações ali.

Existe a página [ajuda](#), um manual de como é possível utilizar a base de dados, navegando pelos resultados ou usando os filtros para facilitar a busca de resultados. Há explicações de como citar e fazer download da base de dados. Também há uma página de [contato](#), cujo título, *website feedback*, mira em comentários a respeito da ferramenta em si, admitindo que os usuários formarão opiniões sobre ela, e talvez supor que essas opiniões são pertinentes e poderiam resultar em novas formas do site se apresentar.

Portanto, *Cinematic Brno* admite a importância do contato com seus usuários, o que também parece não ser considerado tão importante em *Cinema Belgica*, onde a página de contato é também uma página de créditos dos pesquisadores e instituições envolvidas, ou *Cinema Context*, onde não encontrei um mecanismo de contato. Esse site não encoraja que o público forneça novas informações, o que poderia ser interessante, especialmente se estão interessados em memórias individuais de como era frequentar esses espaços, embora o recorte temporal (até 1945) torne difícil que os usuários possam contribuir.

Apesar de *Cinematic Brno* parecer, à primeira vista, muito semelhante aos dois sites que descrevi previamente, há uma diferença importante na segunda base de dados, de informações qualitativas, retiradas de entrevistas com membros da audiência. Isso é, em primeiro lugar, uma demonstração de que existem métodos diferentes e perguntas diferentes a se fazer quando falamos de história da exibição e ida ao cinema. Como o portal ressalta, as memórias registradas são mais úteis para pensar como era ir ao cinema para essas pessoas, enquanto a base de dados de quais filmes passaram, onde e quando, dá pistas sobre o mercado cinematográfico naquela região, os filmes mais populares, os perfis das salas, de que forma os filmes circulavam... Ao mesmo tempo a “repetição da fórmula” de *Cinema Context* pode fazer parte de um interesse em montar bases de dados semelhantes ao redor do mundo para que elas sejam comparáveis.

Também quis destacar esse site por alguns motivos: o recorte, uma cidade, parece colocar o projeto numa escala mais semelhante às que costumamos encontrar no Minas é Cinema, cujos projetos são divididos em cidades também, ao menos quando comparamos com outros projetos de mapeamento dos cinemas de um país inteiro. O outro motivo é que, da forma como o interpretei, esse *site* ao mesmo tempo: busca ferramentas de uso “mais intuitivo”, explica como usá-las, fornece diferentes formas de fazer pesquisas, está aberto a opiniões dos usuários a respeito das ferramentas disponíveis, e divulga um pouco de seu processo de construção e admite sua falibilidade. Talvez essa seja uma forma mais completa ou cuidadosa de pensar esse tipo de ferramenta digital. Destaco também o mapa

com registros das salas de cinema que existiram na cidade, que é afinal o que estamos tentando fazer aqui, e não existe nos dois últimos sites que descrevi.

Italian Cinema Audiences²⁷



Página inicial de [Italian Cinema Audiences](https://www.italiancinema.com/). Acesso jul. 2021.

[Italian Cinema Audiences](https://www.italiancinema.com/) é um projeto que tem em seu centro a coleta de memórias sobre a ida ao cinema na Itália, nas décadas de 1940 e 1950. É organizado por Daniela Treveri, da Universidade Oxford Brookes, Catherine O’Rawe, da Universidade de Bristol e Daielle Hipkins, da Universidade de Exeter, e financiado pelo *Arts and Humanities Research Council* (AHRC). No site [estão disponíveis](#) registros de memória de moradores de Roma falando de suas idas ao cinema, e diversos mapas ilustrando diferentes pesquisas sobre a ida ao cinema nessa cidade.

²⁷ É importante apontar que esse site, que funcionava normalmente enquanto eu escrevia para a qualificação, se tornou muito difícil de navegar um ano mais tarde quando escrevo para a defesa: avisos de erro me impedem de entrar no site através de links externos, e meu navegador vem bloqueando *downloads* enquanto tento navegar pelo portal. Por mais que isso pareça algum tipo de ataque virtual ao site, me faz pensar na fragilidade de objetos digitais, já que não é o único portal que não será possível acessar, dos que tanto me impressionaram como ferramentas de busca e divulgação de pesquisas, apenas um ano atrás. Neste trabalho, tentei não entrar no problema da preservação digital, já que o que proponho não faz jus a essas preocupações e se move na direção contrária de algumas recomendações de preservação digital: como Abby Smith (2004) sugere, quanto mais complexo e dependente de empresas de *software*, mais difícil é a preservação de um objeto digital. Diante desses casos, a necessidade de se preocupar com esse problema se torna evidente.

Nesse projeto chamam a atenção as opções de acesso participativo: na página [compartilhe suas memórias](#) há um formulário onde é possível escrever textos e enviar fotografias. É um formulário onde é necessário colocar informações de contato, o ano em que a pessoa nasceu, e em que cidade vivia na década de 1950, de forma que presumo que através de contatos posteriores, essas memórias podem se adequar ao formato como foram coletadas as memórias que constituem o corpo principal da pesquisa.

Essa não é a única forma de contato com o usuário do portal, no entanto: através do projeto *sharing memories across generations: a Historypin project* (compartilhando memórias através das gerações, um projeto *Historypin*, iniciativa que foi colocada em prática com alunos do ensino básico e idosos) é possível ter acesso a uma [plataforma](#) onde usuários podem fazer *upload* e mapear suas próprias memórias, localizando num mapa textos, arquivos de vídeos e fotografias.

Quanto ao projeto *Historypin*, vale a pena mencionar que é uma proposta ampla que envolve tentar ajudar a idosos a “romper a barreira digital”, os ensinando a utilizar o *software* GIS em questão, e que há uma busca em engajar tanto idosos quanto estudantes de 13 anos de idade, no registro dessas memórias (Dilbetudo, Culhane, Gennari, 2019). Esse esforço, mais tarde, resultou em muitos dos alunos que participaram do projeto o expandindo, entrevistando parentes e coletando fotos antigas para colocar na plataforma, de forma autônoma.

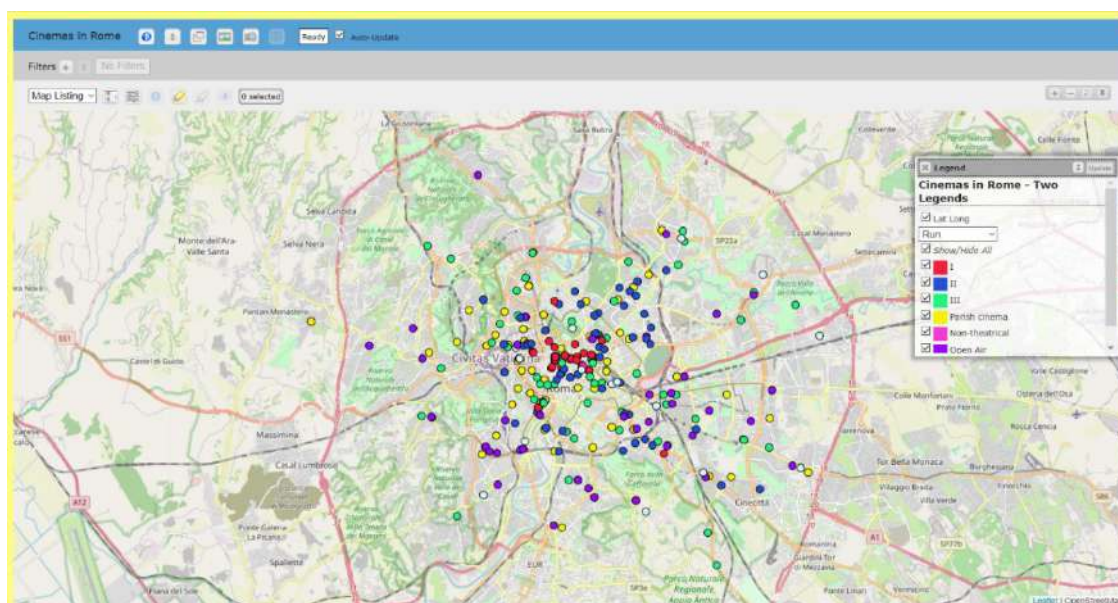
Mais tarde, foram realizadas pesquisas sobre as experiências dos usuários que participaram do projeto, e um [novo acervo de memórias coletadas de forma participativa](#) foi montado, a partir do que os usuários ressaltaram como partes importantes do projeto, e o que seria interessante e engajante existir nessa nova plataforma online, o [CineRicordi](#)²⁸. Acredito que essa tentativa de fato se aproxima de criar uma ferramenta de pesquisa de histórias de cinemas digital, ao mesmo tempo participativa na coleta de memórias e na sua construção, capaz de entender o que seus usuários desejam e responder a esses desejos.

O projeto *sharing memories* não é o destaque de *Italian Cinema Audiences*. Partindo desse *site*, ele é acessado através de um [link na parte do site que funciona como blog](#), onde são publicadas diversas notícias sobre os diferentes projetos e eventos associados com *Italian Cinema Audiences*. Há uma [página sobre a oficina](#), onde estão disponíveis alguns vídeos de diálogos em que essas memórias foram coletadas.

²⁸ Eu não consigo fazer uma análise separada de CineRicordi, que está em italiano, mas ele também é um lugar onde as memórias do cinema estão registradas através de um mapa interativo digital.

A minha interpretação é que o portal, enquanto serve como guarda-chuva para apresentar muitas pesquisas que tentam unir o uso de Sistemas de Informação Geográfica com a coleta de memória oral sobre cinema, parece ter como foco principal outro projeto de pesquisa, voltado para a centralidade da ida ao cinema na Itália do pós-guerra até o começo dos anos 1960. Outros projetos são mencionados, e associados ao grande esforço de mapear a memória das audiências italianas, mas desenvolvidos em outros endereços online.

Essa pesquisa que chamei de principal é um amplo projeto quantitativo (o preenchimento de 1000 formulários enviados para pessoas de 65 anos ou mais) e qualitativo (entrevistas em vídeo realizadas com 160 pessoas em diferentes cidades). Há uma tentativa de triangulação dessas memórias com programações e localizações das salas de cinema contextualizadas com dados demográficos mais amplos²⁹. Três tipos de mapa apresentados no site têm relação com essa pesquisa:



Visualização do mapa interativo de [salas de cinema de Roma](#). Acesso 15 ago. 2022.

O primeiro cataloga a [localização dos cinemas de Roma](#) que existiram na década de 1950. É um mapa interativo onde é possível clicar nas salas de cinemas e acessar informações a respeito delas: endereço, se eram lançadores, “de segunda”, “de terceira”³⁰, paroquiais, ao ar livre, institucionais ou não, número de assentos e companhias

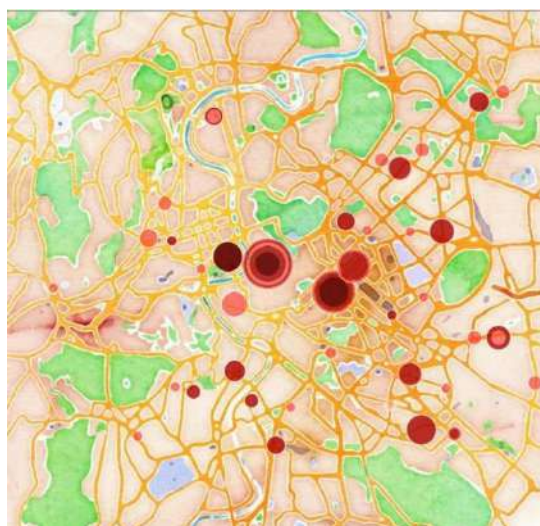
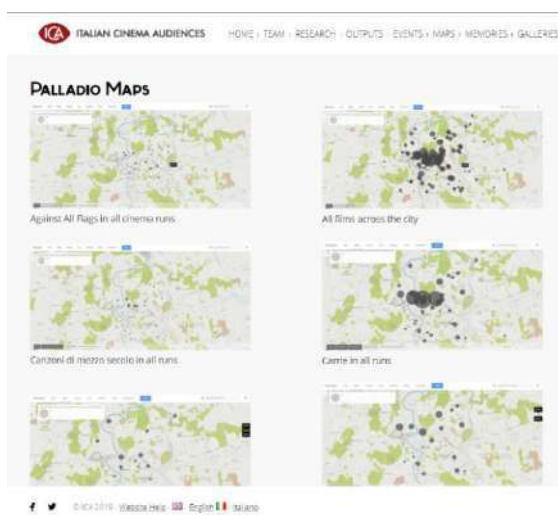
²⁹ Informações retiradas das páginas de [Introdução](#) e [Metodologia de Pesquisa](#). Acesso em 19 Jul. 2021.

³⁰ Minha tentativa de tradução dos termos *first*, *second* e *third run*. Essa divisão corresponde a graus de luxo, espera pela chegada de filmes em relação a seu lançamento, e algo mais intangível a respeito do comportamento da clientela, a partir das informações oferecidas pelos entrevistados.

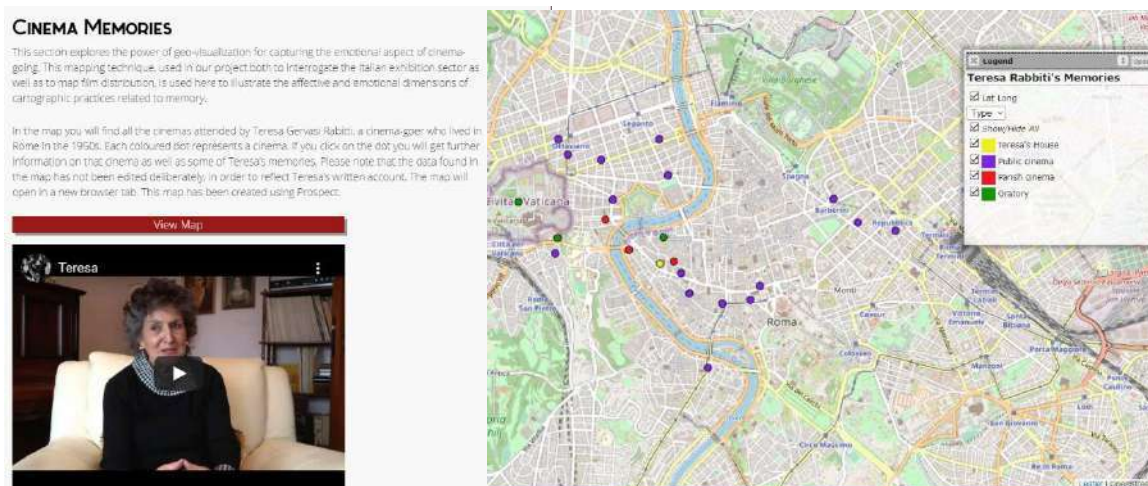
exibidoras, e se a programação é regular ou não. Também é possível exibir as salas comerciais no mapa de acordo com a quantidade de vezes que há troca de filmes.

Os outros dois tipos de mapa possuem interatividade mais limitada e parecem apenas ilustrar resultados de pesquisas, ao invés de funcionar como ferramentas de pesquisa em si. Numa exploração de que tipos de filmes eram acessíveis em diferentes vizinhanças de Roma, uma divisão dos filmes exibidos por nacionalidades (italiana, americana e outras nacionalidades), determina visualizações de acordo com a quantidade de dias que uma seleção de filmes foi exibida em cada sala de cinema. [Estão disponíveis](#) mapas estáticos representando a distribuição dos filmes de maior sucesso no ano de 1953, bem como animações das jornadas de alguns desses filmes pelas salas de cinema. É possível ver animações com uma seleção de três filmes, um americano, um italiano e outro inglês, que para os pesquisadores são representantes de suas categorias no que diz respeito à distribuição pelos cinemas de Roma naquele ano.

O terceiro tipo de mapa apresentado no site, “[memórias de cinemas](#)”, corresponde a uma ilustração das dimensões afetivas e emocionais que podem existir em práticas cartográficas relacionadas à memória, exibindo os cinemas frequentados pela entrevistada Teresa Rabbiti, juntamente com sua entrevista em vídeo.



[Mapas estáticos](#) e [animações](#) demonstrando a distribuição e tempo de exibição em diferentes salas de filmes específicos. O fundo estilizado na segunda imagem é uma entre diferentes opções de fundo para serem escolhidas nesse mapa interativo. Recortes de capturas de tela. Acesso jul. 2021.



Página [cinema memories](#) e o [mapa a que dá acesso](#), mostrando os cinemas frequentados pela entrevistada. Recortes de capturas de tela. Acesso jul. 2021.

O projeto gerou ainda muitos eventos e [publicações](#), e o site busca deixar isso visível através de [galerias](#) de fotos, e no já mencionado [blog](#), organizado por data, em que os eventos associados ao projeto estão registrados em textos e fotografias.

Como observado anteriormente, alguns dos mapas disponíveis nesse projeto (a jornada de alguns filmes pelas salas de cinema de Roma, os mapas afetivos de memória do cinema) possuem iteratividade limitada ou são imagens imóveis. Outros de forma oposta demonstram a jornada de um pequeno grupo de filmes através de animações que podem ter alguns parâmetros modificados pelo usuário. Outros demonstram mapas afetivos e pessoais da ida ao cinema. Acredito que esses mapas podem ser lidos como uma demonstração da força argumentativa dessas representações, e como exemplos do que esse grupo de pesquisa tem produzido, ao buscar diferentes formas de olhar para as informações que coletaram.

No entanto, a complexidade de formas de se aproximar do conteúdo do site pode torná-lo difícil de compreender a um primeiro momento, em comparação com os projetos baseados em *Cinema Context*, onde temos acesso a uma descrição de que itens existem em sua base de dados, a partir dos quais podemos fazer buscas. Não parece que as memórias da audiência aqui registradas passaram por tratamentos como as memórias coletadas em *Cinematic Brno*. Privilegiando a força da memória gravada em vídeo, em *Italian Cinema Audiences* é possível ver as pessoas entrevistadas, ouvi-las e notar detalhes que seriam elididos numa transcrição. Não há uma tentativa de organizar essas memórias em trechos voltados para assuntos específicos. Acredito que tudo isso é porque o *site* não se vê necessariamente como ferramenta de pesquisa.

O site já se apresenta com o subtítulo “um projeto de pesquisa colaborativo da ida ao cinema na Itália dos anos 1950”. A minha interpretação é que ele serve como divulgação de pesquisas. Nessa chave, podem se encaixar os mapas disponibilizados, que, embora possamos usar para pesquisar a ida ao cinema na Itália, estão ali também como demonstração de que diferentes argumentos levantados ao longo da pesquisa. Assim não é tão estranho que alguns projetos do grupo estejam disponíveis nesse site, e outros precisem ser acessados em outros endereços, que teriam outras funções. Esse seria o caso do projeto *Historypin*, com sua ambição pedagógica e mais explicitamente participativa.

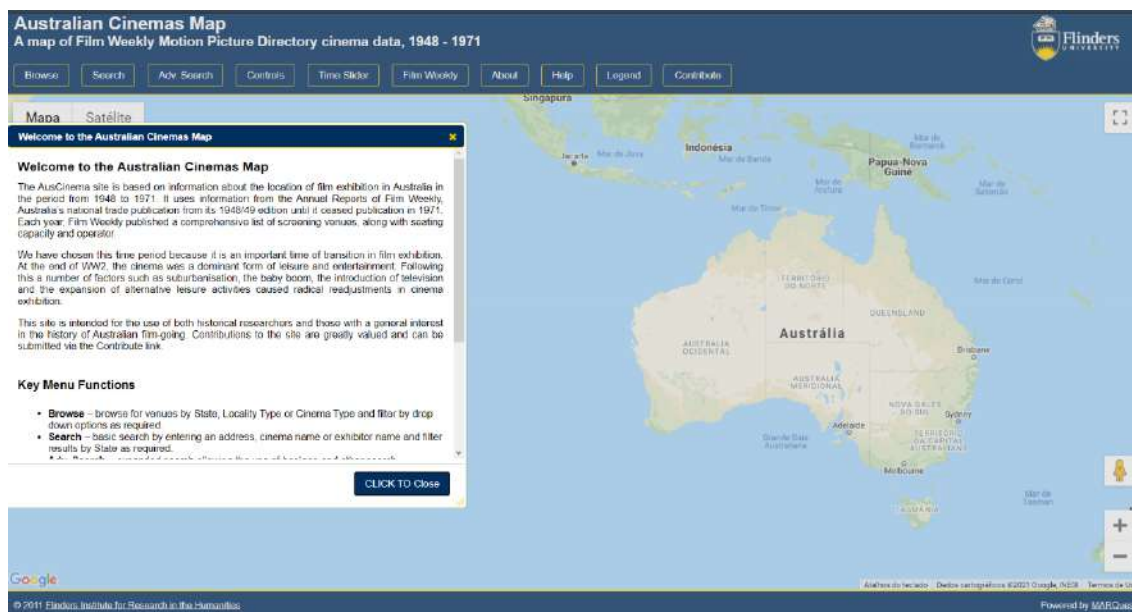
Esse site também parece estar pleno de lacunas, ao menos se comparado ao anúncio de que seu projeto é entrevistar pessoas de 8 lugares urbanos e 8 lugares rurais espalhados pela Itália, quando os registros de memórias em vídeo e os mapas construídos estão todos localizados em Roma. Eu me pergunto se essas lacunas estão aqui para indicar que o site ainda está em construção, afinal o Minas é Cinema adota um procedimento semelhante ao listar, às vezes, [cidades para as quais ainda não disponibilizamos conteúdo](#). Ao mesmo tempo, pode apenas não ser um objetivo desse portal disponibilizar essas informações, se ele não tem como objetivo principal ser uma ferramenta de busca.

Australian Cinemas Map³¹

A plataforma [Australian Cinemas Map](#) é um mapa dos espaços de exibição criado a partir de censos anuais da revista *Film Weekly*, de 1948 a 1971. Os relatórios dessa revista de negócios incluem os endereços, capacidade de assentos e operadores das salas de cinema em funcionamento naquele ano. No site, é possível navegar pelas salas de cinema de acordo com os territórios em que estão localizadas, e através de buscas por palavras. O mapa aparece inicialmente em branco, e é necessário fazer uma busca e adicionar as salas de cinema que aparecem no resultado ao mapa, para que elas sejam visíveis em suas localizações. Acredito que esse procedimento que dificulta a navegação. Há uma linha do tempo interativa (chamada ali de *time slider*) em que é possível exibir

³¹ Embora esse site esteja acessível atualmente (julho de 2022), ele parece estar passando por algum problema com o *software* de mapeamento, de forma que das vezes que o acessei durante a escrita dessa versão da pesquisa, o mapa não estava disponível. Como mencionei, esse é um de vários sites que listei em meu projeto de qualificação, que um ano mais tarde já não estão mais disponíveis online. Isso me faz pensar, novamente, que um projeto como esse necessita de manutenção constante, e mesmo assim é possível que pare de funcionar de forma repentina, por diversos motivos. Por isso acredito que, no caso do Minas é Cinema, é importante armazenarmos as informações listadas no mapa que criei em outros formatos. A nossa ideia é disponibilizar uma versão em lista ou tabela, na versão do site do Minas é Cinema que segue os protocolos de formatação da Ufjf. Mais do que simplesmente uma forma alternativa de ver essas informações, essa organização serviria como estratégia de guarda, caso o mapa deixe de funcionar.

as salas de cinema existentes em anos específicos, arrastando o cursor manualmente, ou assistir a uma animação das salas de cinema conforme abrem e fecham. As salas cinema são visualmente diferenciadas por tipo, salas de regiões comerciais centrais, suburbanas ou rurais exibidas em cores diferentes, e cinemas drive-in, itinerantes, ao ar livre, localizados em ambientes fechados ou mistos, representados por marcadores de formatos diferentes.



[Australian Cinemas Map](#), visão inicial ao acessar a página. Acesso em 22 jul. 2021.

Desenvolvido por um grupo de pesquisa chamado *Mapping the Movies* que inclui pesquisadores da Universidade de Flinders, Deakin, RMIT, a Universidade Nacional Australiana e a Universidade de Wollongong, esse é um projeto financiado pelo Conselho Australiano de Pesquisa (*Australian Research Council*). O site tem o objetivo de funcionar como uma ferramenta inicial de mapeamento, e não está associada a outras bases de dados ou publicações.

Acessamos diretamente o mapa ao abrir o site, e os elementos textuais presentes ali em geral contêm apenas explicações do que são e como utilizar os recursos interativos disponíveis. Eu não vejo um problema no acesso imediato ao mapa, mas acredito que seria interessante ter acesso a contextualizações sobre o mapa, seja sobre seu processo de criação, ou exemplos de pesquisas feitas a partir dele, uma vez que os textos aqui apresentados são breves e funcionam principalmente como manuais de como usar esse mapa como ferramenta de busca.

Contribute Cinema Information

Thank you for contributing to the Australian Cinemas Map.

Cinema details:

Cinema name:

Cinema ID: *Admin use only

Exhibitor name:

Seating capacity:

Cinema type:

Street address:

Suburb / town:

Postcode:

State:

Personal details:

Name:

Email:

Phone:

Preferred contact method:

Would you like to be contacted or complete an online form?
 Contacted Complete form

“[Contribua com informações de cinemas](#)”. *Australian Cinemas Map*. Acesso 18 jul. 2022.

O projeto possui ainda uma página “[contribua](#)”, que leva a um formulário onde é possível fornecer diversas informações sobre uma sala de cinema. Embora apenas o nome da sala de cinema seja uma informação obrigatória nesse formulário, categorias como “lotação” soam um pouco complexas de responder para alguém que está fornecendo informações a partir de sua memória. Existe, no entanto, uma opção nessa página de expressar o desejo de receber contato da equipe do *Australian Cinemas Map*, ao invés de preencher formulários.

Esse mapa cumpre a missão anunciada em sua página inicial, de mapear as informações sobre lugares de exibição de acordo com a *Film Weekly*. É injusto colocá-lo diante dos desejos expressos pelos pesquisadores envolvidos na sua criação em outras publicações, mas inicialmente me aproximei desse site após a leitura do artigo de Bowels (2014), que pode ser em grande parte uma reflexão crítica sobre a construção desse mapa as frustrações encontradas nesse processo.

No artigo, ela expressa uma necessidade de “mapeamento vernacular” e “compartilhamento da autoridade histórica”, de um projeto que está sempre “radicalmente incompleto”. A página “contribua” que descrevi aqui não parece capaz de responder a esse desejo. Não quero com isso dizer que ela não cumpre uma função como forma de permitir que o usuário entre em contato com os pesquisadores e ofereça algum tipo de informação, ou que há um discurso nesse site o defendendo como mapeamento participativo. É apenas naquele artigo que Bowels expressa um desejo de aproximar a

história do cinema a algo como o [Open Street Map](#), onde qualquer um pode contribuir com informações, a partir de um simples registro de usuário.

A criação de mapas participativos é mais complexa do que a simples adição de uma ferramenta de contato, como podemos ver a partir do exemplo do projeto *Historypin* de *Italian Cinema Audiences*. Não estou falando apenas em termos de como programar esse tipo de *software*, o que de fato representa um fator de dificuldade que vai muito além do necessário para um projeto de localizar no mapa um censo de sala de cinemas. A ideia de mapeamento comunitário ou participativo inclui a necessidade de membros da comunidade que desejamos envolver saberem criar ou modificar esses mapas eles mesmos, de contribuir nas decisões de que informações usar, como representá-las e do que fazer com elas depois que publicadas no mapa (IFAD, 2009).

Realmente, como Bowels escreveu, se queremos saber como eram as decisões individuais e as experiências individuais do ato cultural de ir ao cinema, não basta saber onde eram os cinemas, e esse tipo de mapeamento onde podemos contribuir com nossas memórias deve ser mais útil para responder a essa pergunta do que os extensos projetos de catalogação de programações que existem atualmente. (É claro, esses projetos respondem a outros tipos de pergunta).

Australian Cinemas Map não afirma ser um projeto participativo, mas me faz pensar que esses formulários para contribuição do usuário não dividem a autoridade do site, além de permitirem uma contribuição um tanto limitada. O contraste entre essa ferramenta de mapeamento digital e uma ferramenta como o *Historypin* torna mais claro para mim que falar de uma “história feita por baixo”, ou de uma história vernacular do cinema, não está resolvido simplesmente porque temos como objeto a ida ao cinema, ou porque colocamos essa história em mapas ou na internet.

Going to the Show

Novamente, estou falando aqui de um site que já não posso mais acessar. No caso de *Going to the show*, o portal utilizava a tecnologia *Flash*, descontinuada pela Adobe em 2020, e cujo funcionamento foi bloqueado no início de 2021. Essa tecnologia já estava indisponível quando escrevi a primeira versão desse trabalho, de forma que não era possível acessar os mapas e ferramentas de pesquisa, mas o portal do projeto ainda não estava fora do ar, como está atualmente.

Mapping Moviegoing in North Carolina

Going to the Show documents and illuminates the experience of movies and moviegoing in North Carolina from the introduction of projected motion pictures (1896) to the end of the silent film era (circa 1930).

Through its innovative use of more than 750 Sanborn® Fire Insurance maps of forty-five towns and cities between 1896 and 1922, the project situates early moviegoing within the experience of urban life in the state's big cities and small towns. It highlights the ways that race conditioned the experience of moviegoing for all North Carolinians- white, African American, and American Indian. Its collection inventories every known N.C. African American movie theater in operation between 1908 and 1963.

Supporting its documentation of more than 1300 movie venues across 200 communities is a searchable archive of thousands of contemporaneous artifacts: newspaper ads and articles, photographs, postcards, city directories, and 150 original architectural drawings.

Special features of Going to the Show include an in-depth case study of moviegoing in Wilmington, North Carolina, that

- recovers the [experience](#) of attending one of the state's earliest movie theaters in 1906-07
- reveals the [economics](#) of a store-front theater (the Joyland) in 1910
- profiles every known [movie venue](#) operating in the city from 1897 to 1950
- recreates an [illustrated song](#) performed at the Joyland in 1910

Movie theater architecture in the South is documented through the plans for 23 theaters designed by [Erie Stillwell](#). Five extensive lesson plans have been developed to encourage teachers to use Going to the Show as a resource for teaching social and cultural history.

Extensive historical commentaries by noted film historian, Robert C. Allen, supply context and background.

Going to the Show is made possible by the Institute of Museum and Library Services under the provisions of the Library Services and Technology Act as administered by the [State Library of North Carolina](#). Professor Allen's participation in the project was supported by the [National Endowment for the Humanities](#), through its Digital Humanities Fellowship Program.

Any views, findings, conclusions, or recommendations expressed in this web site do not necessarily reflect those of the National Endowment for the Humanities.



"Movies 'Over the Waves' at Lumina Theatre, Wrightsville Beach, Wilmington, N.C., 1931" in Durwood Barbour Collection of North Carolina Postcards (P077), North Carolina Collection Photographic Archives, Wilson Library, UNC-Chapel Hill.

city:

Página inicial de *Going to the Show*. Acesso: 27 Jul. 2021.

Eu quis listá-lo, por mais que partisse de minha memória de como era navegar por ele. Pensei que tentar entender esse site como referência era importante, pois me lembrava que havia ali mapas das salas de cinema da Carolina do Norte, [separados por cidades](#), sobrepostos por mapas históricos de diferentes períodos, e ainda linhas do tempo do funcionamento de salas de cinema em algumas cidades. Além do exemplo prático que parecia com o que estava imaginando para o Minas é Cinema, o que Allen escreveu a partir das ferramentas desenvolvidas nesse site (2006) foram referências teóricas dessa pesquisa, de como se estuda histórias da ida ao cinema com mapas digitais. Esse é, portanto, um trecho estranho, já que descrevo um site, ferramentas e um acervo que não podem ser acessados³².

³² Não encontrei informações se esse acervo ainda existe, ou se esse site pode ser disponibilizado novamente, com outros *softwares* de exibição de mídia. É possível [acessar "capturas" desse site](#) na [Wayback](#)

Este projeto descrevia a experiência de ir ao cinema na Carolina do Norte, Estados Unidos, e um de seus [interesses principais](#) era entender essas salas de cinema não só como espaço de choque entre cultura popular nacional e normas locais, mas também como espaços racializados, contestáveis, num sul dos Estados Unidos racialmente dividido até meados da década de 1960. O projeto foi [encampado](#) por um grupo de pesquisadores e alunos da Universidade da Carolina do norte em Chapel Hill, orientado por Robert C. Allen, com a colaboração de diversos museus, bibliotecas e pesquisadores locais. Como [fontes principais](#), integrava mapas históricos feitos pela empresa de seguros de incêndio Sanborn, jornais e cartões postais digitalizados. Acredito que era possível acessar digitalizações de materiais de arquivo, aproximando *Going to the Show* mais de um acervo como a Biblioteca Nacional Digital, do que a propostas como a de *Cinema Context*, onde as buscas dão acesso a transcrições de informações presentes nos materiais de arquivo que foram usados para montar a base de dados.

Era possível pesquisar de duas formas: a [pesquisa avançada](#) era uma busca por palavra, e dava acesso a desenhos arquitetônicos, ilustrações, artigos e anúncios de jornal, mapas, pessoas, salas de cinema, postais, entre outros possíveis resultados. Era possível filtrar esses resultados por localidade e data, e no caso das salas de cinema, por política racial. A [interface de mapas](#), central para *Going to the Show*, funcionava em sobreposição com *plugin* do *Google Maps*, no [interesse](#) de tornar o contato com a interface mais simples para os usuários, supondo que já teriam experiência com esse tipo de interface. Também influenciou a decisão, que detalhes da programação desse *software* estão bem-documentados para os desenvolvedores, e há uma ampla e aberta base de dados geográficos, de imagens de satélite a mapas de arruamento frequentemente atualizados.

A ferramenta do mapa histórico, por mais que utilizasse o *Google Maps* como base, não era necessariamente intuitiva, ao menos pelo que me lembro de tentar usá-la. Ela contava com um [manual](#) de como usá-la, onde uma imagem da ferramenta tinha seus diversos mecanismos de interação explicados e apontados por setas. Também havia um [manual](#) explicando como usar a ferramenta “pesquisa avançada” para acessar a base de dados. Não posso atualmente conferir como funcionava essa interface, ou como os resultados eram apresentados.

Machine do [Internet Archive](#), e ver algo de sua estrutura, mas as interfaces nas quais estou interessada, como o [mapa](#) ou a [linha do tempo](#) interativa, não funcionam nesses instantâneos. Também não é possível acessar o acervo em si através desse mecanismo. Os links disponíveis aqui levam a essas capturas do Internet Archive.

Em *Going to the Show* existia uma lista de cidades mapeadas, mas também era possível navegar a partir de um mapa de todo o estado. Uma barra lateral acompanhava o mapa, onde era possível selecionar por data mapas da empresa de seguros de incêndio para sobrepor, e mudar a opacidade desse mapa em relação à imagem de satélite, bem como acrescentar ou não o arruamento atual, e escolher visualizar salas de cinema para cada cidade nesse mapa. A passagem temporal também estava visível nos ícones representando as salas, que mudavam de cor, marcando se estavam funcionando ou não no período selecionado.

A coleção era hospedada em [Documenting the American South](#), reunião de acervos e publicação de objetos digitais feita com o apoio da [UNC University Libraries](#). A ligação com a universidade e com instituições locais de ensino e pesquisa era enriquecida por [planos de aulas](#)³³ desenvolvidos para encorajar o uso da plataforma *Going to the Show* para ensinar história cultural e social. Também existiam na plataforma alguns artigos, textos usados para [justificar](#), contextualizar e demonstrar os usos da coleção digital e as fontes disponíveis ali.

Dentre os conteúdos disponíveis havia, ainda, uma [linha do tempo](#) interativa das salas de cinema da cidade de Wilmington, onde clicando nas barras que representavam as salas, era possível acessar descrições mais completas desses espaços em outras páginas. Dentre outros materiais em destaque, era possível acessar também um registro da [receita diária](#) de uma sala de cinema que funcionou de 1910 a 1911, uma recriação de uma “[música ilustrada](#)” que era apresentada nessa sala de cinema, e um [estudo da arquitetura das salas de cinema](#) projetadas por Erlie Stilwell.

Mesmo que não seja mais possível acessar as funções desse projeto, a diversidade de formas de chegar ao conteúdo criado ali pode indicar que havia um interesse em explorar as fontes através de suas particularidades: os mapas da companhia de incêndio sobrepostos a mapas de satélite, o registro da receita da sala de cinema em uma página dedicada a ele, uma tentativa de recriar um evento que era projetado e cantado ao vivo, com tecnologias atuais, etc.

Levantei em momento anterior a advertência de Jessen (2004) de que muitas vezes ao construir ferramentas digitais para lidar com temas de humanidades, tentamos forçar materiais a se encaixar em um molde de representação pensado a priori, ou que parecem “legais”, sem pensar se isso é útil para as perguntas e as pesquisas que se deseja fazer.

³³ Ainda disponíveis atualmente, na plataforma *Docsouth*.

Acredito que *Goingo to the Show* faz o oposto. Parece que o site foi construído a partir das possibilidades enxergadas nas fontes, e as tecnologias desenvolvidas para tentar dar conta delas.

Foram pensadas muitas formas de interagir com esse conteúdo, não apenas na tentativa de fornecer uma ferramenta de pesquisa, mas também como uma apresentação dos resultados de uma pesquisa. Além de atuar nessas duas frentes, acredito que há um interesse pedagógico que pode ser visto na disponibilização de planos de aulas.

Em *Going to the Show*, há também muitos textos descrevendo o processo de construção do acervo, as fontes disponíveis, onde foram encontradas, exemplificando como usá-las para contar histórias, como usá-las a partir das ferramentas digitais. Havia também uma lista de museus locais e pesquisadores que ajudaram nesse projeto, e não apenas dos membros da universidade que trabalharam ali. Acho que esse site demonstra um compromisso com uma construção da história local. Ele me faz pensar em compromissos semelhantes do Minas é Cinema, quando aponta instituições e coleções onde existem informações sobre atividades cinematográficas, nas cidades listadas, quando tenta oferecer contrapartidas aos colecionadores e instituições com quem trabalhamos.

Mapping Movies



[Página inicial](#) do *Mapping Movies*. Acesso: 25 jul. 2022.

[Mapping Movies](#) tem em seu centro um mapa digital interativo onde é possível sobrepor camadas de informação, e defende o mapeamento como processo aberto de pesquisa e aprendizado da história da ida ao cinema. É um espaço criado por Jeffrey Klenotic. Há no site um [pedido](#) para que, caso o usuário deseje enviar dados, ou fazer parte do projeto como pesquisador, entre em contato. Esse site também funciona como um [portfólio](#) do trabalho de Jeffrey Klenotic.

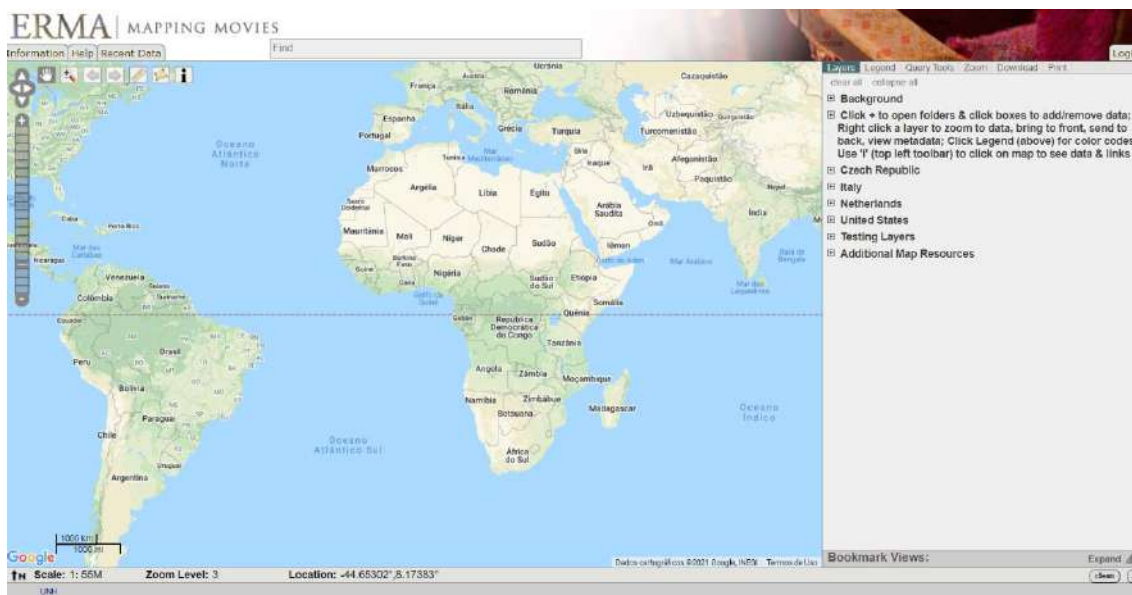
Isso é, o Mapping Movies se apresenta em sua página inicial como um projeto de pesquisa, com o interesse em defender que onde vemos filmes importa. Mas seu funcionamento como portfólio pessoal se torna aparente em páginas como a “[Visualizações](#)”, onde Klenotic escreve em primeira pessoa e apresenta alguns de seus projetos de pesquisa e mapas estáticos e animados em que explica pensamentos desenvolvidos nesses processos de pesquisa. No site também estão disponíveis links para [publicações](#) e [apresentações orais](#) de Klenotic, e uma breve descrição do [tour organizado por seus alunos](#) na Universidade de New Hampshire. Acredito que seria importante o site se colocar abertamente como portfólio, ou de outra forma, que seria importante que registrassem ali publicações e apresentações de outros membros do grupo de pesquisa.

Na página “[Mapeamento Profundo](#)”, Klenotic defende alguns conceitos que considera importantes para o tipo de mapa histórico que está criando, de pesquisa feita a longo prazo, e de mapas como uma oportunidade de se perder e encontrar mais lacunas e perguntas do que respostas. A página se constrói como se acompanhando uma viagem pelo interior dos Estados Unidos, uma reunião de “descobertas ao acaso”, de uma narrativa que se pergunta se isso pode ser considerado história. Além dessas páginas, estão também disponíveis páginas organizadas por data de publicação, como num blog, onde Klenotic escreve novidades de suas produções, de seus alunos, e atualizações aos mapas interativos.

Ao contrário de um site como [Australian Cinemas Map](#), ou [Cinematic Brno](#), aqui não se chega imediatamente ao mapa: é necessário estar na página do tópico [Interactive Maps](#), e nessa página é preciso clicar numa imagem do mapa para [chegar a ele](#). Além disso, o site possui grandes cabeçalhos imagéticos que ocupam o espaço da tela inteira, sendo necessário rolar para baixo para chegar ao conteúdo, o que causa certo estranhamento nos primeiros contatos.

Não acredito que há um problema na necessidade de passar por alguns procedimentos para chegar ao mapa em si, em sites como [Italian Cinema Audiences](#), que possuem muitos tipos de conteúdo, além de usar diversos softwares de mapeamento

diferentes, que não necessariamente podem ser todos importados para o portal. Talvez em *Mapping Movies*, também não seja possível importar o mapa para o portal, ao menos o *software* usado, Erma, parece ter uma grande complexidade de funções e processar uma grande quantidade de dados. No entanto, esse mapa interativo é o centro ao redor do qual todas as narrativas, argumentações e portfólios apresentados por Klenotic se desenvolvem, e acredito que seria interessante acessá-lo de forma mais central no blog também.



Interface do [mapa interativo](#), sem acréscimo de camadas. Acesso 25 jul. 2022.

Quanto ao [mapa interativo](#) em si: ali estão disponíveis mapas de salas de cinema dos Estados Unidos na década de 1910, todas as salas de cinema conhecidas na cidade de Springfield, Massachusetts, até 1942, e do estado de New Hampshire até esse mesmo ano. Há um mapa de onde atuaram mulheres exibidoras de 1900 a 1930, e um mapa acompanhando a estreia do filme *Quo Vadis* nos Estados Unidos. Várias outras camadas de mapas estão disponíveis para o cruzamento de dados: informações de gênero, imigração e números populacionais do censo de 1910, mapas históricos de transporte, entre outros.

Além disso, estão disponíveis camadas com cinemas de Roma na década de 1950, vindos do projeto [Italian Cinema Audiences](#), de cinemas de Brno na década de 1930, levantados pelo projeto [Cinematic Brno](#), e dos cinemas holandeses, do projeto [Cinema Context](#). Esse mapa possui muitas funcionalidades, é possível gerar janelas com informações sobre os itens representados, e existem camadas associadas a links, vídeos,

fotografias e arquivos PDF. É possível fazer buscas por nome de localização geográfica, fazer buscas desenhando polígonos no mapa, e exportar bases de dados a respeito dos locais selecionados, que podem ser exportadas em vários formatos.

Os itens não são imediatamente visíveis ao acessar o mapa e as camadas precisam ser adicionadas para que apareçam no mapeamento. Também é possível acessar legendas sobre os marcadores adicionados ao mapa, e pequenos tutoriais de como usar as ferramentas de pesquisa disponíveis ali. Também é possível fazer download das camadas para aplicar em outros programas de geoprocessamento, ou salvar para impressão.

Há algo de não-justificado na seleção de informações que podem ser acessadas pelo mapa, e as camadas parecem vir de pesquisas totalmente diferentes entre si (mulheres exibidoras, estreias de *Quo Vadis*, etc). Certamente, há artigos sobre essas pesquisas em outros lugares no portal, o que é uma justificativa de sua existência, mas mesmo se esse mapa se pretende ferramenta de pesquisa ampla e prevê que eternamente se adicione novas informações, não seria importante uma linha para guiar o que será adicionado ao mapa?

Um pouco mais estranhas parecem algumas ferramentas de pesquisa disponíveis, como a do serviço IPaC de peixes e vida silvestre, que provê informações a respeito de espécies ameaçadas nos Estados Unidos e medidas de conservação ambiental recomendadas, em um polígono selecionado no mapa.

Esse site, portanto, parece desejar agregar tudo em uma mesma interface, o que está presente desde a mistura entre projeto de pesquisa e portfólio. Esse gesto talvez seja reflexo do desejo de produzir uma macro-história comparativa da exibição cinematográfica, somando dados de projetos de pesquisa que foram desenvolvidos em lugares diferentes e com objetivos distantes. Esse mapa ainda permite dar zoom e interagir com as informações disponíveis individualmente, e selecionar que camadas de informação deseja-se sobrepor ou não. Supostamente, é possível usar esse mapa para fazer perguntas particulares, mas também para pensar ideias mais amplas. Essa parece ser uma aplicação diferente do desejo de fazer uma história global da ida ao cinema a partir da agregação de projetos desenvolvidos por diferentes instituições ao redor do mundo, presente na página de [projetos da HoMER Network](#).

Ao mesmo tempo, não acredito que há um esforço tão voltado para seguir esse projeto de macro-história: não podemos falar de história global com informações sobre os Estados Unidos e algumas cidades pontuais na Europa, ou quando os projetos disponibilizados não são compatíveis entre si, com recortes de datas e lugares diferentes,

e com listagens de diferentes tipos de informações consideradas relevantes, sem qualquer padronização entre eles.

Cada projeto é representado por uma camada diferente nesse mapa, mas faria mais sentido pensar em cada camada como mapas diferentes. Além disso, o mapa se torna um tanto confuso quando muitas delas são sobrepostas. Poder colocar, um em cima do outro, dados de diferentes pesquisas e buscar conexões e entre elas é um gesto importante, mas a possibilidade de comparação entre os projetos organizados aqui parece, por enquanto, um exagero.

Ver as informações que parecem isoladas, vindas de outros projetos de pesquisa, como por exemplo do [Cinema Context](#), nesse mapa, ainda é, no entanto, uma forma diferente de ver essas informações, do que é possível nos portais onde essas pesquisas estão disponíveis. Por exemplo, no site do *Cinema Context*, não é possível ver as localizações de mais de uma sala de cinema ao mesmo tempo, o que pode ser feito aqui.

Coleção Preciosa

A [Coleção Preciosa](#) parte de um projeto de catalogação, digitalização e exposição on-line do [Acervo Willi Flick](#), uma coleção pessoal, composta de recortes de películas de projeção, cartazes, pôsteres, panfletos de cinemas de Vitória da Conquista, recortes de jornais, revistas, entre outros materiais. Também na Coleção Preciosa, os itens estão separados de acordo com o tipo de material. Essa coleção foi a referência apontada por nossa orientadora, Alessandra Brum quando decidimos criar um novo site para o Minas é Cinema, que nos parecia bonito, organizado, e possível de reproduzir, especialmente quando consideramos como lidar com os documentos que digitalizamos.

Ali há uma sessão chamada “cinemas antigos”, onde estão digitalizados alguns panfletos de programação de cinemas de Vitória da Conquista. Esses panfletos estão digitalizados e disponibilizados de acordo com a sala de cinema a que se referem, com exceção dos que foram organizados por Willi Flick em um álbum, que foi mantido em sua coesão original. Não é um mapeamento dos espaços de exibição, mas é o começo de um registro de quais filmes passaram onde. Se vamos comparar com as iniciativas do Minas é Cinema, é mais fácil aproximá-la da [Coleção Waltencir Parizi](#), programações dos cinemas da Companhia Central de Exibições, do que do nosso mapa de espaços de exibição. No entanto, esse levantamento de programações de salas de cinema é um dos

passos necessários se há o desejo de criar uma base de dados da exibição como a que existe em [Cinema Context](#).



CINEMAS ANTIGOS

No acervo, constam panfletos avulsos com programações de cinemas antigos de Vitória da Conquista, entre os anos de 1962 e 1994, de nacionais e Internacionais. O material refere-se, sobretudo, ao Cine Teatro Glória (44 panfletos*, com data entre 1962 e 1982) e ao Cine Madrigal (24 panfletos*, com data entre 1992 e 1994), sendo alguns poucos do Cine Trianon, Cine Riviera, Cine Teatro Conquista e Cine Ritz, além do Cine Jequié e Cine Itambé, destas respectivas cidades.

A equipe de pesquisadores catalogou todos os panfletos, disponibilizando em planilha as seguintes informações para cada um deles: Número (atribuído pelo pesquisador), Cinema, Cidade, Data, Filme do dia, Dimensões (altura x largura), Horário, Produtora/Distribuidora, Outro filme (matinée), Filmes na semana, Valor, Tecnologia (cor/projeção), Observações (do pesquisador) e Número de cópias (do panfleto). Na catalogação, a identificação dos panfletos se dá com as seguintes informações: COLEÇÃO – TIPO DO DOCUMENTO – IDIOMA – CINEMA – ANO – NÚMERO. São comuns a todos os itens a Coleção Preciosa (Código CP), o Tipo do Documento (Código PFT) e o Idioma (BRA), variando, a cada item ou grupo de itens, o Cinema, o Ano e o Número.

Além dos panfletos avulsos, há um álbum de colagens de 182 panfletos de programações de cinemas antigos de Vitória da Conquista, especialmente Cine Teatro Glória e Cine Madrigal, entre os anos de 1962 e 1989, e alguns poucos do Cine Ritz, Cine Teatro Conquista, além do Cine Teatro Itambé e do Cine Teatro Brumado, destas respectivas cidades. Para o álbum, foi elaborada uma ficha com as seguintes informações: Descrição específica; Identificação; Autor; Número do álbum; Ano da coleção e recoleção; Número de páginas preenchidas; Número de folhas; Dimensão da capa; e Características físicas. Além disso, foi elaborada planilha com as seguintes informações dos itens do álbum: Número da página; Cinema, Cidade, Data, Filme do dia, Estúdio/Distribuidora/Produtora, Horário, Tecnologia (cor/projeção), Outro filme (matinée), Filmes na semana, Valor e Anotações do colecionador. Na catalogação, a identificação do álbum se dá com as seguintes informações: COLEÇÃO – CATEGORIA – TIPO – IDIOMA – ANO – NÚMERO.

Também compõem o acervo como material de cinema antigo de Vitória da Conquista 17 programas cinematográficos do Cine Madrigal, do ano de 1981. A planilha referente a essas informações inclui: Número (atribuído pelo pesquisador), Número do Documento, Horário, Número de

[Coleção Preciosa: cinemas antigos](#). Na imagem, podemos ver um texto explicando como essa parte da coleção foi catalogada. Acesso 15 jul. 2022.



CINEMAS ANTIGOS

ÁLBUM DE PANFLETOS

CINE MADRIGAL

CINE TEATRO CONQUISTA

MATERIAIS DIVERSOS

TEATRO GLÓRIA

ESPECTACULAR!
CINE TEATRO GLÓRIA

HOJE - MONDIAI DE 1962 - HOJE

A mais espetacular fantasia Árabe filmada em glorioso TECHNICOLOR!

O LADRÃO DE BAGDAD
com Sabu

MEU REINO, MINHA VIDA

SPARIACUS

“[Álbum de Panfletos](#)”. A forma como algumas programações de cinemas são exibidas na Coleção Preciosa. Acesso 20 jul. 2022.

Essas programações foram digitalizadas e podem ser acessadas através de imagens e [apresentações de slides](#). À primeira vista, não parece possível pesquisar pelas informações digitalizadas, quando essas programações são exibidas como imagens: Não é possível digitar o nome de um filme ou de uma sala de cinema e saber onde ele passou,

ou que programas foram registrados para aquela sala. No entanto, todas essas informações foram catalogadas, e podem ser acessadas, através da página “[Catalogação](#)”, que leva a diversos documentos de planilha do *Google*, onde é possível fazer pesquisas consultando o texto manualmente ou usando um recurso de encontrar palavras de um *software* de edição de documentos. É uma solução diferente da oferecida pelos sites que possuem bases de dados integradas a eles e ferramentas para acessá-las dessa forma, e por mais que não seja a solução mais elegante, torna muitas informações possíveis de pesquisar na base de dados.

Nº da Página	Cinema	Cidade	Data	Filme do Dia	Estúdio/Distribuidora/Pro	Horário	Tecnologia (Co	Outro Filme (M	Filmes na Semana	Valor
1	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	11/03/1962	"Neu Reino, Minha Vid	Organização Rank	17h, 19h, 21h	Technicolor	"Turbilhão de Sa	Terça: O Circo dos Horri	Inteira: 40,00 / Mei
2	Cine Glória	Vitória da Conqu	18/03/1962	"O Ladrão de Bagdad"	British Films	14h, 17h, 19h e 21h	Technicolor		Terça: Rastro do Ódio; Quinta: Verdade que	
3	Cine-Teatro Con	Vitória da Conqu	01/04/1962	"Tarzan o Filho das Sel Mltro	Goldwyn Mayer	10h (Matinée), 14h (Série)	Technicolor	"Na Matinée aco	Terça: Cristina; Quarta: Cibi Ouro MeMto; F	
4	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	01/04/1962	"Eles não Voltaram"	CElestial Films S/A	17h, 19h, 21h		"Na lônia de um; Terça: O Gigante do Celto; Quinta: A Viagem		
5	Cine-Teatro Con	Vitória da Conqu	08/04/1962	"Escuta Minha Canção	Condor Films	14h, 17h, 19h e 21h		"Na Matinée aco; Terça: O Rei dos Mágicos; Quarta: Zarak; Q		
6	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	08/04/1962	"Novas de Vampiro"	Universal-International	14h, 17h, 19h, 21h	Technicolor		Terça: Mensalina, a Vênus Impenal; Quinta:	
7	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	15/04/1962	"A morte vem do Kilma	Columbia Pictures	17h, 19h, 21h	Cinemascope/Te	"Matar é meu de; Terça: Sinfonia Interrompida; Quarta: Casca		
8	Cine-Teatro Con	Vitória da Conqu	15/04/1962	"O Gigante de Maraton	Metro Goldwyn Mayer	14h, 17h, 19h e 21h	Cinemascope/Technicolor		Terça: A lenda do Amor; Quarta: Dois Desti	
9	Cine-Teatro Con	Vitória da Conqu	20/01/1962	"Madiste na Terra dos	Condor Films	14h, 16h45, 19h e 21h15	Cinemascope/Technicolor		Quarta: Fúria do um Condenado; Quinta: O	
10	Cine Teatro Con	Vitória da Conqu	27/01/1962	"Murmuro do Rio Fuch	Iglu Films	14h, 17h e 20h	Cinemascope/Technicolor		Terça: Um Rato de Luz; Quarta: Fúria do Ve	
11	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	20/04/1962	"A Grande Cruzada"	Art Films	13h30, 15h30, 17h30, 19h3	Supercinemascope/Eastmancolor			
12	Cine T. Itambé	Itambé	12/04/1962	"A Grande Cruzada"	Art Films	17h, 19h, 21h	Supercinemascope/Eastmancolor		Domingo: A Estrela Vazia; Terça: A Vingança	
13	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	23/09/1962	"Os Banqueiros do Volg	Art Films	17h, 19h, 21h	Totalscope/East	"O Diabo Branco; Terça: O Vento não sabe ler; Quarta: Porto		
14	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	28/10/1962	"A Revolta dos Escrav	United Artists	14h, 17h, 19h, 21h		Quarta: Madriava; Quinta: Pequeno por Fo		
15	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	07/10/1962	"Os Três Cangaceiros"	Sino Films / Herbert Ruche	14h, 17h, 19h, 21h		Quarta: Maldição do Demônio; Quinta: Ving		
16	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	14/10/1962	"A Escrava de Roma"	Art Films	14h, 17h, 19h, 21h	Eastmancolor/Totalscope		Quarta: Com a Mão na Massa; (Nacional); C	
17	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	21/10/1962	"Mulheres Chegues"	(N Sino Films / Herbert Ruche	14h, 17h, 19h, 21h		Quarta: O homem que enganou o mundo; C		
18	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	04/11/1962	"Aladin e a Lâmpada f	Pelmex	14h, 17h, 19h, 21h	MexiScope/Eastmancolor		Terça: Mercado pelo Destino; Quarta: Horas	
19	Cine Teatro Itam	Itambé	17/11/1962	"Não me Esqueças"	Art Films	20h	Eastmancolor		Domingo: Com o Dado no Galinho; Terça: A	
20	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	18/11/1962	"Teseu e o Minotauro"	United Artists	14h, 17h, 19h, 21h	Cinemascope/Technicolor		Terça: Não me Esqueças; Quarta: Redemol	
21	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	25/11/1962	"O Pirata de Porto Balc	20th Century Fox	14h, 17h, 19h, 21h	Cinemascope/Technicolor		Terça: Só para Homem; Quarta: O mas per	
22	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	09/12/1962	"Um Rádio em Céu	Se Warner Bros.	14h, 17h, 19h, 21h	Technicolor		Terça: O Batom; Sexta: Sai dessa Recruta (
23	Cine Teatro Glór	Vitória da Conqu	11/12/1962	"O Batom"	Art Films	20h			Em Céu Sereno; Sexta: Sai Dessa Recruta (Nacional); Dom	

Catálogo “[álbum com panfletos de cinema](#)” – planilha da Coleção Preciosa. Acesso 20 ago. 2022.

Tanto na Coleção Preciosa, quanto no Minas é Cinema, existem coleções de programações. No entanto, não sabemos sequer onde foram todas as salas de cinema de Juiz de Fora, e posso afirmar que estamos longe de um registro que informe quem teve acesso a que filmes e quando, como o fazem bases de dados como Cinema Context. Essa ideia é muito ambiciosa, mas mesmo assim, esse é um desejo do nosso projeto de pesquisa: no ano de 2021, a bolsista Janis Santos de Souza foi responsável, dentre outras funções, por registrar as programações de cinemas publicadas no jornal local O Pharol. Por isso também estamos interessados em estratégias de como representar esses documentos.

Minas é Cinema

O objetivo desse capítulo foi navegar por um repertório de sites com dados sobre a exibição cinematográfica. Ao longo dele foi possível perceber que há grandes divergências não só no escopo ou sofisticação desses sites, mas também em seus objetivos, que refletem no que vai constituir suas bases de dados e as interfaces que dão acesso a elas. Há muitas possibilidades do que poderíamos ou gostaríamos de fazer com o Minas é Cinema.

Já descrevi o nosso projeto de pesquisa, e pretendo falar mais dele quando apresentar o mapa que criei. Quero falar aqui apenas do contexto de transição em que estamos, ao mover nossa coleção para um novo endereço com uma nova aparência.

O Minas é Cinema já esteve hospedado em três sites diferentes: o portal que existia no começo dessa pesquisa, a versão atual do site institucional, que segue regras de formatação predeterminadas pela Ufjf, e o portal que estamos criando. Este novo portal está em edição, e estamos testando formas alternativas de ver as informações que reunimos ali.

A versão original do site do Minas é Cinema estava hospedada em um domínio da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ele possuía algumas dificuldades de navegação, em especial por causa dos menus em estilo *drop down*, que são listas que podem ser expandidas e escondidas do menu principal, indicadas por setas para baixo. Embora a existência desse tipo de menu em si não seja um problema, o Minas é Cinema possuía uma série de menus-dentro-de-menus, o que foi vetado pelos protocolos de acessibilidade que a Ufjf buscava implantar em 2021.

Já o novo portal institucional, seguindo esses protocolos, não possuía esse problema. No entanto, seguia padrão determinado pela universidade e possuía restrições que não podíamos negociar, que iam desde o formato da página inicial, às cores que poderiam ser usadas. Pensamos que o site não permitia integrar de forma satisfatória o material multimídia que compõe nossa coleção, que não se limitava ao mapa que eu desejava criar, mas também estava em vídeos, arquivos PDF, imagens...³⁴

³⁴ Houve, por exemplo, uma tentativa de criar PDFs pesquisáveis por palavra, como na [Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional](#) – passando os documentos por *softwares* de reconhecimento ótico de caracteres (OCR). Para grande parte do nosso acervo isso não será possível, pois não escaneamos as páginas em qualidade o suficiente para isso, ou elas possuíam uma formatação que dificultava a ação do software, com desenhos e letras de tamanhos e em posições variadas.



Página inicial do projeto Minas é Cinema, site antigo, atualmente desabilitado. Acesso 28 jul. 2021.



[Página inicial do Minas é Cinema](#): site institucional da UFJF. Acesso 14 jul. 2022.



[Página inicial do Minas é Cinema](#): novo portal desenvolvido pelo grupo de pesquisa. Acesso 14 jul. 2022.

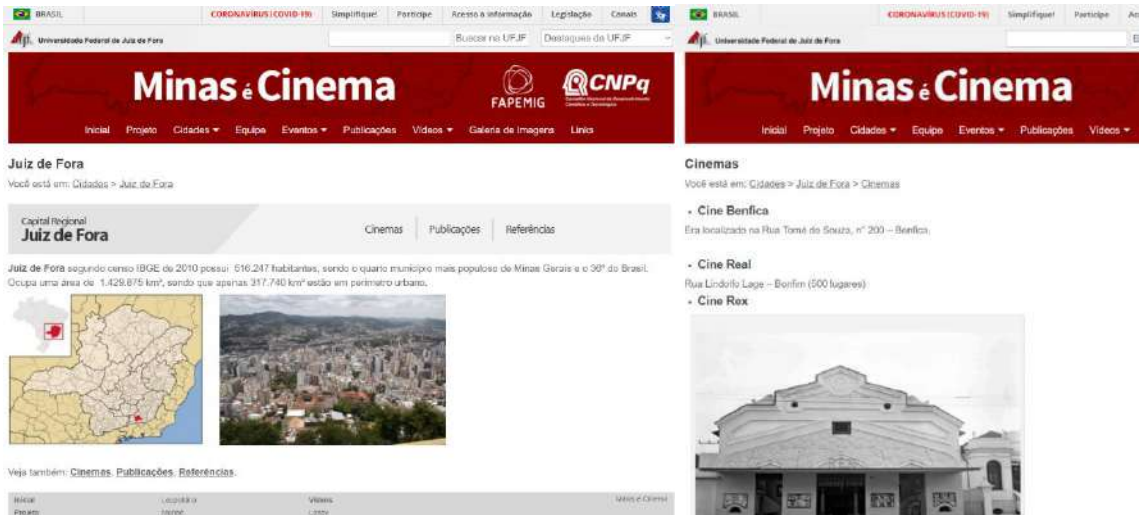
É necessário mencionar que o projeto deseja gerar interesse em seu público de contribuir com novas informações. Por mais que todos os anos voluntários e bolsistas trabalhem em funções do site, o projeto se expande muitas vezes a partir dos interesses de alunos: as pesquisas que registramos, sobre as cidades de Araxá e Patos de Minas, partiram do interesse de bolsistas, respectivamente Amanda Gomes e eu. Contamos com a ideia de que alunos do curso se interessem a pesquisar sobre suas cidades quando apresentamos o projeto a eles.

No entanto, esse não é um mecanismo que existe no site. Na verdade, temos poucos recursos no próprio portal voltados para esse desejo: há apenas uma [página de contato](#) para que os usuários nos mandem mensagens, e na página relativa ao [mapa dos cinemas de Juiz de Fora](#), a mensagem “Se você gostaria de compartilhar informações, entre em contato com a gente.”. Recebemos contribuições através dessa página de contato, que já nos rendeu, ao menos, uma fotografia do Cine Popular.

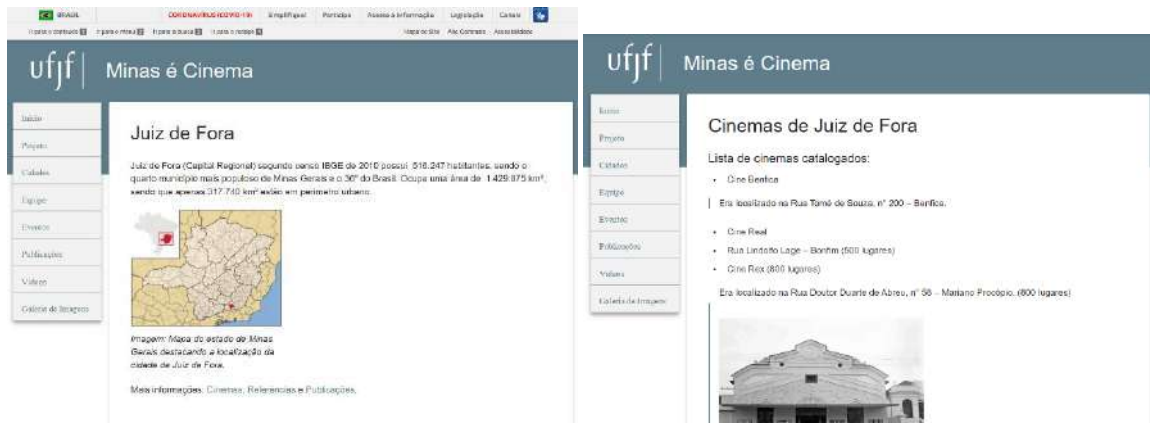
No entanto, esse mecanismo parece ao mesmo tempo mais organizado, e menos em destaque do que ele estava na versão original do portal do projeto. Na página inicial havia uma imagem animada que intercalava capas das diferentes revistas digitalizadas, com a mensagem: “você também pode contribuir com o projeto. Se você tiver imagens, documentos e informações sobre pessoas e lugares que possam ajudar a contar a história do cinema de sua cidade, entre em contato conosco. Projetominasecinema@gmail.com”. Acredito que “de que outras formas podemos tentar engajar com nosso público?” é uma pergunta que ainda precisamos fazer constantemente, e que é necessário ainda buscar formas melhores de respondê-la.

Como mencionado anteriormente, a ideia de mapa parecia importante para o projeto antes dessa proposta de pesquisa, desde a organização do conteúdo do site a partir da localização geográfica, com páginas sobre diferentes cidades levando às fontes bibliográficas, digitalizações e listas de salas de cinemas. Além disso, uma imagem do mapa de Minas Gerais fazia parte de sua identidade visual.

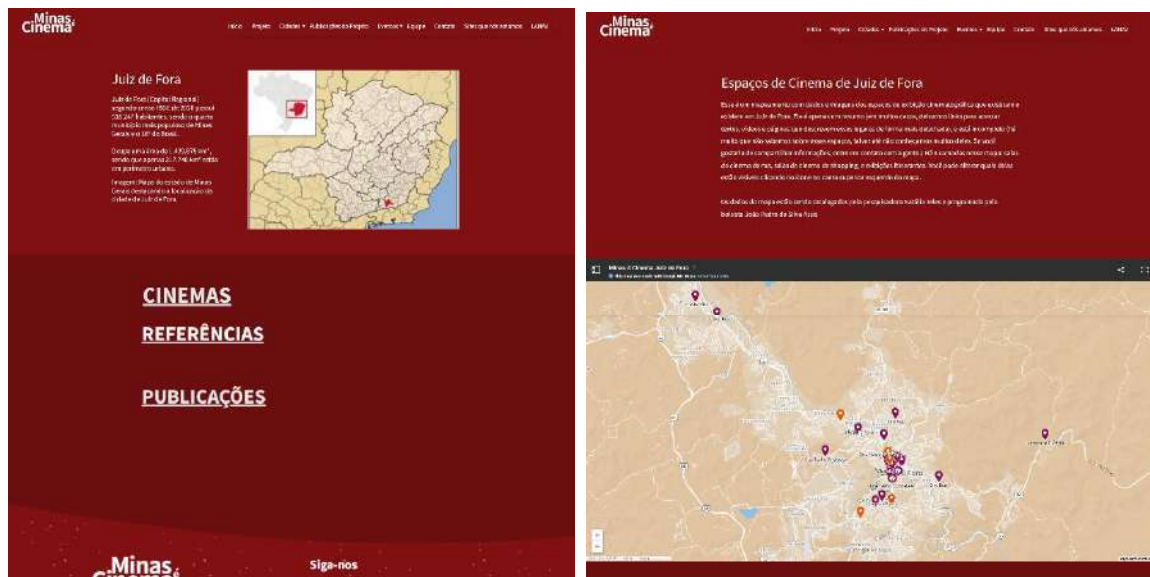
Como eram exibidos originalmente, os espaços de exibição vinham acompanhados de imagens, e de algumas informações, como lotação e endereço, mas não havia padronização a respeito de que informações além dessas seriam listadas. A partir dessa organização, decidi que o Minas é Cinema pedia um mapeamento literal e maior padronização de como essas salas de cinema deviam ser registradas.



Páginas “Juiz de Fora” e “Juiz de Fora: Cinemas” no antigo site do Minas é Cinema. Acesso: 28 jul. 2021. Recortes de capturas de tela.



Páginas “Juiz de Fora” e “Juiz de Fora: Cinemas” no novo portal institucional do Minas é Cinema. Acesso: 15 jul. 2022. Recortes de capturas de tela.



Páginas “Juiz de Fora” e “Juiz de Fora: Cinemas” no novo portal do Minas é Cinema. Acesso: 15 jul. 2022. Recortes de capturas de tela.

CAPÍTULO 3: Relatório da criação de um mapa digital dos espaços de exibição de Juiz de Fora

Neste capítulo tento organizar em forma de texto um objeto que não é narrativo ([o mapa digital dos espaços de exibição de Juiz de Fora](#)). Minha experiência ao criá-lo se deu de forma muito pouco linear. Assim, é possível que o texto seja mais compreensível se colocado diante do [mapa](#), e das outras visualizações que organizei para as mesmas informações, uma no formato de tabela, e uma linha do tempo dos períodos de funcionamento desses espaços.

Essa pesquisa é um pouco sobre centralizar esse processo que muitas vezes existe como material adicional, apêndice, sobre como uma coleção é montada e apresentada, e como isso influenciaria uma construção historiográfica. Por isso, muitas vezes ao longo do capítulo farei referência às imagens e tabelas disponibilizadas nos anexos 1 e 2. Ali está todo o material recolhido na parte prática desse projeto. Essa é uma visualização alternativa, pois todo o material pode ser também consultado no mapa, [através desse link](#).

Há uma sessão com as imagens dos espaços de exibição que foram localizadas no mapa. Algumas dessas imagens estão ao longo do texto conforme fossem mencionadas, então não as repeti ao final. No mapa, todos os espaços de exibição se apresentam simultaneamente, mas na legenda tentei organizá-los em ordem cronológica de inauguração. Neste documento, reproduzo a ordem da legenda.

Essa pesquisa não é uma história dos espaços de exibição de Juiz de Fora, mesmo se isso perpassa os objetivos na montagem desse mapa digital. Se fosse uma história como essa, esse trabalho seria um aglomerado de lacunas – em parte isso é intencional, pois tentei sublinhar as faltas que consegui identificar, remetendo à necessidade do estudo contínuo e aprofundado sobre esse tema. Meu objetivo aqui é, portanto, pensar sobre o trabalho prático que temos feito até então no portal do Minas é Cinema, registrar nossas propostas e as dificuldades e soluções que encontramos ao tentar implementá-las.

Da elaboração do mapa

Para começar esse trabalho, precisava responder essa pergunta: o que estou mapeando? A resposta é espaços de exibição em Juiz de Fora, mas isso pode ser feito de várias maneiras, como ficou aparente quando observei diferentes projetos de mapeamento publicados online. É possível não fazer essa pergunta e produzir um mapa porque esse

tipo de projeto está em voga, mas o que eu colocar nesse mapa sempre terá significado e implicações, quer eu os discuta ou não. Assim, pensei que o primeiro passo era entender melhor os objetivos e interesses do projeto Minas é Cinema.

Quero abrir um parêntese para falar sobre como mapear salas de cinema está “em voga”, já que apenas em Juiz de Fora, existem vários projetos de mapeamento das salas de cinema da cidade. Reproduzo a seguir três diferentes mapas de salas de cinema de Juiz de Fora, organizados pelo grupo de pesquisa [Comunicação, Cidade e Memória](#), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

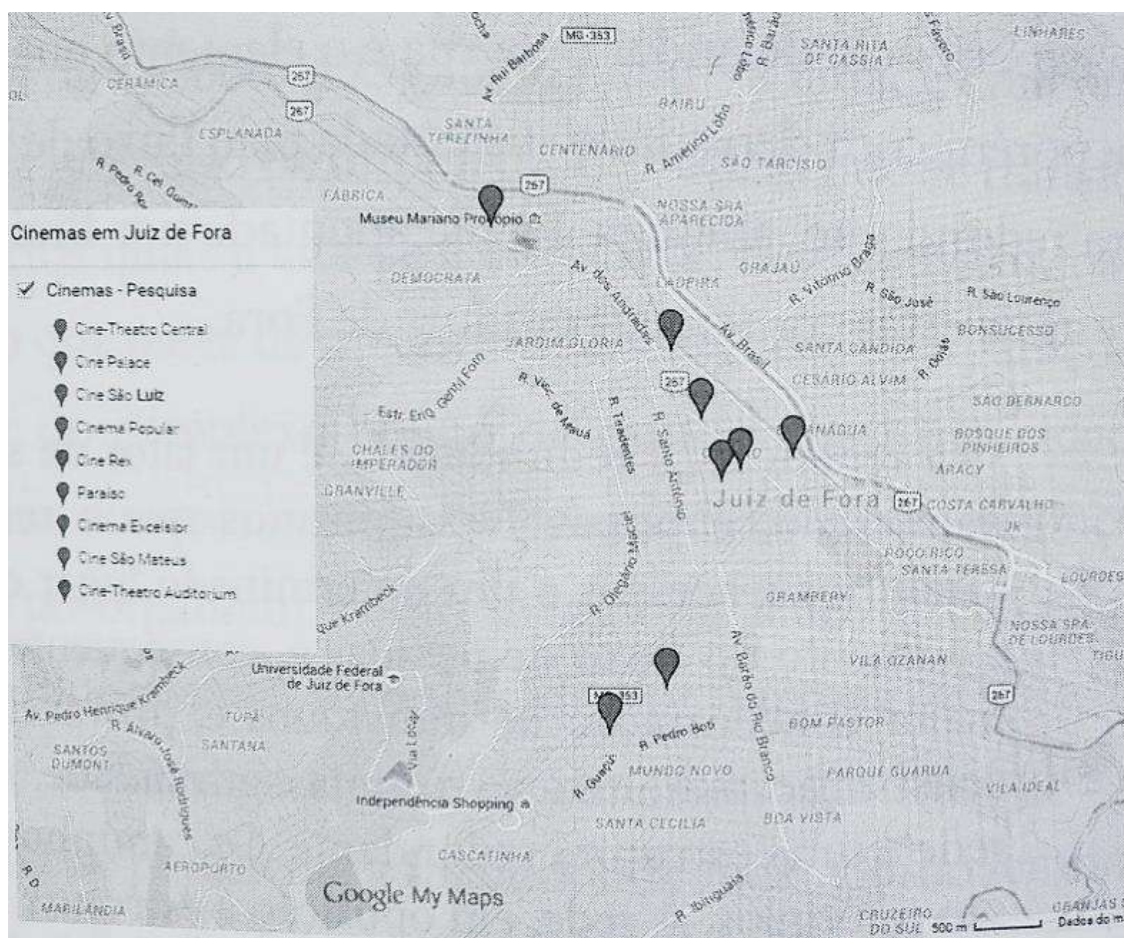


Figura do livro “Cinemas de Juiz de Fora: memórias do Cine São Luiz” (MUSSE, NETO e HENRIQUES, 2017, p. 20.) Legenda original: “mapa da distribuição de alguns cinemas de rua pela cidade de Juiz de Fora”.

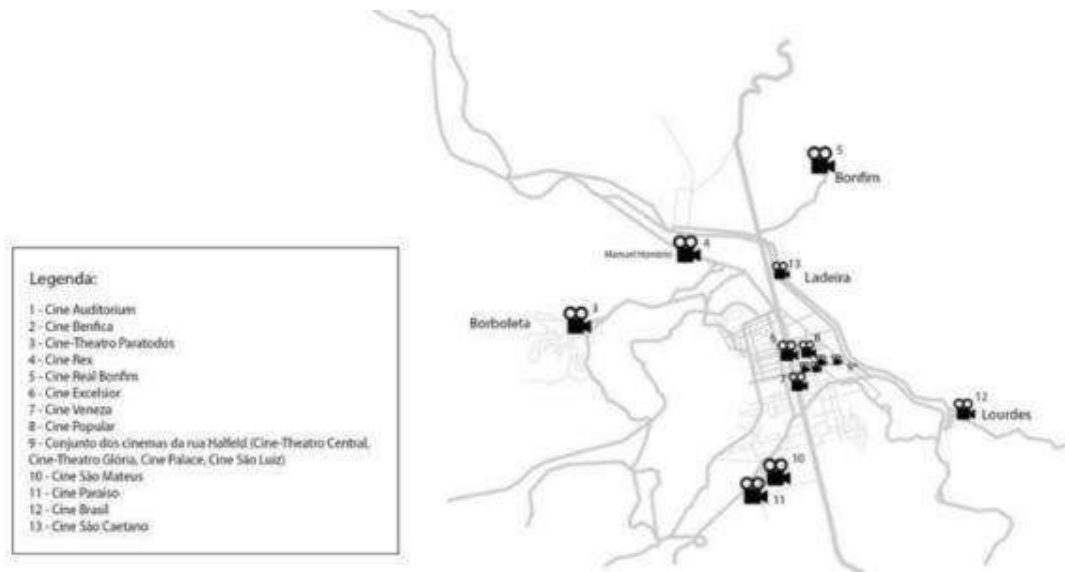


Figura de Marques, "[Cine Paratodos: imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta.](#)" (MARQUES, 2019. p. 58.) Legenda original: Mapa com o local de funcionamento dos cinemas de Juiz de Fora a partir de 1950.



“Rota: Cinemas da Rua Halfeld”. Aquarela produzido por Isabela Martins em 2021, e disponibilizado em: <https://cinemasderuajf.com.br/rota-01-cinemas-da-rua-halfeld/>, acesso 22 abr. 2022.

O primeiro é apresentado no livro “Cinema de Juiz de Fora: memórias do Cine São Luiz” (MUSSE, NETO e HENRIQUES. 2017), e o segundo na dissertação de mestrado “[Cine Paratodos: imaginários e memórias do Cine Borboleta](#)” (MARQUES, 2019). O terceiro está disponível no site [Cinemas de Rua de Juiz de Fora](#), que foi

disponibilizado em 2021, e se trata de uma aquarela representando uma de possíveis rotas afetivas da ida ao cinema em Juiz de Fora, no caso, pela rua Halfeld.

Olhando para os dois primeiros mapas, dá para pensar em uma acumulação de informações históricas com o passar do tempo, que são visíveis nos marcadores que vão se espalhando por esses mapas com dois anos entre suas publicações. Dá para imaginar uma história do interesse por salas de cinema de rua em Juiz de Fora, e das contribuições de estudantes, professores e voluntários nessas pesquisas.

Ao mesmo tempo, a ideia de que mapear é mais do que listar informações, que essas representações gráficas podem se constituir de muitas formas diferentes e assim comunicar outras ideias, se materializa nesta aquarela. Esse mapa parece muito diferente dos outros dois que apresentei, com suas figuras enevoadas de pipoqueiros e lampiões que desaparecem na bruma. Essas aquarelas, da rua Halfeld e da [rua São Mateus](#), que são as “rotas” até então disponibilizadas no site, não estão tão interessados na reprodução em escala do espaço físico, que está presente nos dois mapas que vimos anteriormente.

Essas aquarelas passam por uma linguagem mais lúdica, algo que me parece uma tentativa de ilustrar e dar presença às memórias coletadas pelo grupo. A divisão das salas em diferentes rotas, parte de estruturas físicas do ambiente urbano, uma relacionada ao transporte pelo bondinho e a outra relacionada à rua Halfeld como “itinerário habitual da população de Juiz de Fora”, como sugere o texto de apresentação dessa rota. No entanto, seria uma forma de sugerir uma imagem específica desses espaços, um tipo de experiência, que remete ao sair de uma sala de cinema e caminhar até a outra, como está registrado no [relato memorial de Márcio Itaboray](#), ou à experiência do espaço público da rua e da calçada como local de conversa, como visto no [relato de Wendell Guiducci](#).

Entendo que com essas aquarelas expandimos nossa noção do que podem ser mapeamentos das salas de cinema de Juiz de Fora. Por isso, quero também apresentar dois mapeamentos que não são mapas no sentido literal de uma representação gráfica do espaço, mas que listam as posições geográficas de algumas salas de cinema. A primeira é uma tabela organizada por Ryan Brandão (*in*: BRUM, _____. 2021. Pp. 52-66) em capítulo do livro [Histórias de cinemas de rua de Minas Gerais](#). A segunda é uma tabela disponível no [banco de dados digital Cinemafalda](#) (2010), listando as salas de cinema existentes em Juiz de Fora na década de 1950.

Cinema	Localização	Zona
Cine-Theatro Auditorium	Bairro Benfica	Norte
Cine Benfica	Bairro Benfica	Norte
Cine Grama	Bairro Grama	Nordeste
Cine Rex	Bairro Mariano Procópio	Nordeste
Cine Ideal	Bairro Mariano Procópio	Nordeste
Cine Real	Bairro Bonfim	Leste
Cine São Caetano	Bairro Ladeira	Leste
Cinema da Floresta	Bairro Floresta	Sudeste
Cine Brasil	Bairro de Lourdes	Sudeste
Cine São Mateus	Bairro São Mateus	Sul
Cinema Paraíso	Bairro São Mateus	Sul
Cine-Theatro Paratodos	Bairro Borboleta	Oeste

Figura retirada de Brandão (in: BRUM, _____, 2021), “[Os espaços de exibição da zona leste de Juiz de Fora: a história do Cine São Caetano](#)”. Legenda original: “Quadro 1: Salas de cinema localizadas nos bairros de Juiz de Fora. Fonte: Quadro desenvolvido a partir das informações contidas no site do Minas é Cinema.” Dessa lista, não consegui encontrar os locais: o Cine Grama e o local específico do Cine Ideal.

SÁBADO, 22 DE MAIO DE 2010

JUIZ DE FORA - MG

CINE BRASIL - Prop. Instituto de Jesus
R. Ignacio da Gama 813 - Fund. 1953 - Cinema - 366 lugs. Ap. 35 m/m
Func. diário - média anual 151 sessões - 9.060 espectadores
Obs: Encerrou suas atividades em 31/05/58.

CINE TEATRO CENTRAL - Prop. Cia. Central de Diversões
Pça. João Pessoa s/n - Fund. 1927 - Cine Teatro - 2.183 lugs. Ap. 35 m/m
Func. diário - média anual 1.535 sessões - 933.861 espectadores

CINE TEATRO CORONEL PACHECO - Prop. Cine Teatro Coronel Pacheco Ltda.
R. Oscar Vidal 74 - Fund. 1950 - Cinema - 270 lugs. Ap. 35 m/m
Func. 2 dias por semana - média anual 104 sessões - 13.520 espectadores

CINE EXCELSIOR - Prop. Exibidora Excelsior Ltda.
Av. Rio Branco 1909 - Fund. 1958 - Cinema - 1.250 lugs. Ap. 35 m/m
Func. diário - média anual 1355 sessões - 371.504 espectadores

CINE FÁTIMA - Prop. Ambulatório N.S. da Glória
Av. dos Andradas s/n - Fund. 1954 - Cinema - 250 lugs. Ap. 35 m/m
Func. 2 dias por semana - média anual 312 sessões - 7.850 espectadores

CINE TEATRO FLORESTA - Prop. S/A Fábrica de Tecidos S. João Evangelista
Fazenda da Floresta - Fund. 1945 - Cine Teatro - 408 lugs. Ap. 35 m/m
Func. 1 dia por semana - média anual 48 sessões - 14.018 espectadores

CINE TEATRO GLÓRIA - Prop. Empresa Comercial
R. Halfeld 617 - Fund. 1928 - Cine Teatro - nº de lugares ? - Ap. 35 m/m

CINE GRAMA - Prop. João Vidal
Mucungê - Cinema - 125 lugs.
Func. 3 dias por semana - média anual 45 sessões - 900 espectadores
Obs: 25 bancos de 5 lugares.

TEATRO MASSON Fº - Prop. ?
R.S. João Nepomuceno s/n - Fund. 1955 - Teatro 500 lugs. Ap. s/maquina

CINE TEATRO N.S. DAS GRAÇAS - Prop. Paróquia N.S. das Graças
R. Ibitiguai s/n - Fund. 1956 - Cine Teatro - 144 lugs. Ap. 35 m/m
Func. diário - média anual 207 sessões - 35.350 espectadores

CINE PALACE - Prop. Cia. Central de Diversões
R. Halfed 581 - Fund. 1948 - Cinema - 1.019 lugs. Ap. 35 m/m
Func. diário - média anual 1.861 sessões - 546.349 espectadores

CINE TEATRO PARAISO - Prop. Instituto Maria
R. S. Mateus 1.001 - Fund. 1953 - Cine Teatro - 660 lugs. Ap. 35 m/m
Func. diário - média anual 884 sessões - 84.089 espectadores

CINE PARATODOS - Prop. Dilon & Mitterhoper Ltda.
R. H. nº 20 - Vila S. Vicente de Paulo - Fund. 1949 - Cine Teatro - 142 lugs. Ap. 35 m/m
Func. 5 dias por semana - média anual 218 sessões - 9.269 espectadores

CINE TEATRO POPULAR - Prop. Empresa Teatral de Juiz de Fora
Av. Getúlio Vargas 890 - Fund. 1930 - Cine Teatro - 1.100 lugs. Ap. 35 m/m
Func. diário - média anual 1.095 sessões - 100.450 espectadores

CINEMA REX - Prop. Cia. Central de Diversões
R. Duarte de Abreu 58 - Fund. 1938 - Cinema - 729 lugs. Ap. 35 m/m
Func. diário - média anual 1.436 sessões - 227.644 espectadores

CINE TEATRO STO. AGOSTINHO - Prop. ?
R. Ibitiguará s/n - Fund. 1956 - Cinema - 200 lugs. Ap. 16 m/m

CINE S. CAETANO - Prop. Cinema S. Caetano Ltda.
Av. Maria Perpétua 77 - Fund. 1957 - Cinema - 230 lugs. Ap. 16 m/m
Func. diário - média anual 413 sessões - 19.649 espectadores

Lista de salas de cinema de Juiz de Fora no [banco de dados digital Cinemafalda](#). Acesso em 23 mar. 2022. Não encontrei no mapa: o local específico do Cine Teatro Coronel Pacheco e do Cine Fátima, o Cine Grama, o Teatro Massoni, o Cine Teatro Nossa Senhora das Graças e o Cine Teatro sto. Agostinho.

Uma contribuição importante dessas duas listas é que mencionam salas de cinema que não estão representadas nos mapeamentos anteriores, e de fato essas listas foram a única menção que encontrei a algumas delas. A tabela de Brandão busca fugir do centro da cidade e pensar nas salas de cinema de bairro, enquanto o Cinemafalda é, como vimos, uma transcrição de um catálogo ou censo de salas de cinema do Brasil na década de 1960. Eles evidenciam algumas lacunas que estão presentes nos projetos de mapeamento atuais.

Algumas dessas lacunas continuam existindo no [mapa](#) que eu fiz, por mais que essas tabelas apresentem indicações dos endereços desses espaços de exibição. Isso se dá, no caso do Cine Grama, porque o endereço apontado é apenas uma indicação do bairro, enquanto no caso de salas como o Teatro Massoni, não há numeração e não encontrei uma ruína conveniente que parecesse uma sala de cinema ao percorrer essas ruas através do *street view* do *Google*. Há também indicações de endereços que não encontrei, talvez incorretos, como “Rua Ibitiguai” e Rua “Ibitiguará”, para os cineteatros Santo Agostinho e Nossa Senhora das Graças. (Talvez sejam grafias para a Rua Ibitiguaia.) Como todas essas salas não parecem ser citadas em outros locais a que tive acesso, será necessário pesquisar de forma mais aprofundada, em arquivo e em campo, para encontrá-las. E se mesmo essas listas estão incompletas, podemos acreditar que existem salas das quais sequer ouvimos falar, que ainda poderemos descobrir com o tempo.

Volto agora a falar de minha tentativa de entender melhor o grupo de pesquisa Minas é Cinema, e como isso influencia no tipo de mapa que criei. No fim de 2021 quando eu pensava sobre isso, Janis Santos de Souza adicionava ao site informações das salas de cinema de [Patos de Minas](#), a partir da minha monografia de conclusão de curso (FRÓES, 2018), e de [Barbacena](#), da instigante pesquisa de Ígor Maciel da Silva (2021). Isso me fez pensar que no Minas é Cinema havia um desejo de conectar pessoas interessadas em pesquisar sobre cinema em Minas Gerais, criar uma rede. Ao menos em parte o que estava sendo mapeado era a existência dessas pesquisas, não só os espaços de exibição.

Ao mesmo tempo, esse mapa é muito diferente do que pode ser encontrado, por exemplo, no artigo ainda inédito de Lívia Cabrera, Ryan Brandão e Ebert Santclair, que fazem um levantamento de dissertações e teses sobre salas de cinema produzidas no estado do Rio de Janeiro. Essa é uma forma mais literal de mapear pesquisas, que localiza no espaço onde essas pesquisas foram desenvolvidas.

Mas essa ideia faz algum sentido, porque no site do Minas é Cinema, há um esforço de disponibilizar [uma lista de referências](#) sobre atividades cinematográficas. Essas referências não são apenas do que foi usado para produzir as páginas do site. No

caso de Juiz de Fora, há uma [lista de arquivos](#), com endereços e fotos desses lugares. Há uma lista de [referências bibliográficas](#), muitas que podem ser acessadas através de links, e são informadas bibliotecas e arquivos onde existem cópias dos livros que não podem ser acessados *online*. Além disso, há uma página com [referências imagéticas](#). Isso é, minha observação inicial não contemplava o interesse do grupo de pesquisa, que parece ir além de mapear pesquisas existentes sobre o cinema em Minas Gerais – é um desejo de dar acesso e mostrar caminhos para o que não podemos dar acesso direto.

A partir dessa observação do portal do Minas é Cinema, acreditei que seria importante que existir no mapa, para além das localizações dos espaços de exibição, de listas de referências sobre cada lugar registrado ali, sempre que possível. Pensei que seria útil ao Minas é Cinema, se vamos chamá-lo de coleção de pesquisa, que, ao acessar o local de uma sala de cinema, e se interessar por ela, o usuário pudesse clicar em um link na descrição da sala, e com isso ter acesso a outros materiais mais detalhados, a uma bibliografia, a vídeos.

Esse gesto também é uma forma de tornar menos metafórica a comparação da pesquisa microscópica com a pesquisa em maior escala através do gesto de *zoom* possível no mapa digital. Afinal, o interessante no mapa digital é nos afastarmos para ver o todo e nos aproximarmos para entender detalhes. É claro que o gesto de *zoom in* e *out* do formato deste mapa digital em si existe, como visualizações em diferentes escalas do espaço, está presente sem que eu acrescentasse esses links. No entanto, acredito que parte do interesse desse gesto no mapa digital é que a quantidade de informações visível muda, existem detalhes que só são exibidos quando nos aproximamos e são suprimidos quando saímos do *zoom*. Por outro lado, se tudo o que há sobre uma sala de cinema é uma tabela com informações selecionadas, a quantidade de detalhes visíveis ali não vai mudar se nos aproximarmos do local onde ela está no mapa. Acredito que com esses links, o mapa pode ser também um index que dê acesso a outros trabalhos, e incluir as contradições das diferentes fontes.

Para essa decisão também contribuiu uma revisão bibliográfica do que havia de disponível em pesquisas sobre espaços de exibição em Juiz de Fora, pois muito do que era produzido era voltado para o estudo de alguma sala específica. Podemos indicar como exemplo os capítulos a respeito da cidade de Juiz de Fora do livro “[Histórias de Cinemas de Minas Gerais](#)” (BRUM, BRANDÃO, 2021), cada um escrito por um pesquisador diferente e voltados para a trajetória de uma sala de cinema específica: os cine São Luís (MUSSE, NETO, HENRIQUES, pp. 15-33), Paratodos (MARQUES, pp. 34-51), e São

Caetano (BRANDÃO, pp. 52-66), e os episódios da *web série* “[Cinemas de rua de Juiz de Fora](#)”, cujos capítulos também se concentram, cada um, em uma sala de cinema diferente.

Isso não quer dizer necessariamente que a maioria da produção local de pesquisas se encaixa nesse formato. Encontrei pesquisas que se concentram em personalidades, que podem ser vistas nos capítulos a respeito da memória de Pedro Nava (SOUZA, *in*: BRUM, MELO, PUCCINI. 2017. pp. 39-64), sobre João Gonçalves Carriço (ROCHA, pp. 65-88) e sobre José Sette (MELO, pp. 133-156) do livro [Cinema em Juiz de Fora](#) (BRUM, MELO, PUCCINI. 2017), também editado pelo projeto Minas é Cinema. Neste livro é possível observar uma variedade de formatos de pesquisa, voltadas para publicações (BRUM, SILVA, MENDES. Pp. 89-108) memórias cineclubistas (ARANTES, MUSSE, pp. 109-132), e recortes de período (FERRAZ, pp. 11-18; PUCCINI, RANGEL, pp. 157-178).

Esses exemplos reiteram que há diferentes formas de pensar a experiência cinematográfica, mesmo se quisermos fazer um recorte apenas sobre a exibição em Juiz de Fora. Por exemplo, as memórias de Pedro Nava demonstram como a ida ao cinema pode ser vista através da literatura, o capítulo sobre Carriço descreve uma relação entre exibição e produção, ligando o Cine Teatro Popular que lhe pertencia, a sua extensa produção cine jornalística.

Ainda assim, quando organizo esse mapa dessa forma, é uma identificação de um formato padrão em parte do material analisado. Parece que esse padrão é pertinente como um recorte e formato para pesquisas breves, mas aprofundadas, que vão montando peças da memória da exibição cinematográfica da cidade, cuja semelhança de recorte contribui para que sejam mais facilmente comparáveis. No entanto, esse padrão também é questionável, na medida em que isso se assemelha à ideia de preencher informações através da forma “constelação³⁵”: em contribuições pontuais, quando às vezes uma compreensão mais sistemática poderia ajudar a organizar melhor essas ideias.

É verdade que a própria existência de um formato mais ou menos padrão sugere uma tentativa de sistematização³⁶, mas isso levanta a questão, o que deveria contar como

³⁵ Faço referência à crítica de Jeancolas (*Apud* Lagny, 1997. pp. 22-23) que falava da história do cinema francês, como uma série de monografias, compondo “um vasto panorama impressionista, com algumas zonas de luz e outras de sombra, mas que não organiza nenhuma linha de força”. De acordo com Lagny (*idem*), existe uma dificuldade em passar de uma fase de acumulação heteróclita de saberes.

³⁶ O portal [Cinemas de Rua de Juiz de Fora](#), na verdade faz uma grande organização e divulgação de tudo o que foi produzido no Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade e Memória sobre o assunto. Ele apresenta diversas formas de acessar as informações, por vídeo, por relatos escritos, traçando rotas lúdicas da

uma sistematização? Não penso que nossos esforços podem se comparar, por exemplo, ao livro *Palácios e Poeiras* (GONZAGA, 1996). Essa publicação é um esforço monumental em escrever uma história das salas de cinema do Rio de Janeiro (que é claro, permite questionamentos e aprofundamentos), mas especialmente, que tenta ser exaustivo ao citar todos os espaços de que tem conhecimento. Defendo por isso a organização mais explícita de nossa produção, mas não o abandono de outros recortes variados, como os que citei anteriormente. Menos que padronizar o tipo de produção, sistematizar deveria ser, em minha opinião, sobre entender o que há e o que falta. Nessa perspectiva, novas formas de olhar para a atividade cinematográfica em Juiz de Fora deveriam ser sempre bem-vindas.

Nessa revisão bibliográfica me concentrei em monografias, dissertações, teses, artigos, capítulos de livro ou de web-série, mas também busquei informações em fontes “informais” como blogs que se concentram em imagens históricas da cidade. (É claro, não necessariamente a publicação se encontrar em um meio ou outro, seja um blog ou impresso ou qualquer outro, a torna informal, uma vez que pretendemos publicar mesmo essa pesquisa como um objeto digital, em um portal na *web*. O que então separaria o Minas é Cinema, por exemplo, desses que chamei de blogs memoriais? É verdade ainda que estamos partindo quase só de fontes secundárias nesse mapeamento. No entanto, ao menos a apresentação de quais fontes são essas que usamos, é um mecanismo em que nossa busca por verdade histórica se torna mais transparente.)

Considero o recolhimento das informações que existem em fontes bibliográficas e na *web* a primeira etapa desse projeto prático e, enquanto nenhuma pesquisa nunca está completa, meu foco ao desenvolver esse mapa foi essa primeira etapa. Enquanto escrevo esse relatório, começo o trabalho mais lento da pesquisa em fontes primárias, que se estende interminável no horizonte. Essa segunda etapa não será meu foco, numa tentativa de manejar o tempo da pesquisa do mestrado e a elaboração do mapa como uma estrutura para inserir pesquisas posteriores, e na necessidade de tentar pensar o que essa ferramenta vai significar.

Essa escolha não deixa de ser fruto de uma limitação prática – como esse trabalho foi desenvolvido durante a pandemia do Covid-19, durante grande parte do processo, os

memória em mapas. Ele torna visíveis as linhas de força que guiam as pesquisas naquele projeto, tanto no padrão de formato de pesquisa, quanto na visão da sala de cinema como espaço de sociabilidade e sua relação com o espaço das ruas. No entanto, se limita aos projetos produzidos no próprio grupo de pesquisa e não coloca essa produção diante das demais pesquisas sobre a experiência do cinema em Juiz de Fora.

arquivos estavam fechados, e eu não poderia pesquisar nesses espaços. Isso não quer dizer que o acesso a material de arquivo seria impossível, se lembrarmos, por exemplo, das digitalizações do jornal juiz-forano O Pharol disponibilizadas pela [Hemeroteca Digital](#).

O objetivo desse mapa digital não se resume em indexar o que já foi dito em outras publicações sobre a exibição cinematográfica em Juiz de Fora. Ele não é, até agora, uma sistematização, mas acredito que existe como potencial dessa organização. Como publicação digital, ele tem uma vantagem no que desvia das dificuldades causadas por datas de entrega, pode ser atualizado e corrigido indefinidamente, e não tem um formato fechado. Assim, talvez seja possível a longo prazo mirar num desejo de exaustividade e ao menos encontrar todas as salas de cinema que sabemos existir.

Estou fazendo uma outra distinção na criação desse mapa: não é um mapeamento apenas das salas de cinema de rua. Em primeiro lugar, como alguém que não frequentou, em sua vida, salas de cinema de rua, pareceria estranho concentrar minha pesquisa apenas nessas salas e na singularidade de uma experiência que não tive.

Não tento com isso sugerir que há um problema no tom nostálgico presente nos trabalhos que se concentram nesses espaços (Ver, por exemplo, MUSSE, NETO e HENRIQUES, 2017). O que estou fazendo é argumentar que se existem outras experiências do que é um espaço de exibição, e elas também são objetos importantes de estudo. Isso quer dizer, para começar, pensar a sala de cinema de shopping.

Ao menos nas pesquisas acadêmicas sobre ida ao cinema em Juiz de Fora que vi até agora, as salas de cinema de shopping não são sequer mencionadas. Encontrei postagens no [blog do cineasta, pesquisador e jornalista Franco Gróia](#) (2010) sobre as salas de cinema de shopping em Juiz de Fora. No entanto, apenas o Cine Alameda tinha um tratamento mais aprofundado, com dois artigos longos do blog dedicados a ele. Achei muito difícil encontrar quaisquer informações sobre o Cine Star, que existiu dentro do Mister Shopping, o que me leva a pensar que se não houver interesse em levantar informações sobre esses espaços, no futuro se tornará muito difícil dizer qualquer coisa sobre eles.

É verdade que essa é uma experiência padronizada da imagem-movimento, e ao mesmo tempo de difícil acesso econômico, envolvida em outro conceito de lazer. No entanto, não colocar esses espaços em nossos mapeamentos seria um gesto de apagamento, não apenas da experiência atual. Só afirmar a superioridade das salas de rua,

pode fazer que as vejamos como se não estivessem também implicadas em gestos de exclusão social³⁷.

O objetivo do Minas é Cinema quando falamos de “atividade cinematográfica em Minas Gerais” é muito amplo. Isso implica, mesmo se estamos nos restringindo à exibição, na experiência do cinema fora da sala comercial, apresentações temporárias, circuitos cineclubistas, exibições ao ar livre, e ainda outros formatos. Por mais que sejam escassas e difíceis de encontrar fontes sobre eventos impermanentes, essas experiências são importantes se desejamos fazer histórias mais diversas da ida ao cinema.

Assim, dividi inicialmente os espaços de exibição a mapear em quatro categorias: “exibições itinerantes”, “salas de cinema de rua”, “salas de cinema de shopping”, “festivais, mostras e cineclubes”. Seria possível acrescentar ainda outras categorias, como por exemplo no caso de exibições permanentes e comerciais que não acontecem dentro de salas, como os *drive-ins*, mas não encontrei informações sobre esse tipo de exibição em Juiz de Fora. Na verdade, fora as salas de cinema de rua, foi difícil escavar por informações sobre os espaços de exibição em Juiz de Fora.

Existem pesquisas sobre as primeiras exibições na cidade, na monografia (2000) e no capítulo que Rosane Carmanini Ferraz escreveu para o livro “Cinema em Juiz de Fora” (BRUM, MELO, PUCCINI, 2017). As primeiras exibições em Juiz de Fora também são o foco da pesquisa que Ryan Brandão atualmente realiza em seu doutorado³⁸.

No entanto, tive dificuldade para colocar esses pontos no mapa: esse é um período no qual o traçado, nome e numeração das ruas eram diferentes, e um período durante o qual todos esses itens parecem ter se modificado muito, de forma que muitas vezes não consegui sanar minhas dúvidas o suficiente para localizar esses pontos no mapa. Localizei três endereços de exibições itinerantes: duas localizações do Circo Pathé – uma delas por ser a mesma descrição do endereço do futuro Polytheama, (saída na rua São João e rua Halfeld pelo Café Isaura) e a outra no Largo do Riachuelo. O último endereço é do Teatro Juiz de Fora, onde diversos exibidores itinerantes apresentaram seus aparelhos e fitas.

³⁷ Nesse sentido aponto a [monografia de conclusão de curso de Otávio Lima](#) (2017), que faz um histórico da exibição cinematográfica na cidade de Varginha (MG), dedicando um capítulo ao multiplex. Ele descreve a oferta de produtos na programação, a frequência do público às salas, o número de salas, e o papel da tecnologia digital na distribuição. É um trabalho que olha os “dois lados”, traçando em dados econômicos essa diferença de experiência entre os tipos de salas de cinema, e descrevendo esses espaços que, quando chamados de não-lugares, às vezes se parecem inconcebíveis também.

³⁸ [Brandão](#) é atualmente doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Cinema e Audiovisual na Universidade Federal Fluminense e em Ciências da Comunicação pela Ghent University, na Bélgica.

Também é necessário apontar que o que para mim representou uma dificuldade técnica, essas grandes mudanças que se espelham e são pensadas através dos mapas, na verdade tem a ver com uma série de reformas urbanas, um discurso da modernização das cidades no qual o cinema está envolvido. Que não significa, como o discurso que acompanha esses projetos supõe, apenas reconstruir uma cidade mais higiênica, com infraestrutura melhor, mas faz parte de uma política de apagamento que é racista, sexista e elitista. Entender o processo de modernização de Juiz de Fora não deveria, portanto, se passar apenas por ideias como “o traçado das ruas”, “a numeração”, etc. Não conseguirei me aprofundar sobre isso aqui, apenas apontarei para outros trabalhos sobre o assunto.



Halfeld. – Começa no morro de S. Sebastião (parte direita da Academia de Commercio), indo terminar do outro lado do rio Parahybuna, na rua Botanaqua.

Extensão: 1.400 metros. Essa rua foi, antigamente, a Rua Nova.

Hypolito Caron Vai da rua

Antonio José Lopes & C.—Hotel União rua Quinze de Novembro, 71
A. T. Nascentes Figueiredo » Familiar . . . Largo 13 de Maio, 12
Cruz & C. » Rio de Janeiro rua Halfeld, 8

Mudanças da numeração na Rua Halfeld: Aqui está o mesmo prédio, visto em ilustração de 1878 (Fonte: [Maurício resgatando o passado](#)), e em foto de 1919. Abaixo listo dois endereços diferentes para ele, em 1891 e 1898 (dos almanaques de Juiz de Fora). Ao lado, descrição da extensão da rua em 1915 (LAGE, ESTEVES). De acordo com o [blog Maria do Resguardo](#), esse prédio ficava onde atualmente é o número 805 da rua Halfeld.

venbro n. 80.

Renaissance—Proprietario, J. Repetto, largo da Estação n. 11.

Rio de Janeiro—Proprietario, Gustavo Cruz, rua Halfeld n. 159.

Souza Hotel—Proprietario, Avelino Guimarães, rua Halfeld n. 134.

Como os mapas que encontrei não indicam numeração, seria necessário encontrar os documentos que determinam essa mudança de numeração, ou de forma mais trabalhosa reconstruí-la a partir de documentos como catálogos e almanaques. Como os almanaques e álbuns a que tive acesso tem saltos grandes de anos entre eles, durante os quais muitos exibidores itinerantes estiveram em Juiz de Fora, e as algumas salas fixas foram inauguradas, e numerações e planos urbanos foram alterados, pensei que não possuía informações suficientes para fazer esse mapeamento nesse período, ainda.

De acordo com Souza (2019), a modernização de Juiz de Fora não foi um “bota abaixo” como a emblemática reforma Pereira Passos no Rio de Janeiro, mas se deu a partir de um alinhamento entre o poder público e os latifundiários da cidade, numa transição da economia cafeeicultora para o investimento em construção e exploração de aluguel de habitações populares³⁹. Carrara (2020) reitera essa conclusão, afirmando que a visão de Juiz de Fora como cidade industrial “Manchester Mineira” que “nasce moderna” é maior em discurso do que em realidade, e usado para ignorar o passado cafeeicultor e escravista da cidade.

Os dois discutem diferentes planos de modernização da cidade, e eu encontrei rumores de ao menos mais um outro. Minha impressão foi que foram criados e apenas parcialmente implantados, diversos planos para lidar com a modernização de Juiz de Fora⁴⁰. Realmente, nos retratos traçados por Souza e Carrara, esses planos parecem ignorar a existência de uma população pobre na cidade, enquanto os códigos de posturas pareciam tratá-la como um problema a eliminar. Carrara (2020, p. 65) cita, por exemplo, uma resolução de 1892, propondo o fechamento das habitações que não aplicassem melhorias de saneamento dentro de um prazo estipulado pela inspetoria de higiene.

Para além das mudanças na cidade, encontrei outras dúvidas que me impediram de acrescentar pontos ao mapa, na distinção do que foram salas fixas e exibições itinerantes nesse período, pois isso não me pareceu muito claro no material a que tive acesso. Registrar essas salas é um trabalho que apenas sugeri que é necessário.

Como mencionei, minha ideia original era que nesse mapa estivessem também presentes informações sobre mostras, festivais e cineclubes que existiram em Juiz de Fora. Encontrei diversas dificuldades para fazer esse trabalho: em primeiro lugar para

³⁹ Ele analisa os planos Dodt (1860) e Howyan (década de 1890) de modernização de Juiz de Fora, e aponta que mesmo nos relatos da ausência de moradias para os mais pobres na cidade, isso se refere a pessoas brancas, trabalhadores, migrantes, e afirma que o espaço urbano se torna “tolerável” para negros apenas a partir da década de 1920, mesmo que nas periferias. (p. 70). Ver também Carrara (2020), que em sua pesquisa analisa o Plano Howyan, com suas dimensões estratosféricas e orçamento de pelo menos 4 vezes a arrecadação anual total do município. O projeto, por exemplo, sugeria o calçamento das ruas com madeira, e a construção de fontes ornamentais pelo centro da cidade, tentando implantar em Juiz de Fora uma cidade idealizada, europeia, com interpretações curiosas do tamanho da cidade e das condições naturais oferecidas pelo ambiente. Carrara descreve ainda o uso de mão de obra escrava em obras em Juiz de Fora após 1888, em especial na construção da Estrada União e Indústria, apesar da teórica ilegalidade.

⁴⁰ Encontrei menção a um plano de saneamento de Juiz de Fora sugerido por Lourenço Baeta Neves e Saturnino Brito em 1915 e 1920 (ALBERTO, SOUZA, 2013). Há um discurso semelhante de uma cidade bonita e higiênica, mas a proposta parece bem diferente da de Howyan. Isso me parece evidente pela sugestão de abandonar o traçado reto das ruas no centro da cidade e seguir as curvas do relevo, mas não encontrei estudos mais detalhados sobre esse plano, até o momento. Houve outras propostas de remodelação de Juiz de Fora, também apenas parcialmente implantadas, mais distantes desse momento que estava buscando para encontrar essas salas de cinema. Um exemplo é o plano de Saboya Ribeiro, na década de 1940.

encontrar informações já reunidas sobre esses grupos e eventos. Tive acesso a uma dissertação sobre a [I Mostra de Juiz de Fora do Cinema Super 8](#) (COSTA, 2017) e diversos artigos e um livro sobre o Centro de Estudos Cinematográficos⁴¹. É claro, o cenário do cineclubismo em Juiz de Fora foi muito mais vasto do que isso, como fica evidente quando Costa (2017) fala de uma “efervescência cultural em Juiz de Fora”, e como Alessandra Brum pôde me apontar em reunião de orientação.

Nessa reunião Brum me ofereceu uma lista de diversos cineclubes atualmente ou recentemente em atividade, organizados com apoio da prefeitura, por universidades, ou por coletivos. Para além dessa lista e das pesquisas citadas aqui, tive dificuldades em encontrar até mesmo nomes de cineclubes, e não tive pontos de partida para iniciar uma pesquisa sobre cineclubes forma mais concreta. Assim é possível imaginar que muitas outras organizações e eventos estão excluídas desse mapeamento, ao longo da história.

Para cineclubes contemporâneos ou de atuação recente, foi possível descobrir informações online do Cineclubes Movimento, Cinemamm, Cine Silva, Bordel Sem Paredes, Cineclubes Memorial, Cine Fanon, Cineclubes Entre Saberes e do Cineclubes Lumière e Cia.

Também foi relativamente difícil encontrar informações nas fontes que procurei, sobre, por exemplo, um evento como a X Jornada de Cineclubes, que aconteceu em Juiz de Fora em 1976, quando foi ratificada a criação da Dinafilme (COSTA, 2017, pp. 51 e 54). A Jornada é descrita no livro de Arantes e Musse (2014, 83-86), e mencionada na dissertação de Costa (2017), por causa da atuação do CEC na organização dessa edição da Jornada em Juiz de Fora. No entanto, encontrei relativamente poucas informações sobre esse evento que pode ter um *status* de marco histórico não apenas local. Se essa situação é verdadeira para esse evento, que outras mostras, festivais e cineclubes existiram e não são sequer mencionados em nossos registros históricos?

Mesmo fazer esse trabalho de coleta de informações sobre cineclubes e mostras através de fontes de arquivo poderia ser problemático, por se tratar de organizações e eventos pouco documentados, e é possível que resgatar essa memória signifique produzir documentos, através de entrevistas, como Costa (2017) fez em sua pesquisa. Em minha busca por menções de outros cineclubes ou eventos que poderia registrar nessa categoria

⁴¹ Brum, 2013. Três artigos de Ribeiro, Arantes, Musse, 2011. Arantes e Musse, in: Brum, Melo, Puccini, 2017. pp. 109-133. Arantes e Musse, 2014.

como mais pontuais e transitórias do que aquela travada por salas comerciais fixas, construções que marcam o espaço de forma mais permanente do que essas exposições que ocupam espaços destinados a outros fins, que são interpretadas como acontecimentos. Também eventos como o Festival Primeiro Plano se espalham pela cidade, realizando exposições em escolas e aparentemente buscando integrar tanto os bairros de Juiz de Fora quanto o centro em sua movimentação, enquanto coletivos como o Cine Silva e o Cine Fanon tem discursos explícitos de ocupação do espaço, de periferia e centro, de ressignificação de lugares através dessas manifestações culturais.

Ao mesmo tempo, percebi que a linha entre mostras realizadas por um cineclube dentro de sua atuação normal, e a realização de mostras e festivais por outros tipos de organização, ou que contaram com a atuação de um cineclube, mas ainda assim deveriam ser registrados de maneira separada era tênue e confusa. Um exemplo que me fez pensar nisso foi o caso do CEC-JF, que participou na organização da X Jornada Nacional de Cineclubes, e dos Festivais de Cinema Brasileiro de Juiz de Fora. Os cineclubes não são simplesmente lugares onde acontecem exposições alternativas ao circuito comercial, mas grupos que realizam atividades múltiplas, como pode ser exemplificado pela criação de cursos de cinema pelo CEC e de oficinas e cursos de produção pelo Cine Fanon.

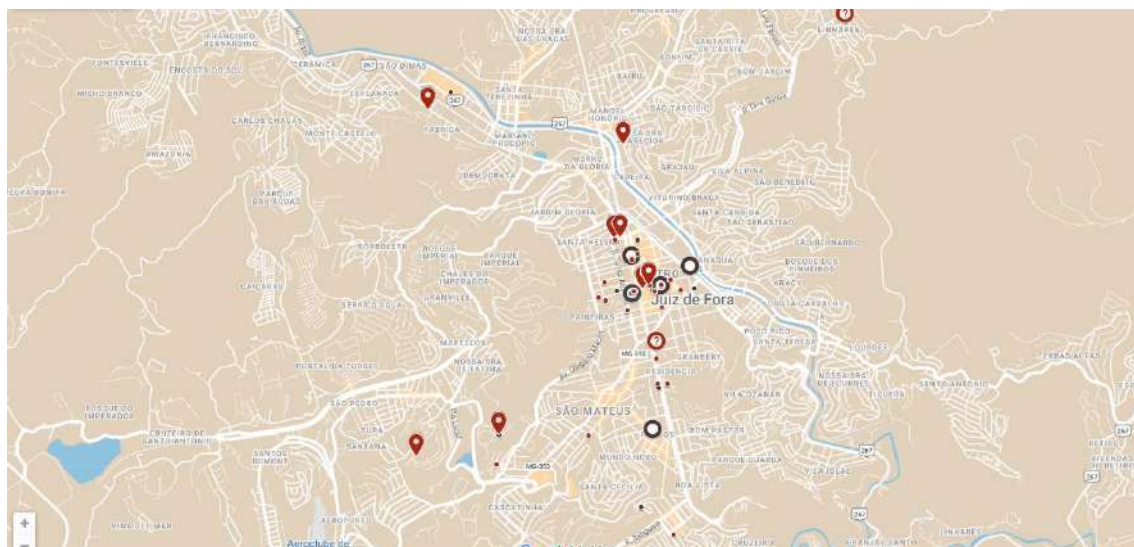
Colocar lado a lado cineclubes, mostras, festivais, e as salas de exibição comercial, fixas ou itinerantes, planejou essas experiências de uma forma que não correspondia à realidade, e que ia contra meu interesse em demonstrar a multiplicidade dessas experiências. Além disso não dava conta da forma fluida, temporária, e de cunho político como cada um desses cineclubes ocupava o espaço.

Decidi cortar esse aspecto de minha pesquisa, uma vez que não consegui reunir documentação, e o que havia encontrado não se encaixava na proposta de representação que propus para o Minas é Cinema. No entanto, como Brum apontou em reunião de orientação, por escasso e inadequado que esse registro seja, propor uma visão mais ampla do que se vê como experiência cinematográfica é importante.

Por isso, produzi um mapa secundário, no interesse de ao menos não perder esse registro, onde localizei cineclubes, mostras e festivais que aconteceram em Juiz de Fora. Esse novo mapa continua possuindo muitas inadequações na forma como lida com as experiências espaciais e temporais desses cineclubes e mostras, e acredito que há ainda muitas questões a resolver a respeito desse mapeamento, que não está disponível online. Ele existe apenas para não perdermos os registros já feitos desses espaços.

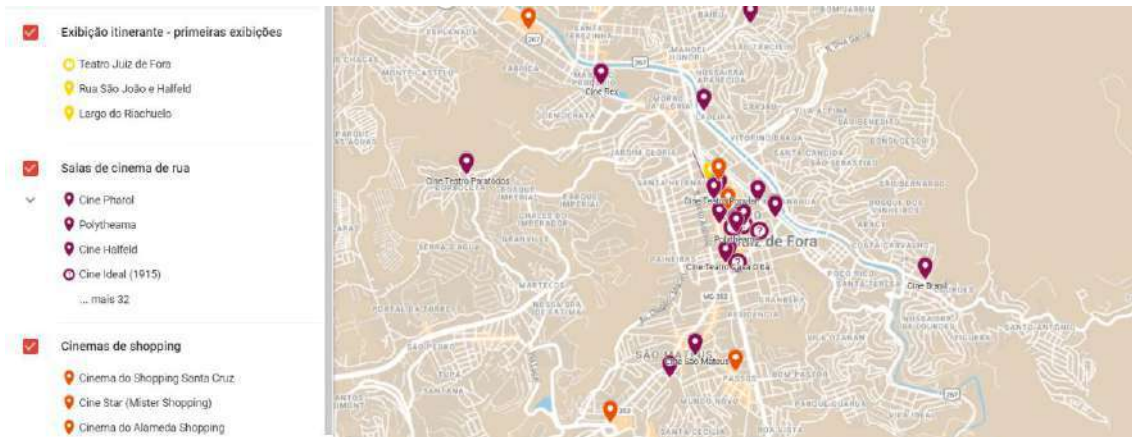


[Cineclubes, mostras e festivais de Juiz de Fora](#). Esse mapa não está publicado no Minas é Cinema. Numa tentativa de organizar essa visualização, representei as mostras e festivais em **marcadores pretos**, e os cineclubes em **vermelho**. Tentei separar o que eram sedes de cineclubes dos lugares onde aconteciam exibições, representados com marcadores tradicionais em “forma de agulha” e com círculos pequenos, respectivamente. De forma semelhante, representei os festivais e mostras com círculos, e tentei destacar com círculos maiores lugares que funcionaram como “os espaços principais” de algum evento, onde foram a maior parte das exibições ou as premiações, como é o caso do Cine Palace e do Teatro Paschoal Carlos Magno, em edições diferentes do Festival Primeiro Plano.



Uma inadequação evidenciada por essa visualização é a planificação da experiência de diferentes cineclubes e mostras, representados numa mesma categoria, quando é possível que eles sejam eventos de experiência muito individual. Em que outras categorias seria possível separar? Cineclubes organizados por coletivos, em oposição aos que partem de instituições como a prefeitura ou museus? Essas diferenças são tão claras assim? Tentei representar cada evento com uma cor, mas isso se tornou extremamente confuso, e ao olhar para o mapa nessa proposta, as cores não pareciam diferenciar nada. Me pergunto se seria mais útil representar cada evento separadamente, em mapas individuais, ou se o mapa em si é um meio inadequado para pensar os cineclubes, mostras, e festivais que aconteceram na cidade.

Enquanto isso, a versão atual do mapa dos espaços de exibição de Juiz de Fora, agora talvez dos espaços de exibição comercial de Juiz de Fora, parece ter ficado mais compreensível sem a presença dos cineclubes, mostras e festivais.



Espaços de Exibição em Juiz de Fora, mapa atual.



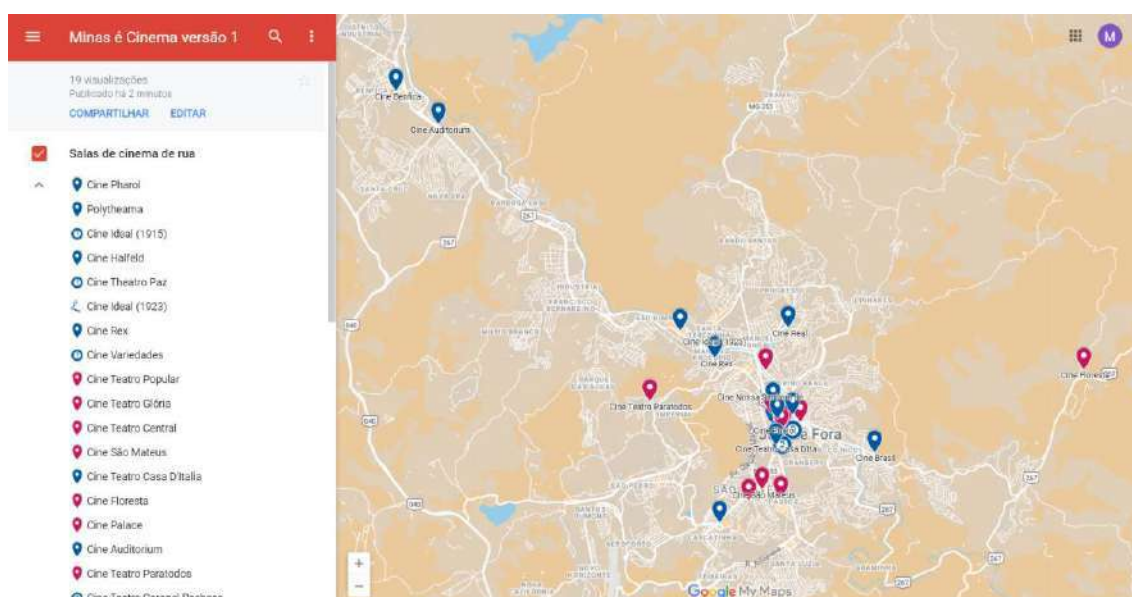
Na primeira imagem é possível ver as salas de cinema no centro da cidade e bairros mais próximos, bem como a legenda do mapa que aparece ao clicar em um ícone no lado superior esquerdo da janela. Na segunda há um *zoom* da rua Halfeld, e na terceira há um *zoom out* exibindo todos os espaços de exibição registrados em Juiz de Fora.



De **marrom**, listei as salas de cinema de rua, de **laranja** as salas de shopping, e de **amarelo** exibições itinerantes.

chamei as reportagens de fontes válidas também? Seus critérios para seleção de informações são tão diferentes dessa série? Provavelmente isso é algo que eu devia investigar caso a caso, certo? E se partimos desse raciocínio, o que torna blogs fontes tão informais que não posso considerá-los? A verificabilidade das informações é superior nos meios que selecionei? O que estou mapeando são salas sobre as quais existe material com respaldo acadêmico sobre elas? Não seria mais interessante mapear todas as fontes disponíveis, e assim incluir o que encontrei na Hemeroteca Digital, por exemplo? É uma visualização que não se sustenta.

Publicado em abril de 2022, o site [Cinemas de Rua de Juiz de Fora](#) tensiona ainda mais esses questionamentos: é uma produção acadêmica no formato de blog, resumindo as informações sobre as salas de cinema ali indexadas, em geral, em poucos parágrafos. Diante dele é ainda mais estranho tentar decidir o que devia ser considerado nesse levantamento. Eu o organizei antes dessa publicação e quis manter a reflexão pois acreditei que ela seria útil, e parece difícil tomar uma decisão em relação a como o site poderia alterar os dados que apresentei aqui⁴³.



Salas de cinema de Juiz de fora, separadas por presença de trabalhos acadêmicos com elas como objetos principais.

Esse não é um mapa que faria sentido no portal do Minas é Cinema, mas é um mapa que quero apresentar aqui nesse texto, pois afinal estou tentando entender onde

⁴³ Destaco uma página na sessão de “[notícias](#)”, onde está o registro de uma pesquisa sobre o [Cine Paraíso](#), organizada por João Guilherme Santos e Theresa Medeiros, com a apresentação de imagens originais e a coleta de diferentes depoimentos sobre essa sala, que me pareceu uma contribuição importante.

estão os focos de interesse sobre essas salas, como pesquisadores especificamente da UFJF, olham para esses espaços e para o que temos deixado de olhar.

Para começar a falar do que esses pontos no mapa indicam, é importante reiterar as ausências de pontos para salas que sabemos que existiram: muitas são salas de bairro, como o Cine Grama. Há ainda salas no centro da cidade cujos endereços não descobri, como por exemplo o Cine Juiz de Fora, uma das primeiras salas de exibição da cidade. Assim, não posso fazer afirmações muito precisas, como a porcentagem de salas que funcionaram nos bairros ao longo do tempo em relação às salas do centro, ou como a atenção dos pesquisadores se dividiu entre essas porcentagens. Posso, no entanto, fazer inferências a partir da visualização das informações disponíveis até agora.

Quando olhamos para o mapa, chama atenção o foco de salas conhecidas sobrepostas, às vezes umas nos mesmos endereços das outras, no centro da cidade e especialmente na “cinelândia juiz-forana” como a rua Halfeld foi chamada (VIEIRA, *in*: BRUM, BRANDÃO, 2021. p. 8). No entanto, pelo que parece, essa concentração não corresponde necessariamente, como pensei a princípio, a um foco de estudos sobre as salas de cinema de Juiz de Fora. Dá para ver que boa parte dos pontos localizados no centro indicam salas sobre as quais não encontrei muitas informações.

Ao mesmo tempo, podemos ver a partir das pesquisas sobre os cinemas Floresta (GONÇALVES e MUSSE, 2012), Paratodos (MARQUES, 2019), e São Caetano (BRANDÃO, *in*: BRUM, _____, 2021. pp. 52-66), que há algum interesse em entender experiências da ida ao cinema nos bairros de Juiz de Fora. Observando as histórias que foram levantadas sobre esses três cinemas, parece importante que em cada um deles a experiência descrita é muito distinta. As experiências dessas três salas também se diferenciam do que é relatado sobre as salas do centro, passando por relações com o trabalho fabril e pela comunidade um tanto isolada de um bairro de imigrantes.

A sala sobre a qual encontrei mais bibliografia⁴⁴ foi o Cine Teatro Popular, o que pode ser, em parte, explicado pela importância histórica atribuída à personalidade de João Gonçalves Carriço. Também encontrei muito sobre as salas do centro da cidade, é verdade, em especial aquelas localizadas na rua Halfeld, mas para mim pareceu que o fator decisivo para que existam informações de fácil acesso sobre elas foi o fato da sala integrar, ou não, o circuito da Companhia Central de Diversões. Os Cine Teatro Central e Cine São Luiz, ambas salas lançadoras da companhia localizadas na rua Halfeld, são,

⁴⁴ Ver a página [Referências Bibliográficas](#) do Minas é Cinema. Não tive acesso a todas essas publicações.

ao mesmo tempo, as duas salas que encontrei maior documentação fotográfica, e duas salas sobre as quais há muita bibliografia disponível.

Enquanto isso, muitas salas do centro da cidade permanecem em mistério. A minha conclusão foi que parte delas eram salas anteriores à consolidação da Companhia Central de Diversões, como o Cine Variedades, o qual não sei sequer a localização exata.

Outra situação são salas que foram construídas mais recentemente, como o Cine Veneza, que fechou nos anos 2000, o que pode ser parte de um interesse específico na experiência “áurea” do cinema de rua em seus tempos de palácios. [Marques](#) (2019, p.66) descreve o Cine Veneza como um cinema que “não provocou um grande marco na história da cidade em relação ao cinema”, justamente por ser uma sala inaugurada num período de decadência do cinema de rua. Esse comentário me faz pensar, o que consideramos como um marco na história da cidade? Como é medida essa grandeza? Certamente seria necessária uma pesquisa muito ampla de opinião, levantando as memórias de diversas pessoas, para certificar que uma sala ou outra não marcou a vida delas?⁴⁵ Será que o fator “impacto” deveria realmente determinar se falamos ou não de um espaço de exibição? Acredito que não, se estamos mesmo defendendo histórias múltiplas e microscópicas, em que a experiência individual é fundamental.

Para além disso, não acho que sabemos ainda o suficiente sobre boa parte dos cinemas de Juiz de Fora, seja no quesito experiências múltiplas, no quesito de como funcionou o mercado exibidor na cidade, ou no quesito mesmo do espaço físico dessas salas. Novamente, essa situação se complica ainda mais quando tentamos expandir a ideia além das salas de cinema para a exibição como um todo.

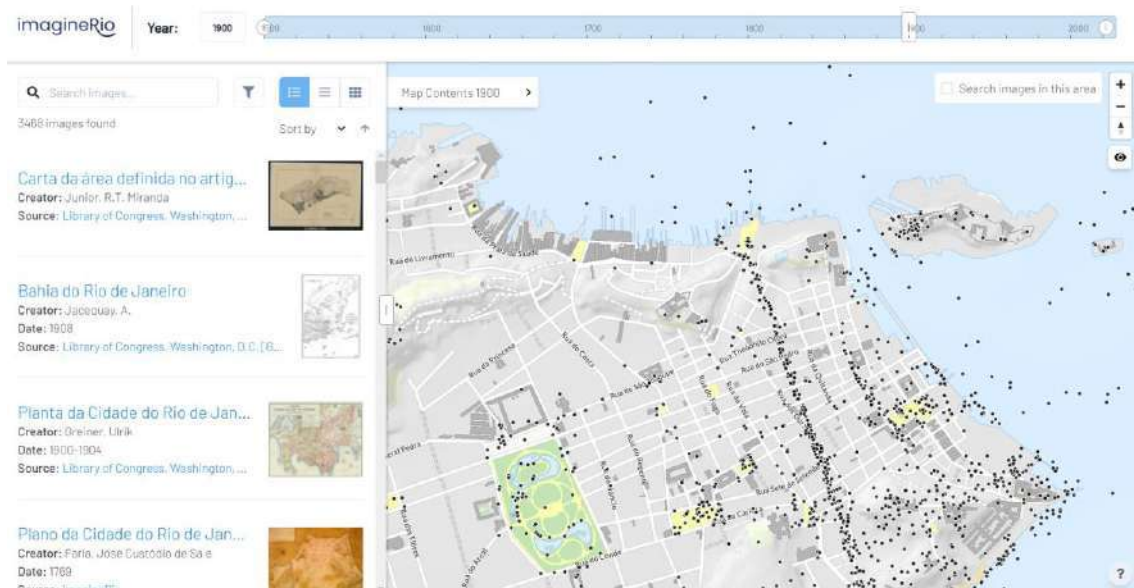
Preciso ainda falar sobre outro aspecto da concepção desse mapa digital que criamos, para descrever a aparência e experiência que me interessavam buscar.

Na conversa de orientação original com Alessandra Brum que resultou nesse trabalho, eu disse que “achava mapas legais”. Por isso, é importante aqui a referência de um mapa digital que me impressionou muito, o [ImagineRio](#). Muitas vezes nos referimos a essa pesquisa como uma “tentativa de fazer um ImagineRio do Minas é Cinema”.

⁴⁵ Argumento ao contrário com [esse post](#) do usuário “Juiz de Fora da Depressão” na rede social Facebook, com uma foto do Cine Veneza e a pergunta “Quem se lembra do cine Veneza? Qual filme você viu lá?” No momento em que escrevo esse relatório, ele possuía 448 curtidas e 231 comentários. Não sei julgar quão comparáveis são as grandezas, mas esse engajamento sobre uma única publicação, em uma comunidade que produz diversos *posts* por dia, equivale a quase metade da quantidade de seguidores total da página do movimento “[Salvem o Cine Excelsior](#)” e cerca de um terço da quantidade de seguidores do movimento “[Salvem o Cine Palace](#)” na mesma rede social, que eram, quando consultei essas páginas 1,1 mil e 1.305 usuários, respectivamente.

Esse mapa digital desenvolvido na [Rice University](#) localiza fotos e desenhos históricos do Rio de Janeiro no espaço e no tempo, de acordo com seu “cone de visão”, que é a posição onde alguém estaria para ver aquela paisagem daquela forma. As imagens também estão localizadas numa linha do tempo, de acordo com o período em que elas foram tiradas.

Outro aspecto desse mapa que nos interessou é a linha do tempo, que mostra o mapa da cidade conforme ele existia naquele momento selecionado. Esse mapa se transforma conforme avançamos ou retrocedemos no tempo, não apenas mudando que imagens estão disponíveis para visualização, mas de fato o traçado da cidade, seus prédios e, como é impressionante no Rio de Janeiro, seu relevo e contorno da costa também. É um trabalho minucioso de interpretação, digitalização, e sobreposição de mapas históricos.



Captura de tela do [ImagineRio](#) na primeira visualização oferecida ao acessar o mapa digital. À esquerda estão visíveis mapas e plantas que podem ser sobrepostos ao mapa de satélite em diferentes níveis de transparência.

Além disso, é um mapa digital que me pareceu intuitivo, sem oferecer grandes dificuldades ao usuário em utilizar suas ferramentas: mover o marcador na linha do tempo e clicar nos pontos para ver que imagens eles estão indicando são gestos simples. Com outro gesto simples, clicar no botão “abrir página do item”, é possível acessar informações sobre a imagem em questão. Nessa página do item também é possível encontrar links para arquivos digitais de onde essas imagens foram retiradas. Me impressionaram não só o

esforço monumental de pesquisa e sofisticação da programação, mas também a facilidade de navegação e acesso.

Estação Central do Brasil - Estrada de Ferro de D. Pedro II - Central do Brasil

Creator: Georges Leuzinger Date: 1870 circa



Em 1858 foi inaugurada a ferrovia Dom Pedro II e, em 1870, foram erguidas suas duas torres laterais.



PROPERTIES

Identifier:	014GLAS114verso
Creator:	Georges Leuzinger
Date:	1870 circa
Type:	Photograph
Materials:	Photographic print
Fabrication Method:	Albumine
Height (mm):	189
Width (mm):	235
Source:	Instituto Moreira Salles
See Also:	imagineRio Wikidata

A título de exemplo, página com informações da imagem "[Estação Central do Brasil - Estrada de Ferro Dom Pedro II – Central do Brasil.](#)" Captura de tela, 09 abr. 2022.

A ideia de reproduzir o mapa de ImagineRio se mostrou muito distante de nossa realidade: Percebemos logo que a complexidade de sobrepor mapas históricos e refazer os traçados da cidade ao longo do tempo era um projeto que requeria conhecimento cartográfico e de Sistemas de Informações Geográficas que não possuíamos. Era um esforço que necessariamente envolveria muito mais pessoas do que estavam, naquele momento, trabalhando com o Minas é Cinema. Não é uma ideia impossível, uma vez que existem mapas, fotografias aéreas e plantas cadastrais históricas da cidade nos arquivos municipais, e através da ajuda do professor Ricardo Zaidan⁴⁶ tivemos acesso a cópias digitalizadas de alguns desses documentos.



Captura de tela (08 abr. 2022) de página inicial do aplicativo “Te Vi Por Ai”, e de um zoom do mapa, mostrando a interface onde uma visão de satélite da cidade atual se sobrepõe a uma “lupa da história” mostrando o planejamento de Saboya (1949).

⁴⁶ [Zaidan](#) é doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e é Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, atua especialmente com geoprocessamento aplicado, análise ambiental, geoprocessamento, bacia do Paraibuna e escorregamentos.

Para falar de possibilidades, quero citar um aplicativo desenvolvido pelos alunos do curso de Geografia da UFJF, chamado “[Te vi por aí](#)” (CARAMEZ, BARBOSA, PEREIRA, PAULA, 2020), onde estão sobrepostos um mapa atual da cidade e o plano de remodelação urbana desenvolvida por Saboya Ribeiro de 1946 a 1949. No entanto, para além da dificuldade técnica, esse projeto de sobreposição parecia, apesar de uma ideia maravilhosa de aplicação de cartografia histórica, algo que vai muito além dos objetivos dessa pesquisa voltada para os espaços de exibição.

Este foi o primeiro aspecto, portanto, em que entendemos que o mapa do Minas é Cinema não deveria ser uma cópia do ImagineRio, e que era necessário imaginar outras soluções. Esse problema, como os demais que encontramos, poderia ser resolvido através de parcerias, por exemplo, com os departamentos de Geografia e de Sistemas de Informação da própria UFJF. No entanto, adotar essa estratégia significa desenvolver estratégias a longo prazo que não pareciam se encaixar nos prazos um tanto imediatos de uma pesquisa de mestrado. Decidimos buscar formas de mapeamento possíveis para as condições de organização atuais do Minas é Cinema.

Também encontramos nossas limitações do lado da programação – o ImagineRio é um programa de código aberto, é verdade, mas eu e a maior parte dos envolvidos no projeto não conhecíamos nenhuma linguagem de programação. Mais tarde abrimos editais procurando bolsistas com esse conhecimento, mas o site demonstrou ser muito sofisticado para ser copiado por uma única pessoa. Percebemos também que não poderíamos esperar que as pessoas com interesse no Minas é Cinema tivessem também esse conhecimento todos os anos. Isso é uma realidade especialmente quando contamos, recentemente, com apenas uma bolsa por ano, e percebemos que inserir esse pré-requisito poderia afastar interessados no projeto.

Dessa forma, era necessário encontrar um programa de Web-GIS pré-existente, com uma interface acessível, não apenas para os usuários do site, mas também para quem fosse editar seu conteúdo. A decisão por buscar esse tipo de *software* teve o impacto imediato de nos limitar a opções que não possuíam a possibilidade de acrescentar linhas do tempo interativas como as que me interessavam no ImagineRio. Inicialmente, aceitei essa mudança, mas cada vez mais percebi que precisava lidar com o tempo de alguma forma nesse projeto histórico, então de maneira paliativa criei uma “**Tabela: Linha do tempo de funcionamento dos espaços de exibição de Juiz de Fora**”⁴⁷ para registrar os

⁴⁷ Clicando nessas palavras é possível pular para a tabela.

períodos de funcionamento das salas de cinema de Juiz de Fora. Atualmente ela existe apenas como imagem, mas acredito que seria possível transformá-la num recurso interativo como a linha do tempo que existiu na plataforma *Going to the Show*, documentando as salas de cinema de Wilmington.

Determinamos, portanto, que precisaríamos de um software que fosse ao mesmo tempo gratuito e de simples inserção no [portal que criamos](#). O novo site do Minas é Cinema foi criado no [HostGator](#), que apresenta uma interface de edição de páginas semelhante à [Wordpress](#), usada nos [sites institucionais da Ufjf](#), mas com menos restrições do que podemos alterar em relação ao site institucional, que tem, como mencionamos, um *layout* padrão determinado pela universidade. Assim, buscamos criar um site mais atrativo, mas com ferramentas de edição com as quais possuíssemos experiência⁴⁸.

Para o mapa, optamos pelo [My Maps](#) do Google, a partir dessa noção, também importada de *Going to the Show*, de que usar uma ferramenta conhecida apresentaria uma experiência de aprendizado relativamente fácil para os pesquisadores, alunos, voluntários e bolsistas que no futuro se interessem pelo projeto. O *My Maps* permite a inserção de pontos, linhas e polígonos, bem como a identificação deles em diferentes cores e símbolos, e a criação de diferentes camadas. É possível relacionar ao ponto tanto informações textuais quanto imagens. As informações textuais podem ser editadas também no formato tabela, de forma que é possível criar colunas com diferentes nomes que serão separadas por títulos na exibição do mapa.

Essas não são as únicas funcionalidades do *My Maps*, mesmo se são as únicas que utilizei na criação desse mapa. É possível, por exemplo, inserir rotas ligando diferentes pontos no mapa. Colocar o mapa no portal do Minas é Cinema é facilitado pelo código gerado automaticamente pelo *software*, e na página onde ele está disponível é possível ao usuário interagir com o mapa, decidindo quais camadas visualizará, clicando nos pontos para ver suas descrições e nas miniaturas das imagens para vê-las em tela cheia. Mesmo após publicado, ele permanece editável na plataforma *My Maps*, apenas para o usuário de e-mail que o criou, e as edições se refletem na versão publicada conforme elas são salvas⁴⁹.

⁴⁸ Agradeço e ressalto o trabalho de Lucas Alexander Silverio, João Pedro da Silva Assis e Guilherme Nadalini Pereira, no desenvolvimento do portal do Minas é Cinema que existe atualmente.

⁴⁹ Um manual com as principais funções do *My Maps* pode ser acessado neste endereço: https://www.google.com/intl/pt-BR_br/earth/outreach/learn/visualize-your-data-on-a-custom-map-using-google-my-maps/#personalizar-os-pontos-do-seu-mapa-2-0, acesso 10 abr. 2022.



Interface de edição da plataforma *My Maps*, com o modo de edição de dados em formato tabela aberto.

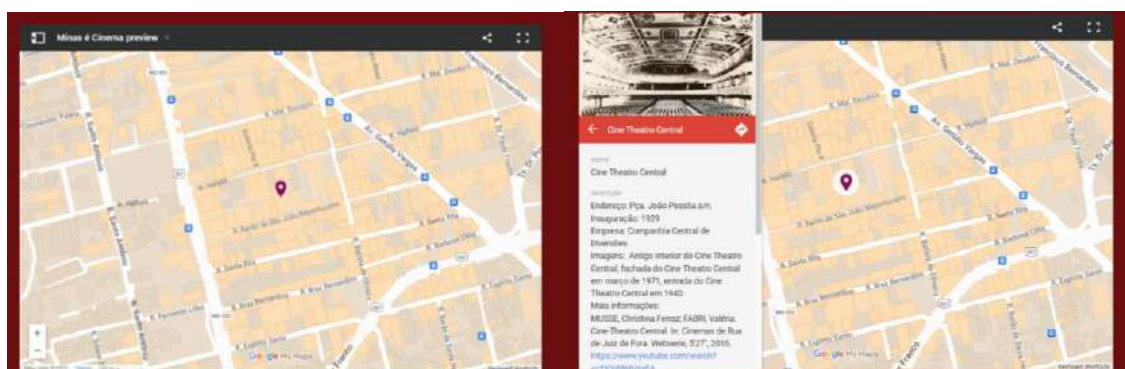
Assim, dentro do espaço para inserções textuais de cada ponto, seria possível colocar tanto as informações em formato de tabela que pensamos em coletar sobre cada sala de cinema, quanto os links para outras pesquisas que achei necessários. Outro detalhe que contribuiu para nossa escolha desse *software* foi que as informações eram exibidas para o usuário de uma forma semelhante à que me interessava no ImagineRio: uma janela que pode ser exibida ao mesmo tempo que a localização no mapa, ocupando apenas parte da tela. Essa visualização oferece a possibilidade simultânea de se aprofundar a atenção sobre a sala selecionada e de continuar a explorar pontos no mapa. Essas semelhanças são provavelmente intencionais: Farès El Dadah, idealizador do ImagineRio, [menciona em videoconferência](#) (2021) que a ideia era criar um Google Maps histórico da cidade do Rio de Janeiro.

Há uma diferença na forma como essa janela funciona no *My Maps*, uma vez que aqui estão listadas as informações e a imagem da sala de cinema é exibida como ícone menor, enquanto no ImagineRio a imagem é centralizada, e as informações sobre ela são acessadas em outra página. No entanto, isso faz sentido para os interesses do Minas é Cinema, uma vez que seu foco parece menos imagético que o do ImagineRio. Também é possível acessar as imagens em tela cheia, sem mudar de página, e ao menos nos testes que realizei, as informações e imagens carregavam rápido e sem necessidade de acesso a uma rede de internet muito potente, o que deve ser um item a levar em consideração⁵⁰.

⁵⁰ Estou falando de minha experiência pessoal, não de uma ampla pesquisa de experiência do usuário, como seria ideal fazer no desenvolvimento de uma ferramenta digital que supostamente terá utilidade pública.

Aqui estão documentadas três imagens do teste do [mapa no portal Minas é Cinema](#), página programada pelo bolsista João Pedro de Assis.

Esse teste documentava a localização e informações levantadas sobre o Cine Teatro Central, e esteve disponível durante a construção do mapa de Juiz de Fora, a partir de dezembro de 2021. A primeira imagem mostra o mapa em seu estado inicial, a segunda imagem mostra a janela com informações sobre o Cine Teatro Central, e a terceira demonstra como ficam as imagens em tela cheia. Substituímos o mapa pela sua versão atual em março de 2022, quando julguei ela que podia ser publicada.



Testes do mapa de espaços de exibição de Juiz de Fora. Criar essa página para "segurar o lugar" do mapa foi importante para nos mostrar que o que desejávamos fazer era possível.

Da seleção e apresentação de informações

Para selecionar que informações elencaria nesse mapa, comecei por enumerar as que seriam requisitos mínimos para que esses espaços de exibição pudessem existir no mapa digital. Apenas seu nome e localização exata eram suficientes, uma vez que sem o recurso da linha de tempo incorporada ao mapa, não era necessário saber com certeza seu período de funcionamento.

Com o passar do tempo percebi que também seria importante representar os espaços de exibição cuja localização exata não pude encontrar. Assim, acrescentei algumas salas em localizações aproximadas, representando com uma interrogação as salas das quais consegui aproximar em uma área relativamente pequena.

Representados com uma interrogação, estão o Teatro Juiz de Fora, que de acordo com citação de um depoimento de Dormevilly Nóbrega concedido em 1998 (*Apud*. GENOVEZ, 1998. p. 32) era localizado na Rua Espírito Santo, nas proximidades de onde mais tarde foi a Pró-Música. Este é atualmente o número 1023 da Rua Espírito Santo, prédio que se encontra desativado. Pela localização aproximada, e por essa ser a única indicação desse endereço que encontrei, sem poder confirmá-lo, usei o ponto de interrogação.

Também usei essa representação no caso do Cine Halfeld, cuja localização na esquina da Rua Halfeld com a do comércio pode significar qualquer uma das quatro esquinas nesse cruzamento (GROIA, 2010). Encontrei uma fotografia dessa esquina em 1915 no álbum de Juiz de Fora (LAGE, ESTEVES, 1915), ano de inauguração da sala, mas não encontrei letreiros ou cartazes legíveis nessa fotografia para ajudar a definir se poderia ser em alguns dos prédios retratados na imagem, vista parcial do cruzamento.

O Cine Variedades é outro cujo endereço mais detalhado que encontrei é que ficava na esquina da Avenida Quinze de Novembro (atual Getúlio Vargas) com a Barão de São João Nepomuceno. Nesse caso, a fotografia do exterior da sala pode indicar que ele ficava no quarteirão em que essa esquina faz um ângulo obtuso, mas não quis usar um ponto comum, para lembrar de procurar confirmação disso.

Encontrei informações ([GENOVEZ, SOUZA, LEITE, GAWRYSZEWSKI, FRAGA, 1998](#)) de que o Cine Teatro Paz foi no mesmo endereço onde mais tarde foi construído o Edifício Sulacap. Esse prédio é extenso ocupando diversos números da Rua Halfeld, e não sei a aparência dessa sala de cinema, nem localizei algo que poderia sê-lo nas fotografias da rua Halfeld de 1920 a 1930 que tive acesso.

Também representei o Cine Teatro Coronel Pacheco com uma interrogação: a rua Oscar Vidal sofreu alterações durante a canalização do Córrego da Independência, a partir de 1968 ([MACHADO, 2016](#)), e não sei se a numeração foi alterada, a partir das cartas e mapas a que tive acesso (Em especial, RIBEIRO, 1947). Não encontrei nos blogs memorialistas de Juiz de Fora fotografias daquela rua que me ajudassem com isso.

Representei com linhas duas salas cuja localização consegui apenas aproximar numa distância de alguns quarteirões. São os casos do Cine Ideal (1923) do bairro Mariano Procópio e do Cine Nossa Senhora de Fátima. Quanto ao Cine Fátima, de acordo com [registro anterior do portal Minas é Cinema](#), era no centro da cidade, de forma que demarquei apenas os quarteirões da Avenida dos Andradas mais próximos do centro.

Quanto ao Cine Ideal inaugurado em 1923, encontrei indicações de que foi localizado no bairro Mariano Procópio, na Rua da Tapera 74 ([CINEMA IDÉAL, 3 abr. 1923](#)). Essa rua é atualmente a Avenida Rui Barbosa ([LAGE, ESTEVES, 1915](#) p. 167). Não sei se sua numeração mudou ao longo dos anos, mas acredito, a partir da mudança do nome da rua, e da distância que separa essa numeração do momento atual, nessa possibilidade. Não encontrei imagens desse cinema.



Anúncios no Almanaque de Juiz de Fora (ESTEVES, 1914) com endereços do Cine Pharol e do jornal O Pharol.

Com uma lista tão grande de cinemas que não encontramos, ou não encontramos *exatamente*, pode parecer que não localizamos nenhuma sala que já não sabíamos onde ficava. Quero mencionar, então, o endereço do Cine Pharol. Em primeiro lugar, diferentes fontes discordam sobre onde ele ficava. Por exemplo, [Groia 2010](#) indica que era na rua Halfeld número 140. Enquanto isso, Ferraz (*Apud.* BRUM, MELO, PUCCINI. 2017. p. 26) aponta que “seu primeiro endereço” foi na rua Halfeld número 107. É possível que essa diferença seja por causa de uma mudança na numeração da Rua Halfeld, mas ainda assim, há uma confusão. A sala fixa Cine Pharol, inaugurada em 1910, ficava ao lado da tipografia do Jornal O Pharol, e ao que tudo indica não teve mais de um endereço. Na verdade, esse local na rua Halfeld provavelmente se refere a uma exibição itinerante com o mesmo nome, que de acordo com Ferraz, pertencia à empresa Lussac & Almeida e esteve ali em 1908.



No álbum de Lage e Esteves (1915), Rua Direita, onde é possível ver a tipografia do jornal O Pharol e o cinema (prédio mais claro, com o cartaz na frente.). Fonte: Álbum do Município de Juiz de Fora (LAGE, ESTEVES, 1915). Digitalização disponível no site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 02 abr. 2022.

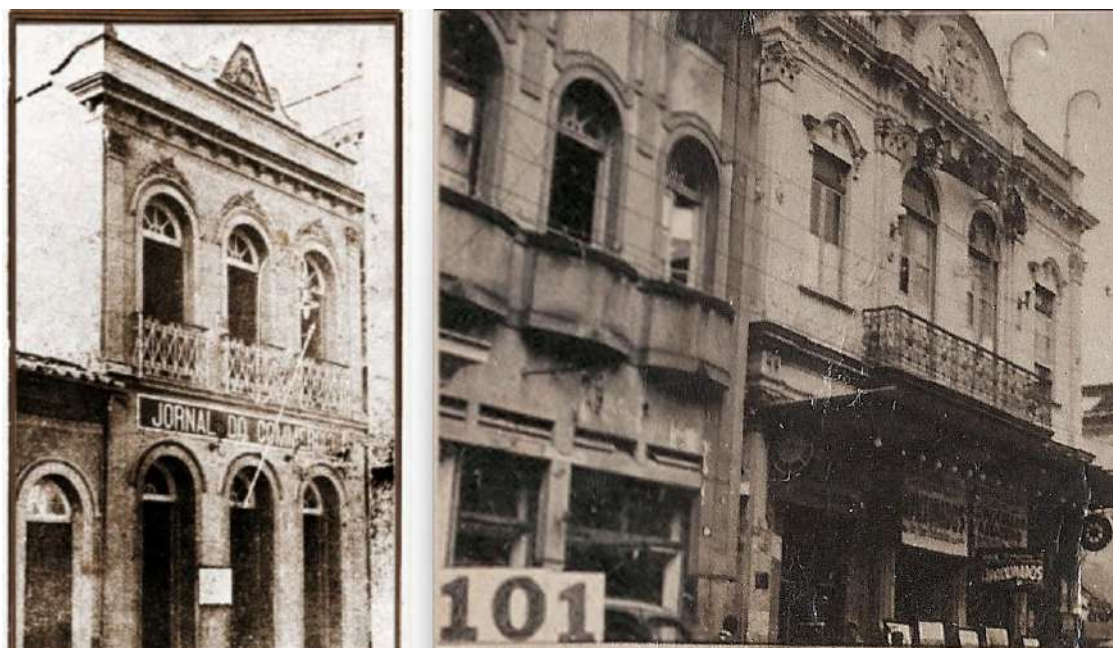
Apesar da mudança da numeração na Avenida Barão do Rio Branco, então Rua Direita, foi possível localizá-lo através de uma fotografia encontrada no Álbum de Juiz de Fora de 1915 (LAGE, ESTEVES), mostrando os bondes na Rua Direita, onde é possível ver a redação do jornal O Pharol, ao lado de um prédio mais claro com um grande

cavalete na porta, que acreditamos ser a sala de cinema. É possível ver ainda, nessa mesma imagem, o Parque Halfeld do outro lado da rua.

Mais simples foi a localização do Polytheama, no mesmo endereço que o Cine Teatro Central, que foi demolido para sua construção ([CONSTRUÇÃO](#), 2018).

Já o Cine Halfeld era localizado ao lado da redação do Jornal do Commercio ([UMA CONTRADITA, 14 nov. 1915](#)), e o prédio do jornal parece o mesmo que está ao lado do Cine Glória em fotografias de diferentes períodos. Não encontrei indicações de em qual lado do prédio do Jornal do Commercio estaria o Cine Halfeld, mas de acordo com [Groia \(2010\)](#), seu endereço era o mesmo do Cine Teatro Glória. Não encontrei fotos especificamente do Cine Halfeld, e não sei dizer outras características do imóvel.

Resta pesquisar de forma mais aprofundada sobre esses espaços. Não achei que faria sentido acrescentar no mapa salas onde minha impressão da localização delas era mais vaga do que essas que citei. Elas foram, portanto, as salas cujos endereços encontrei, ou ao menos tentei encontrar, que não conhecia anteriormente. É o que chamei do “começo de um trabalho de campo”, um primeiro passo para além do que já é informado em outras pesquisas, e que deixa muito por fazer, como é possível perceber ao conferir o artigo de Ferraz (*In*: BRUM, MELO, PUCCINI, 2017), onde diversas outras salas de cinema e exibições itinerante estão listados.



Comparação de fotos do prédio do Jornal do Comércio (LAGES, ESTEVES, 1915) e prédio ao lado do Cine Glória (digitalização no blog [Maria do Resguardo](#), acesso em 6 jun. 2022. Imagem original do álbum de figurinhas de Juiz de Fora de 1950, com fotografias de Álvaro Vitor Gomes e editado pela Cine Bala Ltda., Belo Horizonte). Montagem minha.

Para além das necessidades mínimas do mapa, foi necessário estabelecer que outras informações eram importantes listar. Apesar de não ser uma exigência do *software*, as datas de funcionamento são uma informação importante se vamos contribuir para um histórico da existência dessas salas, que busquei listar.

Outro elemento que me interessava, a partir da referência do ImagineRio, mas que contribui para colocar no centro da atenção fontes de pesquisa não-textuais, eram fotografias desses lugares, para o que usei diferentes blogs interessados na reunião de imagens históricas de Juiz de Fora. Foram eles: [Maria do Resguardo](#), [Maurício Resgatando o Passado](#), uma coleção do *Pinterest* do usuário “[Juiz de Fora em Imagens](#)”, o site [IPatrimônio](#), e o [BenficaNet](#), voltado especificamente para notícias e registros históricos do bairro Benfica. Algumas das imagens que apresento foram produzidas ou reunidas por outros pesquisadores, como as simulações 3D do [Cine Paratodos](#) (MARQUES, 2019), e as fotografias e o croqui do [Cine São Caetano](#) (BRANDÃO. In: BRUM, _____. 2021. pp. 52-66).

GLORIA FONE 1402
— HOJE —
às 3 - 7,30 e 9,30

I - CINE JORNAL BRASILEIRO - Nacional
II - ALLAN LANE e PEGGY STEWART no movimentado drama de arrepiadas aventuras no Oeste

A Procura Do Assassino
Um filme da REPUBLIC
III - O MISTERIOSO DR. SATAN - Cont.

Amanhã em matine e soirée - **CLANDESTINOS**

REX FONE 3516
— HOJE —
2 sessões a partir das 7 horas

I - CARRIÇO FILME - De Juiz de Fora para todo o Brasil

ANTON WALBROK e MOIRA SHEARER em OS SAPATINHOS VERMELHOS
Uma verdadeira obra prima da EAGLE LION, distribuída pela U. C. B. em resplendente technicolor

Censura: - Sem restrições
Amanhã - **JIM DAS SELVAS**

POPULAR FONE 2364
— HOJE —
2 sessões a partir das 7 horas

I - CINEBANDA JORNAL 306 - Nacional
II - RAUSA MABADRAGEM - Desenho colorido

JOHNNY WEISSMULLER e VIRGINIA GREY em JIM DAS SELVAS
Espectacular super filme de grandes aventuras da COLUMBIA

Censura: - Improprio até 10 anos
Amanhã - **APAIXONADOS**

S. MATHIAS Fone 2665
Horarios:
3,30 - 7,30 e 9,30

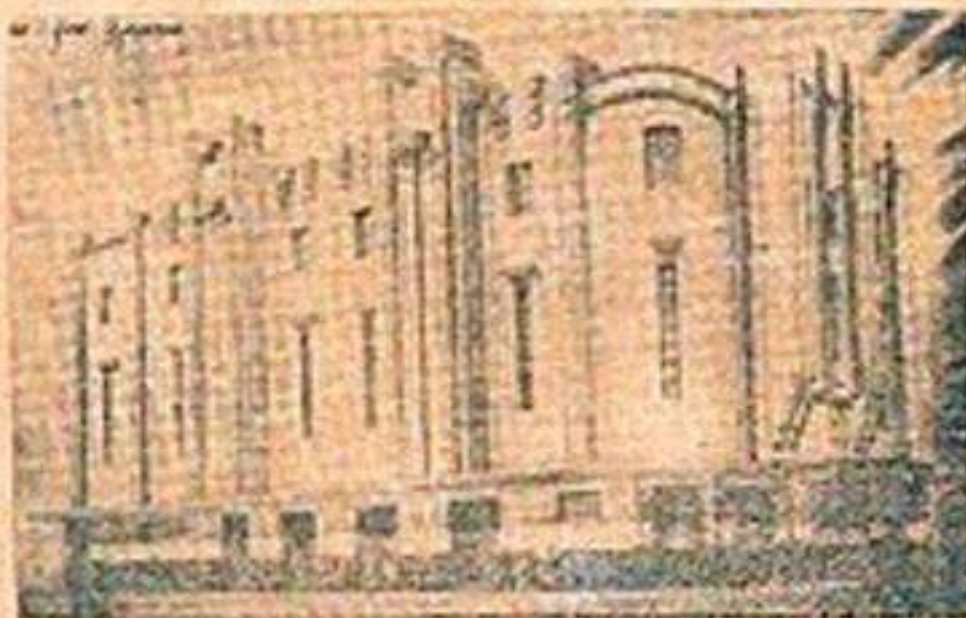
AGUARDEM DENTRO DE BREVES DIAS A SENSACIONAL REABERTURA DESTE CINEMA, COMPLETAMENTE REFORMADO.

Poltronas Cr\$ 3,80
Meia Cr\$ 2,60

Covardes e mal adequados se valem do apagar das luzes para soltar sanções em altas vozes, quebrando a emoção do ambiente e em desrespeito às Ex-mas. Famílias. Pedimos ao distinto publico cooperar na repressão desses indivíduos, comunicando ao gerente as irregularidades que observar

Programação da Companhia Central de Diversões de abril de 1951, fonte: blog [Maurício Resgatando o Passado](#).

Inaugurado na cidade o Cine Palace



Os juizforenses Domingos e Luiz Vassalo Caruso, residentes na Capital da República, onde se tornaram inteligentemente líderes cinegrafistas, num gesto que muito os dignificaram perante os seus conterrâneos que aqui ficaram, acabam de presentear a sua e nossa cidade, com um cinema luxuoso, em moderno edifício próprio à rua Halfeld, esquina Batista do Oliveira e com o funcionamento de cinco sessões diárias.

A falta de espaço nos impede de alongar esta pequena nota. Contudo, não podemos deixar de registrar nossas efusivas felicitações aos dignos irmãos Caruso, que, embora residindo na maravilhosa capital, não se esqueceram da terra natal, e nem se esmoreceram ante os grandes obstáculos surgidos durante a construção do elegante edifício.

A inauguração deu-se no "Dia da Bandeira".

Cinemas

Cine Festival
As 14 - 16 - 18 - 20 e 22 horas

A felicidade está no amor ou no sexo? O que deve fazer um homem traído pela esposa ou uma mulher frustrada no sexo? Veja

TEMPO DE VIVER
e obtenha essas respostas. Com Marina Vlady e Frederic de Pasquale — Colorido — 18 anos

Central
As 15:30 - 17:30 - 19:30 e 21:30 HORAS

"MEU REVÓLVER É MINHA LEI"
Com John Ireland e Andrea Glordana. Colorido — Censura 18 anos.

Palace
15.30, 17.30, 19.30 e 21.30

As duas gatinhas juntas não somavam a idade delas... e elas o devoraram — Deliciosa comédia

"AS GATINHAS"
Com Sérgio Hingst, Adriana Prieto e Joana Fomm.

São Luiz
As 15:30 — 18:00 e 21:00 HORAS

Um filme sobre o mala antigo ESPORTE que a humanidade conhece e pratica com assiduidade:

UM UISQUE ANTES. UM CIGARRO DEPOIS
Uma comédia muito quente — E entre o uísque e o cigarro Com Ary Fontoura, Geraldo D'El Rey, Samantha e Nella

Matinal
As 10:30 horas com

AS AVENTURAS DE UM FRANCÊS NA CHINA
A guerra em tempo de alegria com Charles Aznavour — Colorido — Censura 5 anos

S. Mateus
As 15:30 - 18:00 e 20:30

Cinema em sua melhor expressão como divertimento - Dossado sábia-mente para proporcionar diversão gostosa a todos, vem aí

O GUERREIROS FILANTRAS
Com Clint Eastwood e Telly Savalas — Colorido - Censura 14 anos.

São Mateus
As 18:30 - 18:45 - 21:30

"HERÓIS DO INFERNO"
Com John Wayne e Jim Hutton. Colorido — Censura 14

Metrópole
As 18:00 e 20:00 horas

O deslumbrante western italiano

"MATAREI UM POR UM"
Com Peter Lee Lawrence. Colorido — Imp. 18 anos

Bentiva
As 18:00 e 20:00 horas

O vibrante western italiano

O FILHO DE DJANGO
Um western italiano com Guy Madison e Gabriele Ferzli — colorido — 14 anos

"A SOMBRA DE UM REVÓLVER"
Um dos melhores do gênero com Stephen Forsyth. Colorido — Censura 14 anos.

Real
As 18:00 e 20:30 horas

O inesquecível espetáculo:

"SPARTACUS"
Com Kirk Douglas e Tony Curtis. Colorido — Censura 14 anos.

Auditorium
As 19:30 horas

"OS CANHOES DE NAVARONE"
Com Gregory Peck e Anthony Quinn. Colorido — censura 14 anos.

Paratodos
As 18:00 e 20:00 horas

Lutas, violência e muita pólvora em

UM COLT PARA OS FILHOS DO DEMÔNIO
Com Lee Van Cleef — Colorido — Censura 14 anos

Legenda original: "Programação dos cinemas de Juiz de Fora publicada no jornal Diário Mercantil em 26 de abril de 1971. Fonte: AHJF, 1971." (Apud: MARQUES, 2019, p. 122.) Destaquei essa imagem por citar mais uma sala de cinema cuja localização desconheço: o Metrôpole. Em conversa com Ryan Brandão, supomos tratar de uma sala de bairro, uma vez que estava exibindo um filme de 1968, e na programação, que parece seguir algum tipo de "ordem de importância" ao colocar as salas do centro em primeiro lugar, foi agrupado com as salas de bairro.

Dois projetos digitais de registro das salas de cinema de Juiz de Fora disponibilizados online também foram fontes para essa pesquisa, e reproduzi algumas imagens encontradas nesses blogs: São o projeto [Salas de Cinema de Juiz de Fora](#), organizado por Franco Groia em 2010, e [Cinemas de Rua de Juiz de Fora](#), publicado em 2022 pelo grupo de pesquisa Comunicação, Cidade e Memória. Tive ainda acesso a duas publicações impressas, das quais reproduzi algumas imagens: "Os Cinemas de Rua de Juiz de Fora: memórias do Cine São Luiz" (MUSSE, NETO, HENRIQUES, 2017), e "João Carriço, o Amigo do Povo" (SIRIMARCO, 2005).

Não incluí, a princípio, outras imagens relacionadas a esses espaços de exibição, como programações, propagandas, com exceção daquelas que incluíam imagens desses espaços, como é o caso de um anúncio sobre a inauguração do Cine Palace. Para esse recorte parti da noção de que o interesse do mapa estava nas imagens localizadas nos espaços físicos das salas, e havia outros locais no portal do Minas é Cinema voltados para outros acervos imagéticos, como por exemplo as programações digitalizadas da [Coleção Waltencir Parizi](#).

Questionei este recorte a partir do momento em que as programações se tornaram uma fonte importante para mim, informando, por exemplo, as empresas exibidoras das salas, ou através do preço das entradas seu público-alvo.

São fontes muito valiosas que vão além dos meus objetivos, possibilitando a realização de diversas pesquisas, como traçar as datas de lançamento de filmes específicos em diferentes salas, comparando com o resto de Juiz de Fora ou outras cidades brasileiras. Também informavam datas importantes, como demonstra, para o caso do Cine São Mateus, essa programação de parte do circuito da Companhia Central de Diversões de abril de 1951. Ela mostra o que estava passando nos cines Glória, Rex e Popular, bem como anuncia a reabertura desse cinema, que aparentemente estava fechado para reformas.

Uma programação reproduzida por Marques (2019, p. 122), publicada no Diário Mercantil, listando o que estava em cartaz em diversas salas de cinema da cidade, parece indicar ainda a existência de outra sala de cinema que não mapeamos, o Metrópole.

Também dá para questionar esse recorte se sua justificativa é que buscamos por fontes que descrevem esses espaços de exibição, como pode ser visto a partir da seguinte citação do Jornal do Commercio sobre o Cinema Pharol, reproduzida do texto de Ferraz:

O público, que, com ansiedade aguardava a abertura dessa nova casa de diversões, ali compareceu em massa, enchendo completamente os amplos salões. Com dificuldade, se obtinha um lugar. Todas as localidades estavam tomadas. Um verdadeiro sucesso. O apurado gosto artístico com que foi instalada, as amplas acomodações que ali se encontram, as novidades dos “films”, a música, tudo isso, em admirável conjunto, arrastará para esse novo centro de divertimento, estamos certos, enorme multidão de espectadores. À entrada, se encontram duas salas de espera; uma para os frequentadores de 1º classe e outra para os de 2º, sendo ambas guarnecidas de luxuosa mobília. Uma cascata luminosa, funcionando constantemente, produz admirável efeito. Nas paredes, caprichosamente decoradas, se ostentam, ladeados de lâmpadas multicores, dois grandes espelhos. O salão de espetáculos mede 28 metros de comprimento por 7 ½ de largura e 7 de altura. Na 1º classe existem 201 cadeiras e na 2º 245. (Jornal do Commercio, 20 de janeiro de 1910).
(*Apud* FERRAZ. *In*: BRUM, MELO, PUCCINI, 2017. pp. 30-31)

Esse texto dá uma descrição detalhada do Cine Pharol, mas também permite adivinhar funções políticas do espaço, da divisão de classe (de raça?) que precisa estar separada desde as salas de espera, de um luxo importante para a forma como aquela sala de cinema se vendia.

Acredito que ler esse texto com atenção a esses detalhes é um gesto parecido com olhar cuidadosamente para as fotografias das pessoas na plateia do Cine Central, sua estrutura dividida em várias classes diferentes, como eram as pessoas sentadas naquelas cadeiras, as saídas noturnas de senhores com terno e chapéu. É como olhar, em direção oposta, para as fotos das crianças em frente à entrada do Cine São Caetano, que aparenta ser uma precária estrutura em madeira.

No entanto, não colocar essas programações ou esse texto no mapa não significa que não seria possível apresentá-los no portal do Minas é Cinema, que afinal se organiza de forma complexa e reúne diversas pesquisas. Decidi que poderíamos disponibilizar essas outras fontes de outras maneiras, e para manter algum tipo de organização, eu deveria me ater ao recorte do tipo de fonte (imagética, voltada para representações dos espaços) que sugeri anteriormente. Dessa forma, não acrescentei programações ou outros materiais a esse acervo imagético acessível pelo mapa.



Plateia do Cine Central na inauguração. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.



Estrutura da plateia do Cine Teatro Central (década de 1940?). Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.



Saída noturna do Cine Central, em cartaz Rose Marie (filme de 1936). Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.



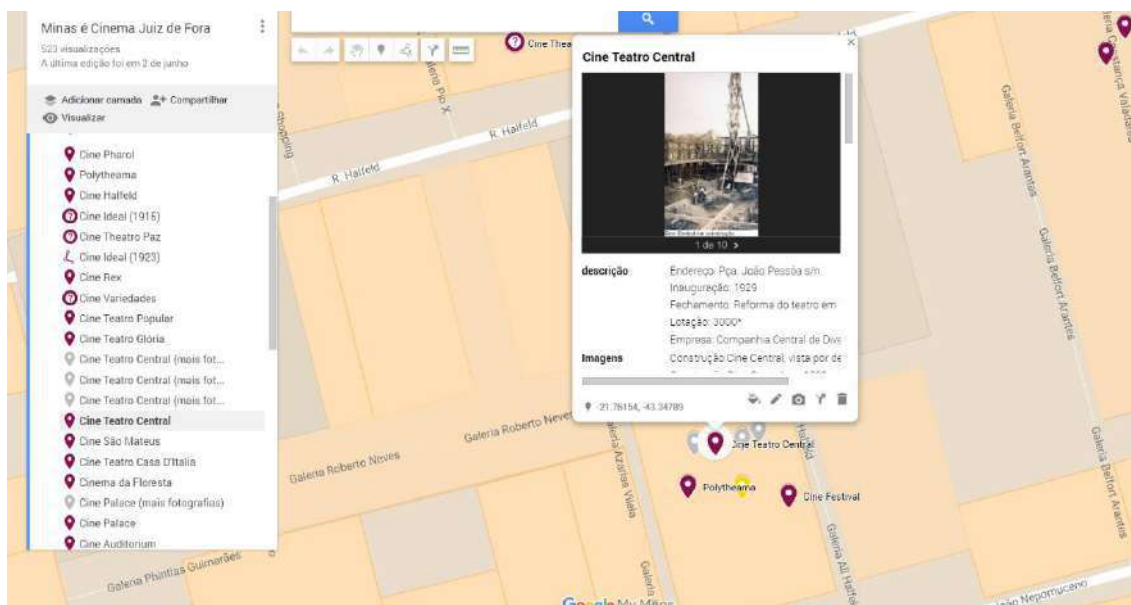
João Caetano e José Alves, crianças e urna de vidro para ingressos. Em frente à entrada do Cine São Caetano. Fonte: Brandão, Ryan. “[Os espaços de exibição cinematográfica da zona leste de Juiz de Fora: a história do Cine São Caetano](#)”. 2021.

Há ainda outras decisões curatoriais a respeito de quantas imagens decidimos acrescentar em nossa coleção, e quais das imagens encontradas serão disponibilizadas a partir disso. A princípio, por ser uma publicação digital, a nossa decisão era incluir todas as imagens que encontrássemos de todas as salas, pressupondo que no meio digital não havia limitações como as que impedem a impressão de muitas imagens em um livro, por exemplo.

Acreditávamos que não existiria dificuldade de acesso, já que quando testamos o *My Maps* vimos que poderíamos chegar a elas através de um clique no marcador do mapa referente à sala de cinema e então um clique na miniatura da imagem. Acabei esbarrando em um problema inesperado, que era um limite de 10 imagens por ponto acrescentado ao mapa, imposto pelo *software*. Não pensei que faria sentido obedecer a esse limite, já que encontramos uma quantidade grande de imagens.

Uma das soluções possíveis seria criar outro tipo de galeria para as imagens, em outro *software*, ou mesmo uma página específica para a sala de cinema no site do Minas é Cinema, e disponibilizar um link para ele na descrição do ponto no mapa. Pensei que essa solução descentralizada poderia tornar mais complexa nossa tentativa de manter uma

padronização da forma como cada espaço de exibição é representado, criando mais uma camada de procedimentos para a comparação entre os espaços.



Diversos pontos representando o Cine Teatro Central, mapa em *layout* de edição. Imagem produzida pela autora. O amarelo e aqui representa o Circo Pathé quando instalado com saída pela rua São João e rua Halfeld através do Café Isaura.

Minha decisão foi, ao contrário, apresentar todas as imagens encontradas no próprio mapa, através de uma “gambiarra”, acrescentando pontos diversos em relação à mesma sala, na cor cinza para diferenciá-los de pontos referentes a outras salas de cinema, um tom que me parecia mais “apagado”. Essa solução tem a vantagem de reunir todo o material que possuímos no mesmo local, sem que seja necessário carregar novas páginas para vê-las. No entanto também não é uma solução ideal, já que é necessário selecionar esses outros pontos para exibir as novas imagens, não sendo possível seguir a galeria de imagens de um marcador imediatamente para a galeria de imagens do marcador seguinte.

Existem muitos espaços de exibição para os quais não encontrei imagens. No caso de salas de cinema de rua, minha estratégia foi tentar me aproximar no tempo e no espaço de seu local e data de funcionamento, procurando por fotografias antigas das ruas e bairros onde elas foram localizadas, ou por representações daquele espaço em mapas e plantas da cidade. Estes são os casos do Cine Ideal (1915) na Rua Halfeld, Cine Halfeld, Cine Teatro Paz, Cine Ideal (1923), na Avenida Rui Barbosa, Cinema da Floresta, Cine Teatro Coronel Pacheco, e de certa forma, do Cine Real, que apresentei uma imagem recente do imóvel onde foi localizado, através de captura de tela do [Google Street View](#).

Se boa parte dessa lista se sobrepõe com a lista de salas que não localizei de forma exata, isso pode ser explicado porque um dos métodos que tenho usado para conferir se estou registrando as salas nos lugares certos é observar as fotografias desses espaços. Em boa parte, também há coincidência entre as salas mais bem documentadas em pesquisas e nos blogs memorialistas onde busquei por imagens das salas de cinema.⁵¹

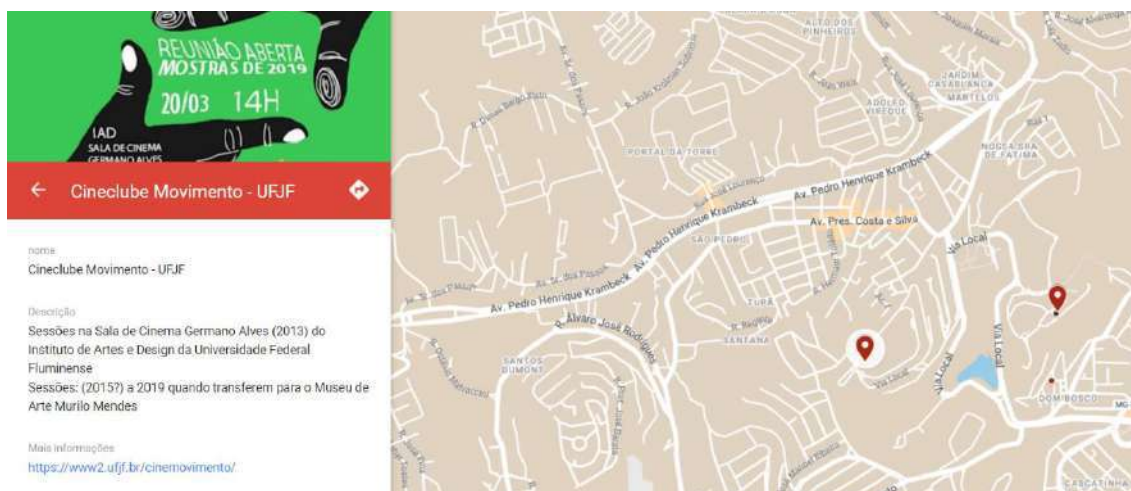
Essa observação não se deu como regra, especialmente no caso das salas de cinema de bairro. Encontrei 7 fotografias do Cine Rex (cinema de bairro inaugurado em 1925, que pertenceu ao circuito da Companhia Central de Diversões) e 7 fotografias do Cine Benfica (cinema de bairro, aparentemente inaugurado em 1959, que não parece ter pertencido ao circuito da Companhia Central de Diversões), ambas salas sobre as quais não encontrei muito material escrito. Enquanto isso, existem pesquisas sobre o Cine São Mateus (cinema de bairro, inaugurado em algum momento da década de 1930, fez parte do circuito da Companhia Central), mas encontrei apenas 3 imagens antigas dele.⁵²

Antes de decidir que não publicaríamos informações sobre as mostras, festivais e cineclubes em nosso mapa, busquei por imagens desses eventos, mas encontrei muito poucas. A exceção foram as imagens que encontrei no livro “Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC – Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora” (ARANTES, MUSSE, 2014). Reproduzi essas imagens quando pude, e as mantive no registro separado desses grupos e eventos, mas não achei que utilizar imagens dos espaços onde essas reuniões aconteceram era uma boa alternativa para os casos em que não encontrei registros fotográficos. Me limitei a reproduzir algumas artes produzidas para mostras e eventos, como cartazes de uma exibição, como pode ser visto no exemplo a seguir, demonstrando como ficou o marcador relativo ao Cineclubes Movimento. Essas imagens estão ali mais num sentido de preenchimento de um espaço vazio, do que de uma pesquisa

⁵¹ Há ainda muitas imagens re-postadas que se repetem em diferentes coleções. O que pensei sobre essas fontes: a maior parte das fotografias disponíveis no [IPatrimônio](#), não estão em outras coleções, mas o acervo se limita a salas de cinema que se tornaram imóveis tombados. Já o blog [Maurício Resgatando o Passado](#) possui uma quantidade grande de fotografias e programações de salas de cinema de bairro que não encontrei em outros lugares. O blog [Maria do Resguardo](#) possui uma coleção grande e muito reproduzida, em outros blogs e pesquisas, talvez por ser reconhecido como uma fonte memorialista importante. Já a coleção do [Pinterest Juiz de Fora em Imagens](#) é menor, mas apresenta imagens do interior de salas de cinema que não encontrei em outros lugares, e as únicas imagens que encontrei do Cine Variedades. O site [BenficaNet](#) possui fotos do Cine Benfica, enquanto o site [Cinemas de Rua de Juiz de Fora](#) possui imagens até então inéditas do Cine Paraíso, retiradas do acervo da Funalfa. O site [Salas de Cinema de Juiz de Fora](#) possui fotografias da reforma do Cine Teatro Central, que também possui um vasto acervo de imagens em seu [site institucional](#).

⁵² Há [imagens recentes](#) desse espaço disponíveis na internet, mas tive dúvidas se poderia ou não reproduzi-las pois pareciam fotografias pessoais, tiradas durante apresentações teatrais.

de cartazes das diferentes mostras e cineclubes. É provável que também existam imagens de sessões dos cineclubes que ainda estão em atuação na internet, que não coloquei aqui.



A forma como o ponto relativo ao Cineclube Movimento, na localização do Museu de Arte Murilo Mendes, aparece no mapa, e a imagem “ilustrativa” que ocupa o espaço que o *software* destina a imagens.

Por mais que o mapa que propus não incluía agora os cineclubes e festivais, e que por fim eu não tenha encontrado uma forma satisfatória de representar informações sobre eles, o gesto de buscar por imagens desses acontecimentos, bem como informações de onde e quando aconteceram, ainda parece importante para entender a experiência da exibição cinematográfica.

Em parte, acredito que a inadequação do mapa que propus para representá-los é porque sua relação com o espaço e o tempo não se assemelha com a das salas fixas, e se optarmos mesmo por organizá-los em mapas, talvez seja necessário pensar em representações cartográficas alternativas, talvez como mapas de rede, por exemplo, ligando as sedes dos cineclubes aos locais onde realizaram mostras.

Quero destacar as fotografias reunidas por Arantes e Musse (2014) do CEC-JF e da X Jornada Nacional de Cineclubes me parecem não apenas fornecer um registro de quem esteve nesses eventos, mas também trazer registros visuais de suas experiências. Reproduzi aqui duas imagens que parecem apresentar situações muito diferentes, ambas aparentemente travando uma ocupação politicamente engajada dos espaços. A primeira mostra um grupo de jovens em frente a uma parede onde as palavras cinema e movimento foram escritas de diferentes formas sobre recortes de jornal, enquanto a outra mostra um debate em um auditório de aspecto oficial, que se trata da Câmara de Vereadores de Juiz

de Fora⁵³. O outro registro imagético apresentado por Arantes e Musse (2014) em seu livro são programações, de mostras, festivais, e dos cursos de cinema realizados pelo CEC, que foram fontes importantes em sua pesquisa, ao enumerar onde e quando aconteceram muitos eventos, os filmes exibidos, e dessa forma delinear a atuação do Centro de Estudos Cinematográficos.

Imagino que as exibições temporárias, e nesse caso penso tanto os festivais quanto as exibições itinerantes anteriores à fixação das salas de cinema, tensionam minha decisão de não apresentar programações como registro imagético. As fotografias que coletei a respeito das exibições itinerantes que passaram pela cidade até agora se referem aos espaços onde essas exibições aconteceram, já que por hora não encontrei imagens mais específicas dessas exibições. Imagino que ao menos em alguns casos seja possível encontrar esses registros nos arquivos locais.



Detalhe da capa do livro "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora (ARANTES, MUSSE. 2014). Presumo se tratar de uma das cedés do CEC-JF.

⁵³ A localização na Câmara dos Vereadores é uma informação presente no texto de Arantes e Musse (2014). Isso me atenta a uma dificuldade que tive para ler essas imagens, especialmente no caso das que compunham a capa do livro, que não eram acompanhadas de uma legenda explicativa. Isso me remete a algumas das dificuldades de centralizar a fonte não-textual numa pesquisa. Que lugar é esse onde estão sentados esses jovens? Que membros do CEC são eles? Não descobri a resposta para essas perguntas ainda.



Legenda original: "Aspecto do público formado por duzentos cineclubistas de todo estado brasileiro na X Jornada Nacional de Cineclubes. Fonte: Monografia Alguma coisa urgentemente." Fonte: Arantes, Musse, 2014.

A seleção de que outras informações eu deveria exibir nesse mapa partiu da observação de outras duas outras listas de salas de cinema de rua. Esses dois índices foram o capítulo “Salas de exibição: 1896-1995” do livro *Palácios e Poeiras* (GONZAGA, 1996), que influenciou muitas outras pesquisas sobre espaços de exibição no Brasil, e o blog [Cinemafalda](#), que se descreve como uma “relação de cinemas antigos de rua do Brasil em atividade nos anos 60”.

Eis os itens que encontrei enumerados em cada um desses catálogos: No livro de Alice Gonzaga, estão listadas a primeira data encontrada de funcionamento do cinema (que como ela destaca⁵⁴, pode não necessariamente ser sua fundação), nome da sala, endereço, empresa exibidora, lotação, período de funcionamento, e diferentes denominações que possuiu. Há também fotografias de algumas das salas.

No *Cinemafalda*, estão listados o nome da sala de cinema, seu proprietário ou empresa proprietária, endereço, fundação, descrição (se é cinema, cine teatro, ou outro), quantidade de lugares, bitola do aparelho de projeção, periodicidade de funcionamento, média anual de sessões, quantidade de espectadores, e por vezes alguma observação que não se encaixe nos itens anteriores.

Pensando no que foi considerado necessário para documentar a existência de salas nesses dois registros, decidi que fazia sentido também buscar informações sobre a lotação

⁵⁴ Gonzaga, 1966 p. 271.

das salas de cinema. Também decidi que havia interesse levantar quem eram as pessoas e empresas que possuíam e manejavam esses espaços. A princípio eu não separei as informações sobre essas pessoas e empresas, o que me causou alguma confusão. Mais tarde corriji minha tabela, descrevendo se os dados que levantei eram sobre exibidor ou proprietário da sala.

01.06.1911 – <i>Cinema Halley</i> End.: rua Barão do Bom Retiro, 7 – Engenho Novo Emp. exib.: J. Madeira & Cia., Costa & Davis Lot.: 170 lugares Per. func.: 01.06.1911 a 30.09.1912* Den. post.: Cinema Engenho Novo (v. 05.12.1915*)	End.: rua Getúlio, 12 Exib.: Daltro Santos Per. func.: 1912 a 191
18.07.1911 – <i>Cinema-Teatro Royal</i> Den. ant.: Cinema Viúva Alegre (v. 15.04.1911) End.: rua Visconde do Rio Branco, 22/24 – Centro Emp. exib.: Monteiro, Ferreira & Cia. Per. func.: 18.07.1911 a 24.09.1911	1912 – <i>Cinema Recre</i> End.: rua Conselheiro Per. func.: 1912 a 191 Obs.: atual rua Gener
20.08.1911* – <i>Cinema Madureira</i> Den. ant.: Cinema Feliz Madureira (v. 06.08.1910)	02.04.1912* – <i>Centra</i> End.: praça da Repúbi Emp. exib.: Souza & C Lot.: 239 lugares

Detalhe de página do livro *Palácios e Poeiras* (Gonzaga, 1996. p. 186) destacando alguns itens da lista de salas de cinema.

SÁBADO, 22 DE MAIO DE 2010
JUIZ DE FORA - MG
CINE BRASIL - Prop. Instituto de Jesus R. Ignacio da Gama 813 - Fund. 1953 - Cinema - 366 lugs. Ap. 35 m/m Func. diário - média anual 151 sessões - 9.060 espectadores Obs: Encerrou suas atividades em 31/05/58.
CINE TEATRO CENTRAL - Prop. Cia. Central de Diversões Pça. João Pessôa s/n - Fund. 1927 - Cine Teatro - 2.183 lugs. Ap. 35 m/m Func. diário - média anual 1.535 sessões - 933.861 espectadores
CINE TEATRO CORONEL PACHECO - Prop. Cine Teatro Coronel Pacheco Ltda. R. Oscar Vidal 74 - Fund. 1950 - Cinema - 270 lugs. Ap. 35 m/m Func. 2 dias por semana - média anual 104 sessões - 13.520 espectadores

Trecho da [página do Cinemafalda sobre Juiz de Fora](#), capturada em 23 mar. 2022

Há ainda muitas lacunas em relação ao que consegui coletar dessas informações, e é possível que ainda haja confusões na forma como interpretei os documentos a que tive acesso. Por exemplo: o Cineteatro Paratodos não fazia parte do circuito da Companhia Central de Diversões, não aparecendo nos folhetos de programação desse circuito a que tive acesso, mas de acordo com Marques (2019, p.103.) as fitas que passavam nesse cinema eram alugadas nessa companhia. A Companhia Central era também uma distribuidora? Não registrei informações sobre companhias distribuidoras aqui, mas talvez isso seja necessário.

Como vimos, a forma que decidi descrever esses espaços de exibição tem como foco principal a sala de cinema fixa e comercial, e me parece mal encaixada não apenas para mostras e festivais, como também as passagens de exibidores itinerantes pela cidade.

No caso das exposições itinerantes, minha solução foi a seguinte: decidi listar tanto as descrições do espaço físico quanto as das exposições, como itens separados. Dessa forma seria possível registrar quem foram os exibidores, quando eles passaram pelos espaços registrados no mapa, e dar indicações a respeito do espaço onde aconteceram, que foram muito diversos, desde teatros, cafeterias, a circos e outras instalações temporárias armadas em terrenos abertos. No caso de teatros, seria possível citar seus proprietários, período de funcionamento, além de quando aconteceram exposições cinematográficas ali. Essa não é uma pesquisa que desenvolvi, apenas sugeri essa visualização, listando no mesmo ponto exposições que aconteceram no mesmo endereço (como o Teatro Juiz de Fora) e em vários pontos exposições organizadas pelo mesmo exibidor em diferentes endereços (como é o caso do Circo Pathé).

Talvez essas exposições itinerantes coloquem também em questão a minha decisão original de colocar lado a lado diferentes experiências da exposição cinematográfica, justamente pela grande diversidade das experiências. Achei a princípio que simplesmente separar os itens em camadas diferentes do mapa, que podem ser tornadas visíveis e invisíveis pelo usuário, seria separação suficiente. No entanto, como vemos a partir da decisão final de separar as mostras e cineclubes, e como é evidente que acabei também me concentrando na sala de cinema fixa e comercial ao longo desse capítulo e da pesquisa como um todo, essas exposições temporárias parecem um pouco negligenciadas em minhas escolhas. Isso é em parte pela vasta quantidade de pesquisas que encontrei sobre salas de rua, mas não pode ser completamente explicado por isso.

Resumindo, essas são as informações organizadas:

Para exposições itinerantes: Nome do local / Descrição do local (incluindo período de existência, proprietário, lotação, caso se aplique) / Exposições itinerantes (listando o nome do expositor ou companhia expositora e o período em que esteve ali, pelo menos) / Fontes

Para salas de exposição comercial: Nome / Legenda (sala de rua, sala de shopping) / Endereço / Período de funcionamento / Lotação / Empresa / Descrição das imagens / Fontes

No mapa alternativo que organizei para os cineclubes, mostras e festivais, elenquei: Nome (tentei indicar o cineclube ou festival, e se o ponto se refere a exposições, sede do cineclube ou outro tipo de relação espacial) / Descrição (onde elenquei conforme possível, endereço, datas, e organização do evento ou cineclube / Descrição das imagens / Fontes

O trabalho de fazer essa tabela está cheio de incertezas, e pesquisas posteriores provavelmente descobrirão muitas incorreções nessas informações que reuni. Essas dúvidas não cabem no formato de tabela. No entanto, acredito que seria estranho apresentar essas informações como se fossem “dados absolutos”, e que deveria indicar todas as dúvidas que tive, mesmo se um índice é idealmente objetivo e resumido. Tentei explicar detalhadamente sobre elas nesse relatório, mas minhas tentativas de deixá-las visíveis na própria tabela também não podiam causar desorganização nos dados e sua apresentação. O mapa digital não é uma narrativa do processo histórico de cada uma das salas, afinal.

Há situações em que não encontrei quaisquer informações sobre um espaço de exposição, como acontece com o Cine Real e o cinema que existiu na Casa D’Italia. Há situações em que encontrei fontes que se contradiziam, e um relato sobre isso não caberia numa tabela. Como esse é um trabalho relativamente amplo, foram diversas as vezes em que esbarrei com uma situação em que não poderia perseguir uma dúvida ou uma crítica de fontes. Sobre essas incertezas, quero reproduzir aqui um trecho do livro de Gonzaga (1996, p. 271):

A relação de cinemas que se segue deve ser encarada como provisória, incompleta e sujeita a inúmeras correções. A maior parte das fontes utilizadas tem caráter secundário, resultando em informações sempre sujeitas a confirmação. Muitas salas de exposição aparecem citadas uma única vez, casos em que se recolheram os dados disponíveis. O mercado, as empresas e os

próprios locais de projeção mudaram muito, sendo quase impossível retratar o processo em sua totalidade. Por outro lado, procurou-se apenas registrar a existência do espaço, abdicando-se de uma descrição ou análise mais pormenorizada de cada um.

Acredito que a escolha prática de Gonzaga ao recolher as informações disponíveis estabeleça uma forma possível de trabalhar com esse emaranhado complexo que é registrar tantos espaços de exibição. Essa foi minha atitude padrão ao adotar, por exemplo, como corretas as informações fornecidas por pesquisas, depoimentos e blogs memorialistas, e não as questionar a menos que eu possuísse outras fontes que me levassem a fazê-lo.

Por isso reproduzo, por exemplo, as datações de fotografias disponibilizadas por diferentes sites memorialistas. Apesar disso, há situações em que é necessário questionar essas datas, como no caso do Cine Teatro Glória, que encontrei uma fotografia de seu interior [descrita como se fosse da década de 1960](#). Ora, isso não pode ser verdade se as datas de sua demolição e mais tarde inauguração da Galeria Constança Valadares estiverem corretas, já que supostamente a galeria foi inaugurada em 1959. É uma competição entre duas fontes secundárias, uma vez que tirei a data de inauguração de um depoimento citado por [Clareto e Terra](#) (2007, p. 5).

Um dado que encontrei muita contradição entre as fontes foi a lotação dos espaços, o que parece ser também a experiência de Gonzaga e outros pesquisadores. A atitude de Gonzaga a respeito desse problema foi a seguinte: “preferiu-se registrar os diferentes números, boa parte deles fiel ao encolhimento ou, mais raramente, ampliação dos salões.” (1996, p. 271) Já Musse, Neto e Henriques, em seu livro sobre o Cine São Luiz, fazem a análise (2017, p. 105):

A delimitação da quantidade de lugares do cinema é polêmica. O jornalista e cineasta juiz-forano Franco Gróia, aposta no valor de 816 lugares, como está disposto em seu site <<historiadocinemabrasileiro.com.br>>. No entanto, em um anúncio no jornal “Diário Mercantil” do dia 17 de julho de 1955, cita 900 lugares. Prefere-se adotar este valor como original, pois é a quantidade oferecida pelos proprietários na inauguração do cinema para o público.

A planta da sala de cinema levantada por eles, ainda, no mesmo livro, indica 826 lugares (p. 47), que foi o número que decidi reproduzir, pois me parecia uma informação primária enquanto talvez o anúncio do jornal possa ser um arredondamento. É claro, o projeto executado não precisa ter sido exatamente como a planta.

Eu estava também trabalhando com fontes secundárias na maior parte do tempo, e muitas delas não apresentavam a data em que uma ou outra sala de exibição possuía

aquela lotação, ou não foram tão claras quanto Musse, Neto e Henriques (2017) ao descrever onde encontraram esses números. Não sabendo mais detalhes sobre as reformas que aconteceram ou não nesses lugares, não era possível diferenciar se as lotações registradas pelas fontes que tive acesso correspondiam à realidade ou não. Assim, tentei escolher uma lotação para citar, a partir do critério de onde estava mais explícito o que essa informação significa e quando essa era a lotação da sala, e sempre indicar de onde havia tirado a informação. Em alguns casos, encontrei duas fontes que pareciam corroborar a mesma informação, como o Cinema da Floresta, para o qual Gonçalves e Musse (2011, p. 8) citam um depoimento de que a sala possuía “quatrocentas e poucas” cadeiras, e o Cinemafalda indica 408.

Há ainda a situação das salas de cinema que só encontrei informações sobre sua lotação no site do Minas é Cinema. Como posso, no site do Minas é Cinema, referenciar ele mesmo como fonte? Tentei descobrir mais sobre como essas informações foram adquiridas, mas não parece ter sido uma adição dos bolsistas atualmente trabalhando no projeto, ou dos bolsistas antigos que consegui contatar, e por fim não sabemos quem estava responsável por essas informações e de onde elas saíram.

As salas aparecem simultaneamente no mapa e é possível “passear” por elas livremente. No entanto, estão apresentadas na legenda e nesse relatório em ordem cronológica de inauguração. Para organizá-las dessa maneira fiz uma linha do tempo com base no que sabia sobre seus períodos de funcionamento. Também sujeitas a fontes secundárias que precisam ser verificadas, essas datas possuem diferentes graus de precisão dependendo da fonte: encontrei enumerações de datas exatas, mas também situações em que só era possível saber o ano ou até mesmo a década em que um estabelecimento abriu ou fechou.

Inicialmente, anotei as datas conforme estavam nas fontes, mas não era possível fazer o mesmo na criação da linha do tempo, que precisava representar períodos iguais de tempo em distâncias iguais. Por isso, a grandeza que decidi usar como unidade foi o ano, de forma que não pude registrar datas mais precisas do que isso. No entanto, em alguns casos, não consegui precisar os anos em que esses espaços de exibição começaram ou pararam de funcionar, e decidi representar essas dúvidas também. Para isso, usei degradês, fazendo um traço mais escuro conforme tivesse mais certeza sobre o funcionamento de um espaço de exibição. Assim, na linha do tempo, os traços que começam e terminam bruscamente demonstram certeza, enquanto os traços que desaparecem gradualmente representam dúvidas.

Os períodos em que aconteceram exposições itinerantes, bem como festivais e mostras, são menores que um ano e estão mal representados nessa tabela. Não registrei todos os períodos que o Circo Pathé esteve na cidade, apenas aqueles que localizei no mapa, e minha fonte para ele e para as exposições no Theatro Juiz de Fora é o artigo de Ferraz (*in*: BRUM, MELO, PUCCINI. 2017 pp. 11-38).

O trecho da tabela que se refere aos cineclubes e festivais torna ainda mais evidente as lacunas dessa pesquisa, evidenciando a concentração de dados a respeito de cineclubes ou mostras que acontecem atualmente, e eventos e cineclubes associados à atuação do Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora.

Sobre as datas que registrei na tabela:

O degradê ao redor do fechamento do Cine Pharol tem a ver com uma notícia de leilão acontecendo no antigo cinema, que encontrei no jornal O Pharol de 1919 (Leilão, 23 nov. 1919), e um desaparecimento de programações anterior a isso. Encontrei uma cobertura maior de sua inauguração. A representação do Polytheama tem a ver com uma foto de 1925 em que ele está em funcionamento, e a data de inauguração do Cine Teatro Central no mesmo endereço. O Cine Halfeld (CARNAVAL, 12 fev. 2018) e o Cine Ideal (BONS LEILÕES, 14 nov. 2017) da Rua Halfeld são situações muito semelhantes à do Cine Pharol. As datas de funcionamento do Cine Teatro Paz vêm de fontes secundárias, do blog sobre salas de cinema de Juiz de Fora de Franco Groia, publicado em 2010.

Encontrei informações a respeito da inauguração do Cine Ideal do bairro Mariano Procópio, mas seu desaparecimento na linha do tempo na verdade tem relação com uma escassez de documentação, uma vez que o acervo d'O Pharol disponível na Biblioteca Nacional Brasileira só vai até 1926, com mais alguns exemplares de 1933. Assim, é possível que tenha durado muito mais do que registrei.

As informações sobre o período de funcionamento do Cine Rex também vêm do blog de Franco Groia (2010). O Cine Variedades inaugura em 1926 de acordo com Groia, mas encontrei uma foto desse cinema com a sugestão da data 1925, na legenda, exibindo um filme de 1924. É provável que Groia esteja certo, mas assinali essa dúvida. Eu não encontrei outras informações sobre esse cinema, de forma que deixei apenas o ano de inauguração em destaque⁵⁵. As datas de funcionamento do Cine Teatro Popular estão documentadas na pesquisa de Sirimarco (2005).

⁵⁵ Eu pensei ter lido em algum lugar, e depois não encontrei a referência novamente, que o Cine Variedades foi inaugurado como substituto temporário porque havia um teatro municipal em construção, e as outras

Encontrei uma menção da data de inauguração da Galeria Constança Valadares em 1959, em um depoimento registrado por Clareto e Terra, em 2017. Não sei a data de fechamento do Cine Teatro Central, mas encontrei menções que foi na década de 1980 em função da decadência das salas de cinema de rua. Sua reforma e restauração aconteceu em 1996.

Para o Cine São Mateus, a informação de seu período de funcionamento vem do depoimento de Luiz Antônio Cunha à web série Cinemas de Rua de Juiz de Fora, que apenas sugere as décadas em que o cinema abriu ou fechou. Não encontrei informações a respeito do período de funcionamento do cinema na Casa d'Italia, e a data marcada ali se refere à inauguração do prédio. As datas do Cinema da Floresta, do Cine Palace e do Cine Paratodos, foram registradas respectivamente por Gonçalves e Musse (2011), no site Cinemas de Rua de Juiz de Fora (2022) e Marques (2019). O que está reproduzido aqui sobre o Cine Auditorium vem do blog memorialista Maurício Resgatando o Passado.

Tudo o que eu encontrei sobre o Cine Teatro Coronel Pacheco, o Cine Brasil e o Cine Nossa Senhora de Fátima parte da relação dos cinemas de rua Cinemafalda. Como havia ali uma observação sobre o fechamento do Cine Brasil em 1958, assumi que as outras duas salas não fecharam na década de 1950. O período de funcionamento do Cine Paraíso foi registrado de acordo com a pesquisa de Santos e Medeiros (2022), do Cine São Luiz do livro de Musse, Neto e Henriques (2017) e do Cine São Caetano do artigo de Brandão (*in*: BRUM, _____, 2021). Acredito que encontrei informações sobre o Cine Excelsior em um blog desativado de Groia, mas sua história está reproduzida também no site Cinemas de Rua de Juiz de Fora. O degradê aqui também representa seu longo período de decadência, desde a reinauguração em 1955 quando a Cia. Franco Brasileira passa a tentar vender a sala, até o desmonte em 2011.

O que eu encontrei sobre o Cine Benfica foi a respeito do Salão Paroquial Pio XI, no site BenficaNet. Não sei se está certo corresponder essas informações ao cinema no mesmo prédio. A inauguração do Cine Festival registrei de acordo com depoimento de Waltencir Parizi (*in*: BRUM, BRANDÃO, 2021), e seu período de fechamento está, como o do Cine Teatro Central, num vago trecho entre a década de 1980 e a restauração de 1996. As datas de funcionamento do Cine Veneza vêm do blog Maurício Resgatando o Passado, de acordo com o qual a foto do cinema exibindo *A Espera de Um Milagre* (1999)

casas de espetáculo da cidade foram demolidas. Não sei se isso procede, mas a lotação registrada por Groia é estranhamente alta: 3500 lugares, e sua estrutura parece ser de madeira. Se for verdade, talvez sua data de inauguração dê pistas sobre as demolições do Theatro Juiz de Fora e do Polytheama.

é sua última sessão. A postagem mais antiga na página do Facebook do Cine Vip é de 2016. Não encontrei nada a respeito do Cine Real para além de sua localização.

Quanto aos cinemas de shopping, Groia (2010) resgatou a trajetória do Cinema do Shopping Santa Cruz e do Cinema do Alameda Shopping. Não encontrei informações sobre o Cine Star (Mister Shopping), e a data registrada se refere à inauguração do shopping. Encontrei notícias das inaugurações do cinema no shopping Independência e do shopping Norte no blog de Groia (2010), e no arquivo mantido pelo portal do provedor de internet Acesa, respectivamente.

Dos cineclubes, mostras e festivais registrados até então nessa pesquisa, encontrei informações sobre o CEC nos trabalhos de Brum (2013) e Ribeiro, Arantes e Musse (2011), bem como no livro de Arantes e Musse (2014), onde também encontrei informações sobre o Claro Núcleo de Cinema, o Festival de Cinema Brasileiro de Juiz de Fora e a X Jornada Nacional de Cineclubes.

Encontrei informações sobre a I Mostra de Juiz de Fora do Super 8 na dissertação de Costa (2017). De acordo com Groia (2010), o segundo Festival Primeiro Plano foi em 2003, de forma que presumi que o primeiro foi em 2002. Encontrei informações sobre o Bordel Sem Paredes e Cineclubes Entre Saberes em seus respectivos blogs. Encontrei informações sobre o Cineclubes Lumière e Cia e o Cine Fanon em suas redes sociais. As informações sobre o Cineclubes Movimento vêm do site institucional da Ufjf referente a esse trabalho de extensão, assim como encontrei algumas notícias sobre o Cinemamm também em site da Ufjf. Os Filmes da Estação são citados por Musse, Neto e Henriques (2017), e um artigo do jornal Tribuna de Minas (2022) descreve a inauguração do Cine Silva, enquanto um artigo do jornal G1 de Zona da Mata (2019) reporta a inauguração do Cineclubes Memorial.

Nessa linha do tempo, noto que em geral há mais certeza para a inauguração de salas, e menos para seu fechamento. Numa observação geral, também é possível imaginar algo sobre o crescimento (a quantidade de salas abrindo) e a estabilidade (quanto tempo elas permaneciam abertas) do mercado cinematográfico na cidade. É necessário apontar que o período da década de 1930 e 1940 não representam necessariamente queda no mercado cinematográfico, e sim uma escassez de pesquisas sobre esse período. Também as exposições itinerantes e primeiras salas fixas foram mais do que as que estão registradas.

Essa tabela/linha do tempo não está disponível no portal do Minas é Cinema ainda, porque eu acredito que seria interessante pensar em formas interativas de apresentar esse tipo de linha do tempo, ao invés de uma simples imagem fixa. Se este trabalho é realmente sobre como podemos escrever novas histórias para as salas de cinema de uma cidade usando um computador, isso não deveria se limitar à forma de apresentação do mapa. Assim, é importante não esquecer do desejo de Manovich (2020, pp, 10-11) de que usemos o computador para pensar novas formas de visualizar nossas coleções, de tentar pensar que tipo de perguntas pode ser respondido com o uso de gráficos ou comparando diferentes imagens e textos históricos através de métodos digitais. Acredito que seria vantajoso, portanto, permitir diferentes visualizações, mesmo que das mesmas informações que já reunimos aqui, reorganizando-as para ver coisas novas, como sugiro com os gráficos que apresentei aqui, produzidos a partir da tabela anterior.

Para a leitura desses gráficos, gostaria de explicar que não há sobreposição de salas de cinema na contagem que organizei, que se empilham como num procedimento de adição. A quantidade total de salas de cinema comerciais é o que a pirâmide maior forma. Isso é para dizer que não há, em 1991, 6 salas de cinema de rua e 7 de shopping funcionando simultaneamente, e sim 6 salas de rua e 1 de shopping, assim como não há em 1999, 1 sala de cinema de bairro e 2 salas de cinema de shopping localizadas nos bairros funcionando ao mesmo tempo, mas sim uma de cada. Por isso, para ler a quantidade de salas de cinema no centro da cidade no segundo gráfico, deve-se desconsiderar a altura total da barra, e ao invés disso pensar na subtração da área cinza pela área laranja relativa a salas de bairro: em 1930, teríamos: 7 salas de cinema (total) – 3 salas de bairro = 4 salas no centro da cidade.

É importante pensar que tanto a linha do tempo quanto esses gráficos que demonstrei agora foram produzidos de forma artesanal, os itens e quantidades individualmente contados e inseridos. Em primeiro lugar, isso quer dizer que ele está sujeito a possíveis falhas de cálculo que eu tenha cometido. Em segundo lugar, seria mais útil tanto aos bolsistas e pesquisadores quanto ao público em geral, se vamos implementá-los, fazer uma pesquisa de *softwares*, como a que fizemos em relação ao mapa, que possam tornar o processo de atualizar essas informações e criar novas visualizações mais amigável.

Seria interessante ainda elaborar outros gráficos, por exemplo, a partir da lotação das salas, que poderiam dar indicações ainda mais detalhadas do tamanho do mercado cinematográfico em Juiz de Fora. Decidi não fazer isso pois acredito que as informações

que tenho a respeito das lotações das salas é ainda mais frágil do que sobre as datas de inauguração e fechamento delas.

Para esses gráficos, considere minhas notações de dúvida como notação de presença, de forma que essa tabela é um "arredondar pra cima", presumindo que há mais salas em funcionamento do que realmente há. Além disso, considere os *multiplex* como unidades, não contando a quantidade individual de salas que eles possuem. Isso é uma questão para esse tipo de cálculo, que vem do registro desses complexos no mapa, uma vez que apesar de ser uma única localização, na verdade são de várias salas de cinema, que inclusive mudam em quantidade ao longo do tempo, como é o caso do Cine Alameda. Essas estatísticas são representadas de outra forma em muitas pesquisas, que fazem o cálculo a partir da quantidade de salas em cada *multiplex*, e faz sentido questioná-las aqui. Seria possível produzir, portanto, gráficos que em teoria apresentam a mesma informação, mas com um formato muito diferente desse que apresentei, com uma inclinação para cima bem pronunciada nesse trecho final a partir da década de 1990.

Não é impossível já tirar conclusões a partir desse tipo de registro, por incompletas que sejam nossas observações até hoje, tanto que tabelas semelhantes já são usadas por pesquisadores da ida ao cinema em Juiz de Fora, ao menos desde Musse, Neto e Henriques (2017, p. 27), que demonstram diminuição na quantidade de salas de cinema de rua na cidade, de 1950 a 2016.

Essa é uma afirmação que continua fazendo sentido conforme vamos descobrindo novas informações sobre a exibição na cidade. Ela vem respaldada num contexto nacional de mudança do mercado cinematográfico a partir da migração do público da sala de cinema, acentuada com o passar do tempo, por causa da televisão, do VHS, da internet, e da degradação do espaço urbano. No entanto, se vamos usar esses dados para tirar conclusões para além das ideias que podemos ter *a priori*, partindo de outros contextos, e de fato fazer o gesto de mudança de escala entre pesquisas microscópicas e macroscópicas, será necessário nos aprofundarmos muito mais no que reunimos sobre os espaços de exibição de Juiz de Fora.

De qualquer forma, por imprecisa que seja essa tabela, é possível ver os picos e quedas da exibição cinematográfica em Juiz de Fora, e pressupor que já houve, no mínimo, 16 salas de cinema funcionando ao mesmo tempo na cidade. Dá para supor que durante o fim da década de 1940 e começo da década de 1950, mais da metade das salas em funcionamento eram localizadas em bairros. Dá para pensar que, ao contrário do que normalmente supomos, há até hoje uma sala de cinema de rua funcionando na cidade (por

mais que o Cine Vip seja um cinema pornô, muito pequeno, e que foi inaugurado em 2016, ele de fato fica no centro e na rua).

Assim, por mais que essa pesquisa tenha como objetivo principal tentar sistematizar o que temos de informações sobre os espaços de exibição em Juiz de Fora, ao invés de apresentar conclusões a respeito desse tema tão amplo, acredito que a partir dela já se encontre muitos questionamentos a suposições atuais, e caminhos de aprofundamento possíveis. Por mais que o que reunimos aqui seja, em primeiro lugar, informações não-inéditas, já que partem de outras publicações e pesquisas, acredito que o tratamento dessas informações ainda permitiria muitas novas conclusões.

Se este mapa é efetivo como ferramenta de pesquisa também permanece em aberto – por mais que eu tenha teorizado e falado de minha experiência prática, será necessário ver no tempo, as observações das pessoas que visitarão nosso site. Já que é um projeto que pretende funcionar como uma ferramenta que vai ser usada por um público, é necessário estar atentos às experiências dos usuários, e a partir delas entender as falhas, dificuldades de acesso, e outros problemas que possam estar inseridos nesse protótipo, sem que tenhamos conhecimento nesse primeiro momento.

Este foi o mapa interativo dos espaços de exibição de Juiz de Fora que tentei montar, as dificuldades, dúvidas e reflexões que me atingiram no processo, os materiais adicionais que foram úteis para a criação do mapa, e alguns caminhos de pesquisas futuras que achei que seria interessante apontar. A seguir há uma reprodução das informações e fotografias que disponibilizei nele.

CONCLUSÕES

O objetivo dessa pesquisa foi a criação de um mapa digital que reúne informações dos espaços de exibição de Juiz de Fora, como ferramenta de pesquisa para integrar o projeto Minas é Cinema.

Seria fácil dizer que esse trabalho é inconcluso, em especial se considerarmos, como destaquei ao longo do texto, que é necessário coletar informações em fontes primárias, tentando preencher as lacunas do mapa e esclarecer as várias dúvidas que mencionei, sobre as localizações, datas de funcionamento e diversas outras informações disponibilizadas. No entanto, como acredito que pode ser visto a partir dos anexos ao fim desse trabalho, uma quantidade grande de informações e imagens foi reunida aqui.

É verdade ainda que uma vantagem do digital está em poder sempre fazer alterações num projeto já publicado, desfazendo alguns dos limites entre completo e incompleto. No entanto, essa vantagem não pode significar não encarar o estado atual desse trabalho como o resultado de uma pesquisa que tem um fim, no sentido mesmo de um prazo estipulado e um recorte de objetivo para ser buscado nesse prazo. Acredito, portanto, que esse trabalho atingiu seu objetivo inicial, de criar um mapa digital dos espaços de exibição de Juiz de Fora. É um mapa que constrói uma lista de referências sobre a história das salas de cinema de Juiz de Fora e dá acesso a parte dela, de forma que pode ser usado como ferramenta de pesquisa. Acredito ainda que esse mapa possa servir como projeto-piloto para a criação de outros mapas semelhantes, seja em outras cidades catalogadas no Minas é Cinema, ou em outros portais.

Para além do mapa essa dissertação existe como um texto, e tentei organizá-la de forma a acompanhar meu processo de criação desse mapa: assim, está dividida em três momentos, do mais teórico ao mais prático. De todos eles o que mais se parece com um relatório de atividade é o terceiro, que relata que informações coletei e porquê, que decisões tomei ao representar os espaços de exibição no mapa, etc.

No primeiro capítulo, justifiquei esse trabalho como um projeto decolonial de produzir bancos de dados digitais sobre nossas pesquisas em histórias de cinemas. A sugestão de que esse mapa possui essa capacidade parte de uma fala de Freire (2021) em que compara as palavras “mineração de informações” (*data mining*) e a mineração de metais preciosos como uma das bases da colonização brasileira, e critica a exportação de dados brutos de países periféricos para acervos e pesquisas europeus e anglo-americanos. Segundo ele, se esses bancos de dados ficam restritos a projetos que às vezes sequer

podemos acessar em nossas línguas natias, é criada uma relação neocolonial. Também citei a proposta de Brum e Brandão (2021) de que se há uma mudança na Nova História do Cinema, ela se dá principalmente por causa de uma aproximação com as Humanidades Digitais, na produção de bancos de dados e ferramentas computacionais. Muitas vezes, colocar informações em uma tabela que um dia se tornará um mapa digital pode parecer um gesto mecânico, mas essas afirmações evidenciam uma importância desse tipo de trabalho que dá acesso e ajuda na construção de uma memória sobre a ida ao cinema, ao criar uma ferramenta que será usada por outros pesquisadores.

Nesse capítulo, também fiz uma revisão bibliográfica que tinha como interesse principal aprender o que seria importante existir no mapa que criaria. Perguntas que me interessavam foram: por que não estou publicando isso apenas num formato de texto? O que muda quando faço esses projetos num meio digital? Quando outros pesquisadores estudam a ida ao cinema de forma especializada, no que estão pensando? Vi que muitos projetos com formatos e ideias completamente diferentes por trás deles existiam, e percebi que talvez não fosse de meu interesse encontrar respostas fechadas para essas perguntas. No entanto, essa percepção de uma heterogenia foi necessária para que eu tomasse o objeto digital que produziria como uma ferramenta que devia atender às preocupações do Minas é Cinema, e não necessariamente repetir o formato de algum outro projeto só porque ele parecia importante ou incrível.

Como estava embrenhando em um campo essencialmente multidisciplinar, quis também voltar a conceitos básicos de cartografia, historiografia, e humanidades digitais, o que me levou a algumas reflexões: por exemplo, aqui reafirmei o que Drucker (*apud* HORAK, 2016) disse, que é necessário ser criterioso com as fontes e os métodos empregados, se estamos falando de produção analógica ou com ferramentas digitais, seja essa microscópica ou a partir de métodos quantitativos, se usa mapas ou não. Repeti ainda o argumento de Robinson et al. (2017) de que a representação das incertezas é importante quando usamos métodos visuais, como forma de medir a veracidade dos dados apresentados ou ao menos avisar aos leitores de seus limites.

No segundo capítulo, fiz descrições empíricas de *sites* de projetos de pesquisa voltados para o mapeamento da experiência cinematográfica, colocando lado a lado projetos como [Cinema Context](#), que coleta dados sobre programações, filmes, salas de cinema, arquivos de censura, pessoas e empresas envolvidas na atividade cinematográfica nos Países Baixos, e o [Cinemafalda](#), que lista cinemas de rua em atividade no Brasil na

década de 1950. Essa foi uma descrição de minha experiência pessoal ao navegar por esses portais e usar suas ferramentas de pesquisa.

Para mim, essa descrição foi essencial, na medida em que pude observar o que, das reflexões teóricas que havia observado anteriormente, se refletia na prática. Foi o caso do Italian Cinema Audiences, onde acredito que pude entender o que significa uma plataforma que constrói a memória da ida ao cinema de forma participativa. Ao mesmo tempo, serviu como forma de pensar quais as possibilidades que poderiam ser aplicadas pelo Minas é Cinema, o que parecia complexo demais para nós e o que parecia possível. Para isso contribuíram principalmente projetos como o Cinemafalda e a [Coleção Preciosa](#), que me fizeram perceber que não era necessário projetos extremamente sofisticados de programação para criar ferramentas de pesquisa, por serem publicados em um *blog* simples, ou usar documentos compartilhados como forma de dar acesso à catalogação de sua coleção. Mais do que isso, percebi que maior sofisticação de programação não necessariamente significava ser mais útil para pesquisa. Ao contrário, descobri que muitos dos *sites* que me impressionaram durante a escrita de minha qualificação já não estavam mais disponíveis quando fui escrever o projeto final.

Por fim, ao fazer um relatório do projeto prático de coleta de informações, acredito que tornei mais transparente que fontes utilizei e quais foram os meus critérios na seleção dessas informações. Tive a oportunidade de refletir mais sobre o que estava fazendo, e questionar, por exemplo, minha decisão inicial de representar cineclubes e mostras em conjunto com as salas de cinema, como uma tentativa de descrever a experiência cinematográfica como algo além de sua experiência comercial.

Como as etapas de construção desse trabalho não foram tão lineares quanto elas se parecem nessa descrição, pude ao longo da escrita desse capítulo refazer muito do que disponibilizei no mapa e nos gráficos que organizei. Essa escrita também tornou mais claro algumas afirmações que li na parte teórica desse trabalho, como por exemplo quando Doreen Massey (2008) afirmou que representar questões em um mapa não as resolve. Pensei muito nessa afirmação quando tentei mapear quais salas de cinema foram objeto de outros estudos e quais não foram. Por um lado, é verdade que pude perceber que o que guiava nossas seleções não era necessariamente o fato de uma sala ser localizada no centro da cidade ou não. Encontrei invisibilizações importantes nas histórias que escrevemos até agora, como por exemplo das salas de shopping. Do outro lado, essa constatação contribui, mas não é suficiente, para organizar um estudo mais sistemático da história dos espaços de exibição da cidade, que busque não deixar tantas lacunas.

Para além do mapa, desejei construir outras formas de visualizar as histórias dos espaços de exibição de Juiz de Fora, como por exemplo uma linha do tempo comparando os períodos de funcionamento desses espaços. Descrevi como essa linha do tempo poderia ser utilizada para falar do crescimento e estabilidade do mercado cinematográfico na cidade, e ainda ser usada para pensar na relação de salas de cinema no centro da cidade e nos bairros, ou salas de shopping e de rua. Acredito que é possível desenvolver ainda outros métodos de visualização que possam responder a outras perguntas.

Acredito que o deslocamento para uma história social do cinema, dentro da qual essa pesquisa se localiza, envolve um desejo de contribuir para uma construção coletiva e mais ampla do que se entende ao longo do tempo com a palavra “cinema”. Muitas vezes falamos que conversar sobre a história das salas de cinema com as mais diferentes pessoas dispara relatos de memórias pessoais. Essa nostalgia romântica tem sua beleza, mas o que me encanta de verdade nessa afirmação é a ideia de que todos tem conhecimento a contribuir nesse tipo de história. Me interessa em especial a ideia de que uma pesquisa pode se conectar com outras, que já foi ecoada por pesquisadores que sonham com uma história mundial da ida ao cinema. Independente se essa história mundial deveria ser um interesse ou não, esse trabalho, em sua escala municipal, literalmente tenta conectar diferentes pesquisas, já que parte do mapa é uma lista bibliográfica de pesquisas que se relacionam com os espaços de exibição citados.

Acredito que esse objetivo se alinhe com os do Minas é Cinema e possa somar aos outros projetos que são desenvolvidos pelo grupo de pesquisa. Em especial destaco a relação com as listas de referências sobre a atividade cinematográfica em cada cidade, que citam publicações e arquivos que podem ser consultados. Assim, acredito que é mais do que uma simples substituição de uma lista de salas de cinemas, como era o formato anterior da página sobre salas de cinema de Juiz de Fora. No entanto, mesmo as páginas que listam salas de cinemas, seus endereços e fotografias, às vezes buscam criar links que levam a suas referências, como a pesquisa de Igor Maciel da Silva em Barbacena, e de Amanda Carvalho Gomes, em Araxá.

Talvez, se fosse o objetivo fosse “apenas” disponibilizar informações em um banco de dados, acredito que o formato de tabela, como a que está disponível no Anexo 1 desse trabalho, seria suficiente para retratar os espaços de exibição, afinal outros projetos, como o Cinemafalda e o livro de Gonzaga (1996) o fazem dessa forma. Ela seria até uma ferramenta mais tecnicamente útil, já que é possível usar ferramentas de busca de palavras, como o atalho (control + F) do teclado para encontrar o conteúdo desejado

ali, o que não pode ser feito no mapa que criei, que prevê a navegação pelo espaço como forma de pesquisa. Portanto, parte do objetivo desse trabalho se aproxima da afirmação de Jill Lepore (*Apud.* HOYT, 2016) de que quem trabalha com humanidades digitais deseja organizar dados numa linguagem que tenha força e beleza.

Quando descrevi meu maravilhamento por mapas digitais no primeiro momento em que conversei com minha orientadora, Alessandra Brum, sobre essa pesquisa, falei de como eles poderiam ser utilizados ao caminhar por espaços onde foram salas de cinema e poder ver fotografias de como ali era antigamente. Fiquei me perguntando como esse gesto arqueológico poderia se tornar ainda mais palpável ao usar ferramentas digitais, como suas possibilidades são infinitas. Pensei em ideias que vão além das possibilidades desse mapa, como o projeto [Cine-Fantasma](#), de Paola Barreto e Guilherme Whitaker, onde as fachadas antigas dos cinemas de rua carioca são projetadas sobre seus endereços atuais, transformados pelo tempo. Para além de uma ferramenta onde é possível perceber distâncias e suspeitar uma descrição demográfica do público de uma sala de cinema, o mapa é então uma ferramenta que pode ser lúdica e levar à imaginação de um passeio pela “Cinelândia Juizforana” da rua Halfeld, como sugere a aquarela publicada no *site* [Cinemas de Rua de Juiz de Fora](#).

Pensei ainda, num momento de isolamento pandêmico, que era importante poder pesquisar sem sair de casa.

Espero ter de alguma forma conseguido responder a esses desejos com esse trabalho. Ofereço aqui, portanto, a minha contribuição ao projeto de pesquisa Minas é Cinema.

REFERÊNCIAS

Correspondências

E-mail. MIKÓ, Alexandre. “Cinemafalda”. Mensagem recebida por e-mail em 28 abr. 2022.

Mensagem de áudio. FREIRE, Rafael de Luna. [s/ título]. Mensagem recebida por áudio através do aplicativo do *WhatsApp* em 2 mai. 2022.

Apresentações orais

BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan. Aula ministrada modalidade remota. Curso **Estudos Avançados da Imagem e do Som**, do Programa de Pós Graduação em Arte, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora. Gravação de videoconferência: 2h 17min. 1 jul. 2021.

EL-DAHDAH, Farès. [Mesa 4] In: **Seminário internacional Niterói em Imagens**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xBTjya-zLIM>, acesso em 20 ago. 2022.

FREIRE, Rafael de Luna. “What is not new in new cinema history from a non-european point of view?” In: HOMER 2021 conference **Integrating Traditions**. Disponível em <https://youtu.be/FqG3MuPcov0>, acesso em 02 ago. 2022.

VIEIRA, João Luiz. “From the Grand History of Cinema to the stories of cinema, a translatina competition in Rio, in the 1950s” In: HOMER 2021 conference **Integrating Traditions**. Disponível em: <https://youtu.be/dhdoyIzcWjk>, acesso em 02 de ago. 2022.

Produções Audiovisuais

TEM Coca Cola no Vatapá. Direção: Pedro Farkas e Rogério Corrêa. Produção de Eliane Bandeira e Luna Alkalai. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. 35’32”, cópia digital disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tswESuzHlck>, acesso 05 ago. 2022.

FRANCISCO Sérgio Moreira. In: /Lost+found. 3º episódio. Direção: Thiago Britto. Produção de Diogo Cavour e Paula Goulart. Rio de Janeiro: Dilúvio produções, Lúdica Produções. 26’, série acessada na *web* pela plataforma Tamanduá, disponível em: https://tamandua.tv.br/filme/?name=lostmaisfound_episodio_3, acesso 05 ago. 2022.

Mapas e cartas geográficas

RIBEIRO, José Otacílio Saboya. Instituto Geodésico Brasileiro. **Planta Cadastral de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, 1947.

Google. **Juiz de Fora**. Escala indeterminada. Software Google *my maps*. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/0/>, acesso 01 ago. 2022.

Matérias de Jornal

[**BONS leilões**]. In: Jornal O Pharol, 4 nov. 1917. Digitalização da Hemeroteca Digital Brasileira.

[**CARNAVAL**]. In: Jornal O Pharol, 12 fev. 1918. Digitalização da Hemeroteca Digital Brasileira.

[**CINEMA Halfeld**]. In: Jornal O Pharol, 14 nov. 1915. Digitalização da Hemeroteca Digital Brasileira.

[**CINEMA Halfeld**]. In: Jornal O Pharol, 6 nov. 1915. Digitalização da Hemeroteca Digital Brasileira.

[**CINEMA Idéal**]. In: jornal O Pharol, 2 de abril de 1923. Digitalização da Hemeroteca Digital Brasileira.

[**CINEMA Idéal**]. In: Jornal O Pharol, 3 abr. 1923. Digitalização da Hemeroteca Digital Brasileira.

[**CINE-Theatro Paz**]. In: Jornal O Pharol, 16 nov. 1919. Digitalização da Hemeroteca Digital Brasileira.

[**IDEAL Cinema**]. In: Jornal O Pharol, 24 dez. 1915. Digitalização da Hemeroteca Digital Brasileira.

[**LEILÃO**]. In: Jornal O Pharol, 23 nov. 1919. Digitalização da Hemeroteca Digital Brasileira.

[**UMA CONTRADITA**]. In: Jornal O Pharol, 14 nov. 1915. Digitalização da Hemeroteca Digital Brasileira.

Webgrafia

[**A Coleção**]. In: Coleção Preciosa. Disponível em: <https://colecaopreciosa.com.br/a-colecao/>, acesso 20 ago. 2022.

[**ABOUT**]. In: Cinema Belgica. Disponível em: <https://www.cinemabelgica.be/s/cinemabelgica/page/about>, acesso 12 ago. 2022.

[**ABOUT**]. In: Cinema Context. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?c=cccilm;sid=bc10b87c58ca238ebcaf472a368d04aa;tpl=about.tpl;lang=pt>, acesso 12 ago 2022.

[**ABOUT**]. In: HoMER Network. Disponível em: <https://homernetwork.org/about/>, acesso 02 ago. 2022.

[**ABOUT**]. In: Prelinger Archives. Disponível em: <https://archive.org/details/prelinger?tab=about>, acesso 08 ago. 2022.

[**ABOUT the project**]. In: Cinematic Brno. Disponível em: <https://cinematicbrno.phil.muni.cz/index.php/about>, acesso 14 ago. 2022.

[**ACKNOWLEDGEMENTS**]. In: Going to the Show. In: Wayback Machine. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200922172328/http://gtts.oasis.unc.edu/acknowledgements.html>, acesso 19 ago. 2022.

[**ÁLBUM com panfletos de cinema.**] Planilha do *Google*. In: Coleção Preciosa. Disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1-eL97Am-K_etWK6YL-pef53dgwfGnKpo/edit#gid=656494584, acesso 20 ago. 2022.

[**ÁLBUM de Panfletos**]. In: Coleção Preciosa. Disponível em: <https://colecaopreciosa.com.br/categoria/acervo/cinemas-antigos/album-de-panfletos/>, acesso 20 ago. 2022.

[**ALÉM Paraíba**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://minasecinema.com.br/alem-paraiba>, acesso 15 ago. 2022.

[**ADVANCED Search**]. In: Going to the Show. In: Wayback Machine, captura de 20 set. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200901064155/http://gtts.oasis.unc.edu/search/advanced>, acesso 19 ago. 2022.

ANDRADE, Amanda. **Consulado italiano coloca imóvel da Casa d'Itália em Juiz de Fora a Leilão**. In: G1 Zona da Mata. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2020/10/02/consulado-italiano-coloca-imovel-da-casa-ditalia-em-juiz-de-fora-a-leilao-presidente-da-associacao-diz-que-foi-pego-de-surpresa.ghtml>, acesso 03 abr. 2022.

[**APRESENTAÇÃO**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/apresentacao/>, acesso 31 jul. 2022.

[**ARCHITECTURE**]. In: Going to the show. In: Wayback Machine, captura de 16 jul. 2020. Disponível em: https://web.archive.org/web/20200716183517/http://gtts.oasis.unc.edu/learn/commentary/Stillwell_Intro.html, acesso 19 ago. 2022.

[**ARCHIVAL Documents about FIAF Congress**]. In: <https://www.fiafnet.org/pages/History/Archival-Documents-about-FIAF-Congresses.html>, acesso 03 ago. 2021.

[**ARQUIVOS e Bibliotecas de Juiz de Fora**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/juiz-de-fora/juizdefora-referencias/juiz-de-fora-arquivos-e-bibliotecas/>, acesso 06 abr. 2022.

[**ATLÂNTIDA**]. In: Banco de Conteúdos Culturais. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/colecoes/atlantida>, acesso 11 ago. 2022.

[**ATLASCINE 3**]. In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/palladio-maps/>, acesso jul. 2021.

[**AUSTRALIAN Cinemas Map**]. Disponível em: <https://auscinemas.flinders.edu.au>, acesso 13 ago. 2022.

[**BACKGROUND**] In: Going to the Show. In: Wayback Machine. Captura de 27 mar. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200927000057/http://gtts.oasis.unc.edu/about.html>, acesso 19 ago. 2022.

[**BANCO de Conteúdos Culturais**]. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/sobre>, acesso 11 ago. 2022.

[**BASE de dados da Cinemateca Brasileira**]. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br>, acesso 11 ago. 2022.

[**BENFICA Net.**] Disponível em: <http://www.benficanet.com>, acesso 20 abr. 2022.

[**BETA Test**]. In: Product Plan. Disponível em: <https://www.productplan.com/glossary/beta-test/>, acesso 10 ago. 2022.

[**BIBLIOGRÁFICAS de Juiz de Fora**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/juiz-de-fora/juizdefora-referencias/juiz-de-forareferencias-bibliograficas/>, acesso 06 abr. 2022.

[**BIBLIOTECA Nacional Digital**.] Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>, acesso 05 ago. 2022.

BILTEREYST, Daniel. **How Hollywood conquered Belgium after the First World War**. In: Cinema Belgica. Disponível em: <https://www.cinemabelgica.be/s/cinemabelgica/page/how-hollywood-conquered-belgium-after-the-first-world-war>, acesso 12 ago. 2022.

[**BLOG**]. In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/blog/category/blog/>, acesso jul. 2021.

[**BRASILIANA Fotográfica**]. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br>, acesso 05 ago. 2022.

[**BRASILIANA Iconográfica**]. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br>, acesso 05 ago. 2022.

[**BROWSE**]. In: Cinema Context. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?c=cccilm;sid=bc10b87c58ca238ebcaf472a368d04aa;tpl=browse.tpl;lang=pt>, acesso 12 ago. 2022.

BROWN, Vincent. **Slave revolt in Jamaica, 1760-1761: a cartographic narrative**. 2012. Disponível em: <http://revolt.axismaps.com>, acesso 09 ago. 2022.

CARAMEZ, Luciano A. S.; BARBOSA, Gustavo Amaral; PEREIRA, Ana Carolina S.; PAULA, Lucas Pinheiro; GOMES, Francisco C.M. **Te vi por aí**: Juiz de

Fora-MG, Saboia-1949. Aplicativo para celular. Publicado em 20 jul. 2020. Download em jun. 2021.

[**CATALOGAÇÃO**]. In: Coleção Preciosa. Disponível em: <https://colecaopreciosa.com.br/pesquisa/>, acesso 20 ago. 2022.

[**CIDADES**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/>, acesso 31 jul. 2022.

[**CINE Excelsior**]. Página do *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/cineexcelsior.jf/about>, acesso 08 abr. 2022.

[**CINECLUBE Movimento**]. Site institucional de projeto de extensão Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/cinemovimento/>, acesso 08 abr. 2022.

[**CINEMA**]. In: Cinematic Brno. Disponível em: <https://cinematicbrno.phil.muni.cz/index.php/cinema>, acesso 14 ago. 2022.

[**CINEMA Belgica**]. Disponível em: <https://www.cinemabelgica.be/s/cinemabelgica/page/database>, acesso 12 ago. 2022.

[**CINEMA Context**]. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?c=cccfilm;sid=bc10b87c58ca238ebcaf472a368d04aa;tpl=index.tpl;lang=pt>, acesso 12 ago. 2022.

[**CINEMA memories**]. In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/blog/cinema-memories/>, acesso 15 ago. 2022.

[**CINEMA Palace: Den Helder: Bunnenhaven 2A**]. In: Cinema Context. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?c=cccbioscoop;sid=2736b45721270f0c2fdf54e7d06d90a5;lang=pt;type=boolean;q1=Den%20Helder;rgn1=Stad;sort=stad%20oplopend;cc=cccbioscoop;view=reslist;fmt=long;page=reslist;start=1;size=1;tpl=details.tpl>, acesso 12 ago. 2022.

[**CINEMAFALDA: Relação de cinemas antigos de rua do Brasil em atividade nos anos 1960**]. Disponível em: <http://cinemafalda.blogspot.com>, acesso 11 ago. 2022.

[**CINEMAS antigos**]. In: Coleção Preciosa. Disponível em: <https://colecaopreciosa.com.br/categoria/acervo/cinemas-antigos/>, acesso 20 ago. 2022.

[**CINEMAS antigos de Minas Gerais**]. In: Cinemafalda. Disponível em: <http://cinemafalda.blogspot.com/search/label/CINEMAS%20ANTIGOS%20DE%20MINAS%20GERAIS>, acesso 11 ago. 2022.

[**CINEMAS de Barbacena**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/barbacena/cinemas/>, acesso 06 abr. 2022.

[**CINEMAS de Juiz de Fora**]. In: Site institucional do Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/juiz-de-fora/juiz-de-foracinemas/>, acesso 31 jul. 2022.

[**CINEMAS de Patos de Minas**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/patos-de-minas/cinemas/>, acesso 06 abr. 2022.

[**CINEMAS de Rua de Juiz de Fora**]. Canal de YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC11mhvrELqyFny1xyC4ysVQ>, acesso 06 abr. 2022.

[**CINEMAS de Rua de Juiz de Fora: vestígios dos cinemas de rua em Juiz de Fora**]. Disponível em: <https://cinemasderuajf.com.br/?playlist=ba67e8c&video=d138cff>, acesso 21 abr. 2022.

[**CINEMAS in Rome**]. In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/prsp-exhibit/cinemas-in-rome/>, acesso 15 ago. 2022.

[**CINEMATIC Brno**]. Disponível em: <https://cinematicbrno.phil.muni.cz/?id=103&lang=1>, acesso 03 ago. 2022.

[**CINERICORDI**]. Disponível em: <https://www.cinericordi.it>, acesso 15 ago. 2022.

[**CLASSROOM Resources: Going to the show lesson plans**] In: Documenting the American South. Disponível em: <https://docsouth.unc.edu/classroom/lessonplans/gtts/>, acesso 19 ago. 2022.

[**COLABORADORES.**] In: Cinema Context. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?c=cccfilm;sid=bc10b87c58ca238ebcaf472a368d04aa;tpl=colophon.tpl;lang=pt>, acesso 12 ago. 2022

[**COLEÇÃO Preciosa**]. Disponível em: <https://colecaopreciosa.com.br>, acesso 20 ago. 2022.

[**COLEÇÃO Waltencir Parizi**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/2021/04/26/colecao-waltencir-parizi/>, acesso 06 abr. 2022.

[**COLETIVO Bananal**]. Rede social da moradia coletiva e ponto de cultura. Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivobananal/?hl=en>, acesso 08 abr. 2022.

[**CONTACT**]. In: Cinema Belgica. Disponível em: <https://www.cinemabelgica.be/s/cinemabelgica/page/contact>, acesso 12 ago. 2022.

[**CONTATO**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://minasecinema.com.br/contato>, acesso 10 ago. 2022.

[**CONTRIBUTE cinema information**]. In: Australian Cinemas Map. Disponível em: <https://auscinemas.flinders.edu.au/contribute/index.php>, acesso 18 ago. 2022.

[**COMCINE, Comunicação, Cidade e Memória**]. Disponível em: <https://pesquisafacomufjf.wordpress.com>, acesso 06 abr. 2022.

[**CONSTRUÇÃO**]. In: Cine Theatro Central. 2018. Disponível em: <https://www.theatrocentral.com.br/construcao/>, acesso 20 abr. 2022.

[**CPCINE: História, Estéticas e Narrativas em Cinema e Audiovisual**]. Disponível em: <https://www.ufjf.br/cpcine/>, acesso 31 jul. 2022.

[**DATABASE Terms**]. In: Going to the Show. In: Wayback Machine, captura de 09 ago. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200809021202/http://gtts.oasis.unc.edu/help-dbterms.html>, acesso 19 ago. 2022.

[**DEEP Mapping**]. In: Mapping Movies. Disponível em: <https://www.mappingmovies.com/presentations/>, acesso 13 ago. 2022.

DEPRESSÃO, Juiz de Fora da. “Quem se lembra do Cine Veneza? Qual filme você viu lá?”. Postagem do *Facebook*, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/JFDepressao/photos/quem-se-lembra-do-cine-veneza-qual-filme-você-viu-lá-/2973549589423076/>, acesso 08 abr. 2022.

[**DOCUMENTING the american South: primary resources for the study of southern history, literature, and culture**]. Disponível em: <https://docsouth.unc.edu>, acesso 19 ago. 2022.

[**ENTENDA a crise da Cinemateca Brasileira, que já teve incêndio na sede, alagamento em galpão e funcionários sem salários**]. In: G1 São Paulo, 29 set 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/29/entenda-a-crise-da-cinemateca-brasileira-que-ja-teve-incendio-na-sede-alagamento-em-galpao-e-funcionarios-sem-salarios.ghtml>, acesso 05 ago. 2022.

[**ENTREVISTAS**]. Lista de reprodução do canal de YouTube do Minas é Cinema. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLakreQP7RBA5nCGeDj11D7OktGajDLauF>, acesso 06 abr. 2022.

[**EQUIPE**]. In: ImagineRio. Disponível em: <https://www.imagnerio.org/pt/equipe>, acesso 08 abr. 2022.

[**ERMA**]. In: Mapping Movies. Disponível em: <http://mappingmovies.unh.edu/maps/erma.html#x=24.45762&y=14.40462&z=2&layers>, acesso 13 ago. 2022.

[**ESPAÇOS de Cinema de Juiz de Fora**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://minasecinema.com.br/espacos-de-exibigco-juiz-de-fora>, acesso 30 jul. 2022.

[**ESTAÇÃO Central do Brasil – Estrada de Ferro de D Pedro II – Central do Brasil**]. In: ImagineRio. Disponível em: <https://www.imagnerio.org/iconography/views/014GLAS114verso>, acesso 08 abr. 2022.

[**EXTRA’S**]. In: Cinema Context. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?c=cccfilm;sid=79937bce46f6739f9add5f02d93b927b;tpl=doehetzelf-vragen.tpl;lang=pt>, acesso 12 ago. 2022.

FERRAZ, Talitha; BILTEREYST, Daniel. **Public-private partnership as a response to closed movie theaters.** In: HoMER Network. Disponível em: <https://homernetwork.org/dhp-markers/public-private-partnership-as-a-response-to-closed-movie-theaters/>, acesso 03 ago. 2022.

[FILM]. In: Cinematic Brno. Disponível em: <https://cinematicbrno.phil.muni.cz/index.php/film>, acesso 14 ago. 2022.

[FILM distribution in cinema runs.] In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/blog/film-distribution-in-cinema-runs/>, acesso jul. 2021.

[FILMOGRAFIA Brasileira]. In: Base de dados da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p>, acesso 11 ago. 2022.

[FILMS]. In: Cinema Context. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?page=boolean;c=cccfilm;sid=bc10b87c58ca238ebcaf472a368d04aa;lang=pt>, acesso 12 ago. 2022.

[GOING to the show.] In: Wayback Machine. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20171016212203/http://gtts.oasis.unc.edu/>, acesso 19 ago. 2022.

[GOOGLE My Maps]. *Software online* de criação de mapas. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/0/>, acesso 08 abr. 2022.

GROIA, Franco. **Salas de cinema de Juiz de Fora:** *blog* sobre a história das salas de cinema que já se estabeleceram no município de Juiz de Fora/MG. 2010. Disponível em: <http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com>, acesso 07 abr. 2022.

[HELP]. In: Cinematic Brno. Disponível em: <https://cinematicbrno.phil.muni.cz/help>, acesso 14 ago. 2022.

[HEMEROTECA Digital Brasileira]. In: Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>, acesso 05 ago. 2022.

[HISTORYPIN Project]. In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/blog/historypin-event-blogpost/>, acesso jul. 2021.

[HOSTGATOR]. Hospedagem de sites. Disponível em: <https://www.hostgator.com.br>, acesso 08 abr. 2022.

[HOMER projects]. In: HoMER Network. Disponível em: <https://homernetwork.org/?dhp-project=homer-projects-2>, acesso 03 ago. 2022.

[HOW to do – a short introduction to methods and tools]. In: Cinema Context. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?c=cccfilm;sid=bc10b87c58ca238ebcaf472a368d04aa;tpl=doehetzelf-inleiding.tpl;lang=pt>, acesso 12 ago. 2022.

[**HOW to do – research questions**]. In: Cinema Context. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?c=cccfilm;sid=79937bce46f6739f9add5f02d93b927b;tpl=doehetzelf-vragen.tpl;lang=pt>, acesso 12 ago. 2022.

[**ILLUSTRATED Song**]. In: Going to the Show. In: Wayback Machine, captura 05 ago. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200805012742/http://gtts.oasis.unc.edu/learn/IllustratedSong.html>, acesso 19 ago. 2022.

[**IMAGENS: Juiz de Fora**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/juiz-de-fora/juizdefora-referencias/imagens/>, acesso 06 abr. 2022.

[**IMAGINERIO**]. Disponível em: <https://www.imaginerio.org/pt>, acesso 30 jul. 2022.

[**INCÊNDIO atinge um dos galpões da Cinemateca Brasileira, em São Paulo**]. In: G1 Jornal Nacional, 29 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/07/29/incendio-atinge-um-dos-galpoes-da-cinemateca-brasileira-em-sao-paulo.ghtml>, acesso 05 ago. 2022.

[**INCÊNDIO no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, completa três anos; relembre**]. In: Correio Braziliense, 02 set. 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2021/09/4947344-incendio-no-museu-nacional-no-rio-de-janeiro-completa-tres-anos-relembre.html>, acesso 05 ago. 2022.

[**INTERACTIVE Maps**]. In: Mapping Movies. Disponível em: <https://www.mappingmovies.com/interactive-maps/>, acesso 13 ago. 2022.

[**INTERNET Archive**]. Disponível em: <https://archive.org>, acesso 19 ago. 2022.

[**INTRODUCTION**]. In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/blog/introduction/>, acesso jul. 2021.

[**ITALIAN Cinema Audiences**]. Disponível em: <https://italiancinemaaudiences.org>, acesso 13 ago. 2022.

[**JOYLAND Theatre Ledger**]. In: Going to the Show. In: Wayback Machine, captura de 05 ago. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200805231001/http://gtts.oasis.unc.edu/learn/joylandledger.html>, acesso 19 ago. 2022.

[**JUIZ de Fora**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/juiz-de-fora/>, acesso 31 jul. 2022.

[**JUIZ de Fora**]. In: Relação de cinemas antigos de rua do Brasil em atividade nos anos 60. Disponível em: <http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/juiz-de-fora-mg.html>. São Paulo, 2010. Acesso 06 abr. 2022.

[**JUIZ de Fora em Imagens**]. Coleção da rede social Pinterest. Disponível em: https://br.pinterest.com/juizde/_saved/, acesso 20 abr. 2022.

[LANAV]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/videos/lanav-narrativas-audiovisuais/>, acesso 06 abr. 2022.

[LIVRO: Cinema em Juiz de Fora]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://minasecinema.com.br/livros-cinemas-em-juiz-de-fora>, acesso 31 jul. 2022.

MANOVICH, Lev. **Cultural data:** possibilities and limitations of digitized archives. Disponível em: <http://manovich.net/index.php/projects/cultural-data>. 2017. Acesso 05 ago 2022.

[MAPA]. In: ImagineRio. Disponível em: <https://www.imagnerio.org/map>, acesso 08 abr. 2022.

[MAPPED Cities]. In: Going to the Show. In: Wayback Machine, captura de 20 ago. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200820191504/http://gtts.oasis.unc.edu/map/>, acesso 19 ago. 2020.

[MAPPING Movies]. Disponível em: <https://www.mappingmovies.com>, acesso 13 ago. 2022.

[MARIA do Resguardo.] Disponível em: <https://www.mariadoresguardo.com.br>, acesso 20 abr. 2022.

[MAURÍCIO Resgatando o Passado]. Disponível em: <https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com>, acesso 20 abr. 2022.

[MINAS é Cinema]. Disponível em: <https://minasecinema.com.br>, acesso 20 ago. 2022

[MINAS é Cinema]. In: Ufjf. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/>, acesso 20 ago. 2022.

[MINAS é Cinema Juiz de Fora]. Visualização de mapa criado no *software* Google MyMaps. 2022. Disponível em: https://www.google.com/maps/d/u/5/viewer?mid=1Rr-Op_Z6foG9jQQ4oqpMDjFMR6O57Kib&ll=-21.737214032961713%2C-43.35723645000001&z=13, acesso 06 abr. 2022.

[NARRATOR]. In: Cinematic Brno. Disponível em: <https://cinematicbrno.phil.muni.cz/index.php/film>, acesso 14 ago. 2022.

[NEDERLAND.] In: Cinema Context. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?c=cccfilm;sid=2736b45721270f0c2fdf54e7d06d90a5;tpl=map.tpl;lang=pt>, acesso 12 ago. 2022.

[NOTÍCIAS]. In: Cinemas de Rua de Juiz de Fora: vestígios dos cinemas de rua de Juiz de Fora. Disponível em: <https://cinemasderuajf.com.br/noticias/>, acesso 22 abr. 2022.

[**O Projeto**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://minasecinema.com.br/projeto>, acesso 01 ago. 2022.

[**O que é UX – User Experience**]. In: Hostinger tutoriais. Disponível em: <https://www.hostinger.com.br/tutoriais/ux-o-que-e-user-experience>, acesso 31 jul. 2022.

[**OPEN access**]. In: Wikipedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Open_access, acesso 12 ago. 2022.

[**OPEN Street Map**]. Disponível em: <https://www.openstreetmap.org/#map=7/-18.591/-44.522>, acesso 18 ago. 2022.

[**ORBIS: The Stanford geospatial network model of the roman world**]. Disponível em: <https://orbis.stanford.edu>, acesso 09 ago. 2022.

[**OUTPUTS**]. In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/blog/outputs/>, acesso jul. 2021.

[**PALLADIO Maps**]. In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/palladio-maps/>, acesso jul. 2021.

[**PHOTO Galleries**]. In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/photo-galleries/>, acesso jul. 2021.

[**PLATAFORMA Pauliceia 2.0: Mapeamento Colaborativo da História de São Paulo (1870-1940)**]. Disponível em: <http://www.pauliceia.dpi.inpe.br>, acesso em: 10 ago. 2022.

[**PM Juiz de Fora – MG**]. Página da rede Ipatrimônio, portal sobre patrimônio cultural brasileiro. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/category/pm-juiz-de-fora-mg/#!/map=38329&loc=-21.760527842712726,-43.43218197017301,11>, acesso 20 abr. 2022.

[**PRESENTATIONS**]. In: Mapping Movies. Disponível em: <https://www.mappingmovies.com/presentations/>, acesso 13 ago. 2022.

[**PRIMEIRO Plano**]. Disponível em: <https://primeioplano.art.br>, acesso 08 abr. 2022.

[**PUBBLICO Cinematografico Italiano**]. In: Historypin. Disponível em: <https://www.historypin.org/en/pubblico-cinematografico-italiano-2/geo/41.872411,12.480225,8/bounds/40.418501,12.480225,43.293987,12.480225/page/1>, acesso 15 ago. 2022.

[**PUBLICAÇÕES de Juiz de Fora**]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/juiz-de-fora/juizdefora-publicacoes/>, acesso 31 jul. 2022.

[**PUBLICATIONS**]. In: Mapping movies. Disponível em: <https://www.mappingmovies.com/publications/>, acesso 13 ago. 2022.

[**QUAL a diferença entre bases de dados relacional e não relacional?**] In: Debug everything. Disponível em: <https://blog.debugeverything.com/pt/diferenca-base-de-dados-relacional-e-nao-relacional/>, acesso 01 ago. 2022.

[QUOTE]. In: Cinematic Brno. Disponível em: <https://cinematicbrno.phil.muni.cz/index.php/film>, acesso 14 ago. 2022.

[REDE da Memória Virtual Brasileira]. In: Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/>, acesso 05 ago. 2022.

[REDE Memória]. In: Rede da memória virtual brasileira. Disponível em: <http://acervo.redememoria.bn.gov.br/redeMemoria/handle/20.500.12156.2/1>, acesso 05 ago. 2022.

[REFERÊNCIAS de Cataguases]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/cataguases/referencias/>, acesso 06 abr. 2022.

[REFERÊNCIAS de Juiz de Fora]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/juiz-de-fora/juizdefora-referencias/>, acesso 31 jul. 2022.

[RESEARCH Methodology.] In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/blog/research-methodology/>, acesso jul. 2021.

[RÉSEAU International Universitaire de Création Numérique]. Disponível em: <http://www.ingemedia.net/reseau-international-universitaire-de-creation-numerique-run-2018/>, acesso 30 jul. 2022.

[RESGATE do acervo audiovisual jornalístico da TV Tupi]. In: Base de dados da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=TUPI&lang=p>, acesso 11 ago. 2022.

[REVISTA A Scena Muda]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/2018/10/18/scena-muda/>, acesso 06 abr. 2022.

[REVISTA A Torre de Marfim]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/2014/02/10/a-torre-de-marfim/>, acesso 06 abr. 2022.

[REVISTA Lar Cathólico]. In: Minas é Cinema. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/2015/01/19/lar-catolico/>, acesso 06 abr. 2022.

[REX. Almaar. Langestraat 92]. In: Cinema Context. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?type=boolean;c=cccbioscoop;sid=bc10b87c58ca238ebcaf472a368d04aa;lang=pt;q1=%2Arex;rgn1=BiosNaam;op2=And;rgn2=Alle%20velden;op3=And;rgn3=Alle%20velden;op4=And;rgn4=Alle%20velden;op5=And;rgn5=Alle%20velden;op6=And;rgn6=Alle%20velden;op7=And;rgn7=Alle%20velden;op8=And;rgn8=Alle%20velden;op9=And;rgn9=Alle%20velden;op10=And;rgn10=Alle%20velden;rangemin1=1900;rangemax1=2006;date1=1900;date2=2006;rangemin2=01-01-1900;rangemax2=01-01-1960;sort=stad%20oplopend;cc=cccbioscoop;view=reslist;fmt=long;page=reslist;start=1;size=1;tpl=details.tpl>, acesso 12 ago. 2022.

[SALAS de cinema de São Paulo (1895-1929): inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica na cidade de São Paulo: 1895-1929]. In: Base de dados da

cinemateca brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=CINESP&lang=p>, acesso 11 ago. 2022.

[**SALVE Cine Palace**]. Comunidade do *Facebook*. Disponível em: https://www.facebook.com/salvecinepalace/about/?ref=page_internal, acesso 08 abr. 2022.

SANTOS, João Guilherme; MEDEIROS, Theresa. “O cinema na história de Juiz de Fora: memórias da ida ao Cine Paraíso”. In: **Cinemas de rua de Juiz de Fora: vestígios dos cinemas de rua em Juiz de Fora**. Disponível em: <https://cinemasderuajf.com.br/titulo-do-post-03/>, acesso 22 abr. 2022.

[**SEARCH venues**]. In: Cinema Belgica. Disponível em: <https://data.cinemabelgica.be/venue>, acesso 12 ago. 2022.

SEDGWICK, John. **Filmgoing and film popularity in Antwerp and Ghent, 1952**. Disponível em: <https://www.cinemabelgica.be/s/cinemabelgica/page/filmgoing-and-film-popularity-in-Antwerp-and-Ghent-1952>, acesso 12 ago. 2022.

[**SHARE your memorias**]. In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/blog/share-your-memories/>, acesso 15 ago. 2022.

[**SHARING memories across generations a historypin project**]. In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/sharing-memories-across-generations-a-historypin-project/>, acesso jul. 2021.

[**SHOPPING Jardim Norte é inaugurado em Juiz de Fora**]. In: Acessa.com. Disponível em: <https://www.acesa.com/cidade/arquivo/noticias/2016/07/12-shopping-jardim-norte-inaugurado-juiz-fora/>, acesso 28 abr. 2022.

[**SITES Institucionais**]. In: Ufjf: Treinamentos do CGCO. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/treinamentoscgco/docs/sites-institucionais/>, acesso 31 jul. 2022.

[**SOBRE**]. In: Cine-Fantasma. Disponível em: <http://cinefantasma.blogspot.com/p/sobre-o-projeto.html>, acesso 30 set. 2022.

[**SOURCES & Materials**]. In: Going to the Show. In: Wayback Machine. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200810042519/http://gtts.oasis.unc.edu/about-sources.html>, acesso 19 ago. 2022.

SOUZA, José Inácio Melo. **O cinema na cidade: algumas reflexões sobre a história da exibição no Brasil**. In: Mnemocine. 2013. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/24-histcinema/200-resenhafreire>, acesso 03 ago. 2022.

[**ST. Matthew Church**]. *Google* fotos. Disponível em: https://www.google.com/maps/place/St.+Matthew+Church/@-21.7739637,-43.3527256,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipMOaQPv_1BwaMs-TdNgXNSitY4RiztCp-pvI-Jo!2e10!3e12!6shhttps:%2F%2Flh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMOaQPv_1BwaMs-TdNgXNSitY4RiztCp-pvI-Jo%3Dw203-h114-k-

no!7i2560!8i1440!4m5!3m4!1s0x989b693adf9f9b:0xdba01570492882f4!8m2!3d-21.7740912!4d-43.3525518, acesso 21 abr. 2022.

[**STATE Map.**] In: Going to the Show. In: Wayback Machine, captura de 16 out. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20171016233422/http://gtts.oasis.unc.edu/map/state>, acesso 19 ago. 2022.

[**STORIES.**] In: Cinema Belgica. Disponível em: <https://www.cinemabelgica.be/s/cinemabelgica/page/stories>, acesso 12 ago. 2022.

[**TE vi por aí.**] In: Ste Primo *app store*. Disponível em: https://steprimo.com/android/us/app/appinventor.ai_sigemsegundos.Te_vi_por_ai/Te-vi-por-ai-Juiz-de-Fora-MG-Saboya-19461949/, acesso 08 abr. 2022.

[**TERESA Rabbiti.**] In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/prsp-exhibit/teresa-rabbiti/>, acesso jul. 2021.

[**THE Empire Bio Co. / Central / Úderka.**] In: Cinematic Brno. Disponível em: <https://cinematicbrno.phil.muni.cz/index.php/cs/node/6>, acesso 14 ago. 2022.

[**UNC University Libraries.**] Disponível em: <https://library.unc.edu>, acesso 19 ago. 2022.

[**USING the Google Maps Interface.**] In: Going to the Show. In: Wayback Machine, captura de 24 jul. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200724190527/http://gtts.oasis.unc.edu/help-maps.html>, acesso 19 ago. 2022.

[**VIDEO Memories.**] In: Italian Cinema Audiences. Disponível em: <http://italiancinemaaudiences.org/video-memories/>, acesso 15 ago. 2022.

[**VISUALIZATIONS.**] In: Mapping Movies. Disponível em: <https://www.mappingmovies.com/visualizations/>, acesso 13 ago. 2022.

[**WALKING Tour.**] In: Mapping Movies. Disponível em: <https://www.mappingmovies.com/walking-tour/>, acesso 02 ago. 2022.

[**WAYBACK Machine.**] In: Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/web/>, acesso 19 ago. 2022.

[**WEBSITE Feedback.**] In: Cinematic Brno. Disponível em: <https://cinematicbrno.phil.muni.cz/index.php/contact>, acesso 14 ago. 2022.

[**WHY North Carolina?.**] In: Going to the Show. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200805231010/http://gtts.oasis.unc.edu/about-whync.html>, acesso 19 ago. 2022.

WILLEMS, Gertjan. **The alternative film culture of fugitive cinema.** In: Cinema Belgica. Disponível em: <https://www.cinemabelgica.be/s/cinemabelgica/page/the-alternative-film-culture-of-fugitive-cinema>, acesso 12 ago. 2022.

[**WILLIAM Blake Archive**]. Disponível em: <http://www.blakearchive.org>, acesso 01 ago. 2022.

[**WILMINGTON, North Carolina Timeline**]. In: Going to the Show. In: Wayback Machine. Captura de 17 out. 2017. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20171017040759/http://gtts.oasis.unc.edu/learn/timeline.html>, acesso 19 ago. 2022.

[**WORDPRESS**]. Criador de sites. Disponível em: <https://wordpress.com/pt-br/>, acesso 08 abr. 2022.

[**YOUR query: city: “Den Helder”**.] In: Cinema Context. Disponível em: <https://cinemacontext.nl/cgi/b/bib/bib-idx?c=cccbioscoop;sid=2736b45721270f0c2fdf54e7d06d90a5;lang=pt;type=boolean;q1=Den%20Helder;rgn1=Stad>, acesso 12 ago. 2022.

Bibliografia

ALBERTO, Klaus Chaves; SOUZA, Gabriella Inhan de. “A trajetória do Engenheiro Lourenço Baeta Neves em Juiz de Fora.” *In: revista Urbana*, dossiê: Urbanistas e Urbanismo: a escrita da história... Unicamp. v.5, n. 7. Out, 2013.

ALLEN, Robert C. “The place of space in film historiography”. *In: TMG Journal for Media History* v. 9, n. 2. Pp. 15-27. 2006. DOI: <http://doi.org/10.18146/tmg.548>

ALLEN, Robert C; GOMERY, Douglas. **Film History: theory and practice**. New York. Knopf, 1985.

ARANTES, Haydê Sant’Anna; MUSSE, Christina Ferraz. **Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC – Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora**. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.

AUTRAN, Arthur. “Panorama da historiografia do cinema brasileiro”. *In: Revista Alceu*, v. 7, n. 14. Pp. 17-30. 2007.

BESSER, Howard. “The past, present and future of digital libraries.” *In: SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John. (Org.) A Companion to digital humanities*. Blackwell Publishing, Oxford, 2004. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion/view?docId=blackwell/9781405103213/9781405103213.xml&chunk.id=ss1-4-5&toc.depth=1&toc.id=ss1-4-5&brand=default>, acesso 01 ago. 2022.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. MIT Press, 2000.

BOWELS, Kate. “Beyond the boundary: vernacular mapping and the sharing of historical authority”. *In: HALLAM, Julia; ROBERTS, Les. Locating the moving image: new approaches to film and place*. Pp. 150-172. Indiana University Press, Bloomington, 2014.

BREWER, Cynthia A.; BUTTENFIELD, Barbara P. “Framing guidelines for multi-scale design using databases at multiple resolutions”. *In: Cartography and Geographic Information Science*. V. 34, n. 1. Pp. 3-15. 2007.

BRUM, Alessandra. “Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora: por um cinema de arte.” *In: XVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo nacional*. Natal, 2013. Disponível em: https://www2.ufjf.br/minasecinema/wp-content/uploads/sites/292/2021/05/1362945473_ARQUIVO_textoFORMATOANPUH_CEC.pdf, acesso 08 abr. 2022.

BRUM, Alessandra. “Estratégias de persuasão: O cinema visto pelo semanário Lar Católico.” *In: Pós: Revista do Programa de Pós Graduação em Artes da EBA/UFMG*. [s.i.] pp. 99-109. 2016. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/wp-content/uploads/sites/292/2021/12/15741-Texto-do-artigo-43959-1-10-20191008.pdf>, acesso 08 abr. 2022.

BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan. (Orgs.) **histórias de cinemas de rua de Minas Gerais**. Editora UFJF, Juiz de Fora. 2021. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2021/12/HISTORIA-DE-CINEMA.pdf>, acesso 06 abr. 2022.

BRUM, Alessandra; MELO, Luís Alberto Rocha; PUCCINI, Sérgio. **Cinema em Juiz de Fora**. Editora Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2017.

BURKE, Peter. “Overture. The New History: its Past and its Future.” *In: _____*. (Org.) **New Perspectives on Historical Writing**. 2º edit. Pennsylvania State University Press. Pennsylvania, 2001.

CABRERA, Livia; BRANDÃO, Ryan; EBERT, Santclair. “Mapeamento das pesquisas sobre salas de cinema nos cursos de pós-graduação *strictu sensu* do estado do Rio de Janeiro.” Inédito.

CARRARA, Marina Lima. **Plano Howyan de Juiz de Fora: Técnica, proselitismo e politicagem na primeira república**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. “Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento.” *In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. (Org.) El giro decolonial: reflexiones para uma diversidade epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontífica Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CERTEAU, Michel de. “A operação historiográfica.” *In: A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Pp. 65-119

CLARETO, Sônia Maria; TERRA, Marina Furtado. “Nos descaminhos da cidade: reflexões acerca da constituição das galerias de Juiz de Fora (MG).” *In: Galerias, passagens, entre-espacos: um estudo de espacialidades em regiões centrais de Juiz de Fora – MG*. Juiz de Fora, 2007.

COSTA, Maria de oliveira Barra. **Juventude e cinema nos anos 1970**: a I Mostra de Juiz de Fora do Cinema Super 8. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/4801/1/mariadeoliveirabarracosta.pdf>, acesso 08 abr. 2022.

D'ALGE, Júlio César Lima. “Cartografia para geoprocessamento”. In: CÂMARA, Gilberto; DAVIS, Clodoveu; MONTEIRO, Antônio Miguel Vieira. (Orgs.) **Introdução à ciência da geoinformação**. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São José dos Campos, 2001.

DILBETUDO, Silvia; CULHANE, Sarah, GENNARI, Daniela Treveri. “Bridging the digital divide: older adults’ engagement with online cinema heritage”. In: **Digital Scholarship in the humanities**. V. 35, n. 4. pp. 191-811. Oxford university press, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1093/llc/fqz079>.

ELSAESSER, Thomas. “The new film History”. In: **Sight and sound**. N. 55. V. 4. Londres, 1986.

ESTEVES, Albino. **Almanach de Juiz de Fora** para 1914. Typographia Brasil, 1896.

FERRAZ, Rosane Carmanini. **A chegada do cinema em Juiz de Fora**: uma nova opção de entretenimento no centro cultural de Minas Gerais. Trabalho de conclusão de curso em História, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2000.

FERRO, Marc. “O filme: uma contra-análise da sociedade?” In: _____. NASCIMENTO, Flávia (Trad). **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Pp. 79-116.

FRÓES, Natália Teles Silva e. **Inventário das salas de cinema de rua de Patos de Minas**: exibidores e espaços de exibição comercial no Alto do Paranaíba, Minas Gerais. Trabalho de conclusão de curso em Cinema e Audiovisual, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018. Disponível em: https://www2.ufjf.br/minasecinema/wp-content/uploads/sites/292/2021/04/TCC_Natalia-Teles.pdf, acesso 06 abr. 2022.

GAUTHIER, Philippe. “The Brighton Congress and Traditional Film History as Founding Myths of New Film History”. Artigo apresentado na conferência **Society for Cinema and Media Studies** (SCMS), 2012.

GENOVEZ, Patrícia Falco. **Núcleo Histórico da Avenida Barão do Rio Branco (Parque Halfeld e Largo do Riachuelo)**. Nota prévia de pesquisa. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/cliodel/wp-content/uploads/sites/75/2009/10/COD98010.pdf>, acesso 18 abr. 2022.

GENOVEZ, Patrícia Falco, SOUZA, Maria Julieta Nunes de, LEITE, Mônica C. Henriques, GAWRYSZEWSKI, Paulo, FRAGA, Raquel de Oliveira. **Núcleo Histórico e Arquitetônico das ruas Halfeld e Marechal Deodoro - Parte Alta**. Nota prévia de pesquisa. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/cliodel/wp-content/uploads/sites/75/2009/10/COD98005.pdf>, acesso 18 abr. 2022.

GONZAGA, Alice. **Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro**. Record, Funarte, Rio de Janeiro, 1996.

GONÇALVES, Raruza Keara Teixeira; MUSSE, Christina Ferraz. “Identidade e Memória: Narrativas orais sobre o Cinema da Floresta.” *In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recife. Anais... São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1367-1.pdf>, acesso 08 abr. 2022.

GONÇALVES, Raruza Keara Teixeira; MUSSE, Christina Ferraz. “Patrimônio oral: memórias sobre o Cinema da Floresta e a Produtora de Cinema Regina”. *In: Revista Brasileira de História da Mídia*. V.1. n.1. 2012. Disponível em: <https://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3802/2200>, acesso 08 abr. 2022.

GONÇALVES, Raruza Keara Teixeira; MUSSE, Christina Ferraz. “Recortes biográficos: Narrativas sobre o Cinema da Floresta.” *In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: Intercom, 2011 Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0910-1.pdf>, acesso 08 abr. 2022.

GUIMARÃES, Heitor. (orgs.). **Almanach de Juiz de Fora para 1899**. Typographia Mattoso, Juiz de Fora. 1898.

GULDI, Jo; ARMITAGE, David. **The History Manifesto**. Cambridge University Press, 2014.

HALLAM, Julia; ROBERT, Les. “Film and spatiality: outline of a new empiricism”. *In: _____; _____*. (Orgs.) **Locating the moving image: new approaches to film and place**. Indiana University Press, Bloomington, 2014.

HORAK, Laura. “Using digital maps to investigate cinema history.” *In: ACLAND, Charles R.; HOYT, Eric*. (Org.) **The Arclight guidebook to media history and the digital humanities**. Pp. 1-30. Reframe books, Sussex, 2016.

HOYT, Eric. “Curating, coding, writing: expanded forms of scholarly production”. *In: ACLAND, Charles R.; _____*. (Org.) **The Arclight guidebook to media history and the digital humanities**. Reframe books, Sussex, 2016.

IFAD – International Fund for Agricultural Development. **Good practices in participatory mapping**. University of British Columbia Okanagan, Consultative Group of Development of Decision Tools for Participatory Mapping in Specific Livelihoods, 2009.

JENSEN, Michael. “Intermediation and its malcontents: validating professionalism in the age of raw dissemination”. *In: SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John*. (Org.) **A Companion to digital humanities**. Blackwell Publishing, Oxford, 2004. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion/view?docId=blackwell/9781405103213/9781405103213.xml&chunk.id=ss1-4-5&toc.depth=1&toc.id=ss1-4-5&brand=default>, acesso 01 ago. 2022.

KLENOTIC, Jeffrey. “Mapping Flat, Deep, and Slow: On the ‘spirit of Place’ in New Cinema History”. In: **TMG Journal for Media History** v. 23 n. 1-2. pp. 1–34. 2020. DOI: <http://doi.org/10.18146/tmg.789>.

KLENOTIC, Jeffrey. “Putting cinema history on the map: using GIS to explore the spatiality of cinema”. In: BILTEREYST, Daniel; MALTBY, Richard; MEERS, Phillipe (orgs). **Explorations in new cinema history: Approaches and case studies**. Blackwell, 2011.

KIRSCHENBAUM, Matthew G. “So the colors cover the wires: interface, aesthetics and usability”. In: SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John. (Org.) **A Companion to digital humanities**. Blackwell Publishing, Oxford, 2004. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion/view?docId=blackwell/9781405103213/9781405103213.xml&chunk.id=ss1-4-5&toc.depth=1&toc.id=ss1-4-5&brand=default>, acesso 01 ago. 2022.

KOSELLECK, Reinhart. HEDIGER, Markus. (Trad). “Espaço e história”. In: **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Contraponto Editora LTDA. 2014.

LAGE, Oscar Vidal Barbosa; ESTEVES, Albino. (Org.) **Álbum do município de Juiz de Fora**. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/2017/03/blog-post_3.html, acesso 18 abr. 2022.

LAGNY, Michele. FECÉ, J. Luis. (Trad.) **Cine e Historia: Problemas y métodos en la investigación cinematográfica**. Bosch Casa Editorial S.A., Barcelona, 1997.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: an introduction to Actor-Net-Theory**. Oxford University Press, New York, 2005.

LEVI. Giovanni. “On Micro-history” In: BURKE, Peter. (Org.) **New Perspectives on Historical Writing**. 2º edit. Pennsylvania State University Press. Pennsylvania, 2001.

LIMA, Otávio Henriques Reis. **Exibidores Brasileiros: Breve histórico dos exibidores cinematográficos de Varginha (MG)**. Trabalho de conclusão de curso em Cinema e Audiovisual, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2017. Disponível em: <http://www.rascunho.uff.br/ojs/index.php/rascunho/article/view/190/149>, acesso 07 abr. 2022.

MACHADO, Pedro José de Oliveira. “Urbanização e modificações no Córrego Independência, Juiz de Fora/MG”. In: **CaderNAU – Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas**. V. 9, n. 1. pp. 135-154. Universidade Federal do Rio Grande. 2016.

MANOVICH, Lev. “Introduction: how to see one billion images.” In: **Cultural Analytics**. Massachusetts Institute of Technology, Londres, 2020.

MARQUES, Valéria Fabri Carneiro. **Cine Paratodos: Imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11837>, acesso 20 abr. 2022.

MASSEY, Doreen. MACIEL, Hilda Pareto; HAESBAERT, Rogério. (Trad.) **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

MOORE, Paul S. “Space, place and case: surveying the grounds of cinema history”. *In: Early Popular Visual Culture*, n.13, v.4. Pps. 336-343. 2016.

MORETTI, Franco. “Maps”. *In: Graphs, maps, trees: abstract models for a Literary History*. Nova York, Verso, 2005.

MUSSE, Christina Ferraz; NETO, Gilberto Faúla Avelar; HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **Os Cinemas de rua de Juiz de Fora: Memórias do Cine São Luiz**. Funalfa, Juiz de Fora, 2017.

PALMER, Carole L. “Thematic Research Collections.” *In: SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John. (Org.) A Companion to digital humanities*. Blackwell Publishing, Oxford, 2004. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion/view?docId=blackwell/9781405103213/9781405103213.xml&chunk.id=ss1-4-5&toc.depth=1&toc.id=ss1-4-5&brand=default>, acesso 31 jul. 2022.

REIS, Marina Gowert dos. **Patrimônio cultural brasileiro na era digital: da digitalização de acervos à preservação participativa na internet**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. 2019.

RIBEIRO, Brênio Peters; ARANTES, Haydê Sant’Ana; MUSSE, Christina Ferraz. “A construção da imagem do Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora pela mídia mineira.” *In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*, 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <https://pesquisafacomufjf.files.wordpress.com/2013/06/a-construc3a7c3a3o-da-imagem-do-centro-de-estudos-cinematogr3a1ficos-de-juiz-de-fora-pela-mc3addia-mineira-ribeiro-brc3aanio-peters-arantes-haydc3aae-santana-musse-christina-ferra.pdf>, acesso 08 abr. 2022.

RIBEIRO, Brênio Peters; ARANTES, Haydê Sant’Ana; MUSSE, Christina Ferraz. “CEC-Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora: Um estudo de caso do cineclubismo brasileiros nas décadas de 1960 e 1970”. *In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. 2011, Recife. Anais... São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <https://pesquisafacomufjf.files.wordpress.com/2013/06/cec-centro-de-estudos-cinematogr3a1ficos-de-juiz-de-fora-um-estudo-de-caso-do-cineclubismo-brasileiros-nas-dc3a9cadas-de-1960-e-1970-ribeiro-brc3aanio-peters-arantes-haydc3aae-santana.pdf>, acesso 08 abr. 2022.

RIBEIRO, Brênio Peters; ARANTES, Haydê Sant’Ana; MUSSE, Christina Ferraz. “Centro de Estudos Cinematográficos: a memória do pioneirismo do Cineclube de Juiz de Fora.” *In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia*, 2011, Guarapuava. Anais... Porto Alegre: Alcar, 2011. Disponível em: <https://pesquisafacomufjf.files.wordpress.com/2013/06/centro-de-estudos-cinematogr3a1ficos-a-memc3b3ria-do-pioneirismo-do-cineclube-de-juiz-de-fora->

[ribeiro-brc3aanio-peters-arantes-haydc3aae-santana-musse-christina-ferraz.pdf](#), acesso 08 abr. 2022.

ROBINSON, Anthony C.; DEMSAR, Urška; MOORE, Antoni B.; BUCKLEY, Aileen; JIANG, Bin; FIELD, Kenneth; KRAAK, Menno-Jan; CAMBOIM, Silvana P.; SLUTER, Claudia R. Sluter; “Geospatial big data and cartography: research challenges and opportunities for making maps that matter”. *In: International Journal of Cartography*, v. 3 n. sup-1. Pp. 32-60. 2017. DOI: 10.1080/23729333.2016.1278151

ROTH, Robert E.; ÇÖLTEKIN, Arzu; DELAZARI, Luciene; FONSECA FILHO, Homero; GRIFFIN, Amy; HALL, Andreas; KORPI, Jari; LOKKA, Ismini; MENDONÇA, André; OOMS, Kristien; VAN ELZAKKER, Corné P.J.M.. “User studies in cartography: opportunities for empirical research on interactive maps and visualizations”. *In: International Journal of Cartography*, v. 3 n. sup-1, pp. 61-89. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/23729333.2017.1288534>.

SCHVARZMAN, Sheila. “Escrever a história do cinema brasileiro no século XXI: desconstruir a história no singular e escrever a história no plural. *In: Revista Rumores*, n. 21, v. 11, jan/jun. 2017, 132-150.

SCHVARZMAN, Sheila. “História e historiografia do cinema brasileiro: objetos do historiador”. *In: CATELLI, Rosana Elisa; CERQUEDA, Sérgio Barbosa. (Org) Revista Especiaria: Cadernos de ciências humanas v 15. N 17. Dossiê cinema, literatura e sociedade. 2007.*

SILVA, Daniel Roberto dos Reis. **De Cine-Teatro à alma da cidade: Cine Teatro Central e construção dos discursos da categoria patrimônio na cidade de Juiz de Fora**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/34/teses/DanielRobertoDosReisSilva.pdf>, acesso 23 set. 2022.

SILVA, Igor Maciel da. “O maior cinema na história de Barbacena: panorama dos primeiros anos do Cine-Theatro Apollo (1923 a 1925)”. *In: Revista Caminhos da História*. Programa de pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Estadual de Montes Claros. V. 26, n. 1. (jan/jun, 2021). Disponível em: <https://www2.ufjf.br/minasecinema/wp-content/uploads/sites/292/2021/06/CINE-THEATRO-APOLLO1.pdf>, acesso 06 abr. 2022.

SILVA, Igor Maciel da; TEIXEIRA, Sarah Mayor Soutto. “As mulheres de Barbacena (MG) e as Sessões Chiques de Cinema (anos 1926 e 1927). *Revista Motrivivência*, v. 32, n. 63, p. 1-22, 2020. Disponível em: https://www2.ufjf.br/minasecinema/wp-content/uploads/sites/292/2021/06/As-mulheres-de-BarbacenaMG-e-as-sessoes-Chiques-de-cinema_anos-de-1926-e-19271.pdf, acesso 23 set. 2022.

SIRIMARCO, Martha. **João Carriço: o amigo do povo**. Funalfa edições, Juiz de Fora, 2005.

SMITH, Abby. “Preservation”. *In: SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John. (Org.) A Companion to digital humanities*. Blackwell Publishing,

Oxford, 2004. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion/view?docId=blackwell/9781405103213/9781405103213.xml&chunk.id=ss1-4-5&toc.depth=1&toc.id=ss1-4-5&brand=default>, acesso 31 jul. 2022.

SOUZA, Albert Milles. **Descontinuidades e permanências no planejamento urbano a partir do Plano Diretor Participativo da cidade de Juiz de Fora – MG.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2019.

SOUZA, José Inacio de Melo. **Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930):** O cinema dos engenheiros. Editora Senac, São Paulo, 2016.

TAVARES, Silva. (Orgs.) **Almanak de Juiz de Fora:** Primeiro Anno. Leite Ribeiro & C. Juiz de Fora, 1891.

THOMAS II, William G. “Computing and the historical imagination”. In: SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John. (Org.) **A Companion to digital humanities.** Blackwell Publishing, Oxford, 2004. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion/view?docId=blackwell/9781405103213/9781405103213.xml&chunk.id=ss1-4-5&toc.depth=1&toc.id=ss1-4-5&brand=default>, acesso 31 jul. 2022.

TREVERI-GENNARI, Daniela; O’RAWE, Catherine; HIPKINS, Danielle. “In search of italian cinema audiences in the 1940s and 1950s: gender, genre and national identity. In: **Participations:** journal of audience & reception studies. V.8, n. 2. 2011.

VIEIRA, João Luiz e PEREIRA, Margareth Campos da Silva. **Espaços do sonho:** arquitetura dos cinemas no Rio de Janeiro 1920-1950. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1982.

VILLA, Carlos Vallencia; GIL, Tiago. (Org.) **O retorno dos mapas:** sistemas de informação geográfica em história. Porto Alegre, Ladeira Livros, 2016.

ANEXO 1

Informações sobre os espaços de exibição de Juiz de Fora

Tabela com informações sobre exibições itinerantes

Nome	Descrição (espaço)	Imagens	Exibições	Bibliografia e links
Teatro Juiz de Fora	<p>Prop. Alfredo Ferreira Lage. Endereço: Rua do Espírito Santo, próximo de onde foi a pró-música no final dos anos 1990. Teatro inaugurado em 1889. Exibições itinerantes a partir de 1897 até pelo menos 1909.</p>	<p>Fachada do Teatro Juiz de Fora, 1915 Palco do Teatro Juiz de Fora, 1915 Plateia do Teatro Juiz de Fora, 1915 Fachada do Teatro Juiz de Fora de outro ângulo, 1903 Instituto Comercial Mineiro de Juiz de Fora no palco do Teatro Juiz de Fora em 1920.</p>	<p>23 jul. 1897a 8 ago. 1897 - Companhia Germano Alves 31 dez. 1898 - empresa da atriz Apolonia Pinto mai. 1901 - jul. 1901 - "biógrafo Lumière" de João Garcia. mai. 1903 - Imperial Companhia Japonesa Kudara de Variedades. Jul. 1903 - Apresentações do ilusionista Ernesto Acon. 31 dez. 1904 - E. Hevet. ("cinematógrafo falante") 10 março a abril de 1906 - Carlos Leal e J. Gomes da Silveira, "empresa Tiradentes". jul. 1906 - Empresa Cinematográfica Variedades de Joseph Adams & Comp. Jun. 1907 - Empresa Pimenta & Cia Jul. 1907 - Empresa A. Romero 21 nov. 1907 - E Hervet. ("cinematógrafo falante") jan. 1908 - Empresa Brasileira de Cinematógrafo fev. 1908 - Empresa Windsor's Castle 19 abr. 1908 - Empresa William & Cia ago. 1908 - Cinematógrafo Pathé 17 out. 1909 - "Cinema Teatro" - empresa S. Guimarães & C.</p>	<p>Ferraz, Roane Camanini. "A chegada do cinema em Juiz de Fora: uma nova opção de entretenimento no centro cultural de Minas Gerais (1897-1912)". In: BRUM, Alessandra; MELO, Luiz Alberto Rocha; PUCCINI, Sérgio. Cinema em Juiz de Fora. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. GENOVEZ, Patrícia Falco. Núcleo Histórico da Avenida Barão do Rio Branco (Parque Halfeld e Largo do Riachuelo). Nota prévia de pesquisa. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. https://www2.ufjf.br/cliodel/wp-content/uploads/sites/75/2009/10/COD98010.pdf http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/03/teatro-juiz-de-fora.html https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/2017/03/blog-post_3.html</p>

Rua São João e Halfeld	Saída para a rua Halfeld pelo Café Isaura e para a rua São João.	(sem imagens)	Circo Pathé: (junho?) 1909. Do exibidor Carlos Leal, agora em sociedade com Orlando Lage. (Não é a primeira vez que esteve na cidade.)	Ferraz, Roeane Camanini. "A chegada do cinema em Juiz de Fora: uma nova opção de entretenimento no centro cultural de Minas Gerais (1897-1912)". In: BRUM, Alessandra; MELO, Luiz Alberto Rocha; PUCCINI, Sérgio. Cinema em Juiz de Fora. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.
Largo do Riachuelo	Exibições itinerantes que aconteceram no Largo do Riachuelo Para Lages e Esteves (1915) foi construído na administração de Oscar Vidal (1912-1915) mas há uma "Praça Riachuelo na Planta de Cavalcanti, 1883	(sem imagens das exibições) Largo do Riachuelo, foto do Album de Juiz de Fora (Lage, Esteves, 1915) Largo do Riachuelo visto de outro ângulo (Lage, Esteves, 1915) Largo do Riachuelo em 1912	Circo Pathé: mai. 1910 a setembro de 1910 quando muda de endereço. Exibidor itinerante: Carlos Leal.	Ferraz, Roeane Camanini. "A chegada do cinema em Juiz de Fora: uma nova opção de entretenimento no centro cultural de Minas Gerais (1897-1912)". In: BRUM, Alessandra; MELO, Luiz Alberto Rocha; PUCCINI, Sérgio. Cinema em Juiz de Fora. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. http://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/2016/02/largo-do-riachuelo-0-fotos.html

Tabela com as informações sobre espaços de exibição comercial colocadas no mapa digital:

NOME	Tipo	Endereço	Datas	Lotação	Empresa	Descrição das imagens	Bibliografia e links
Cine Pharol	Sala de rua	Av. Barão do Rio Branco, saída pela Marechal Deodoro. Na numeração de 1914, Rua Direita, 142-144	1910 - Está fechado em 1919?	446 (201 primeira classe e 245 segunda classe)	João Evangelista da Silva Gomes	Interior do cinema O Pharol em 1915, do Álbum do Município de Juiz de Fora de Albino de Oliveira Esteves. No mesmo álbum, Rua Direita, onde é possível ver a tipografia do jornal O Pharol e o cinema (prédio mais claro, com o cartaz na frente.)	Ferraz, Roseane Camanini. "A chegada do cinema em Juiz de Fora: uma nova opção de entretenimento no centro cultural de Minas Gerais (1897-1912)". In: BRUM, Alessandra; MELO, Luiz Alberto Rocha; PUCCINI, Sérgio. Cinema em Juiz de Fora. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. ESTEVES, Albino. Almanach de Juiz de Fora para 1914. Typographia Brazil, Juiz de Fora, 1914. Disponível em: https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com https://www.mariadoresguardo.com.br http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/01/cinema-pharol.html [Leilão]. In: Jornal <i>O Pharol</i> , 23 nov. 1919.
Polytheama	Sala de rua	No mesmo local onde existe o	1910 - construído	1500 (Groia, 2010)	Chimico e Campinhos, em 1911	Fachada do Polytheama em 1925, em cartaz o Ladrão de Bagdad (1924).	Ferraz, Roseane Camanini. "A chegada do cinema em Juiz de Fora: uma nova opção de entretenimento no centro cultural de Minas Gerais (1897-1912)". In: BRUM, Alessandra; MELO,

		Cine Teatro Central. Saídas para as ruas São João e Halfeld.	ão do Central		Gomes Nogueira. 1926: futura Companhia Central de Diversões	Plateia do Polytheama em 1915 Palco do Polytheama em 1915 Plateia do Polytheama, data desconhecida.	Luiz Alberto Rocha; PUCCINI, Sérgio. Cinema em Juiz de Fora. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. https://www.mariadoresguardo.com.br http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/01/polytheama.html
Cine Halfeld	Sala de rua	Rua Halfeld, 615, junto à sede do Jornal do Comercio	1915-1918?	400 (Cinema Halfeld, 1915.)	Souza & Silva	Sede do Jornal do Comércio no Album de Juiz de Fora, 1915. Seria o Cine Halfeld no prédio ao lado, cujos detalhes vemos por cima do Jornal do Comércio? Comparação de fotos do prédio do Jornal do Comércio e prédio ao lado do Cine Glória, montagem minha.	http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/01/cinema-halfeld.html [CINEMA Halfeld]. Jornal O Pharol, 14 nov. 1915. [CINEMA Halfeld,] O Pharol, 6 nov. 1915 [CARNAVAL]. In: Jornal O Pharol, 12 fev. 2018. https://www.mariadoresguardo.com.br https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com
Cine Ideal (1915)	Sala de rua	Esquina da Rua Halfeld com a do Comercio (Batista de Oliveira)	1915-1917	525 (Ideal, 1915)	Alfredo Amaral	(não foram encontradas imagens da sala de cinema) Rua Halfeld com Batista de Oliveira em 1915	http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/01/cinema-ideal.html [BONS leilões]. In: Jornal O Pharol, 4 nov. 1917. [IDEAL Cinema]. In: Jornal O Pharol, 24 dez. 1915 Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx
Cine Teatro Paz	Sala de rua	Rua Halfeld, onde mais tarde foi construído o Edifício Sulacap, já teve ligação interna com a Galeria Pio X.	1920-1929 (Groia, 2010)	1200 (Cine Theatro Paz, 1919)	J. Ribeiro & Cia.	Edifício do Cine Paz funcionando como comércios variados. Legenda original: "À esquerda, antigo Cine-Paz, entre 1929-1937".	http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/01/cine-theatro-paz.html GENOVEZ, Patrícia Falco, SOUZA, Maria Julieta Nunes de, LEITE, Mônica C. Henriques, GAWRYSZEWSKI, Paulo, FRAGA, Raquel de Oliveira. Núcleo Histórico e Arquitetônico das ruas Halfeld e Marechal Deodoro - Parte Alta. Nota prévia de pesquisa. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998 ESTEVES, Albino. Almanach de Juiz de Fora para 1914. Typographia Brazil, Juiz de Fora, 1914. [CINE-Theatro Paz], O Pharol, 16 nov. 1919 PAIVA, Claudia dos Reis. "Abrindo passagem para o futuro: Galeria Pio X". Dissertação apresentada ao Programa de Pós

							Graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.
Cine Ideal (1923)	Sala de rua	"Rua da Tapera 74, no bairro de Mariano Procópio". Rua Rui Barbosa, número?	1923 - ?	?	Adão Pereira de Araújo.	(não foram encontradas imagens da sala de cinema) Planta da cidade de Juiz de Fora em 1923 (Quiossa, 2006), com meu destaque para rua Rui Barbosa/Estrada da Tapera.	https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/juiz-de-fora/juiz-de-foracinemas/ [CINEMA Idéal]. In: jornal O Pharol, 2 de abril de 1923. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx ESTEVES, Albino; LAGE, Oscar Vidal Barbosa. (Org.) Algum do município de Juiz de Fora. Imprensa oficial do Estado de Minas, Belo Horizonte, 1915. P 167.
Cine Rex	Sala de rua	Rua Dr. Duarte de Abreu 58	1925-1979	800 (minas é cinema)	Empresa Cupello & Menezes em 1936, na década de 40 a Companhia Central de Diversões	Fachada do Cine Rex, em 1952 Entrada da sala do Cine Rex, em 1952 Plateia do Cine Rex, em 1952 Palco do Cine Rex em 1952, ocupado por uma banda. Na placa atrás se lê, ZY(...), possivelmente uma rádio. Fachada do Cine Rex em 1950, sem a marquise. Do Album de Figurinhas comemorando o centenário juiz-forano, 1950. Página do Album de Figurinhas, com as figurinhas do Cine Palace, Central, Glória e Rex. Fachada do Cine Rex em 1979	https://www.mariadoresguardo.com.br http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/juiz-de-fora-mg.html https://www2.ufjf.br/minasecinema/2021/04/26/colecao-waltencir-parizzi/ http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/03/cine-rex.html
Cine Variedades	Sala de rua	Avenida Quinze de Novembro com Rua Barão de São João Nepomuceno.	22 de janeiro de 1926 - ? (Groia, 2010)	3500 (Groia, 2010)	Garcia & Filho	Fachada do Cine Variedades em 1925 (Em cartaz: After Dark, 1924. Parte 5?). Acima da bilheteria está escrito "Geraes", são provavelmente bilheterias separadas. Interior do Variedades (plateia).	http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/02/cine-theatro-variedades.html https://br.pinterest.com/juizde/_saved/ http://www.benficanet.com.br/memoria_mat4.htm

Cine Teatro Popular	Sala de rua	Avenida Getúlio Vargas, 890	1927- 1966	800 (minas é cinema)	João Gonçalves Carricho. Na década de 1940, passa a fazer parte do circuito da Companhia Central de Diversões	<p>Público saindo do Cine Popular e sua fachada, na inauguração, em 14 de agosto de 1927.</p> <p>Fachada do Cine Popular, com cartaz do filme The Masquerader (1933)</p> <p>Vista lateral da fachada do Cine Popular, caminhonete com cartaz e encenação referente ao filme Pimpinela Escarlata (1934)</p> <p>Vista em ângulo da fachada do Cine Popular, sem data, mostrando a rua Getúlio Vargas</p> <p>Fachada do Cine Popular e carro alegórico do filme "Azas do destino" (Seria Hard-Boiled Haggerty, 1927?)</p> <p>Portão do Cine Teatro Popular detalhe para cartazes.</p> <p>Apresentação infantil "Troupe Edison" na inauguração do Popular, 1927.</p> <p>Projetores do Cine Popular exibidos no Saguão da loja Ramalho Auto Peças Ltda. depois do fechamento do cinema.</p> <p>Prédio onde foi o Popular em 1915, antes de se tornar cinema. (Lage, Esteves, 1915.)</p>	<p>ALVARENGA, Alexandre. Lanterna Mágica: Documentário / Ficção sobre a vida e a obra de João Gonçalves Carricho. S/ local: s/ ed., s/ data.</p> <p>Localização: Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora</p> <p>CINEJORNAL CARRIÇO. Cinemateca Brasileira. 2001, 158 ps.</p> <p>Localização: Setor de Memórias – Biblioteca Municipal Murilo Mendes</p> <p>MEDEIROS, Adriano. Cinejornalismo Brasileiro. Uma visão através das lentes da Carricho Film. Juiz de Fora: Funalfa, 2008.</p> <p>SIRIMARCO, Martha. João Carricho, o amigo do povo. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2005, 204 ps.</p> <p>Localização: Setor de Memórias – Biblioteca Municipal Murilo Mendes.</p> <p>GUEDES, Martha Sirimarco. Cine-jornalismo e populismo: ciclo Carricho Film em Juiz de Fora. 1980. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro.</p> <p>Localização: Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora.</p> <p>MARQUES, Valéria Fabri Carneiro; MUSSE, Christina Ferraz. Além do cinema: a construção da identidade urbana por meio das narrativas construídas pelos espectadores do Cine Popular. In: Conferência Internacional Cinema – Arte, Tecnologia, Comunicação. Avança, Portugal. 2017.</p> <p>MUSSE, Christina; FABRI, Valéria. Cine-Theatro Popular. In: Cinemas de rua de Juiz de Fora. Web série. 7'03". 2018.</p> <p>VARGAS, Renata Venise; Museu Mariano Procópio. "Avenida Getulio Vargas nas lentes da Carricho Film". Web reportagem. 4'18".</p> <p>http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/03/carricho-filmes.html</p> <p>https://www.mariadoresguardo.com.br</p>
---------------------------	----------------	-----------------------------------	---------------	----------------------------	---	--	--

<p>Cine Teatro Glória</p>	<p>Sala de rua</p>	<p>Rua Halfeld 615, onde atualmente fica a Galeria Constança Valadares.</p>	<p>1928 - ? - a Constança Valadares inaugura em 1959?</p>	<p>?</p>	<p>Prop.: Coronel Benjamin Guimarães (Groia, 2010) Empresa exibidora: Uma das salas administradas Companhia Central de Diversões</p>	<p>Rua Halfeld com Batista de Oliveira na década de 1950, estão visíveis o Cine Palace na esquina e o Cine Glória, prédio com luminárias em forma de gancho. Rua Halfeld com Batista de Oliveira na década de 1960, no lugar do Cine Glória está a Galeria Constança Valadares. Fachada do Cine Glória no Album de Figurinhas de 1950 Página do Álbum de figurinhas de 1950, com as fachadas do Palace, Central, Glória e Rex. Cine Glória em julho de 1955, visível atrás do guindaste. Rua Halfeld em 1956, Cine Glória visível atrás da multidão. Plateia do Cine Glória, data desconhecida. Plateia do Cine Glória vista de outro ângulo, data desconhecida. Plateia do Cine Glória durante evento, data desconhecida, um pedaço do palco é visível, não há mulheres na plateia nessa foto. Enchente de 1940 da Rua Halfeld, onde é visível o Cine Glória</p>	<p>MUSSE, Christina Ferraz; FABRI, Valéria. "Cine Teatro Glória". In: Cinemas de rua de Juiz de Fora. Web série. 4'42". 2016. PARIZZI, Waltencir. Entrevista concedida a Ryan Brandão. In: BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan. (Org.) Histórias de cinemas de Rua de Minas Gerais. Editora UFJF, 2021. Pp. 149-159 GROIA, Franco. Cine-Theatro Glória. In: Salas de cinema de Juiz de Fora. 2010. https://www.mariadoresguardo.com.br http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/juiz-de-fora-mg.html https://www2.ufjf.br/minasecinema/2021/04/26/colecao-waltencir-parizzi/ CLARETO; TERRA. "Nos descaminhos da cidade: reflexões acerca da constituição das galerias de Juiz de Fora." 2017. https://cinemasderuaajf.com.br/cine-theatro-gloria/ "Diversão e arte: Conheça Constança Valadares, personagem da história de Juiz de Fora". https://globoplay.globo.com/v/5069636/</p>
<p>Cine Teatro Central</p>	<p>Sala de rua</p>	<p>Pça. João Pessoa s/n</p>	<p>1929 – Algum momento entre a década de 1980 até a reforma</p>	<p>3000 (minas é cinema)</p>	<p>Companhia Central de diversões</p>	<p>Construção Cine Central, vista por dentro Construção Cine Central em 1928, vista por fora Entrada Cine Central, em cartaz "Divino Tormento" (filme de 1940) Saída noturna do Cine Central, em cartaz Rose Marie (filme de 1936)</p>	<p>MUSSE, Christina Ferraz; FABRI, Valéria. Cine-Theatro Central. In: Cinemas de Rua de Juiz de Fora. Webserie, 5'27", 2016. PARIZZI, Waltencir. Entrevista concedida a Ryan Brandão. In: BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan. (Org.) Histórias de cinemas de Rua de Minas Gerais. Editora UFJF, 2021. Pp. 149-159 GROIA, Franco. Cine Theatro Central. In: Salas de cinema de</p>

			de 1996?		<p>Fundos do Central visto da Rua São João, década de 1950</p> <p>Album de figurinhas de Juiz de Fora de 1950, com as fachadas do Palace, Central, Glória, e Rex.</p> <p>Cine Central, cartazes do carnaval de 1936</p> <p>Cine Central, em cartaz sedução do Ouro (1934) e o Bobo do Rei (1937)</p> <p>Onibus Liquigas estacionado em frente ao Central em 1956</p> <p>Cine Central (em 1971?), em cartaz O Pistoleiro de Passo Bravo (filme de 1968).</p>	<p>Juiz de Fora. 2010.</p> <p>GROIA, Franco. A reforma do Cine Theatro Central. In: Salas de Cinema de Juiz de Fora. 2010.</p> <p>https://www.mariadoresguardo.com.br</p> <p>GROIA, Franco. Cine-Theatro Central segundo Ricardo Arcuri. 2010.</p> <p>http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/juiz-de-fora-mg.html</p> <p>https://www2.ufjf.br/minasecinema/2021/04/26/colecao-waltencir-parizzi/</p> <p>https://www.mariadoresguardo.com.br</p> <p>https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros</p> <p>https://br.pinterest.com/juizde/cinemas-de-juiz-de-fora/</p> <p>https://www.theatrocentral.com.br</p> <p>https://cinemasderuajf.com.br/cine-theatro-central/</p> <p>SILVA, Daniel Roberto dos Reis. "De Cine-Teatro à alma da cidade: Cine-Teatro Central e construção dos discursos da categoria patrimônio na cidade de Juiz de Fora". 2007.</p>
Cine Central (ponto usado para exibir mais imagens)					<p>Cine Central em 1977, em exibição King Kong.</p> <p>Propaganda do King Kong no Cine Cental, no Parque Halfeld.</p> <p>Plateia do Cine Central na inauguração</p> <p>Plateia do Cine Central. (Algum evento? Novamente não há mulheres na plateia nem ninguém na segunda classe)</p> <p>Plateia do Cine Teatro Central (década de 1940?)</p> <p>Plateia e fosso do Central em 1971, 4º Festival de música popular brasileira, quando Tony Tornado foi um dos jurados</p> <p>Fileira de cadeiras do Central em 1969, 2º Festival de música popular</p>	<p>Imagens retiradas de https://www.mariadoresguardo.com.br</p>

						<p>brasileira Palco do Central em 1969, 2º festival de música popular brasileira Outro ângulo do palco do Central em 1969, 2º festival de música popular brasileira. Comemoração de um ano de aniversário do golpe de 1964, Cine Teatro Central, 1965.</p>	
						<p>Reinauguração do Cine Teatro Central em 1996 Solenidade de formatura no Cine Teatro Central. Data desconhecida. Solenidade de formatura do Colégio Machado Sobrinho no Cine Teatro Central, década de 1970 Interior do cine Central (década de 1970?) Outro ângulo do interior do Cine Central (década de 1970?) Imagem noturna do Cine Central e Praça João Pessoa Cine Central. Outdoor anuncia estreia de "Orca a Baleia Assassina" (1977?) no Excelsior. Outro ângulo da fachada do Central, mesma data. Central, em exibição Cahill, o xerife do Oeste (1973) Detalhe do teto do Central</p>	<p>Fonte das imagens: https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros</p>

Cine Central (ponto usado para exibir mais imagens)

<p>Cine Central (ponto usado para exibir mais imagens)</p>					<p>Imagens recentes do Cine Teatro Central, quando já não funcionava mais como sala de cinema: Plateia do Central, em reforma, restauração de 1996. Plateia do central vista em outro ângulo, restauração de 1996. Restauração do teto do Central em 1996. Fachada do central, em algum momento de 2014 a 2018 Foto noturna da fachada do Central, 2014~2018 Detalhe da fachada do Central, 2014~2018 Palco e plateia do Central, 2014~2018 Luminária do Central, 2014~2018 Um dos foyers do Central, 2014~2018 Plateia do Central, 2014~2018</p>	<p>http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/01/reforma-do-cine-theatro-central.html https://www.theatrocentral.com.br</p>
<p>Cine São Mateus</p>	<p>Sala de rua</p>	<p>R. São Mateus, 629 - São Mateus</p>	<p>Década de 1930 - década de 1970</p>	<p>500 (minas é cinema)</p>	<p>Prop: Igreja São Mateus. Empresa: Companhia Central de Diversões (década de 1950)</p> <p>Pátio da Igreja São Mateus e ao fundo Cine São Mateus em 1951. Na marquise há o número 1930 e os cartazes parecem feitos à mão. Interior do Cine São Mateus, sem data. Fundos do Cine São Mateus, provavelmente na década de 1970.</p>	<p>https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros https://www.mariadoresguardo.com.br <a cinesãomateus".in:cinemasderuedejuizdefora.webserie.9'55"="" href="https://br.pinterest.com/juizde/saved/RODRIGUES,CarlaBaldutti;FABRI,Valéria;MARQUES,JoãoGabriel;MUSSE,ChristinaFerraz.">https://br.pinterest.com/juizde/saved/RODRIGUES,CarlaBaldutti;FABRI,Valéria;MARQUES,JoãoGabriel;MUSSE,ChristinaFerraz."CineSãoMateus".In:CinemasdeRuedeJuizdeFora.Webserie.9'55 https://cinemasderuajf.com.br/cinema-sao-mateus/</p>

Cine Teatro Casa D'Itália	Sala de rua	Av. Barão do Rio Branco, nº 2585 – Centro.	Prédio inaugurado em 1939. Não encontro informações sobre o cinema.	?	?	Fachada da Casa D'Italia em 1939.	https://casaditaliajf.com.br https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/05/31/juiz-de-fora-169-anos-a-busca-e-possibilidades-de-novas-historias-na-casa-ditalia.ghtml
Cinema da Floresta	Sala de rua	Fábrica de Tecidos São João Evangelista, Rua Cel. Assis. Floresta, Juiz de Fora.	1945 - 1984	408 (cinemafalda)	Fábrica de Tecidos São João Evangelista	(não foram encontradas imagens da sala de cinema) panorâmica do bairro Floresta em 1973, com destaque para a Fábrica de Tecido São João Evangelista.	https://www.mariadoresguardo.com.br http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/juiz-de-fora-mg.html GONÇALVES, Raruza Keara Teixeira; MUSSE, Christina Ferraz. Patrimônio oral: memórias sobre o Cinema da Floresta e a Produtora de Cinema Regina. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 1, n. 1, 2012. GONÇALVES, Raruza Keara Teixeira; MUSSE, Christina Ferraz. Identidade e Memória: Narrativas orais sobre o Cinema da Floresta. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. Anais... São Paulo: Intercom, 2011. GONÇALVES, Raruza Keara Teixeira; MUSSE, Christina Ferraz. Recortes biográficos: Narrativas sobre o “Cinema da Floresta”. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 16., 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: Intercom, 2011.
Cine Palace	Sala de rua	Rua Halfeld 581, esquina com rua Batista de Oliveira	1948-1985 e 1999-2017	1200 (Minas é Cinema) A partir da revitalização: Sala 1 - 225	Exibidora Brasil América LTDA. A partir de 1949, Companhia Central de	Rua Halfeld com Batista de Oliveira na enchente de 1940 - local onde seria construído o Cine Palace. Construção do Cine Palace. Anuncio de Inauguração do Palace em 1948. Rua Halfeld com Batista de Oliveira década de 1950, em cartaz Aposenta-se um Marido (1955)	TOMÉ, Hyrlla Lobo; MUSSE, Christina Ferraz. Cine Palace: a memória e as redes de sociabilidade do último cinema de rua em Juiz de Fora. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2015. SALAES, Cibele; SOBRAL, Victor. O Majestoso Cine Palace. Curta documental. 2017. 14'05". FABRI, Valeria. "Cine Palace". In: Cinemas de Rua de Juiz de Fora. Web série. 6'16". 2016.

				lugares Sala 2 - 187 lugares (site jfminas)	Diversões. Na revitalização de 1999 a 1917, empresa de exibição Espaço de Cinema.	Rua Halfeld com Batista de Oliveira década de 1960, destaque para o Cine Palace. Halfeld com Batista de Oliveira em 1966. Halfeld com Batista de Oliveira em 1982, Caçadores da Arca Perdida (1981) em cartaz no Palace. Album de Figurinhas de Juiz de Fora, 1950, com cines Palace, Central, Glória e Rex. Cine Palace na enchente de 1952 Cartaz "Mulheres libreadas" (1982) na frente do Cine Palace.	https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/07-06-2017/brigar-para-continuar-nao-da-diz-dono-do-cine-palace.html https://www.facebook.com/salvecinepalace/ http://www.ipatrimonio.org/juiz-de-fora-cine-palace/#!/map=38329&loc=-21.76087145552818,-43.34702252702873,17 https://www.mariadoresguardo.com.br http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/juiz-de-fora-mg.html http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/01/cine-palace.html https://br.pinterest.com/juizde/saved/ https://www2.ufjf.br/minasecinema/2021/04/26/colecao-waltencir-parizzi/ https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros https://www.jfminas.com.br/portal/cinemas/cinearte-palace https://cinemasderuaif.com.br/cine-palace/
Cine Palace (ponto usado para exibir mais imagens)						Interior do Palace, sem data, Interior do Palace, sem data, cadeiras estofadas. Um homem retira cartaz de programação no letreiro do Palace, legenda original: Palace vendido para o Banerj em 1948. Movimento Salve Cine Palace em 2017 Fachada do Cine Palace no site IPatrimonio	
Cine Auditorium	Sala de rua	Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 7500 - Benfca. Antiga	1948-meados década de 70 (?)	300 (Minas é Cinema)	Prop. Coronel José Augusto dos Santos Calheiros	Exterior do Cine Auditorium Interior do Cine Auditorium. Família em frente ao Auditorium, talvez na década de 1960.	https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros https://pesquisafacomufjf.wordpress.com/2015/04/22/hoje-tem-cinema-no-bairro-cinemas-de-bairro-em-juiz-de-fora-nos-anos-de-1970-e-1980/ https://cinemasderuaif.com.br/cine-auditorium/

		FEEA, atual Imbel.					
Cine Teatro Paratodos	Sala de rua	Rua Me. Adelina 20, prédio que se tornou a malharia Jumbo	1949 a 1976	? As fileiras tem 16 cadeiras (8, um vão central, e mais 8) (Marques, 2019)	Carlos Mitterhofer e Arlindo Dillon	Fachada do Cine Teatro Paratodos Modelagem 3d da fachada do Cine Teatro Paratodos, criada por Glauco Perobelli (In: Marques, 2019). Modelagem 3d do interior do Cine Teatro Paratodos, criada por Glauco Perobelli (In: Marques, 2019). Palco do Cine Paratodos, concurso de trovas. Cine Paratodos fechado, Malharia Jumbo funcionando no local. Prédio do cine Paratodos em 2018.	MARQUES, Valéria Fabri Carneiro. Cine Paratodos: Imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGCOM, da UFJF. Juiz de Fora, 2019. MARQUES, Valéria Fabri Carneiro. Memórias do cinema: Cine-Theatro Paratodos e as sociabilidades no Bairro Borboleta. In: BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan. (Org.) Histórias de cinemas de Rua de Minas Gerais. Editora UFJF, 2021. Pp. 34-52 https://cinemasderuajf.com.br/cine-paratodos/
Cine Teatro Coronel Pacheco	Sala de rua	Rua Oscar Vidal, 74 (Numeração antiga?)	1950-?	270 (cinemafalda)	?	(não foram encontradas imagens da sala de cinema) Mapa do final da rua Oscar Vidal em 1946. Detalhe para o córrego Independência antes de ser canalizado.	http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/juiz-de-fora-mg.html
Cine Brasil	Sala de rua? Sala dentro de uma instituição?	Rua Inácio da Gama, 813 (No Instituto Jesus)	1953-1958	366 (cinemafalda)	Instituto Jesus	Interior do Cine Brasil em 1955	https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/juiz-de-fora-mg.html https://cinemasderuajf.com.br/cine-brasil/

Cine Paraíso	Sala de rua	Rua São Mateus 1.001	1953-1967 e de 1986 até a década de 1990 como cinema alternativo.	500 (minas é cinema). 660 (cinemafalda)	Instituto Maria	Interior do Cine Paraíso em 1953, antes da inauguração. Construção do Cine Paraíso e do Instituto Maria em 1952 ou 1953 Construção do Cine Paraíso e do Instituto Maria em 1952 ou 1953 visto de outro ângulo Construção do Cine Paraíso em 1952 ou 1953 Fachada do Cine Paraíso Fachada do Cine Paraíso (durante sua segunda fase de funcionamento?) (do acervo da Funalfa, digitalizado pelo grupo de pesquisa Cinemas de Rua de Juiz de Fora) Projetores do Cine Paraíso (idem) Foyer do Cine Paraíso (idem)	MUSSE, Christina Ferraz; YAYA, Fhernanda; FABRI, Valéria. "Cine Paraíso". In: Cinemas de rua de Juiz de Fora. Web Série.. 6'00". 2019. https://www.mariadoresguardo.com.br https://pesquisafacomufjf.wordpress.com/2015/04/22/hoje-tem-cinema-no-bairro-cinemas-de-bairro-em-juiz-de-fora-nos-anos-de-1970-e-1980/ https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros https://cinemasderuajf.com.br/titulo-do-post-03/ https://cinemasderuajf.com.br/cine-paraiso/
Cine Nossa Senhora de Fátima	Sala de rua	Avenida dos Andradas, Centro.	1954 - ?	250 (cinemafalda). 300 (minas é cinema)	Ambulatório Nossa Senhora da Glória	(não foram encontradas imagens da sala de cinema) Mapa de trecho da Avenida dos Andradas em 1946	https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/juiz-de-fora/juiz-de-foracinemas/ http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/juiz-de-fora-mg.html

<p>Cine São Luiz</p>	<p>Sala de rua</p>	<p>Praça da Estação</p>	<p>15/07/1955 a 04/07/2007</p>	<p>826 na planta (Musse, Neto, Henriques. 2017)</p>	<p>Companhia Central de diversões, Cia. Franco-Brasileira a partir de 1976</p>	<p>Construção do prédio onde foi o Cine São Luís na década de 1930 (o prédio é anterior ao cinema) Inauguração do São Luís em 1955, sala de espera Bilheteria do São Luís na reforma de 1969 Estofamento das cadeiras da plateia do São Luís em 1969 Estofamento das cadeiras da plateia do São Luís em 1969 Estofamento das cadeiras da plateia do São Luís em 1969 Cine São Luís, cadeiras estofadas, após reforma de 1969 Interior do São Luís, vista da entrada Fachada do São Luís em 1977 Reforma da Praça da Estação em 1995 e a entrada do Cine São Luís</p>	<p>MUSSER, Christina; NETO, Gilberto Faúla Avelar; HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Os cinemas de rua de Juiz de Fora: Memórias do Cine São Luiz. Funalfa, Juiz de Fora, 2017 Localização: Setor de Memórias – Biblioteca Municipal Murilo Mendes. MUSSE, Christina; NETO, Gilberto Faúla Avelar; HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Cine São Luiz: Memórias dos cinemas de Rua e a ocupação do espaço público de Juiz de Fora. In: BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan. (Org.) Histórias de Cinemas de Minas Gerais. Editora UFJF, 2021. Pp. 15-33. MUSSE, Christina Ferraz; FABRI, Valéria. Cine São Luiz. In: Cinemas de Rua de Juiz de Fora. Webserie, 6'01", 2020. GROIA, Franco. Cinema São Luiz. In: Cinemas de Juiz de Fora. 2010. https://www.mariadoresguardo.com.br https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros https://www2.ufjf.br/minasecinema/2021/04/26/colecao-waltencir-parizzi/ http://www.ipatrimonio.org/juiz-de-fora-cine-sao-luiz/#!/map=38329&loc=-21.760132999999986,-43.34354600000001,17</p>
<p>Cine São Luiz (ponto usado para exibir mais imagens)</p>						<p>Fachada do Cine São Luiz em 1981 vista lateral Fachada do Cine São Luiz e a Praça da Estação em 1981 São Luiz e a Praça da Estação na década de 1960 São Luiz e a Praça da Estação em 1977 São Luiz e a estação em 1980 São Luiz e a Praça da Estação em 1980 Fachada do São Luiz. Colorido.</p>	<p>Fontes das imagens: https://www.mariadoresguardo.com.br http://www.ipatrimonio.org/juiz-de-fora-cine-sao-luiz/#!/map=38329&loc=-21.760132999999986,-43.34354600000001,17</p>

						Interior do São Luiz durante exibição (O Exorcista, 1973?), sala lotada Entrada do São Luiz, noturna, em exibição: Grand Prix (1966?). Planta do São Luiz	
Cine São Luiz (ponto usado para exibir mais imagens)						Portas do São Luiz, durante reforma/desmante. 2007. Interior do São Luiz, durante reforma/desmante. 2007. Local onde foi a sala do São Luiz, funcionando como a loja Lar & Cia, 2015. Prédio do São Luiz em obras em 2015, quando já não funcionava mais como cinema.	Imagens do livro de MUSSER, Christina. NETO, Gilberto Faúla Avelar; HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Os cinemas de rua de Juiz de Fora: Memórias do Cine São Luiz. Funalfa, Juiz de Fora, 2017.
Cine São Caetano	Sala de rua	R. Maria Perpétua, 75.	1957 - 1963	Cerca de 200 (1º prédio), mais de 400 (2º prédio). (Brandão, 2021)	João Caetano e José Alves João Caetano e José Alves	João Caetano e José Alves, crianças, e urna de vidro para ingressos. João Caetano, crianças que frequentavam o cinema e cartaz do Cine São Caetano. Croqui dos dois prédios que existiram do Cine São Caetano. Desenvolvido por Marcela Alvim, arte da pesquisa de Ryan Brandão (2021) Prédio do Cine São Caetano funcionando como oficina mecânica.	BRANDÃO, Ryan. Os espaços de exibição cinematográfica da zona leste de Juiz de Fora: A história do Cine São Caetano. In: BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan. (Org.) Histórias de cinemas de Rua de Minas Gerais. Editora UFJF, 2021. Pp. 52-66 https://cinemasderuaif.com.br/cine-sao-caetano/ http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/juiz-de-fora-mg.html
Cine Excelsior	Sala de rua	Avenida Rio Branco, 1909	06 fev. 1958 – Para de funcionar em 1994 e retoma em	1200 (Minas é Cinema)	Exibidora Excelsior LTDA - mais tarde, Companhia Central de Diversões	Cine Excelsior em construção visto da rua Oswaldo Cruz, 1957 Cine Excelsior em construção visto da Av. Barão do Rio Branco em 1969, Excelsior à esquerda Barão do Rio Branco em 1970, Excelsior à esquerda	MUSSER, Chrsitina Ferraz; FABRI, Valéria. "Cine Excelsior". In: Cinemas de rua de Juiz de Fora. Web série. 7'16". 2020. GROIA, Franco. "Cinema Excelsior - Juiz de Fora - MG". In: História do cinema brasileiro. Enciclopédia digital. 2011. https://www.mariadoresguardo.com.br https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/

			1995, para funcionar antes da reforma em 2011			Fachada do Excelsior em 1958, inauguração Entrada do Excelsior em 1958, inauguração Fachada do Excelsior em 1994 Plateia do Excelsior em 1958, inauguração Interior do Excelsior, sem data Plateia do Excelsior, sem data	https://br.pinterest.com/juizde/cinemas-de-juiz-de-fora/ https://cinemasderuajf.com.br/cine-excelsior/
Cine Excelsior (ponto usado para exibir mais imagens)						Excelsior durante exibição em 1978 Excelsior em 2003, sala de projeção Excelsior em 2003, tela e plateia Excelsior em 2003 sanitário masculino Excelsior em 2003 sanitário masculino Plateia do Excelsior em 2011 Detalhe do teto Excelsior em 2011 Tela do Excelsior em 2011 Fachada do Excelsior na década de 1970. Edifício Excelsior, sem data.	Fonte das imagens: https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros
Cine Benfica	Sala de rua	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Benfica	1959 - 1976?	?	Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Benfica	Cine Benfica na década de 1970. Centro Cultural Benfica em 2015. Vista lateral do Centro Cultural Benfica em 2010. Vista lateral do Centro Cultural Benfica na década de 1990. Cine Benfica (se ele foi inaugurado como cinema?) em construção, fachada, talvez na década de 1940 Cine Benfica em construção, lateral Cine Benfica em construção, interior.	https://www.benficenet.com/centroculturaldebenfica.php http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/03/cine-benfica.html https://www.historiadocinemabrasileiro.com.br/cine-benfica/foto-cine-benfica-1970/ https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros https://cinemasderuajf.com.br/cine-benfica/

Cine Festival	Sala de rua	Endereço: Pça. João Pessoa s/n., dentro do Cine Teatro Central	1969, fechamento dec. 1980? fecha junto com o cinema do Central? Antes?	105 (Parizzi, 2021)	Companhia Central de Diversões	Cine Teatro Central, detalhe para o letreiro e seta apontando a entrada do Cine Festival. 1977. Fachada do Cine Teatro Central, o filme Avalanche (1978?) está em cartaz no Excelsior, detalhe para o letreiro do Cine Festival. Entrada do Cine Festival Entrada do Cine Festival e cartazes, data desconhecida. Interior do Cine Festival, sem data.	PARIZZI, Waltencir. Entrevista concedida a Ryan Brandão. In: BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan. (Org.) Histórias de cinemas de Rua de Minas Gerais. Editora UFJF, 2021. Pp. 149-159 https://www.mariadoresguardo.com.br https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros ITABORAY, Márcio. "Um Festival de Cinema". 2021. http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/juiz-de-fora-mg.html MUSSE, Cristina Ferraz; FABRI, Valéria. "Cine Festival". In: Cinemas de rua de Juiz de Fora. Web série. 4'26". 2016. https://br.pinterest.com/juizde/cinemas-de-juiz-de-fora/ https://www2.ufjf.br/minasecinema/2021/04/26/colecao-waltencir-parizzi/ https://cinemasderuaufjf.com.br/cine-festival/
Cine Veneza	Sala de rua	Av. Rio Branco 2582	1987 - 2000	?	Empresa exibidora: Sercla	Fachada do Cine Veneza, em exibição: Titanic (estreia no Brasil em 1998) Fachada do Cine Veneza, em exibição: A espera de um milagre (estreia no Brasil em 2000)	http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/01/cine-veneza_29.html https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/search/label/Cinemas%20e%20Teatros https://www.facebook.com/JFDepressao/photos/quem-se-lembra-do-cine-veneza-qual-filme-você-viu-lá-/2973549589423076/ https://cinemasderuaufjf.com.br/cine-veneza/
Cine Vip	Sala de rua	Francisco Bernardino, 131 - Centro	1916? - atual	?	Prop.: Arnaldo Valverde	Fachada do Cine Vip em 2017, foto de Arnaldo Valverde.	https://www.facebook.com/cinevipjf/about_contact_and_basic_info https://tribunademinas.com.br/acervo/outras-ideias/17-09-2017/de-espectador-dono-o-cinema-porno-de-arnaldo.html
Cine Real	Sala de rua	Rua Lindolfo Lage, 37	?	?	?	Cine Ideal transformado em igreja, <i>street view</i> do google tirada em 2015	https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/juiz-de-fora/juiz-de-foracinemas/ Google Street View, 2015. Rua Lindolfo Lage, 37, Juiz de Fora, estado de Minas Gerais.
Cinema do Shopping Santa Cruz	Sala de shopping	R. Jarbas de Leri Santos, 1685	1991 - fins da década de 1990,	324 – sala 1: 193 e sala 2: 131	Duo Cine Santa Cruz.	Cartazes e letreiro Duo Cine Santa Cruz, 2015.	https://www.acesa.com/cidade/arquivo/noticias/2015/01/06-cinema-do-shopping-santa-cruz-pode-fechar-em-fevereiro/ http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/01/cine-veneza.html

			2003 - atual	(Groia, 2010)			https://tribunademinas.com.br/especiais/publieditoria/30-06-2019/um-novo-santa-cruz-para-se-descobrir.html
Cine Star (Mister Shopping)	Sala de shopping	Dois pisos da loja 273 do Mister Shopping, Rua Mister Moore, nº 70	1998? - ?	? ?		fachada do Mister Shopping (não foram encontradas fotos do Cine Star)	https://www2.ufjf.br/minasecinema/cidades/juiz-de-fora/juiz-de-foracinemas/ https://www.mistershopping.com.br https://www.facebook.com/MisterShopping/photos/a.236961969732360/4620452904716556
Cinema do Alameda Shopping	Sala de shopping	R. Morais e Castro, 300 - Passos	1999-2008, 2009 - ?, 2012 - 2022	Na inauguração: 433, quando Espaço Alameda, 900 (Groia, 2010). Atualmente, 427 (Cinemas)	Moviecom, Grupo Espaço, Cinemais	bomboniere do Cine Alameda, data desconhecida.	http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/03/cines-alameda.html http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/03/cinema-do-alameda-volta-funcionar-ate.html https://www.instagram.com/p/CPYJYI_BojR/ https://cinemais.com.br/cinema/cinemais-alameda-juiz-de-fora/ https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/30-06-2022/cinemais-encerra-atividades-no-shopping-alameda.html
Cinema do Independência Shopping	Sala de shopping	Av. Presidente Itamar Franco, 3600	2008 - atual	1163 - 5 salas (UCI)	UCI Kinoplex	Leteiro e entrada UCI Kinoplex Independência Shopping, data desconhecida Bomboniere do UCI Kinoplex Independência Shopping, data desconhecida Uma sala do UCI Kinoplex Independência Shopping, data desconhecida	https://www.acesa.com/cidade/arquivo/jfhoje/2008/05/13-cinema/ http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/03/inauguracao-do-uci-kinoplex.html https://www.ucicinemas.com.br/Cinemas/UCI-Kinoplex-Independencia/info

Cinema do Shopping Norte	Sala de shopping	Av. Brasil, 6345 - Mariano Procópio	2016 - atual	1130 - 6 salas (Cinemas)	Cinemais	Cinemais Jardim Norte, bomboniere e bilheteria, data desconhecida.	https://www.acesa.com/cidade/arquivo/noticias/2016/07/12-shopping-jardim-norte-inaugurado-juiz-fora/ https://cinemais.com.br/cinema/cinemais-jardim-norte/
---------------------------------	------------------	-------------------------------------	--------------	--------------------------	----------	--	--

Tabela com as informações sobre mostras, festivais e cineclubes, conforme segundo mapa digital:

Nome	Legenda	Descrição	Imagens	Mais informações
Festival de Cinema Brasileiro de Juiz de Fora	Festivais e mostras	Local: Cine Palace Primeiro festival: 28 a 31 de maio de 1966, Realizado pela prefeitura e pelo CEC O segundo festival: 29 de junho a 2 de julho de 1997, organizado pela prefeitura, CEC e o INC. Não encontrei informações sobre os locais em que aconteceu.	Cartazes dos filmes exibidos no I Festival de Cinema Brasileiro de Juiz de Fora. I Festival de Cinema Brasileiro em Juiz de Fora, 1966. (Jantar) Premiação do I Festival de Cinema Brasileiro em Juiz de Fora, 1996. Cartaz do II Festival de Cinema Brasileiro em Juiz de Fora Fonte das imagens: Arantes, Musse, 2014.	ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Festival de Cinema Brasileiro de Juiz de Fora	Festivais e mostras	Local: Cine Teatro Central Primeiro festival: 28 a 31 de maio de 1966, Realizado pela prefeitura e pelo CEC O segundo festival: 29 de junho a 2 de julho de 1997, organizado pela prefeitura, CEC e o INC. Não encontrei informações sobre os locais em que aconteceu.	Cartazes dos filmes exibidos no I Festival de Cinema Brasileiro de Juiz de Fora. I Festival de Cinema Brasileiro em Juiz de Fora, 1966. (Jantar) Premiação do I Festival de Cinema Brasileiro em Juiz de Fora, 1996. Cartaz do II Festival de Cinema Brasileiro em Juiz de Fora Fonte das imagens: Arantes, Musse, 2014.	ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Festival de Cinema	Festivais e mostras	Primeiro festival: 28 a 31 de maio de 1966 Realizado pela prefeitura e pelo CEC	Cartazes dos filmes exibidos no I Festival de Cinema Brasileiro de Juiz de Fora.	ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do

Brasileiro de Juiz de Fora		O segundo festival foi de 29 de junho a 2 de julho de 1997, organizado pela prefeitura, CEC e o INC. Não encontrei informações sobre os locais em que aconteceu.	I Festival de Cinema Brasileiro em Juiz de Fora, 1966. (Jantar) Premiação do I Festival de Cinema Brasileiro em Juiz de Fora, 1996. Cartaz do II Festival de Cinema	CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
X Jornada Nacional de Cineclubes	X Jornada Nacional de cineclubes	13 a 17 de fevereiro de 1976, na Câmara dos Vereadores de Juiz de Fora Patrocínio da Prefeitura Municipal, Secretaria de Cultura Esporte e Recreação, o Museu de Imagem e do Som e o CEC.	Cartaz da X Jornada Nacional de Cineclubes "Augusto, Neusa Pereira Lopes, Décio Lopes e Walter Sebastião na X Jornada Nacional de Cineclubes". (Arantes, Musse, 2014) Público da X Jornada Nacional de Cineclubes (Arantes, Musse, 2014)	ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014. COSTA, Maria de Oliveira Barra. "Juventude e cinema nos anos 1970: a I Mostra de Juiz de Fora do Cinema Super 8". Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2017.
I Mostra de Juiz de Fora do Cinema Super 8	Festivais e mostras	Endereço: Avenida do Rio Branco, 1843. Antiga sede da Funalfa, segundo andar. Data: 18 a 21 de dezembro de 1979 Festival realizado pela Funalfa.		COSTA, Maria de Oliveira Barra. "Juventude e cinema nos anos 1970: a I Mostra de Juiz de Fora do Cinema Super 8". Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2017. https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/4801/1/mariadeoliveirabarracosta.pdf
Filmes da Estação	Festivais e mostras	Endereço: Museu Ferroviário, Praça da Estação Datas: maio de 2015 e 2018 Mostra organizada pela prefeitura de Juiz de Fora.		https://pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&id_noticia2=60524 MUSSE, Christina. NETO, Gilberto Faúla Avelar, HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Os cinemas de rua de Juiz de Fora: Memórias do Cine São Luiz. Funalfa, Juiz de Fora, 2017 Localização: Setor de Memórias – Biblioteca Municipal Murilo Mendes
Primeiro Plano – Santa Cruz Shopping	Festivais e mostras	Shopping Santa Cruz. Segunda edição do festival – 2003 Organização: Grupo Luzes da Cidade		http://salasdecinemadejuizdefora.blogspot.com/2010/01/cine-veneza.html
Primeiro Plano – Cine Palace	Festivais e mostras	Cinearte Palace, Rua Halfeld, 581 Datas: 2014, 2015, 2016 Organização: Luzes da Cidade.		https://primeiroplano.art.br

Primeiro Plano – Casa de Cultura UFJF	Festivais e mostras	Casa de Cultura UFJF, Av. Barão do Rio Branco, 3372 - Bom Pastor. Datas: 2014 Organização: Luzes da Cidade		https://primeiroplano.art.br
Primeiro Plano - Funalfa	Festivais e mostras	Funalfa, Av. Barão do Rio Branco, 2234 - Centro Datas: 2014, 2015, 2018 Organização: Luzes da Cidade.		https://primeiroplano.art.br
Primeiro Plano – Centro Cultural de Benfica	Festivais e mostras	Centro Cultural de Benfica, R. Tomé de Souza, 200 - Benfica Datas: 2014, 2015. Organização: Luzes da Cidade.		https://primeiroplano.art.br
Primeiro Plano – câmara municipal	Festivais e mostras	Câmara municipal de Juiz de Fora, Rua Halfeld 955 Data: 2017 Organização: Luzes da Cidade		https://primeiroplano.art.br
Primeiro Plano – Alameda Shopping	Festivais e mostras	Cinemais Alameda, Morais e Castro, 300 – Passos Data: 2017, 2019 Organização: Luzes da Cidade		https://primeiroplano.art.br
Primeiro Plano – Centro de Artes e Esportes Unificados	Festivais e Mostras	Centro de Artes e Esportes Unificados. Avenida Juscelino Kubitschek, 5.899 – Benfica. Datas: 2017, 2018 Organização: Luzes da Cidade		https://primeiroplano.art.br
Primeiro plano - Escola Estadual Governador Juscelino Kubitschek	Festivais e Mostras	Escola Estadual Governador Juscelino Kubitschek R. Zélia Lima Guedes, S/N – Santa Luzia Data: 2017 Organização: Luzes da Cidade		https://primeiroplano.art.br
Primeiro Plano - Escola Municipal Nagib Félix Cury	Festivais e mostras	Escola Municipal Nagib Félix Cury Rua principal, s/n – Penido Datas: 2017, 2018 Organização: Luzes da cidade		https://primeiroplano.art.br
Primeiro plano – Teatro Paschoal Carlos Magno	Festivais e mostras	Teatro Paschoal Carlos Magno. Rua Gilberto de Alencar s/n°, Centro Datas: 2018, 2019 Organização: Luzes da Cidade		https://primeiroplano.art.br

Primeiro plano – Centro Educacional de Referência Herval da Cruz Braz	Festivais e mostras	Centro Educacional De Referência Herval Da Cruz Braz Fernando Lobo, 175, Centro Data: 2018 Organização: Luzes da Cidade		https://primeiroplano.art.br
Primeiro plano – Jardim Norte	Festivais e mostras	Cinemais Shopping Jardim Norte - Av. Brasil, 6345 – Mariano Procópio Data: 2018 Organização: Luzes da Cidade		https://primeiroplano.art.br
Primeiro plano – faculdade de Comunicação da Ufjf	Festivais e mostras	Faculdade de Comunicação da UFJF. Rua José Lourenço Kelmer, s/n – Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora – São Pedro Data: 2018. Organização: Luzes da Cidade		https://primeiroplano.art.br
Sessão do CEC – Colégio Machado Sobrinho	Cineclubes	Colégio Machado Sobrinho Primeira sessão do CEC, de acordo com Costa (2017) e Arantes e Musse (2014), aconteceu aqui no dia 20 de outubro de 1957.		COSTA, Maria de Oliveira Barra. "Juventude e cinema nos anos 1970: A I Mostra de Juiz de Fora do Cinema Super 8". Dissertação de mestrado. 2017. Disponível em: https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/4801/1/mariadeoliveirabarracosta.pdf ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Sessões do CEC – Colégio Academia	Cineclubes	Sessões do CEC em seus primeiros meses também aconteciam no Colégio Academia.		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Sessões do CEC – Associação Atlética Banco do Brasil	Cineclubes	Até a década de 60, ocorriam sessões do CEC na Associação Atlética do Banco do Brasil, no prédio da agência na esquina da Rua Halfeld com a Avenida Getúlio Vargas.		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do cineclubismo: a trajetória do CEC – Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalfa. 2014. Associação Atlética Banco do Brasil> História> Resumo. Disponível em: https://abbjf.com.br/novo/resumo/#:~:text=Fundada%

				20em% 2025% 20de% 20Maio, aos% 20associados% 20atividades% 20esportivas% 20mais
CEC – primeira sede	Cineclubes	Endereço: Edifício Baependi, na Rua Halfeld número 805. Sala 1204. Funcionamento: 1960 a 1965. (Aparentemente sede apenas administrativa/biblioteca).	<p>Detalhe da capa do livro "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". (Arantes, Musse. 2014)</p> <p>Detalhe da capa do livro "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". (Arantes, Musse. 2014)</p> <p>Detalhe da capa do livro "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". (Arantes, Musse. 2014)</p> <p>Recorte de jornal, mostrando Bitarelli Medeiros e Milton Dutra Pereira, então secretário e vice-presidente do CEC. Sem data.</p>	<p>BRUM, Alessandra. Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora: por um cinema de arte. In: XVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo nacional. Natal, 2013.</p> <p>RIBEIRO, Brênio Peters; ARANTES, Haydêe Sant'Ana; MUSSE, Christina Ferraz. "CEC-Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora": Um estudo de caso do cineclubismo brasileiros nas décadas de 1960 e 1970. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. Anais... São Paulo: Intercom, 2011.</p> <p>RIBEIRO, Brênio Peters; ARANTES, Haydêe Sant'Ana; MUSSE, Christina Ferraz. Centro de Estudos Cinematográficos: a memória do pioneirismo do Cineclubes de Juiz de Fora. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., 2011, Guarapuava. Anais... Porto Alegre: Alcar, 2011</p> <p>RIBEIRO, Brênio Peters; ARANTES, Haydêe Sant'Ana; MUSSE, Christina Ferraz. A construção da imagem do Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora pela mídia mineira. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 16., 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: Intercom, 2011.</p>
Sessões CEC – Aliança Francesa	Cineclubes	Sessões do CEC na Aliança Francesa nos anos 1960, então localizada no Edifício Sulacap		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Sessões CEC – Cine Palace	Cineclubes	CEC realizou exposições em salas de cinema como o Palace.		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Sessões CEC – Cine Paraíso	Cineclubes	CEC realizou sessões no Cine Paraíso		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do

				CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Sessões CEC – Cine Popular	Cineclubes	O CEC realizou sessões no Cine Popular		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Sessões CEC – Cine Excelsior	Cineclubes	O CEC realizou sessões no Cine Excelsior		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
CEC segunda sede	Cineclubes	Endereço: Galeria Celina - Segundo andar da Galeria Pio X Funcionamento: 1965-1972 (Aparentemente sede apenas administrativa/biblioteca).	<p>Detalhe da capa do livro "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". (Arantes, Musse. 2014)</p> <p>Detalhe da capa do livro "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". (Arantes, Musse. 2014)</p> <p>Detalhe da capa do livro "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". (Arantes, Musse. 2014)</p> <p>Recorte de jornal, mostrando Bitarelli Medeiros e Milton Dutra Pereira, então secretário e vice-presidente do CEC. Sem data.</p>	<p>BRUM, Alessandra. Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora: por um cinema de arte. In: XVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo nacional. Natal, 2013.</p> <p>RIBEIRO, Brênio Peters; ARANTES, Haydêe Sant'Ana; MUSSE, Christina Ferraz. "CEC-Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora": Um estudo de caso do cineclubismo brasileiros nas décadas de 1960 e 1970. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. Anais... São Paulo: Intercom, 2011.</p> <p>RIBEIRO, Brênio Peters; ARANTES, Haydêe Sant'Ana; MUSSE, Christina Ferraz. Centro de Estudos Cinematográficos: a memória do pioneirismo do Cineclubes de Juiz de Fora. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., 2011, Guarapuava. Anais... Porto Alegre: Alcar, 2011</p> <p>RIBEIRO, Brênio Peters; ARANTES, Haydêe Sant'Ana; MUSSE, Christina Ferraz. A construção da imagem do Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora pela mídia mineira. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 16., 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: Intercom, 2011.</p>

Sessões do CEC – Faculdade de Direito	Cineclubes	Sessões do CEC em 1968, na então Faculdade de Direito, na Rua Santo Antônio. Endereço atual do Fórum de Cultura da UFJF.		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Sessões do CEC – Escola de Serviços Sociais	Cineclubes	?) Confirmar endereço. Prédio da escola de Serviços Sociais em 1968. Avenida Rio Branco, 3035?		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Sede Provisória CEC	Cineclubes	Sede provisória do CEC em 1968, no prédio da Ação Católica (conferir endereço)		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014. MUSSE, Christina Ferraz. "Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
Sessões do Nouveau CEC – Cine Festival	Cineclubes	Sessões do "Nouveau CEC" eram realizadas no Cine Festival. Data: 1975? - 1977?		COSTA, Maria de Oliveira Barra. "Juventude e cinema nos anos 1970: A I Mostra de Juiz de Fora do Cinema Super 8". Dissertação de mestrado. 2017.
Mostra do CEC Nouveau	Cineclubes	Sessões realizadas na Sociedade de Medicina e Cirurgia pelo CEC em 1975		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014. http://www.smcjf.com.br/historia/
CEC – no Centro Cultural do DCE	Cineclubes	CEC funciona no Centro Cultural do DCE de 1975 a 1977		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014
Sessões do Claro Núcleo de Cinema	Cineclubes	Senac (conferir endereço)		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.

Sessões do Claro Núcleo de Cinema	Cineclubes	No hospital da Santa Casa		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Sessões do Claro Núcleo de Cinema	Cineclubes	Exibições na praça Geraldo Pelzers em setembro de 1978.		ARANTES, Haydêe Sant'Anna; MUSSE, Christina Ferraz. "Memórias do Cineclubismo: a trajetória do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos de Juiz de Fora". São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, Funalfa. 2014.
Bordel sem paredes – sessões Centro Cultural Bernardo Mascarenhas	Cineclubes	O Cineclube aparentemente existe desde 2010, e ao menos até 2019 Sessões realizadas no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas		https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=53153 https://www2.ufjf.br/noticias/2016/08/01/cineclube-bordel-sem-paredes-estreia-no-mamm-com-boi-neon-nesta-terca/ https://www.facebook.com/bordelsemparedes/ http://bordelsemparedes.blogspot.com
Bordel sem paredes – sessões MAMM	Cineclubes	O Cineclube aparentemente existe desde 2010, e ao menos até 2019 Sessões realizadas no MAMM		https://www2.ufjf.br/noticias/2016/08/01/cineclube-bordel-sem-paredes-estreia-no-mamm-com-boi-neon-nesta-terca/ https://www.facebook.com/bordelsemparedes/ http://bordelsemparedes.blogspot.com
Bordel sem paredes – sessões Funalfa	Cineclubes	O Cineclube aparentemente existe desde 2010, e ao menos até 2019 Sessões realizadas na Funalfa		https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/10-04-2019/cineclube-bordel-sem-paredes-e-retomado-nesta-quinta.html http://bordelsemparedes.blogspot.com
Bordel sem paredes – sessões espaço Diversão e Arte	Cineclubes	O Cineclube aparentemente existe desde 2010, e ao menos até 2019 Sessões realizadas no espaço Diversão e Artes		https://diversaoeartespacocultural.com/2019/05/21/5a-16-05-as-18hcineclube-bordel-sem-paredes-com-o-filme-capharnaum/ https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/10-04-2019/cineclube-bordel-sem-paredes-e-retomado-nesta-quinta.html
Cineclube Entre Saberes	Cineclubes	Funcionamento: 2011-2012, 2016-2017, 2019-atual Endereço: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – Campus Juiz de Fora. Rua Bernardo Mascarenhas, 1283 – Bairro Fábrica		https://cineclubeentresaberes.com.br

Cineclube Lumière e Cia	Cineclubes	Projeto de extensão da UFJF - FACOM 2013-atual		https://www.facebook.com/CineclubeLumiereCia/ https://www.behance.net/gallery/83777241/Cineclube-Lumiere-e-Cia
Cinemamm	Cineclubes	Sala de cinema do Museu de Arte Murilo Mendes. Endereço: Rua Benjamin Constant, 790		https://www.museudeartemurilomendes.com.br/museu/ https://www2.ufjf.br/procult/tag/cinemamm/
Cineclube Movimento - UFJF	Cineclubes	Sessões na Sala de Cinema Germano Alves (2013) do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal Fluminense Sessões: (2015?) a 2019 quando transferem para o Museu de Arte Murilo Mendes		https://www2.ufjf.br/cinemovimento
Cineclube movimento - MAMM	Cineclubes	Sessões do Cineclubes Movimento no Museu de Arte Murilo Mendes. Projeto de extensão da Ufjf Endereço: R. Benjamin Constant, 790 A partir de Outubro de 2019		https://www2.ufjf.br/cinemovimento/
Cine Fanon - Aban	Cineclubes	Cine Fanon realiza exposições e oficinas nas periferias. No bairro Dom Bosco elas acontecem na sede da Aban. O cineclubes funciona desde 2018?		https://www.instagram.com/cinefanon/ https://www.facebook.com/cinefanon/
Cine Fanon – Polivalente de Benfica	Cineclubes	Cineclubes itinerante voltado para exibição nas periferias da cidade. Em Benfica, acontece na Escola Estadual Presidente Costa e Silva (Polivalente de Benfica) O cineclubes funciona desde 2018?		https://www.instagram.com/cinefanon/ https://www.facebook.com/cinefanon/
Cine Fanon – Cruzada Cristã de Caridade	Cineclubes	Sessão acontece na Cruzada Cristã de Caridade, na rua José Cirilio. Não consegui encontrar o endereço. O cineclubes funciona desde 2018?		https://www.instagram.com/cinefanon/ https://www.facebook.com/cinefanon/
Cineclubes Memorial	Cineclubes	Cineclubes realizado pelo Memorial Itamar Franco, no memorial, desde 2019		https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/06/26/memorial-itamar-franco-estreia-cine-clubes-na-quinta-feira-em-juiz-de-fora.ghtml
Cine Silva	Cineclubes	Endereço: Rua Luís Creozol, nº 3, N.S.Aparecida, Antiga Quadra do Grizzu.		https://www.instagram.com/coletivobananal/?hl=en

		Ocupação Coletivo Bananal Inauguração: 2020		https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/13-02-2022/cine-silva-e-inaugurado-com-exibicao-de-quatro-filmes-dirigidos-por-mulheres-negras.html
--	--	--	--	---

ANEXO 2

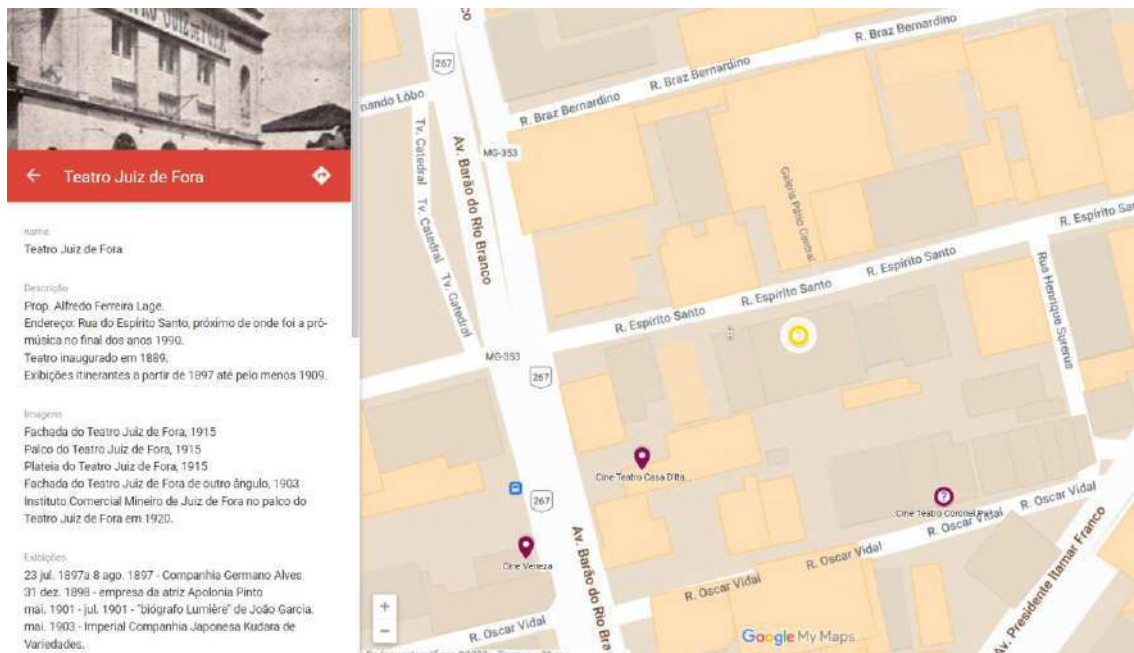
Imagens dos espaços de exibição de Juiz de Fora

Exibições itinerantes

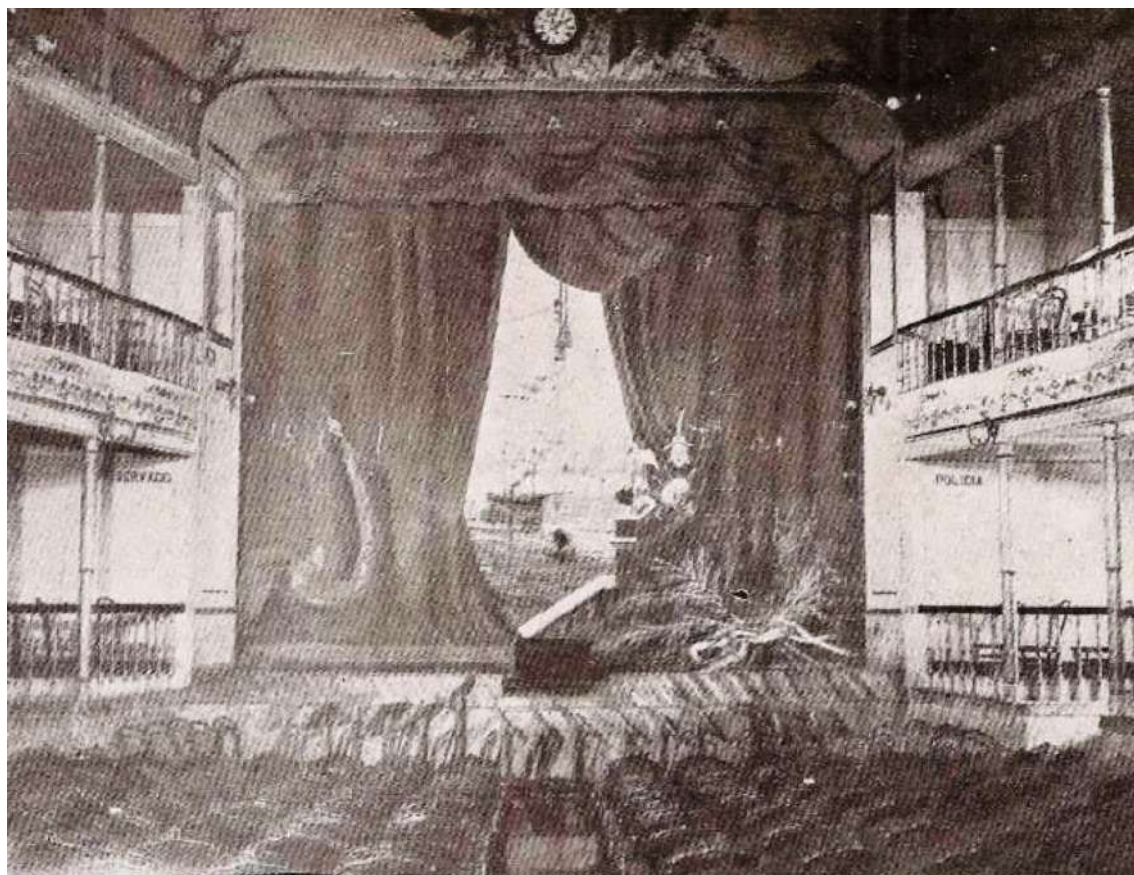
1. Teatro Juiz de Fora



1.1. Fachada do Teatro Juiz de Fora, 1915. Fonte: Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso 02 abr. 2022.



1.2. Localização do Teatro Juiz de Fora no mapa. Produzido por mim.



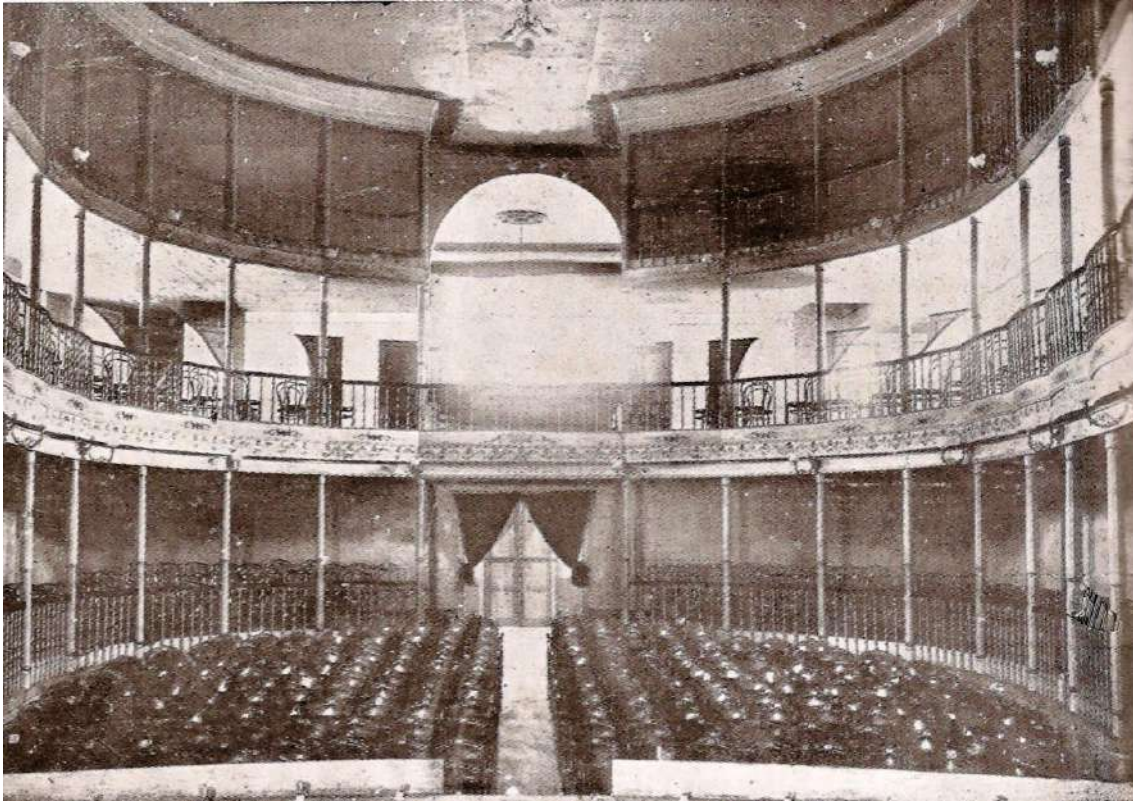
1.1. Palco do Teatro Juiz de Fora, 1915. Fonte: Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso 02 abr. 2022.

LEMBRANÇA DE JUIZ DE FORA

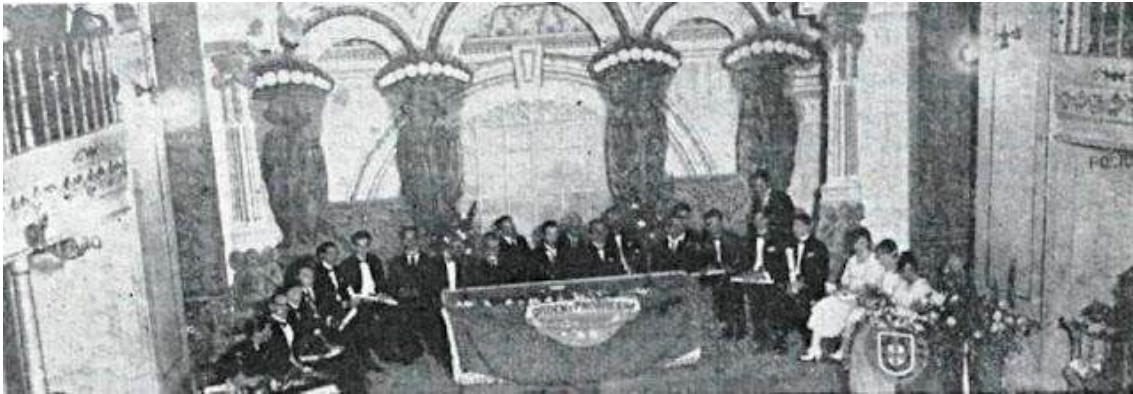


Theatro

1.4. Fachada do Teatro Juiz de Fora de outro ângulo, 1903. Fonte: Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso 02 abr. 2022.

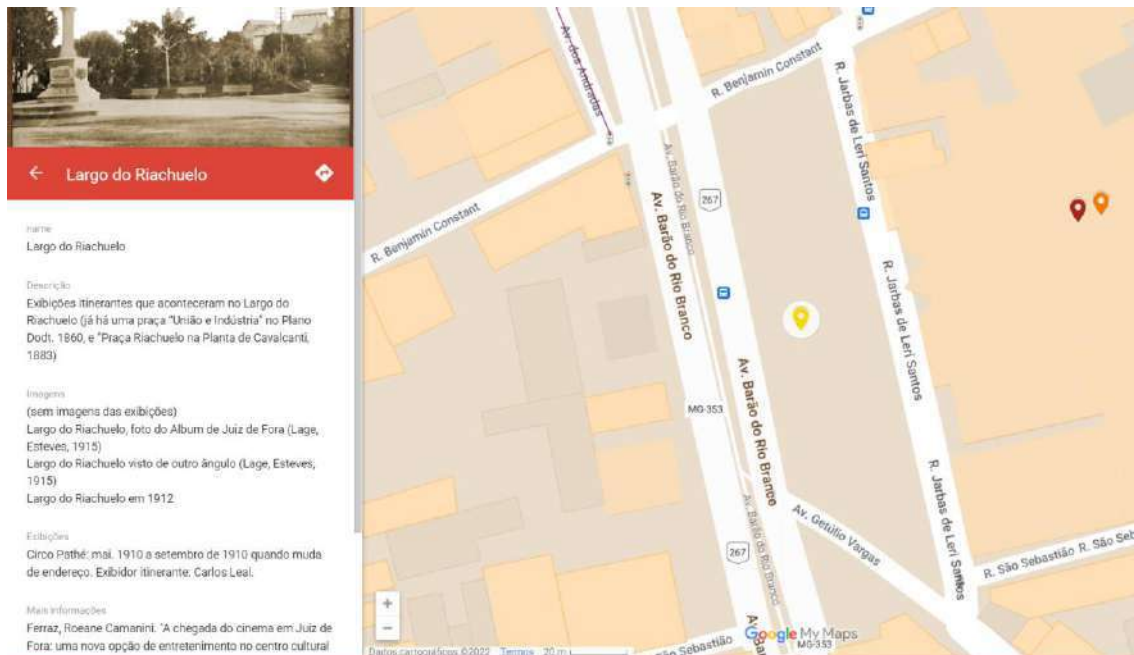


1.5. Plateia do Teatro Juiz de Fora, 1915. Fonte: Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso 02 abr. 2022.



1.6. Instituto Comercial Mineiro de Juiz de Fora no palco do Teatro Juiz de Fora em 1920. Fonte: Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso 02 abr. 2022.

2. Largo do Riachuelo



2.1. Localização no mapa. Produzido por mim.



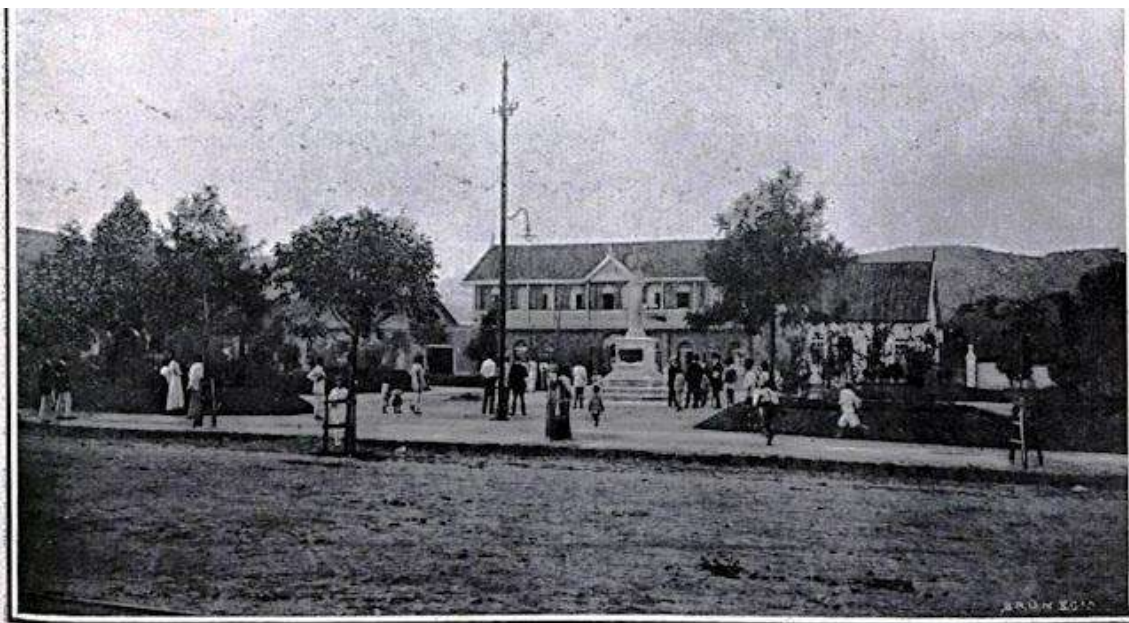
JARDIM DO LARGO RIACHUELO
Construído na administração do sr. dr. Oscar Vidal

2.2. Largo do Riachuelo em 1915 (Lage, Esteves, 1915)



JARDIM DO LARGO RIACHUELO

Vendo-se a estatua do saudoso Mariano Procopio. Construido na administração do sr. dr. Oscar Vidal
2.3. Largo do Riachuelo em 1915 (Lage, Esteves, 1915)

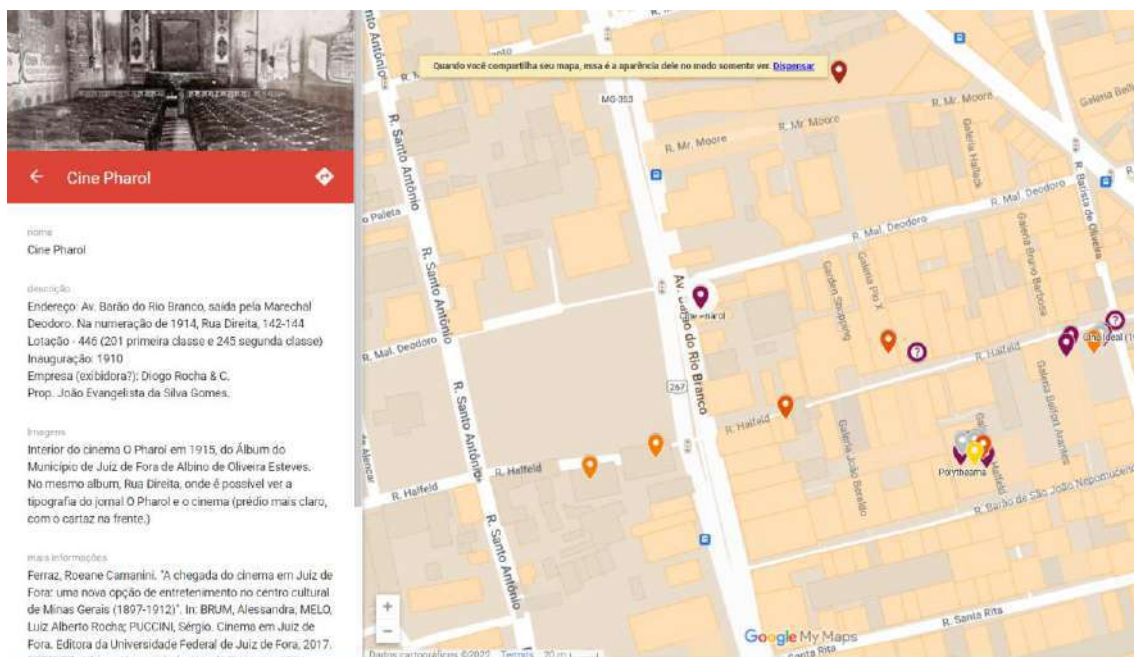


Jardim do largo do Riachuelo, vendo-se o monumento de M. Procopio F. Lage. Foi mandado executar sob a administração do Dr. Oscar Vidal Barboza Lage, presidente da Camara Municipal.

2.4. Reproduzido do blog [Maurício Resgatando o Passado](#), acesso 24 abr. 2022.

Salas de Rua

1. Cine Pharol

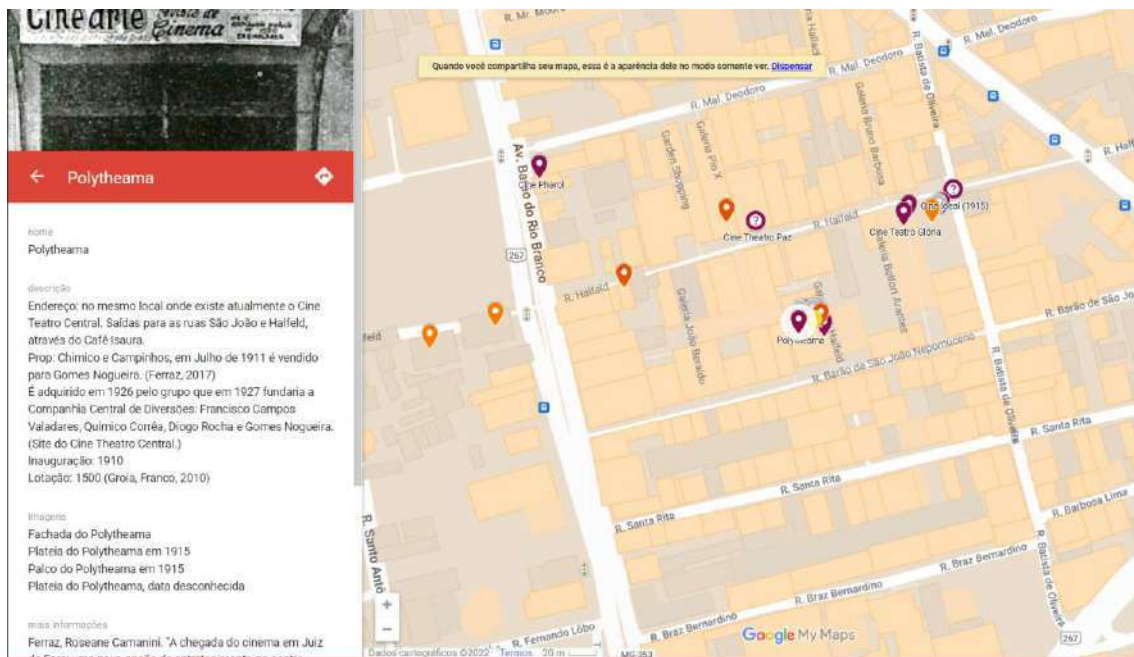


1.1 Localização do Cine Pharol no mapa. Fonte: Imagem produzida por mim.

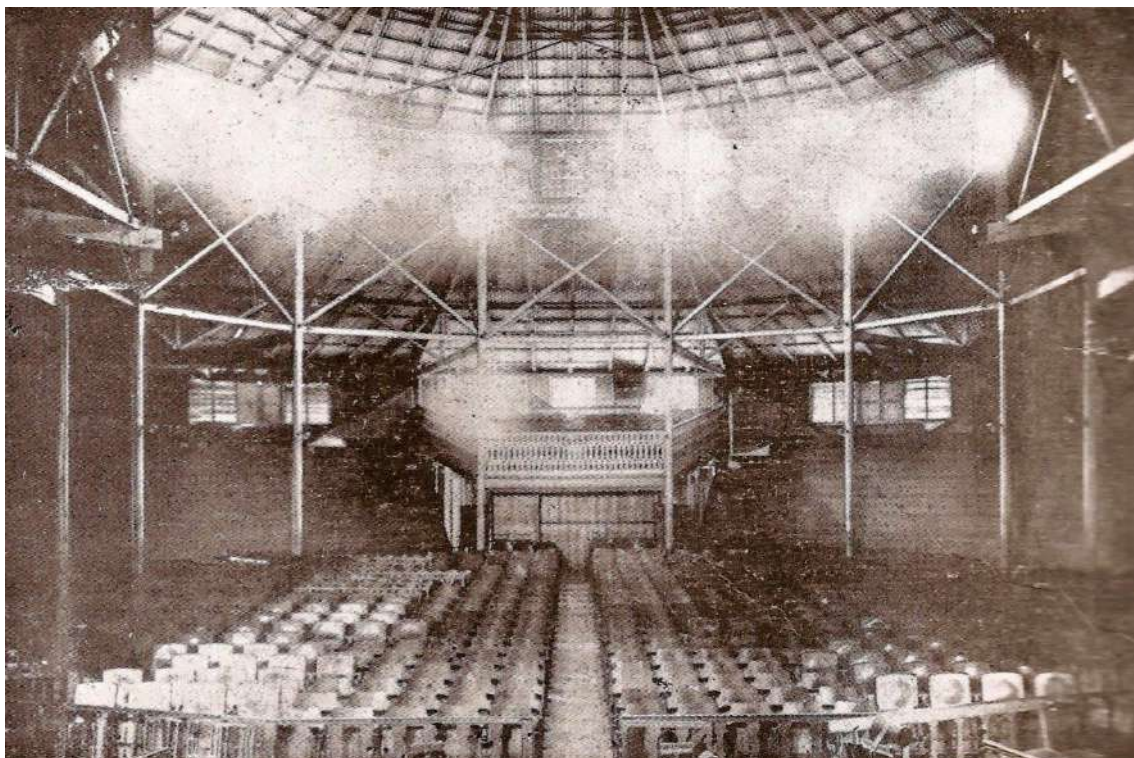


1.2. Interior do cinema O Pharol em 1915, do Álbum do Município de Juiz de Fora de Albino de Oliveira Esteves. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso em 02 abr. 2022.

2. Polytheama



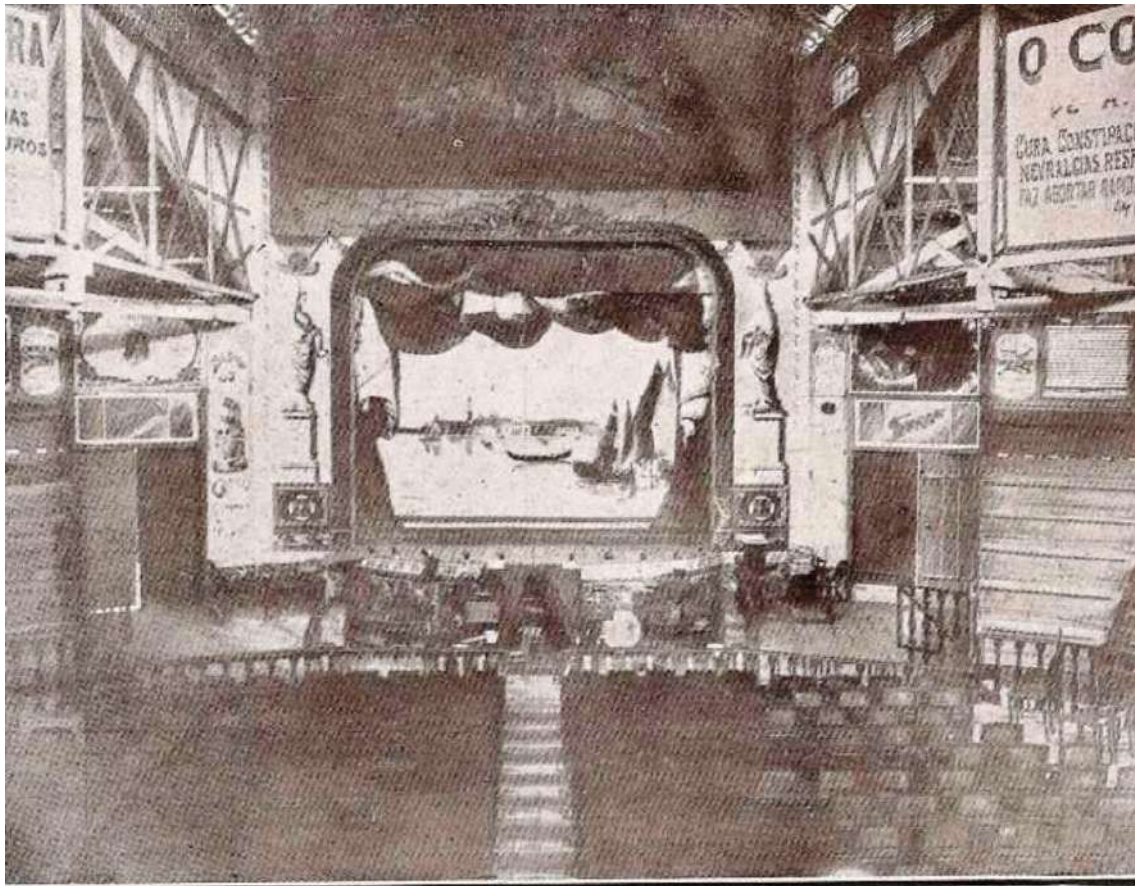
2.1. Localização do Polytheama no mapa. Produzido por mim.



2.2 Plateia do Polytheama, (Esteves, 1915). Disponível em: "[Maria do Resguardo](#)", acesso 02 abr. 2022.



2.3. Fachada do Polytheama em 1925. Em cartaz, O Ladrão de Bagdad (1924). Fonte: Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso 02 abr. 2022.



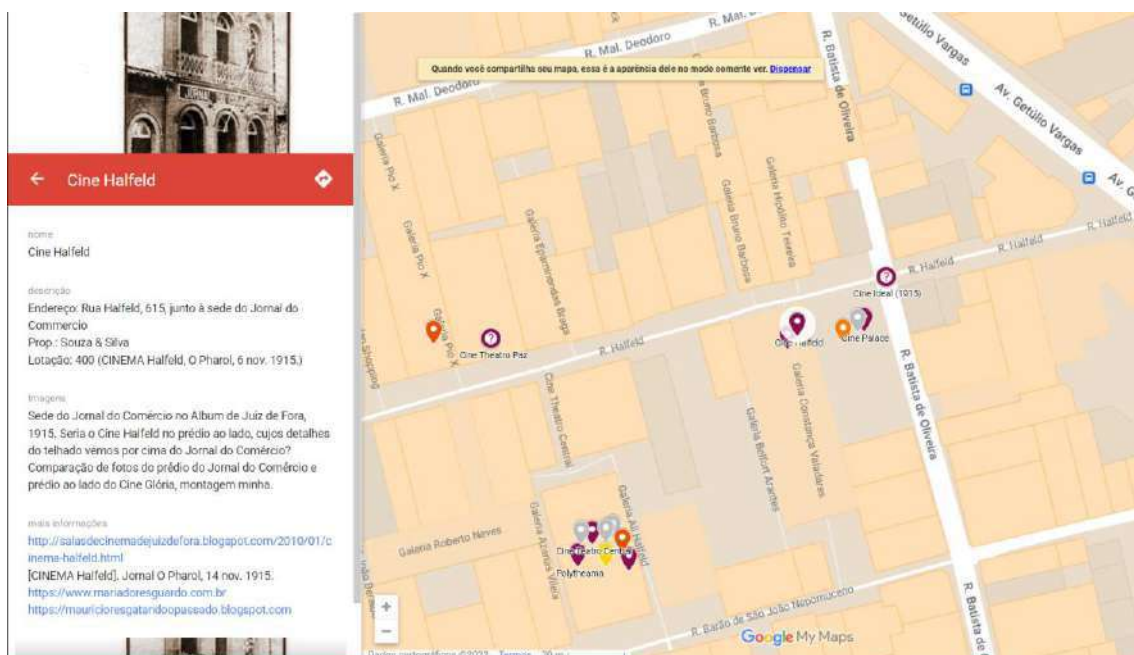
POLYTHEAMA (Palco)

2.4. Palco do Polytheama, (Esteves, 1915). Disponível em: “[Maria do Resguardo](#)”, acesso 02 abr. 2022.



2.5. Plateia do Polytheama, data desconhecida. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 02 abr. 2022.

3. Cine Halfeld



3.1. Localização do Cine Halfeld no mapa. Produzido por mim.



Redacção do “JORNAL DO COMMERCIO”

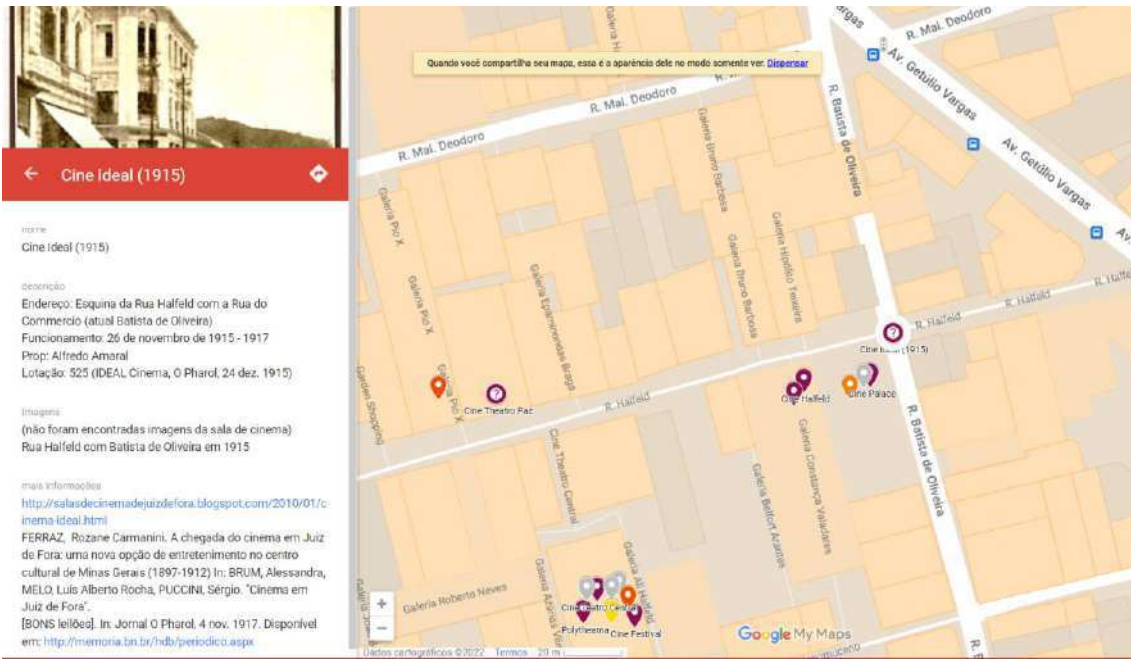
3.2. Sede do Jornal do Comércio no Album de Juiz de Fora, 1915. Seria o Cine Halfeld no prédio ao lado, cujos detalhes do telhado vemos por cima do Jornal do Comércio? Fonte: captura de página do Álbum do Município de Juiz de Fora (Esteves, 1915). Digitalização disponível no site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 02 abr. 2022.

4. Cine Ideal (1915)



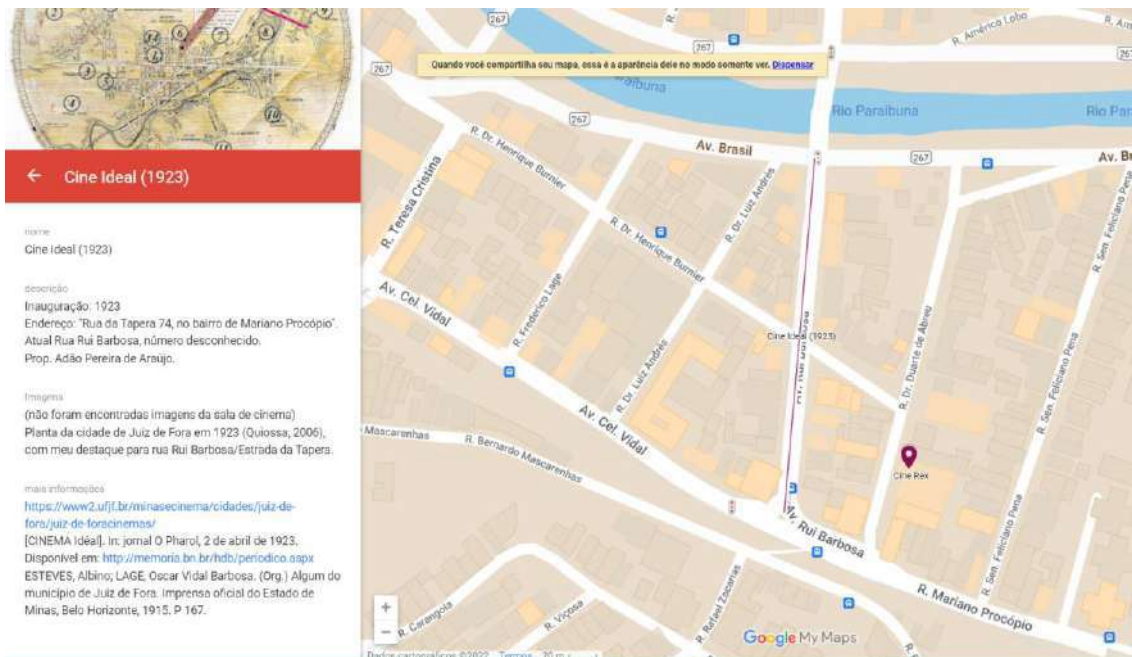
Um trecho da Rua Baptista de Oliveira (antiga do Commercio)

4.1 (não foram encontradas imagens da sala de cinema) Rua Halfeld com Batista de Oliveira em 1915. Fonte: captura de página do Álbum do Município de Juiz de Fora (Esteves, 1915). Digitalização disponível no site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso 02 abr. 2022.

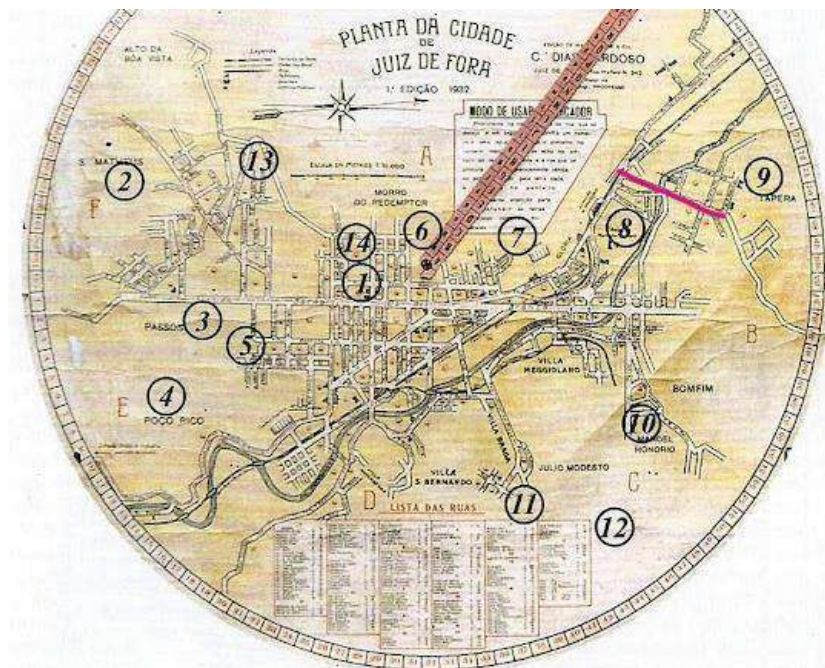


4.2. Localização do Cine Ideal no mapa. Produzido por mim.

6. Cine Ideal (1923)



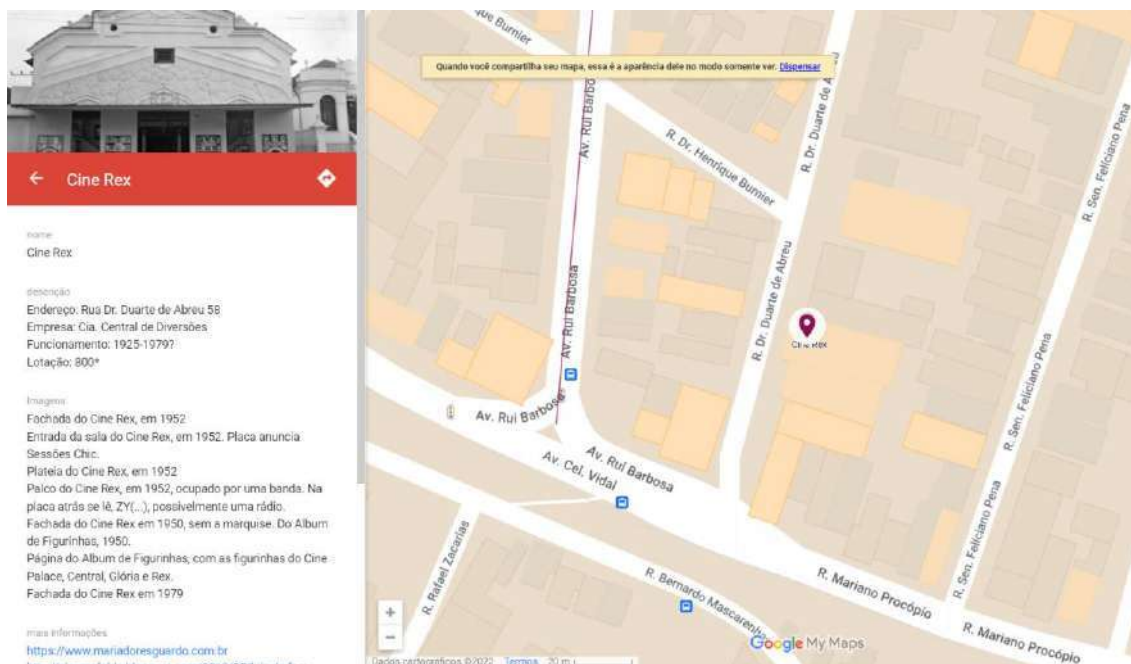
6.1. Localização do Cine Ideal no mapa. Produzido por mim.



- | | | |
|--------------|--------------------|-------------------|
| 1)CENTRO | 6)SANTA HELENA | 11)VITORINO BRAGA |
| 2)SÃO MATEUS | 7)JARDIM GLÓRIA | 12)LINHARES |
| 3)PASSOS | 8)MARIANO PROCÓPIO | 13)PAINEIRAS |
| 4)POÇO RICO | 9)SANTA TERESINHA | 14)CRUZEIRO |
| 5)GRANBERY | 10)MANOEL HONÓRIO | |

6.2. (Não foram encontradas imagens da sala de cinema). Planta da cidade de Juiz de Fora em 1923 (*In: Quiossa, 2006. Digitalização do blog [Maurício Resgatando o passado](#)*), com meu destaque para rua Rui Barbosa/Estrada da Tapera.

7. Cine Rex



7.1. Localização do Cine Rex no mapa. Produzido por mim.



7.2. Fachada do Cine Rex, em 1952. Fonte: site “[Maria do Resguardo](https://www.mariadoresguardo.com.br)”. Acesso em 02 abr. 2022.



7.3.. Entrada da sala do Cine Rex, em 1952. Fonte: site "[Maria do Resguardo](http://www.mariadoresguardo.com.br)". Acesso em 02 abr. 2022.



7.4. Plateia do Cine Rex em 1952. Fonte: site "[Maria do Resguardo](http://www.mariadoresguardo.com.br)". Acesso em 02 abr. 2022.



7.5. Palco do Cine Rex, em 1952, ocupado por uma banda, crianças tocando instrumentos. Na placa atrás se lê, ZY(...), possivelmente uma rádio. Fonte: site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso em 02 abr. 2022.



7.6. Fachada do Cine Rex em 1950, sem a marquise. Do Album de Figurinhas comemorando o centenário juiz-forano, 1950. Disponível em: Coleção “[Juiz de Fora em Imagens](#)” da rede social Pinterest.

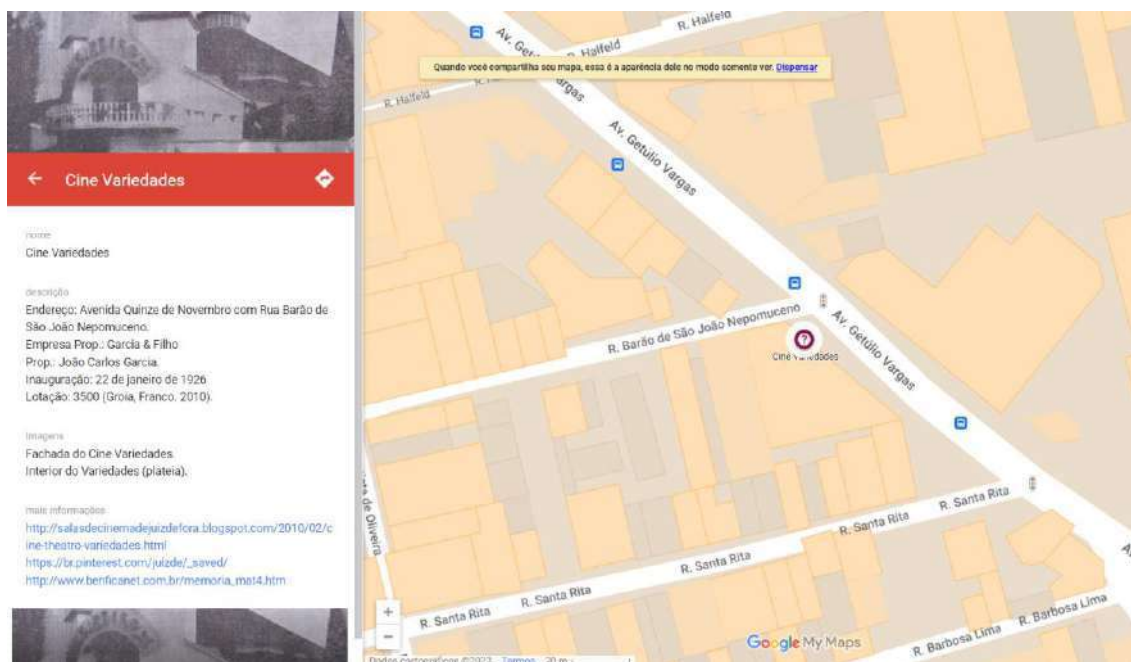


7.7. Página do Álbum de Figurinhas, com as figurinhas do Cine Palace, Central, Glória e Rex. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](http://www.mariadoresguardo.com.br)”. Acesso em 02 abr. 2022.



7.8. Fachada do Cine Rex em 1979. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](http://www.mariadoresguardo.com.br)”. Acesso 02 abr. 2022.

8. Cine Variedades



8.1. Localização do Cine Teatro Variedades no mapa. Produzido por mim.



8.2. Fachada do Cine Variedades em 1926 (Na legenda original, 1925. Em cartaz: After Dark, 1924. Parte 5?). Acima da bilheteria está escrito “Geraes”, são provavelmente bilheterias separadas. Fonte: Coleção “[Juiz de Fora em Imagens](#)” da rede social Pinterest. Acesso 02 abr. 2022.

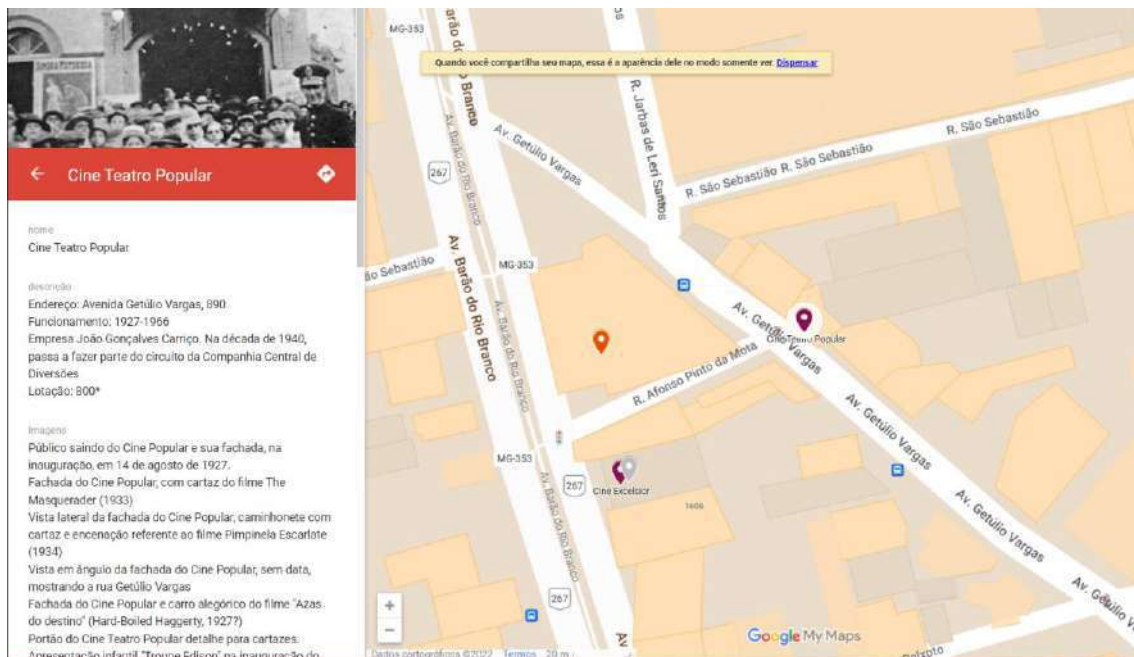


8.3. Interior do Variedades (plateia), 1925. Fonte: Coleção “[Juiz de Fora em Imagens](#)” da rede social Pinterest. Acesso 02 abr. 2022.

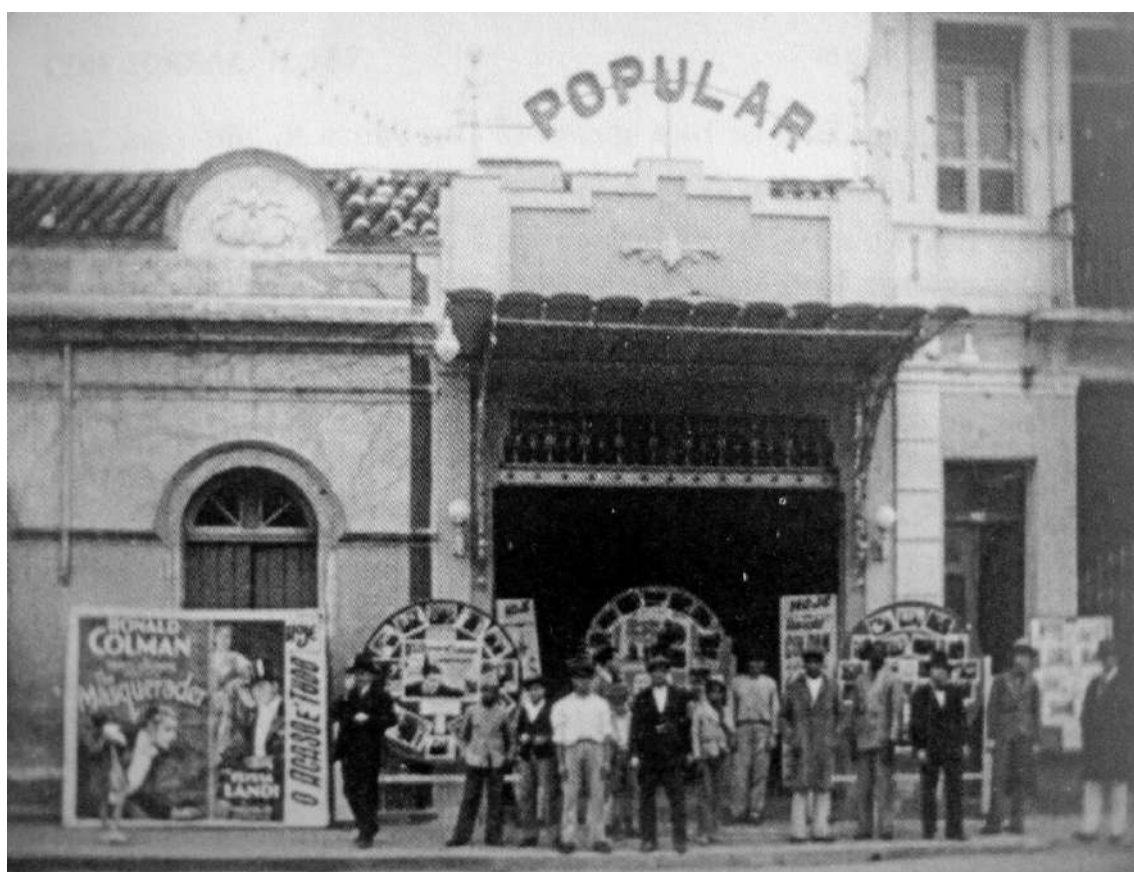
9. Cine Teatro Popular



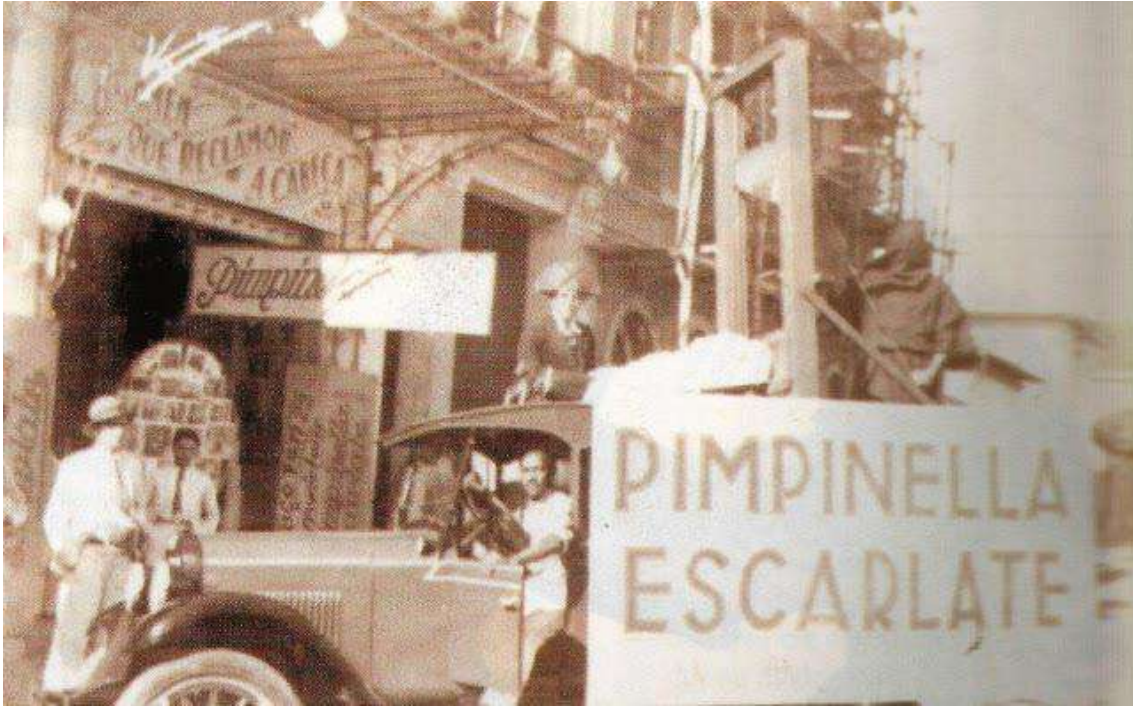
9.1. Público saindo do Cine Popular e sua fachada, na inauguração, em 14 de agosto de 1927. Fonte: site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 02 abr. 2022.



9.2. Localização do Cine Popular no mapa. Produzido por mim.



9.3. Fachada do Cine Popular, com cartaz do filme The Masquerader (1933). Fonte: site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 02 abr. 2022.



9.4. Vista lateral da fachada do Cine Popular, caminhonete com cartaz e encenação referente ao filme Pimpinella Escarlata (1934). Fonte: imagem gentilmente cedida ao Minas é Cinema por João Batista.



9.5. Vista em ângulo da fachada do Cine Popular, sem data, mostrando a rua Getúlio Vargas. Fonte: Site [“Maurício Resgatando o Passado”](#). Acesso 02 abr. 2022.



Percorrendo a cidade com a programação dos filmes no Cine Popular.

9.6. Fachada do Cine Popular e carro alegórico do filme "Azas do destino" (Hard-Boiled Haggerty, 1927?)
Fonte: Sirimarco, 2005. p. 60.



Fachada do Cine Theatro Popular, O Amigo do Povo, inaugurado em 1927 por João Gonçalves Carriço, em Juiz de Fora, à avenida Getúlio Vargas, 890.

9.7. Portão do Cine Teatro Popular detalhe para cartazes. Fonte: Sirimarco, 2005. p. 57.



9.8. Apresentação infantil "Troupe Edison" na inauguração do Popular, 1927. Fonte: Sirimarco, 2005. p. 60.



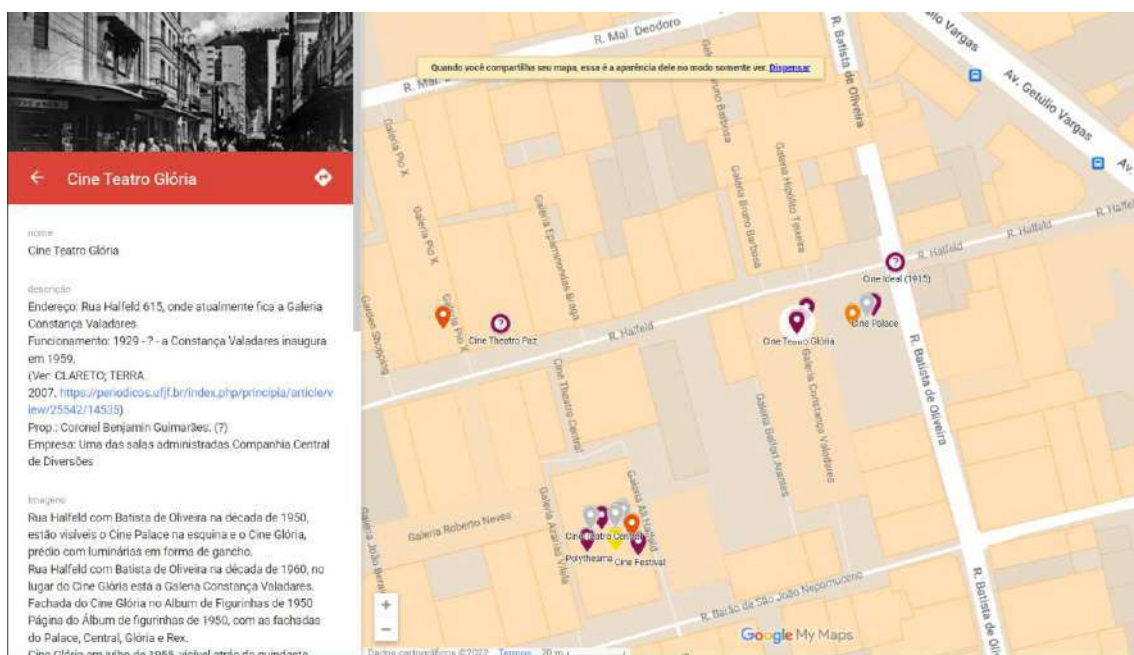
9.9. Projetores do Cine Popular exibidos no Saguão da loja Ramalho Auto Peças Ltda. depois do fechamento do cinema. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)", acesso em 02 abr. 2022.



Empreza Funeraria dos srs. Gomes & Carriço

9.10 Prédio onde foi o Popular em 1915, antes de se tornar cinema. Fonte: Captura de página do Álbum de Juiz de Fora (Esteves, 1915.)

10. Cine Teatro Glória



10.1. Localização do Cine Teatro Glória no mapa. Produzido por mim.



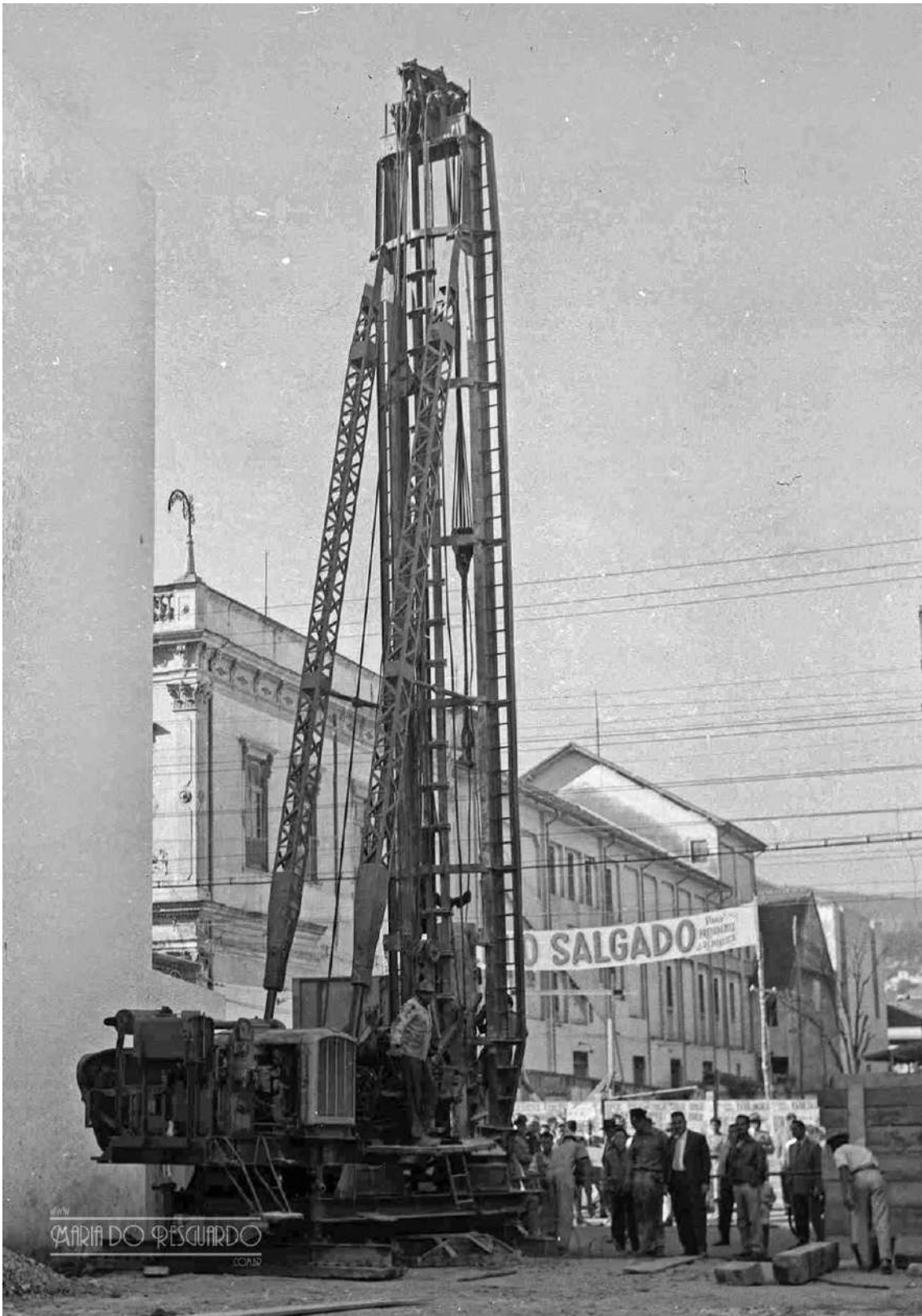
10.2. Rua Halfeld com Batista de Oliveira na década de 1950, estão visíveis o Cine Palace na esquina (em cartaz, Aposenta-se um marido, de 1955) e o Cine Glória, prédio com luminárias em forma de gancho. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.



10.3. Rua Halfeld com Batista de Oliveira na década de 1960, com destaque para o Palace. No lugar do Cine Glória já está a Galeria Constança Valadares. Fonte: site [“Maria do Resguardo”](#). Acesso 02 abr. 2022.



10.4. Fachada do Cine Glória no Album de Figurinhas de 1950. Fonte: Coleção [“Juiz de Fora em Imagens”](#) da rede social Pinterest. Acesso 02 abr. 2022.



10.5. Cine Glória em julho de 1955, visível atrás do guindaste. Fonte: site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.



10.6. Enchente de 1940 da Rua Halfeld, onde é visível o Cine Glória. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.



10.7. Rua Halfeld em 1956, Cine Glória visível atrás da multidão. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso em 02 abr. 2022.



10.8. Plateia do Cine Glória, data desconhecida. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.

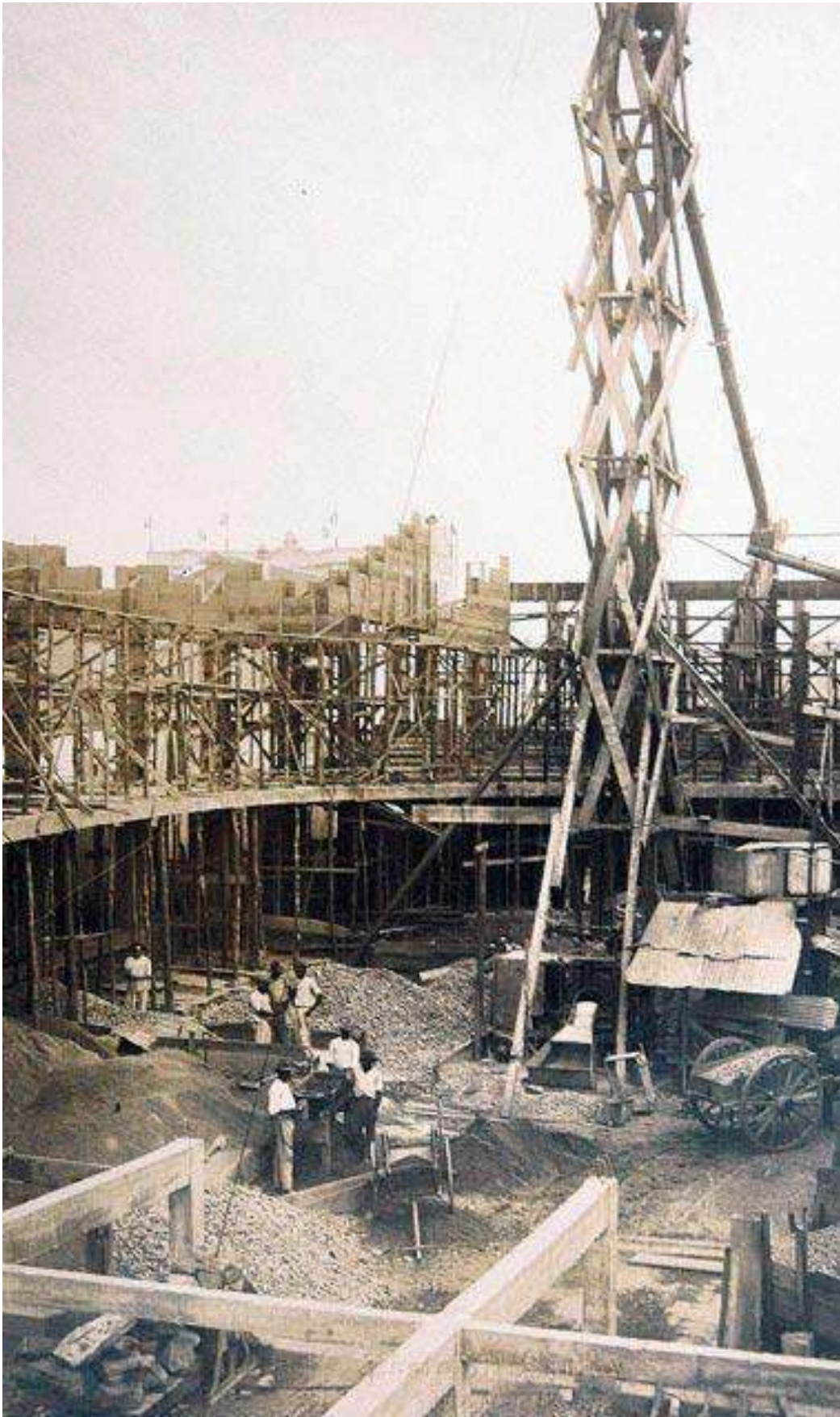


10.9. Plateia do Cine Glória vista de outro ângulo, data desconhecida. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.

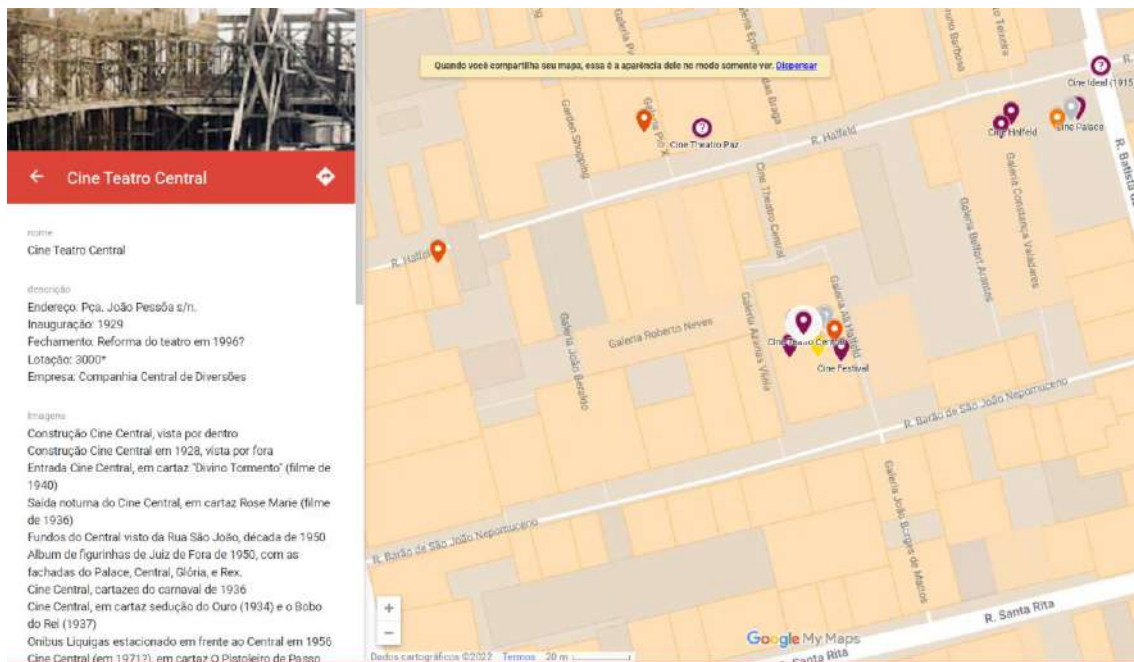


10.10. Plateia do Cine Glória durante evento, data desconhecida, um pedaço do palco é visível, não há mulheres na plateia nessa foto. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.

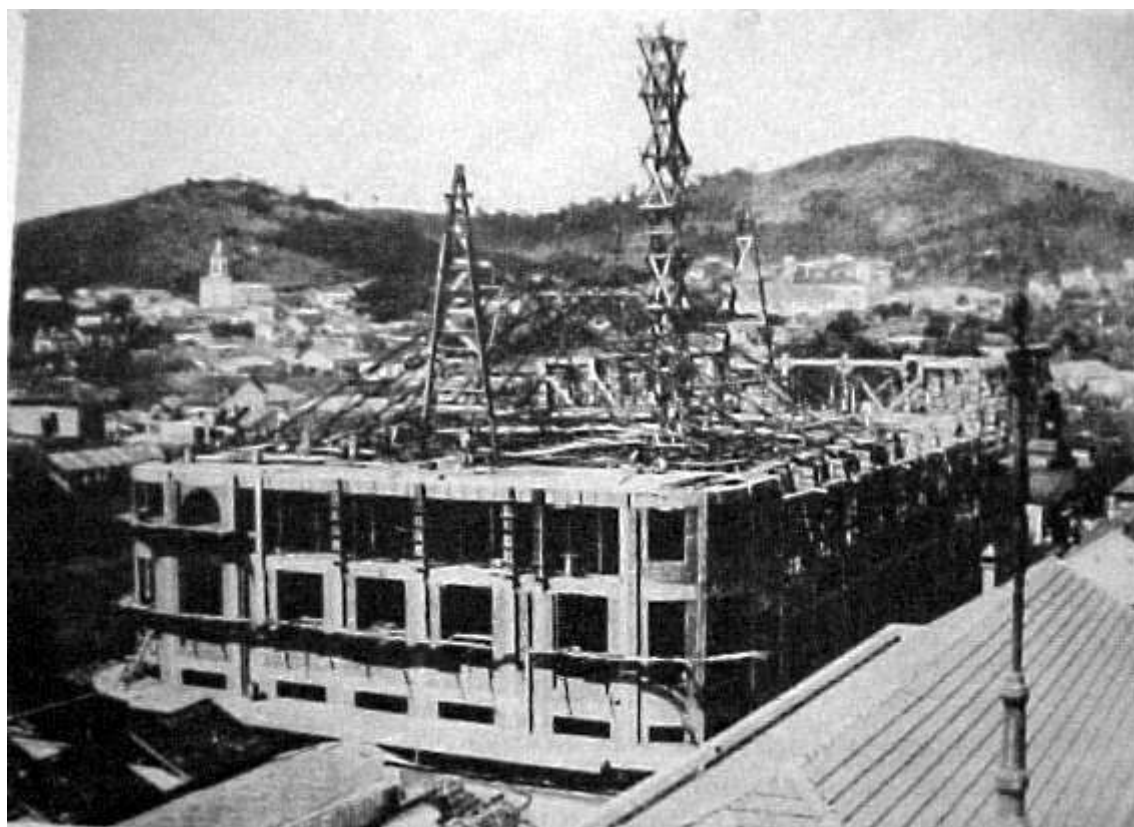
11. Cine Teatro Central



11.1. Construção Cine Central, vista por dentro. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 02 abr. 2022.



11.2. Localização do Cine Teatro Central no mapa. Produzido por mim.



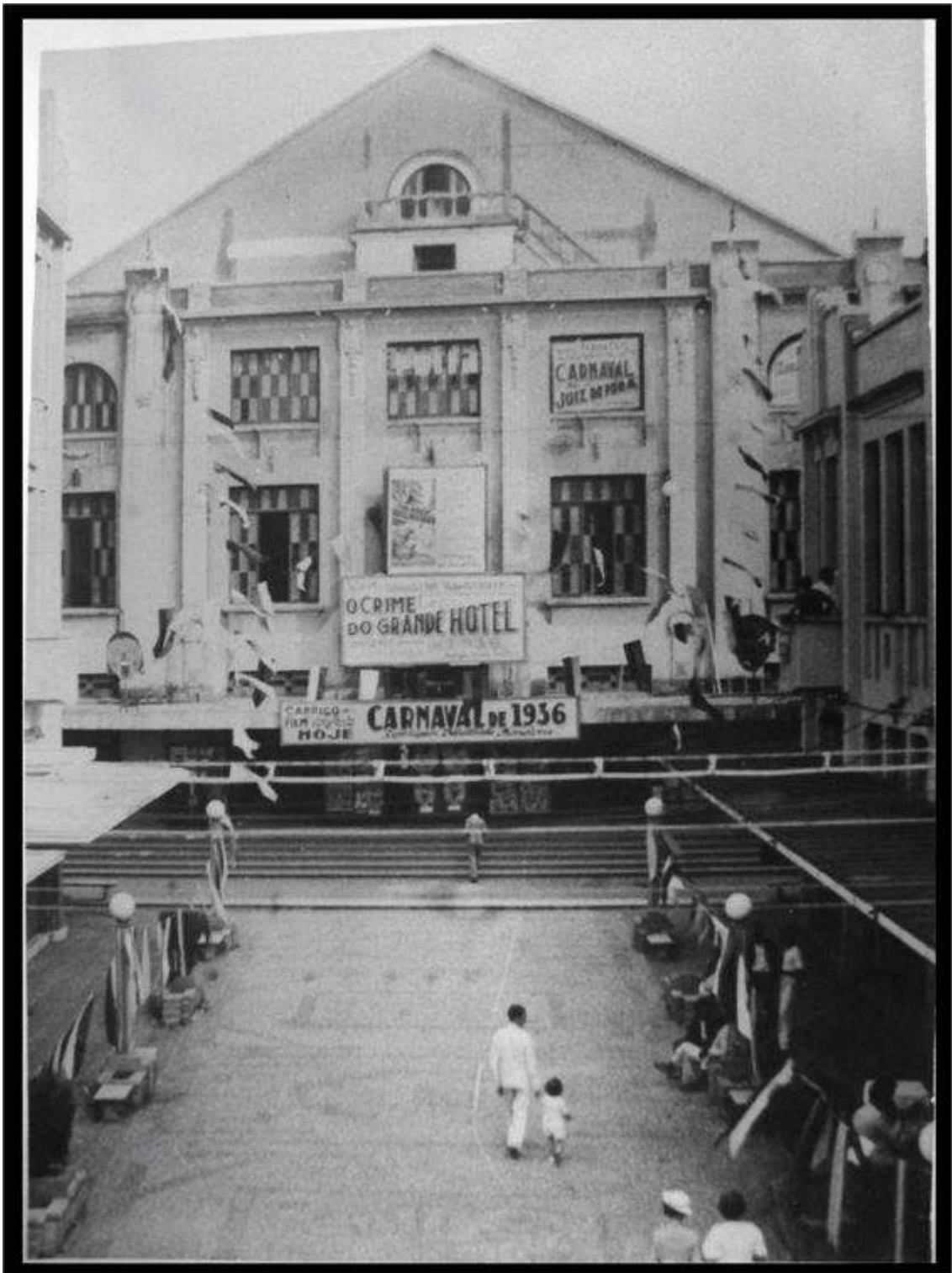
11.3. Construção Cine Central em 1928, vista por fora. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 02 abr. 2022.



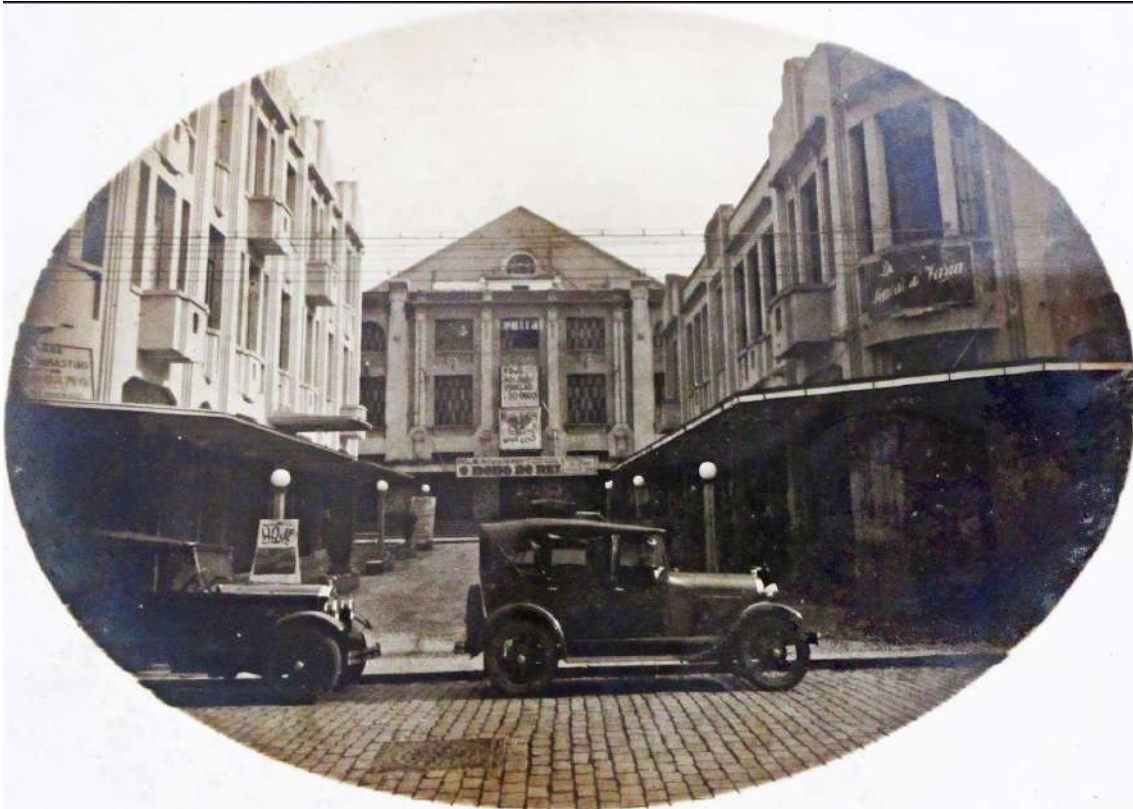
11.4. Entrada Cine Central, em cartaz "Divino Tormento" (filme de 1940). Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 02 abr. 2022.



11.5. Fundos do Central visto da Rua São João, década de 1950. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso: 02 abr. 2022.



11.6. Cine Central, cartazes do carnaval de 1936. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso: 02 abr. 2022



11.7. Cine Central, em cartaz sedução do Ouro (1934) e o Bobo do Rei (1937). Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.



11.8. Ônibus Liquigas estacionado em frente ao Central em 1956. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.



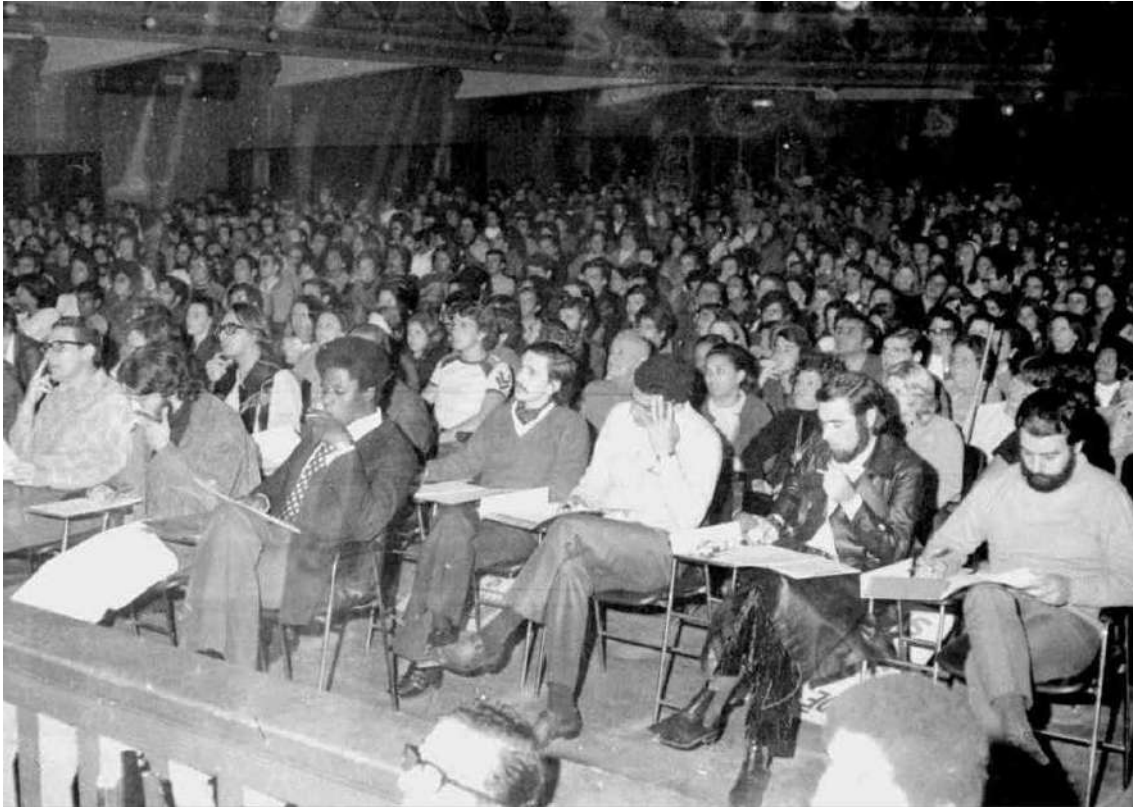
11.9. Cine Central (em 1971?), em cartaz O Pistoleiro de Passo Bravo (filme de 1968). Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.



11.10 Propaganda do King Kong no Cine Cental, no Parque Halfeld. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.



11.11. Cine Central em 1977, em exibição King Kong. À direita, destaque para o letreiro do Cine Festival.
Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 02 abr. 2022.



11.12. Plateia e fosso do Central em 1971, 4º Festival de Música Popular Brasileira, quando Tony Tornado foi um dos jurados. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso em 02 abr. 2022.



11.13. Palco do Central em 1969, 2º festival de música popular brasileira. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso em 02 abr. 2022.



11.14. Plateia do Cine Central. (Algum evento? Novamente não há mulheres na plateia nem ninguém na segunda classe). Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 abr. 2022.



11.15. Fileira de cadeiras do Central em 1969, 2º Festival de música popular brasileira. Fonte: Site “Maria do Resguardo”. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](http://www.Maria do Resguardo.com.br)”. Acesso 02 abr. 2022.



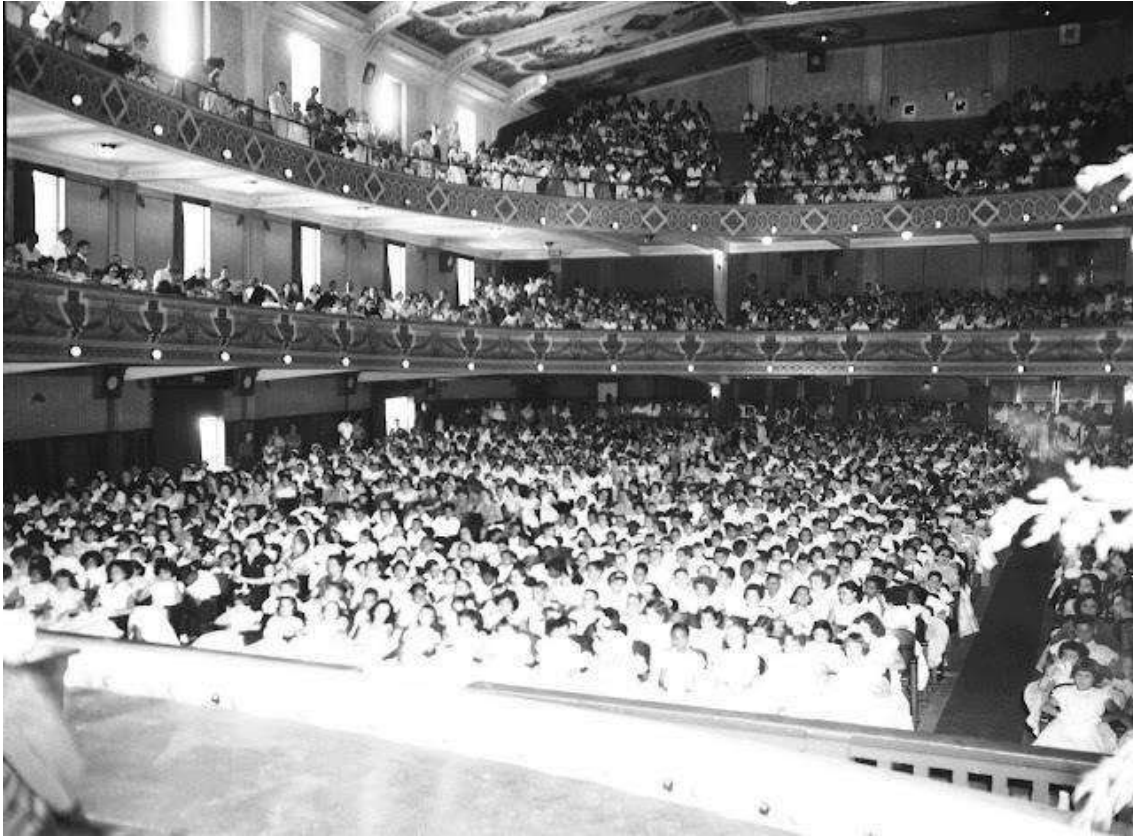
11.16. Outro ângulo do palco do Central em 1969, 2º festival de música popular brasileira. Fonte: Site [“Maria do Resguardo”](http://www.mariadoresguardo.com.br). Acesso em 02 abr. 2022.



11.17. Comemoração de um ano de aniversário do golpe de 1964, Cine Teatro Central, 1965. Fonte: Site [“Maria do Resguardo”](http://www.mariadoresguardo.com.br). Acesso 02 abr. 2022.



11.18. Reinauguração do Cine Teatro Central em 1996. Fonte: Blog [Maurício Resgatando o Passado](http://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com). Acesso 23 abr. 2022.



11.19. Solenidade de formatura no Cine Teatro Central. Data desconhecida. Fonte: Blog [Maurício Resgatando o Passado](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.20. Solenidade de formatura do Colégio Machado Sobrinho no Cine Teatro Central, década de 1970. Fonte: Blog [Maurício Resgatando o Passado](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.21. Interior do cine Central (década de 1970?). Fonte: Blog [Maurício Resgatando o Passado](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.22. Outro ângulo do interior do Cine Central (década de 1970?). Fonte: Blog [Maurício Resgatando o Passado](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.23. Imagem noturna do Cine Central e Praça João Pessoa. Fonte: Blog [Maurício Resgatando o Passado](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.24. Cine Central. Outdoor anuncia estreia de "Orca a Baleia Assassina" (1977?) no Excelsior. No Central está passando O Uivo dos Lobos (1972) e Só Contra Roma (1962) (talvez no Festival). Fonte: Blog [Maurício Resgatando o Passado](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.25. Outro ângulo da fachada do Central, mesma data. Fonte: Blog [Maurício Resgatando o Passado](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.26. Central, em exibição Cahill, o xerife do Oeste (1973). No Excelsior está passando Terremoto (1974).
Fonte: Blog [Maurício Resgatando o Passado](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.27. Detalhe do teto do Central (Década de 1950?) Fonte: Blog [Maurício Resgatando o Passado](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.28. Camarotes e palco do Central, em reforma, restauração de 1996. Fonte: Groia, Franco. “[Reforma do Cine Theatro Central](#)”. 2010. Acesso 23 abr. 2022.



11.29. Plateia do central, restauração de 1996. Fonte: Groia, Franco. “[Reforma do Cine Theatro Central](#)”. 2010. Acesso 23 abr. 2022.



11.30. Restauração do teto do Central em 1996. Fonte: Groia, Franco. “[Reforma do Cine Theatro Central](#)”. 2010. Acesso 23 abr. 2022.



11.31. Fachada do central, em algum momento de 2014 a 2018. Fonte: [Cine – Theatro Central/Alexandre Dornelas](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.32. Foto noturna da fachada do Central, 2014~2018. Fonte: [Cine – Theatro Central/Alexandre Dornelas](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.33. Detalhe da fachada do Central, 2014~2018. Fonte: [Cine – Theatro Central/Alexandre Dornelas](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.34. Palco e plateia do Central. Fonte: [Cine-Theatro Central/Alexandre Dornelas](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.35. Luminária do Central. Fonte: [Cine-Theatro Central/Alexandre Dornelas](#). Acesso 23 abr. 2022.



11.36. Um dos foyers do Central. Fonte: [Cine-Theatro Central/Alexandre Dornelas](#). Acesso 23 abr. 2022.

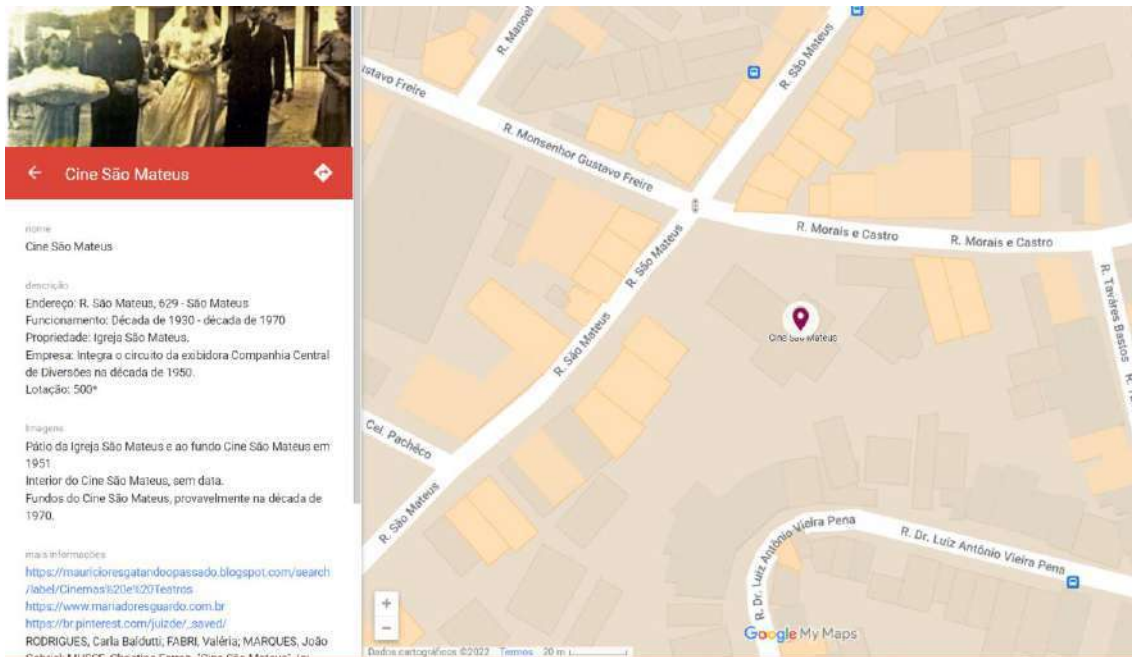


11.37. Plateia do Central. Fonte: [Cine-Theatro Central/Alexandre Dornelas](#). Acesso 23 abr. 2022.

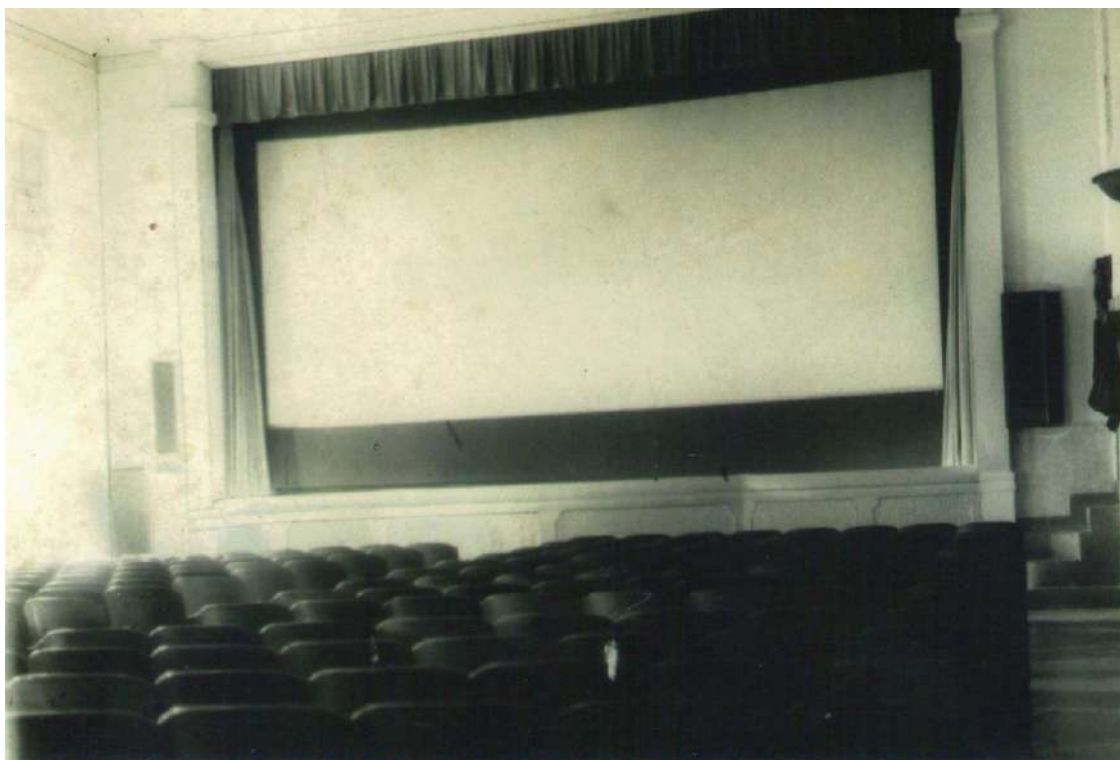
12. Cine São Mateus



12.1. Pátio da Igreja São Mateus e ao fundo Cine São Mateus em 1951. Na marquise há o número 1930 entalhado e os cartazes parecem feitos à mão. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 02 fev. 2022.



12.2. Local do Cine São Mateus no mapa. Produzido por mim.



12.3. Interior do Cine São Mateus, sem data. Fonte: Coleção “[Juiz de Fora em Imagens](#)” da rede social Pinterest. Acesso 02 abr. 2022.

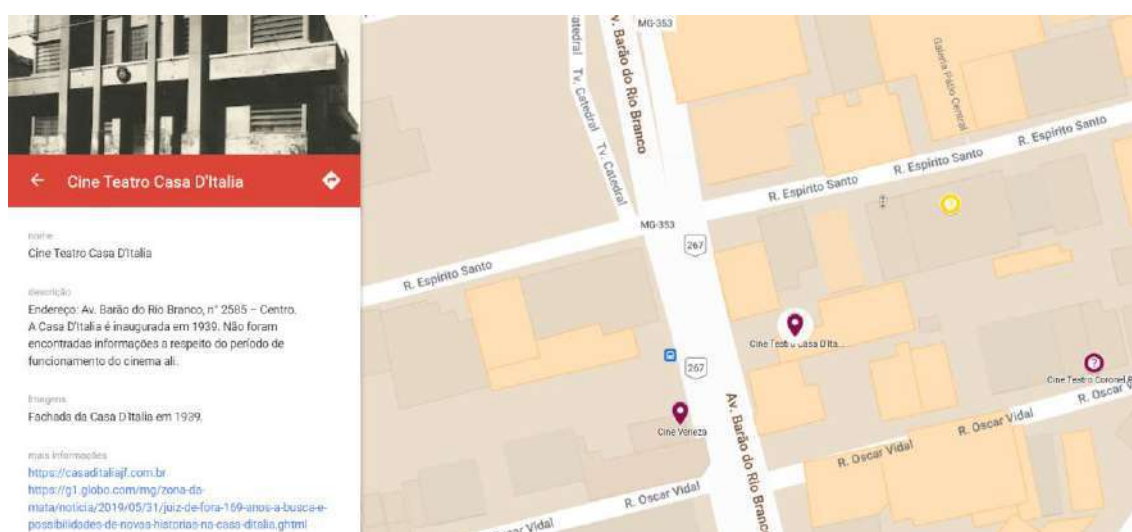


12.4. Fundos do Cine São Mateus, provavelmente na década de 1970. Fonte: site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 04 abr. 2022.

13. Cine Teatro Casa D'Itália

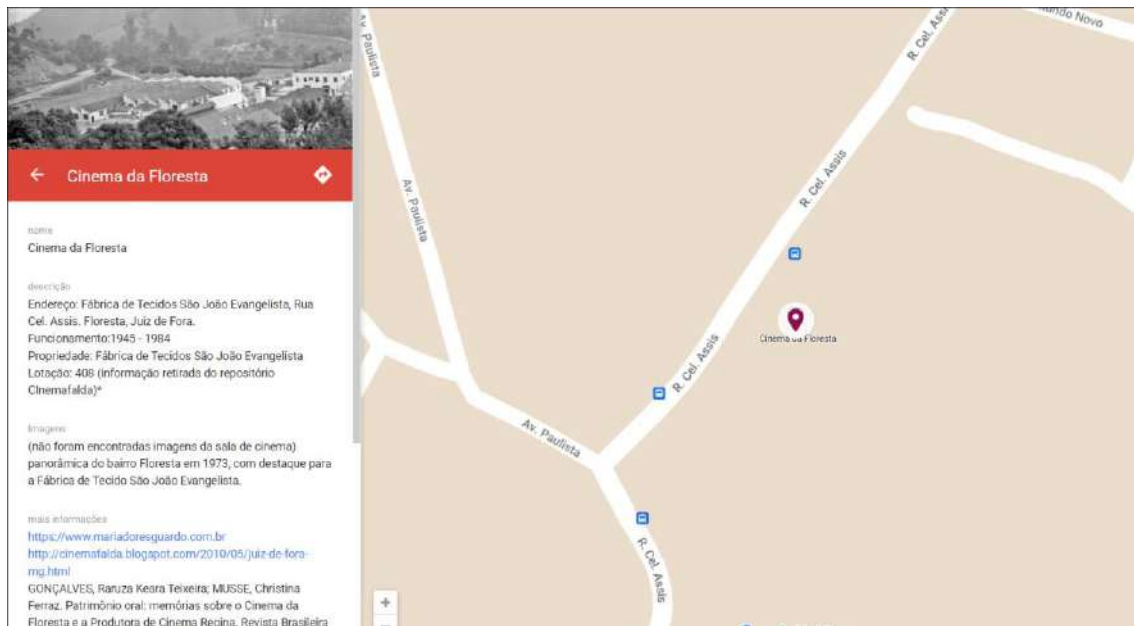


13.1. Fachada da Casa D'Itália em 1939. Fonte: Andrade, Amanda. “Consulado italiano coloca imóvel da Casa d’Itália em Juiz de Fora a Leilão”. 2020. In: [G1 Zona da Mata](#). Acesso: 03 abr. 2022.

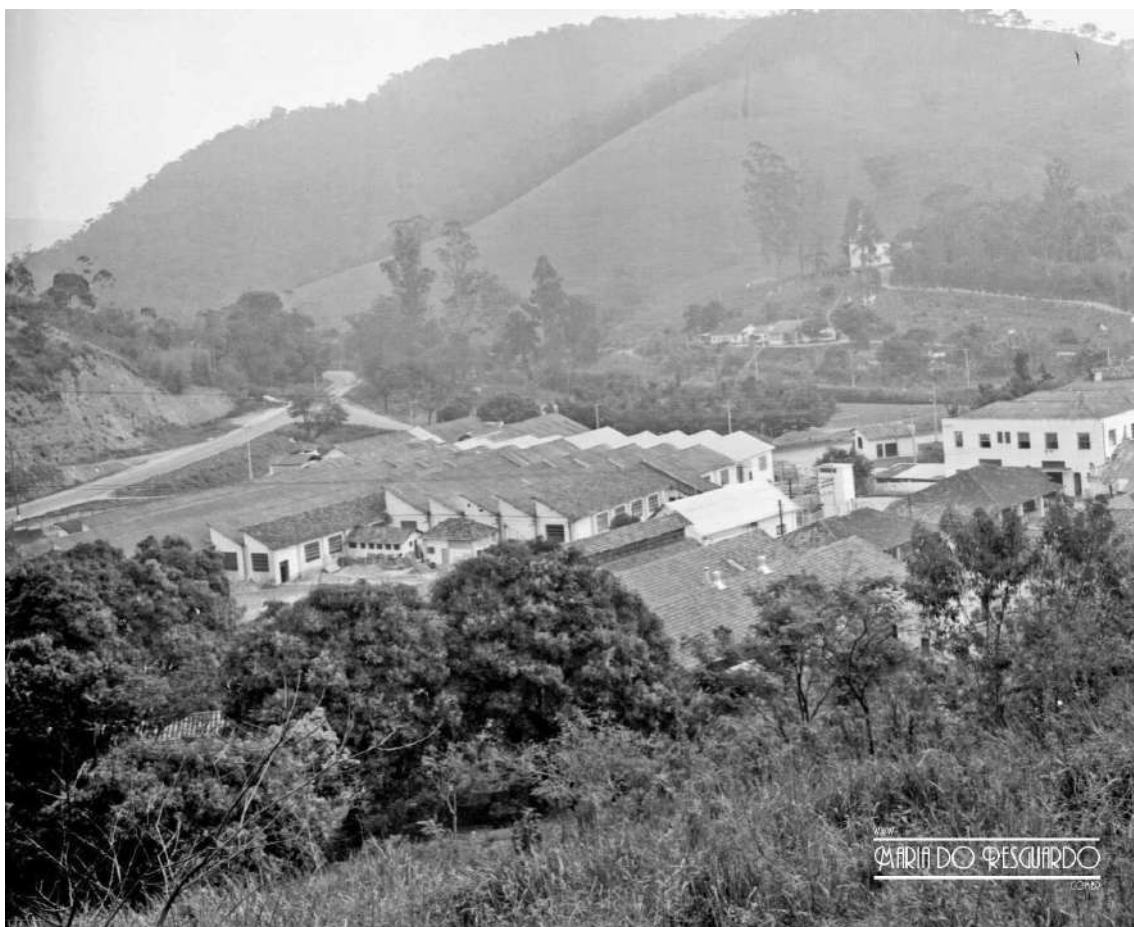


13.2. Localização da Casa D'Italia no mapa. Produzido por mim.

14. Cinema da Floresta

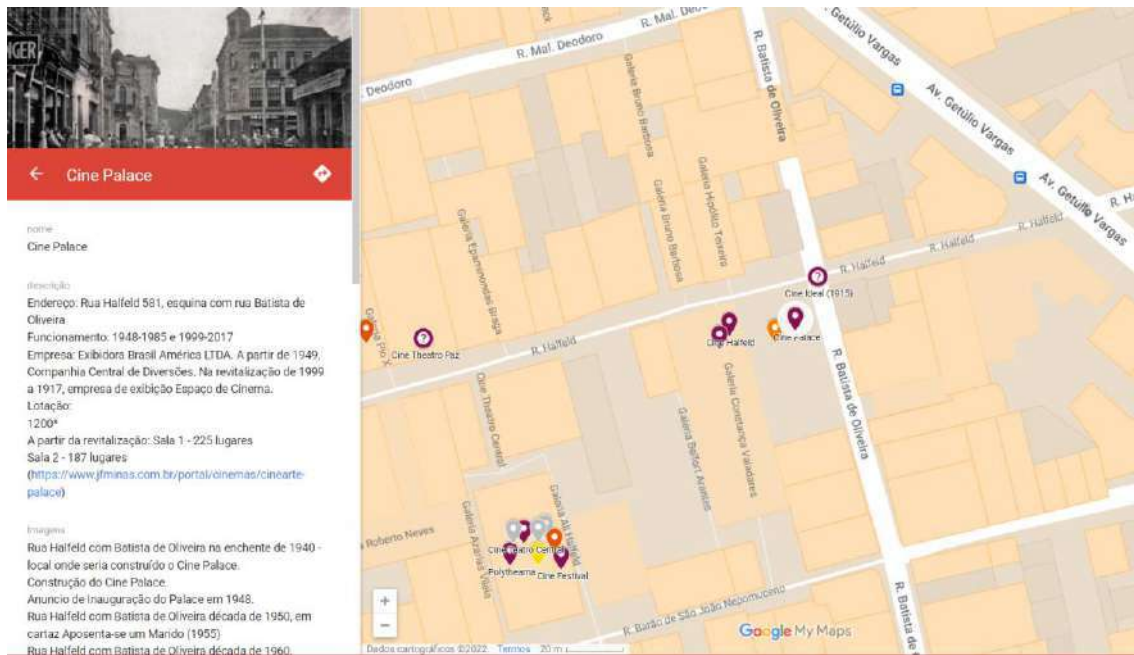


14.1. Localização do Cinema da Floresta. Produzido por mim.



14.2. (Não foram encontradas imagens da sala de cinema) panorâmica do bairro Floresta em 1973, com destaque para a Fábrica de Tecido São João Evangelista. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](http://www.mariadoresguardo.com.br)". Acesso: 03 abr. 2022.

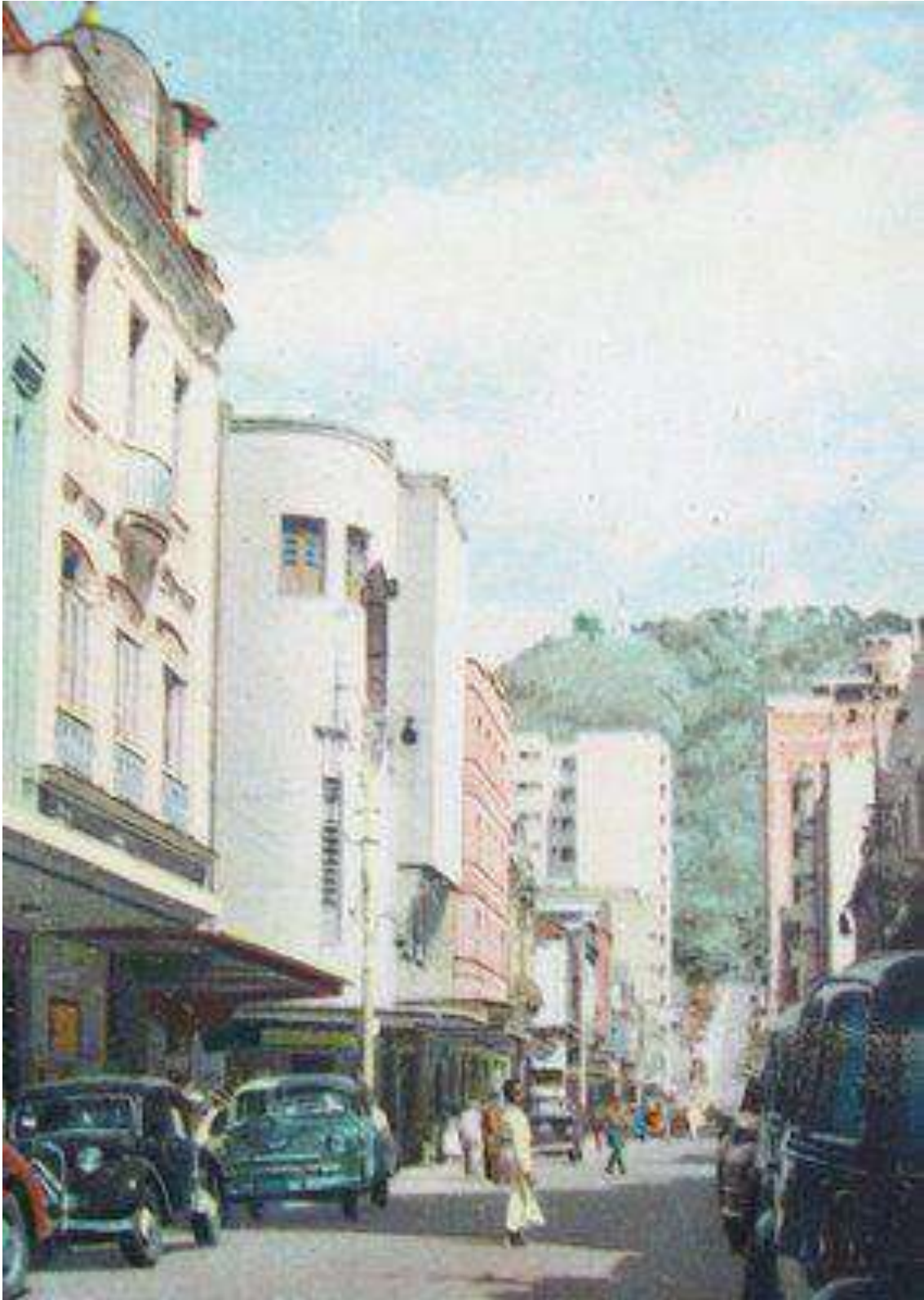
15. Cine Palace



15.1. Localização do Cine Palace no mapa. Produzido por mim.



15.2. Rua Halfeld com Batista de Oliveira na enchente de 1940 - local onde seria construído o Cine Palace. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



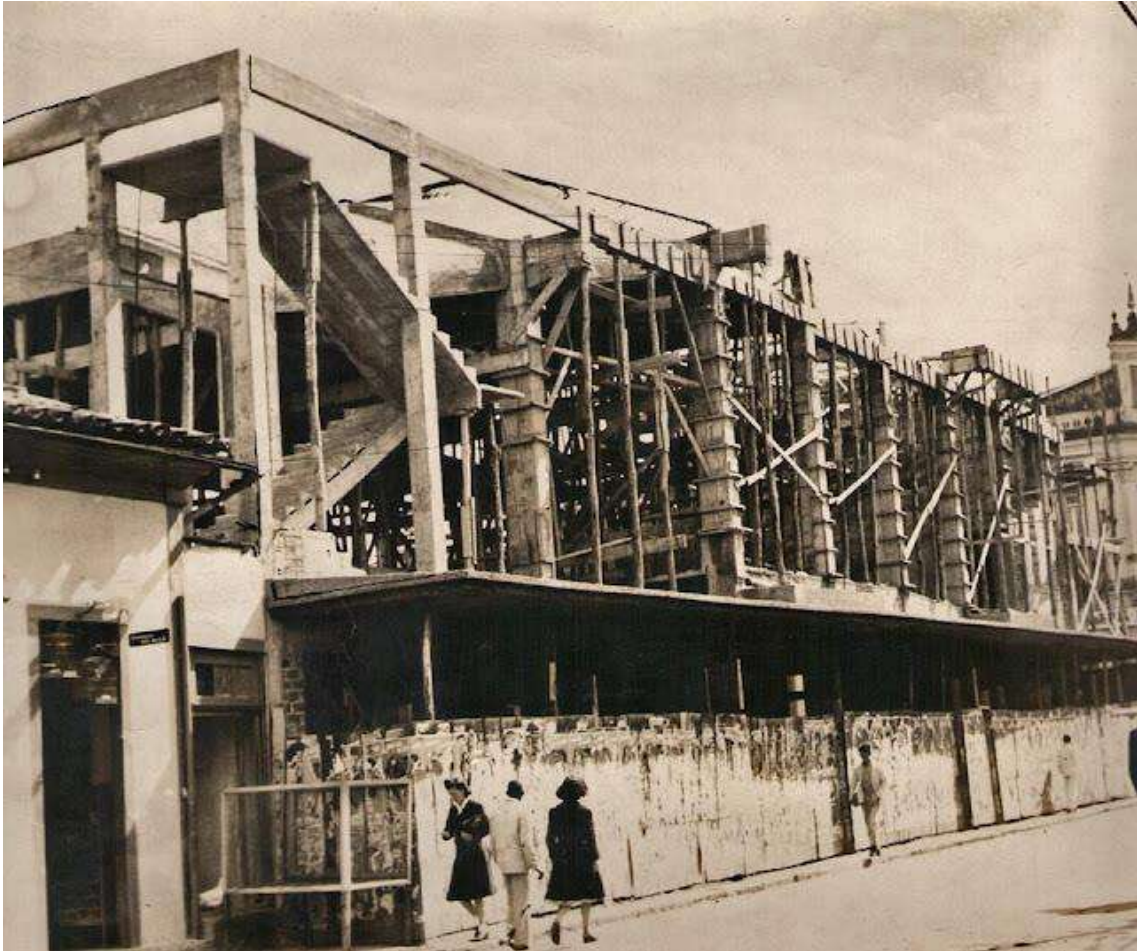
15.3. Halfeld com Batista de Oliveira em 1966. Fonte: Coleção "[Juiz de Fora em Imagens](#)" da rede social *Pinterest*. Acesso 03 abr. 2022.



15.4. Halfeld com Batista de Oliveira em 1982, Caçadores da Arca Perdida (1981) em cartaz no Palace. Fonte: Site "[Maurício resgatando o passado](#)". Acesso: 03 abr. 2022.



15.5. Cine Palace na enchente de 1952. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)", acesso 03 abr. 2022.



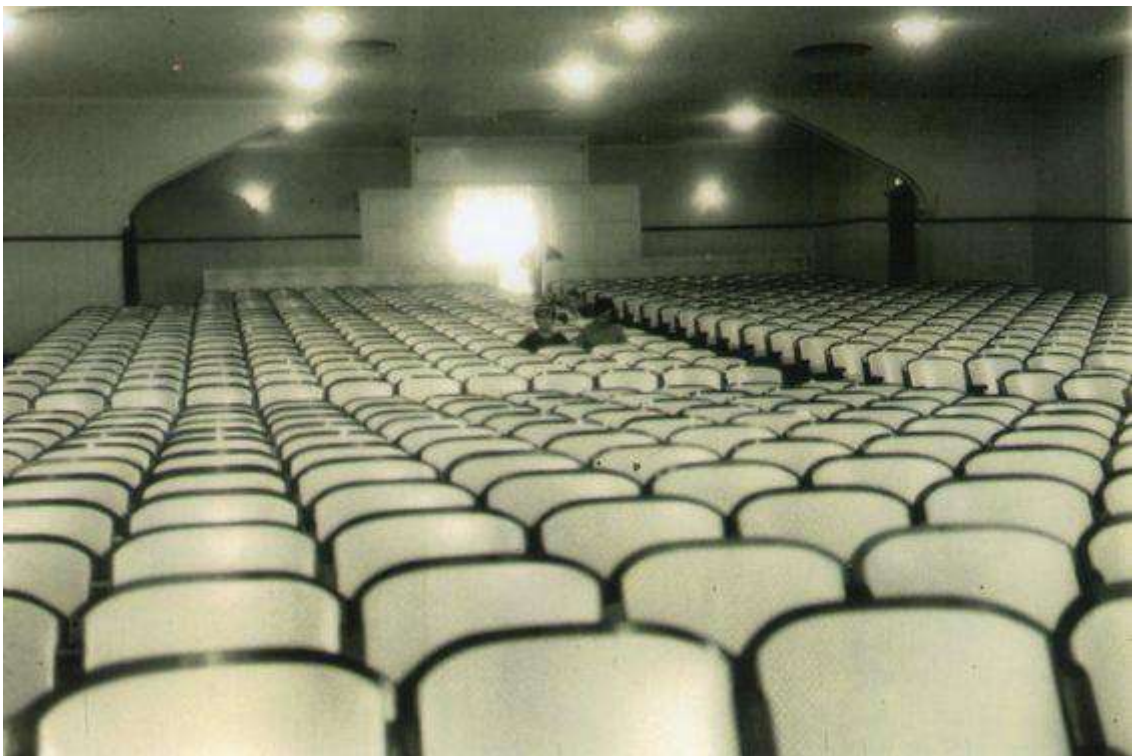
15.6. Construção do Cine Palace. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



15.7. Cartaz "Mulheres libreadas" (1982) na frente do Cine Palace. Fonte: Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)", acesso 03 abr. 2022.



15.8. Interior do Palace, sem data. Fonte: Coleção “[Juiz de Fora em Imagens](#)” da rede social Pinterest. Acesso 03 abr. 2022.



15.9. Interior do Palace, sem data, cadeiras estofadas. Fonte: Coleção “[Juiz de Fora em Imagens](#)” da rede social Pinterest. Acesso 03 abr. 2022.



15.10. Um homem retira cartaz de programação no letreiro do Palace, legenda original: Palace vendido para o Banerj em 1948. Fonte: Site “[Maurício resgatando o passado](#)” acesso 03 abr. 2022.

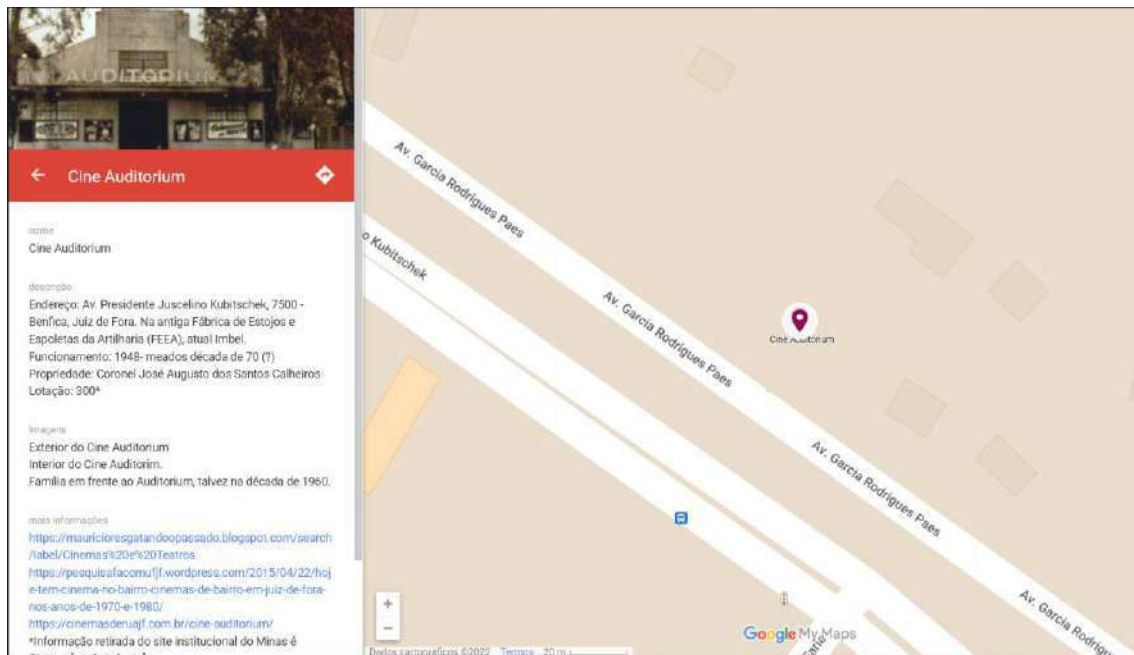


15.11. Movimento Salve Cine Palace em 2017. Fonte: Comunidade da rede social Facebook “[Salve o Cine Palace](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



15.12. Fachada do Cine Palace no site [IPatrimonio](#). Acesso 03 abr. 2022.

16. Cine Auditorium



16.1. Localizao do Cine Auditorium no mapa. Produzido por mim.



16.2. Exterior do Cine Auditorium. Fonte: Site "[Maurcio Resgatando o Passado](#)", acesso 03 abr. 2022.

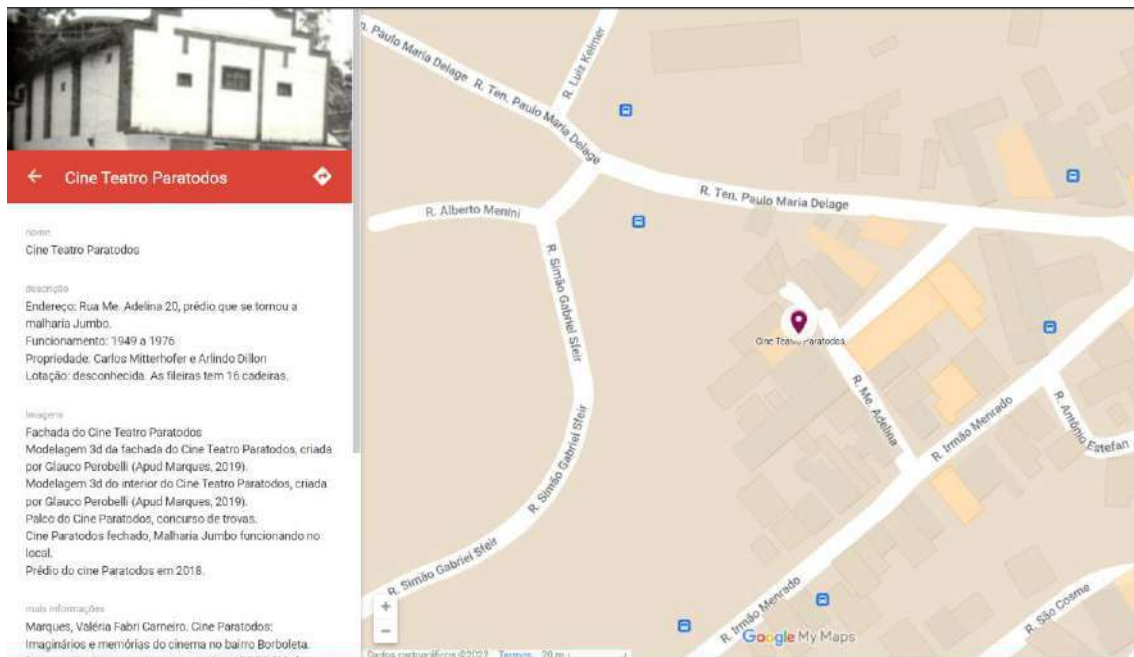


16.3. Interior do Cine Auditorium. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”, acesso 03 abr. 2022.



16.4. Família em frente ao Auditorium, talvez na década de 1960. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”, acesso 03 abr. 2022.

17. Cine Teatro Paratodos



17.1. Cine Teatro Paratodos. Produzido por mim.



17.2. Fachada do Cine Teatro Paratodos. Fonte: MARQUES, Valéria. [“Cine Paratodos: Imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta.”](#) 2019.



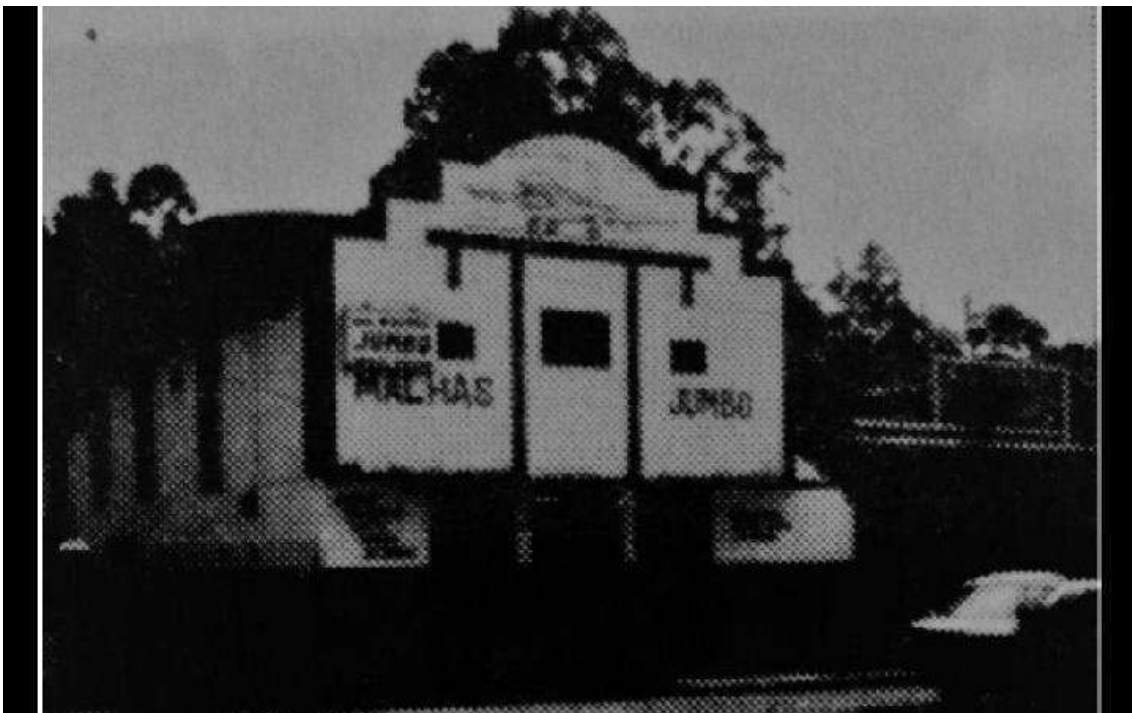
17.3. Modelagem 3D da fachada do Cine Teatro Paratodos, criada por Glauco Perobelli. Fonte: MARQUES, Valéria. “[Cine Paratodos: Imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta.](#)” 2019.



17.4. Modelagem 3d do interior do Cine Teatro Paratodos, criada por Glauco Perobelli. Fonte: MARQUES, Valéria. “[Cine Paratodos: Imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta.](#)” 2019.



17.5. Palco do Cine Paratodos, concurso de trovas. Fonte: MARQUES, Valéria. "[Cine Paratodos: Imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta.](#)" 2019.

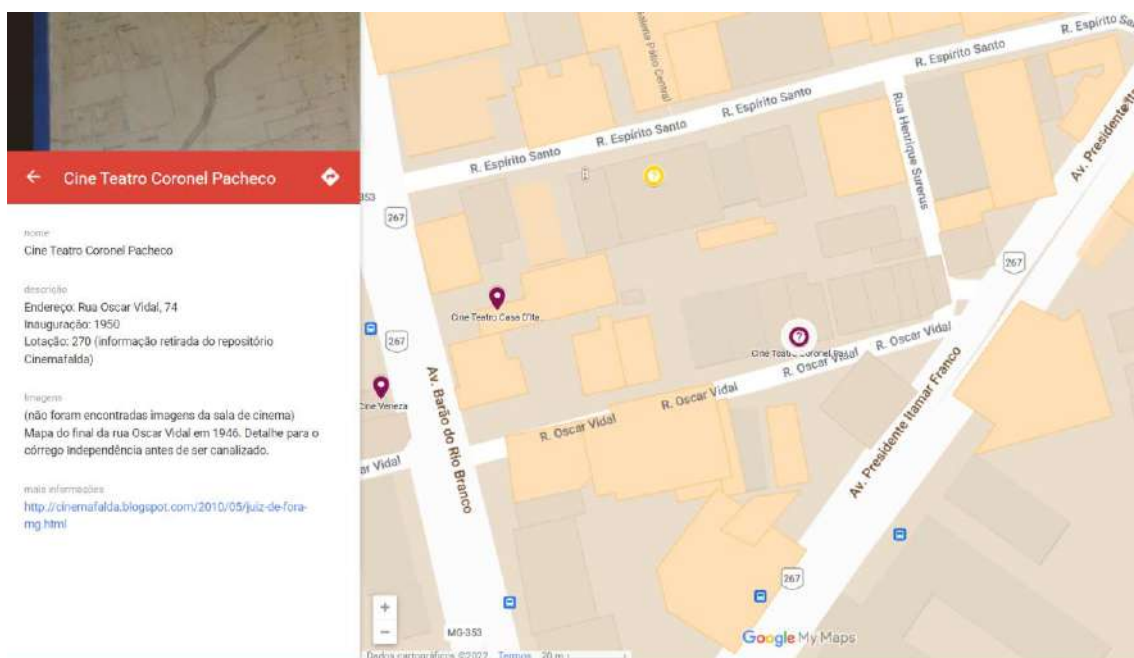


17.6. Cine Paratodos fechado, Malharia Jumbo funcionando no local. Fonte: MARQUES, Valéria. "[Cine Paratodos: Imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta.](#)" 2019.



17.7. Prédio do cine Paratodos em 2018. Fonte: MARQUES, Valéria. "[Cine Paratodos: Imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta.](#)" 2019.

18. Cine Teatro Coronel Pacheco

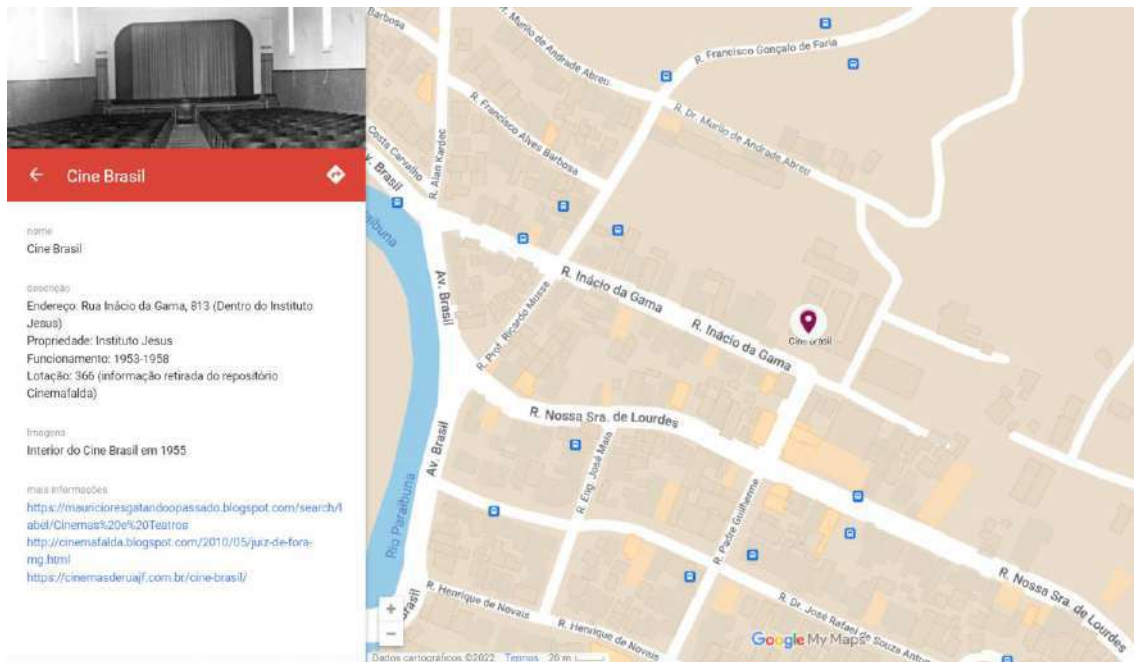


18.1. Presumida localização do Cine Teatro Coronel Pacheco no mapa. Produzido por mim.



18.2. (Não foram encontradas imagens da sala de cinema.) Mapa do final da rua Oscar Vidal em 1946. Detalhe para o córrego Independência antes de ser canalizado. Fonte: Planta cadastral de Juiz de Fora criada por Saboya Ribeiro, folha 2-01-02, 1946. Digitalização gentilmente cedida pelo professor Ricardo Zaidan.

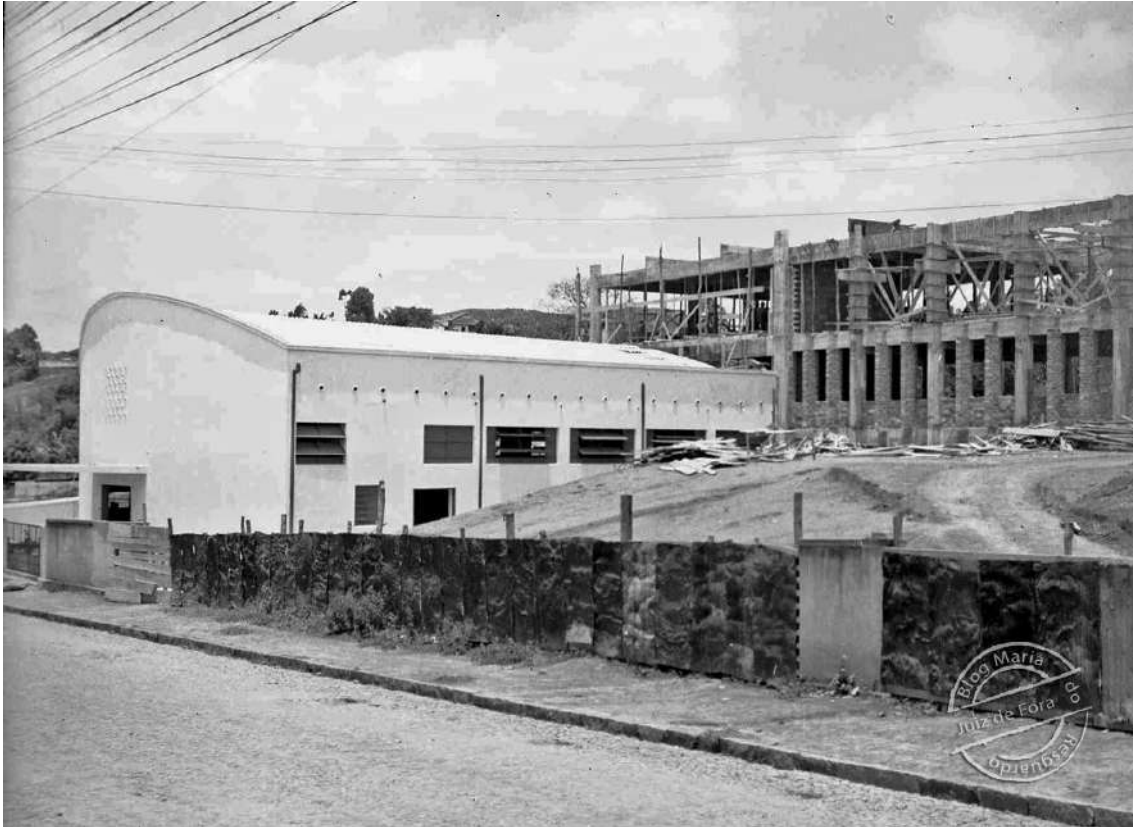
19. Cine Brasil



19.1. Localização do Cine Brasil no mapa. Produzido por mim.



19.2. Interior do Cine Brasil em 1955. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](https://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/)”, acesso 24 abr. 2022.



20.3. Construção do Cine Paraíso e do Instituto Maria em 1952 ou 1953. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



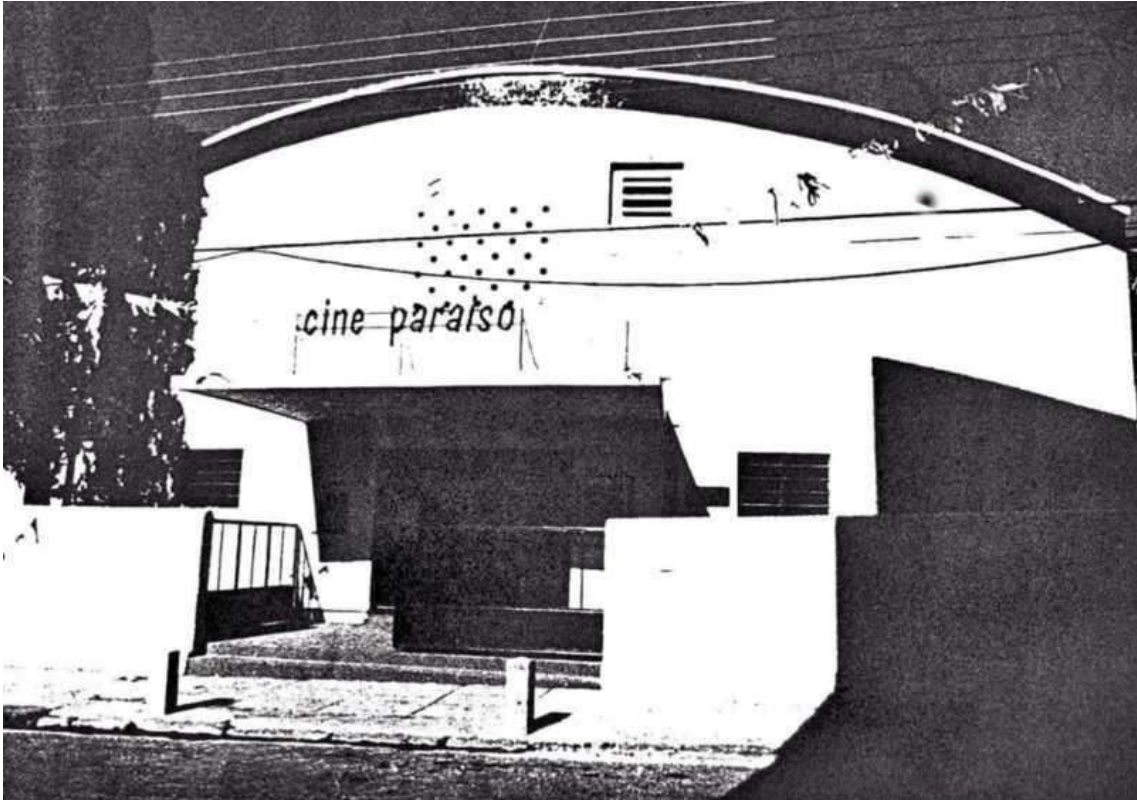
20.4. Construção do Cine Paraíso e do Instituto Maria em 1952 ou 1953 visto de outro ângulo. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



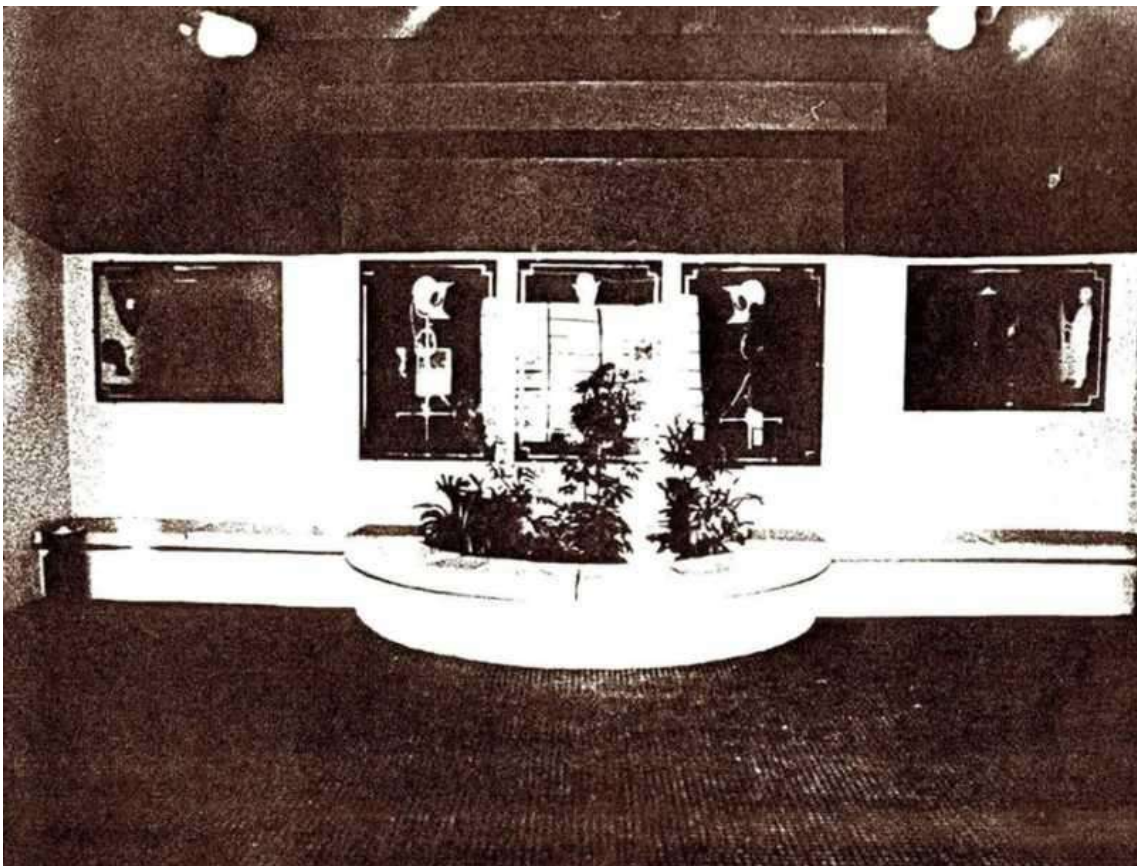
20.5. Construção do Cine Paraíso em 1952 ou 1953. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



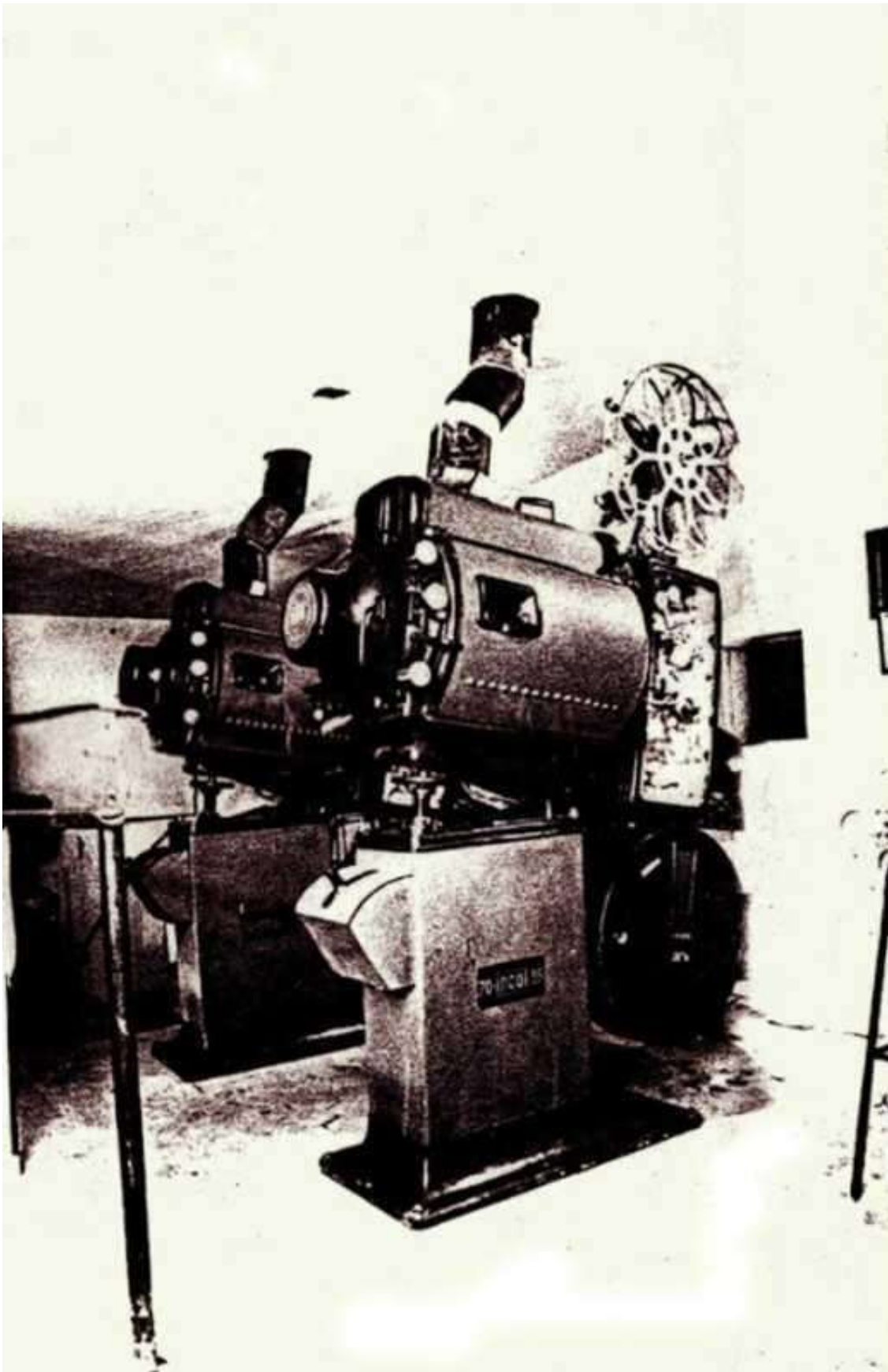
20.6. Fachada do Cine Paraíso. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



20.7. Fachada do Cine Paraíso (durante sua segunda fase de funcionamento?) Fonte: original do acervo da Funalfa, disponibilizado no site [Cinemas de Rua de Juiz de Fora](#). Acesso 24 abr. 2022.

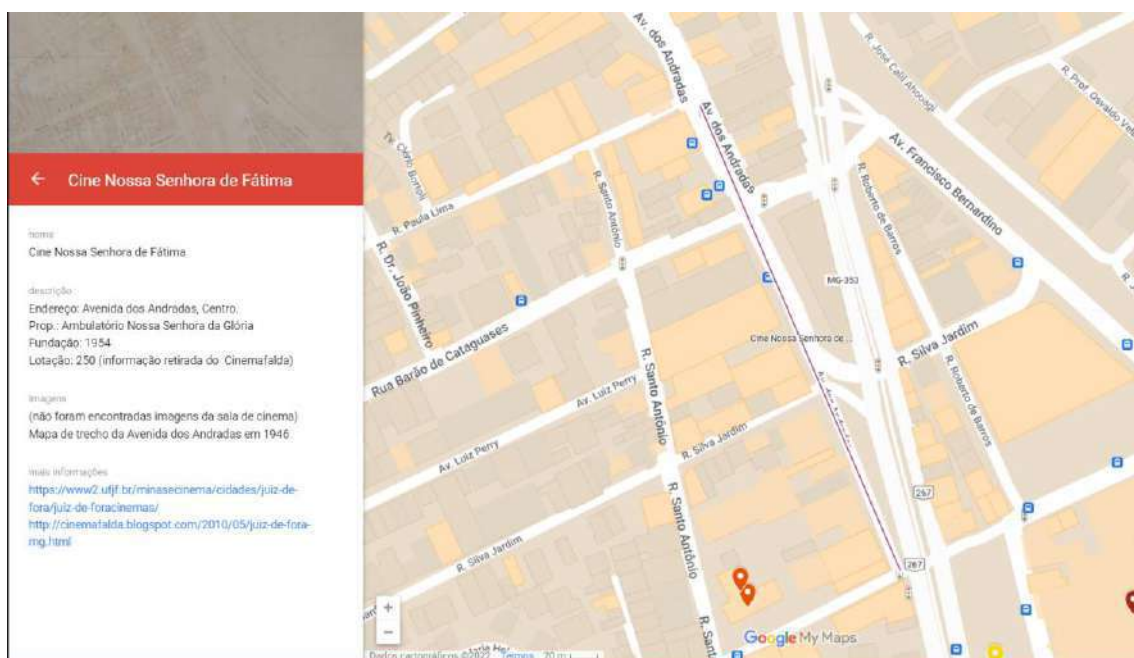


20.8. Foyer do Cine Paraíso. Fonte: original do acervo da Funalfa, disponibilizado no site [Cinemas de Rua de Juiz de Fora](#). Acesso 24 abr. 2022.



20.9. Projetores do Cine Paraíso. Fonte: original do acervo da Funalfa, disponibilizado no site [Cinemas de Rua de Juiz de Fora](#). Acesso 24 abr. 2022.

21. Cine Nossa Senhora de Fátima

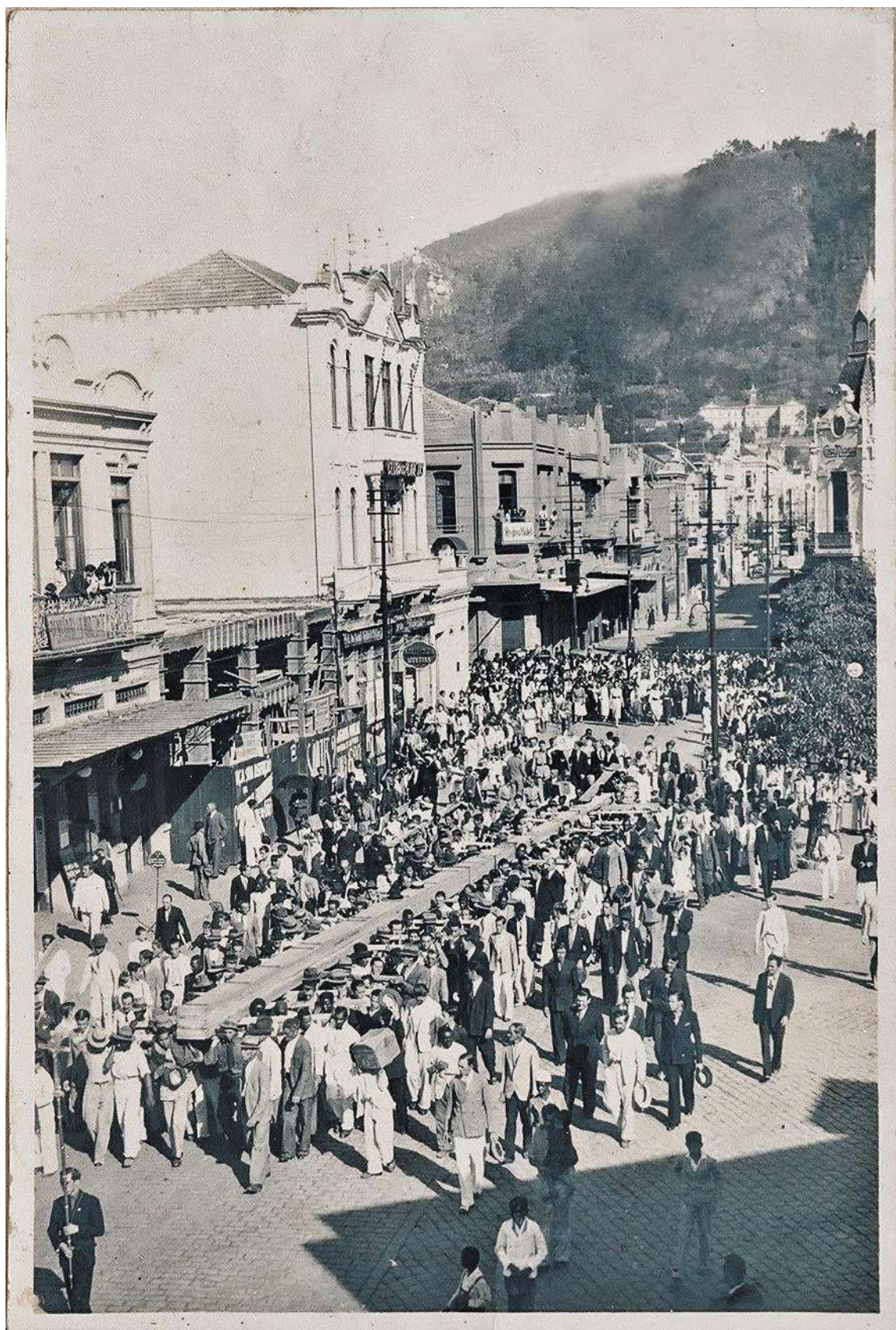


21.1. Localização aproximada do Cine Nossa Senhora de Fátima no mapa. Produzido por mim.

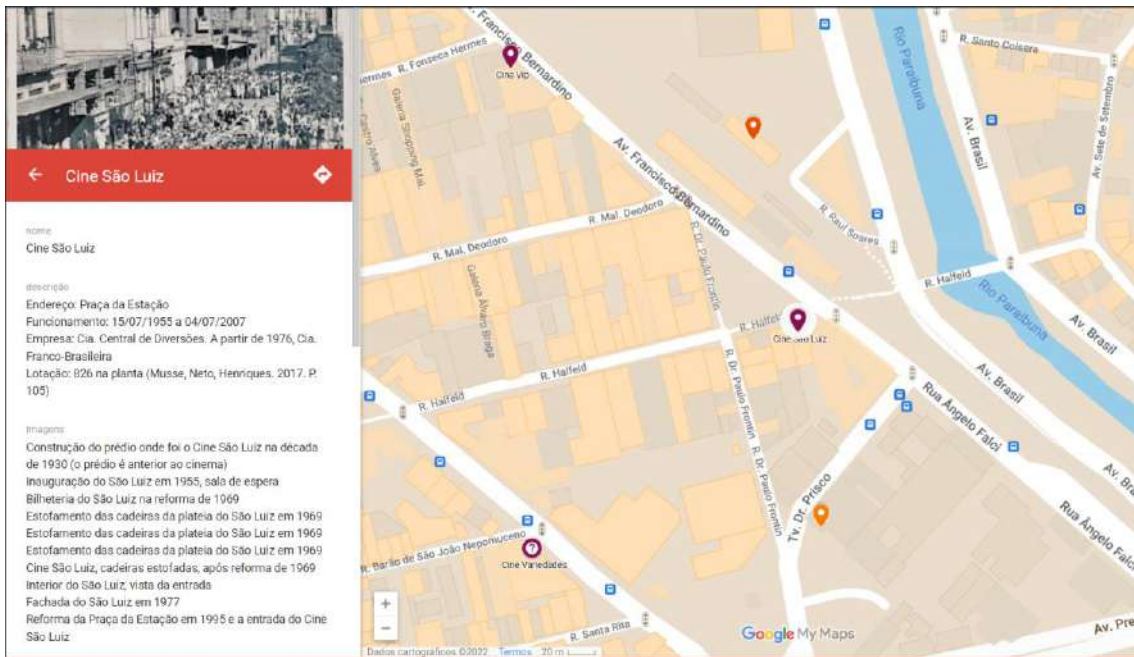


21.2. (Não foram encontradas imagens da sala de cinema) Mapa de trecho da Avenida dos Andradas em 1946. Fonte: Planta cadastral de Juiz de Fora criada por Saboya Ribeiro, folha 1-02-01, 1946. Digitalização gentilmente cedida pelo professor Ricardo Zaidan.

22. Cine São Luiz



22.1. Construção do prédio onde foi o Cine São Luiz na década de 1930 (o prédio é anterior ao cinema)
Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



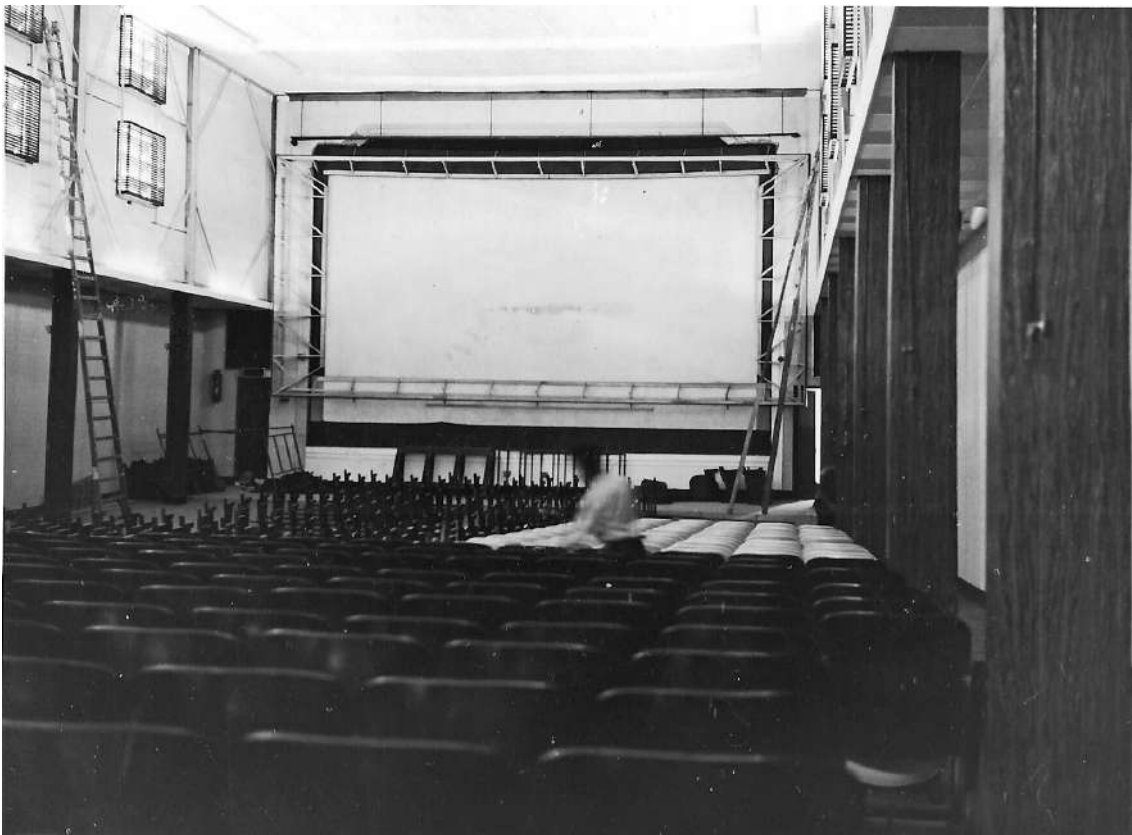
22.2. Localização do Cine São Luiz no mapa. Produzido por mim.



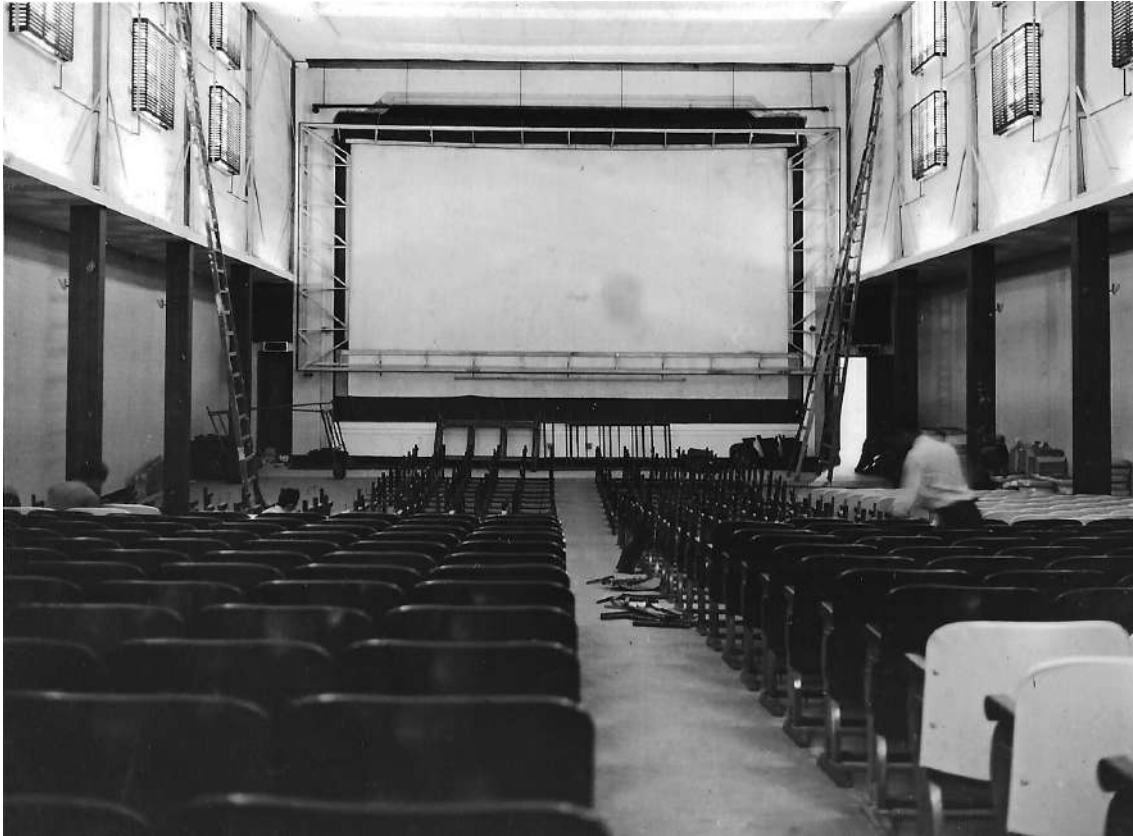
22.3. Inauguração do São Luiz em 1955, sala de espera. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



22.4. Bilheteria do São Luiz na reforma de 1969. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



22.5. Estofamento das cadeiras da plateia do São Luiz em 1969. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



22.6. Estofamento das cadeiras da plateia do São Luiz em 1969. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



22.7. Estofamento das cadeiras da plateia do São Luiz em 1969. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



22.8. Cine São Luiz, cadeiras estofadas, após reforma de 1969. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



22.9. Interior do São Luiz, vista da entrada. Fonte: Coleção "[Juiz de Fora em Imagens](#)" da rede social Pinterest. Acesso 03 abr. 2022.



22.10. Fachada do São Luiz em 1977. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



22.11. Reforma da Praça da Estação em 1995 e a entrada do Cine São Luiz. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



22.12. Fachada do Cine São Luiz em 1981 vista lateral. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



22.13. Fachada do Cine São Luiz e a Praça da Estação em 1981. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



22.14. São Luiz e a Praça da Estação na década de 1960. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



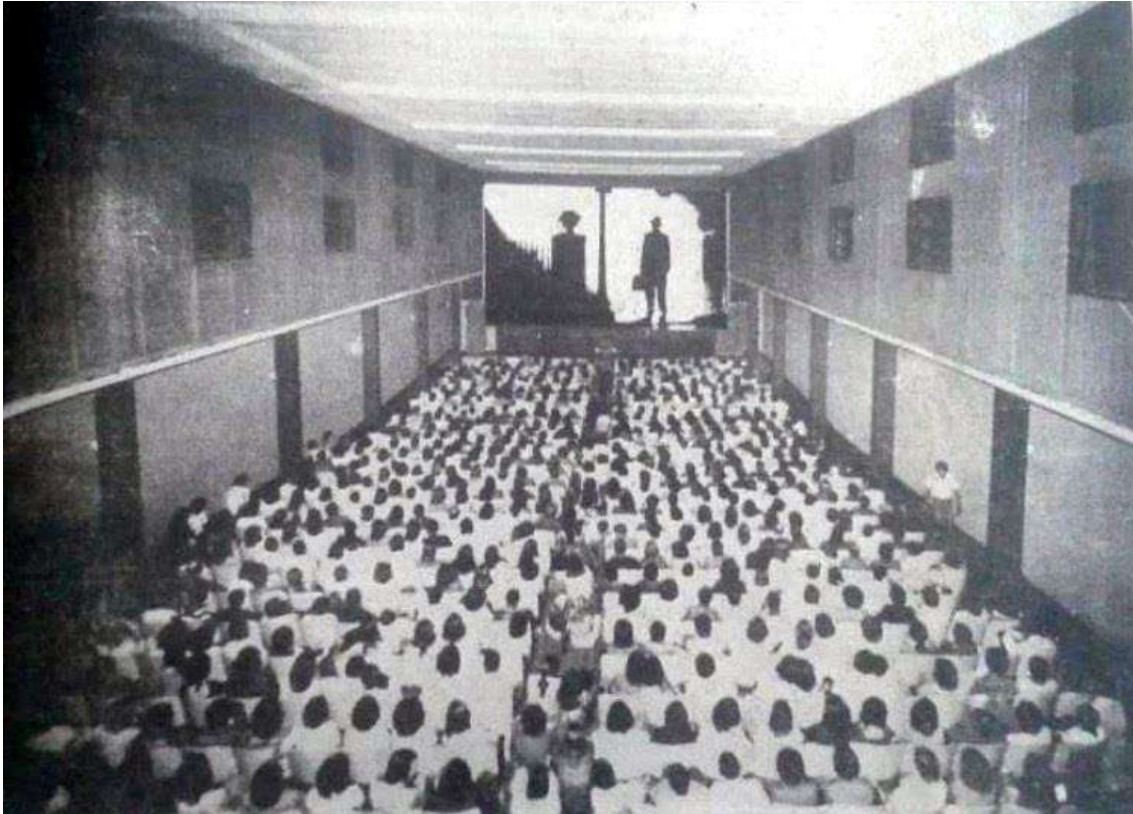
22.15. São Luiz e a Praça da Estação em 1977. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



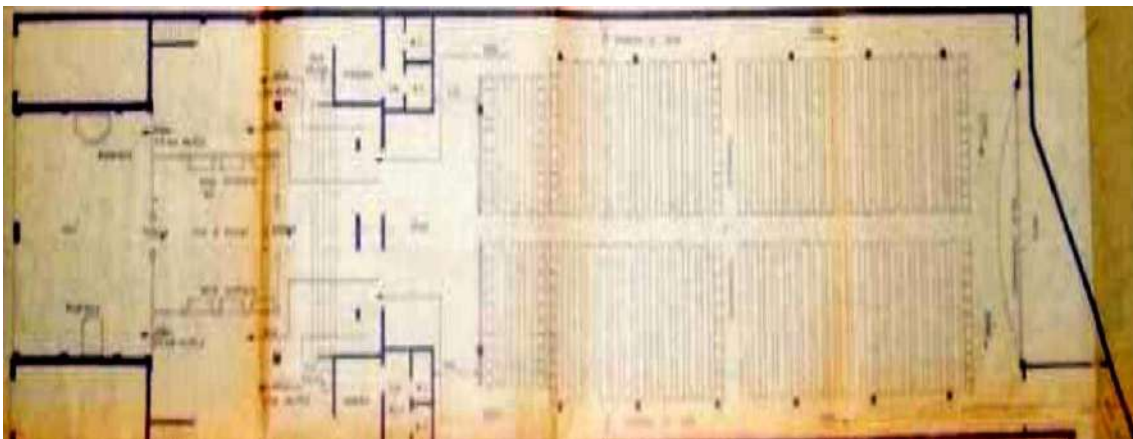
22.16. São Luiz e a estação em 1980. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



22.17. São Luiz e a Praça da Estação em 1980. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



22.18. Interior do São Luiz durante exibição (O Exorcista?), sala lotada. Fonte: Site [IPatrimônio](#). Acesso 05 abr. 2022.



22.19. Planta do São Luiz. Fonte: Site [IPatrimônio](#). Acesso 05 abr. 2022.



22.20. Fachada do São Luiz. Colorido. Fonte: Site IPatrimonio. Acesso 05 abr. 2022.



Figura 36. Entulhos e objetos jogados no Cine São Luiz.
Jornal “Tribuna de Minas” 10 de julho de 2007.

22.21 Interior do São Luiz, durante reforma/desmonte. 2007. Fonte: MUSSER, Christina. NETO, Gilberto Faúla Avelar; HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Os cinemas de rua de Juiz de Fora: Memórias do Cine São Luiz. Funalfa, Juiz de Fora, 2017.



22.22 Entrada do São Luiz, noturna, em exibição: Grand Prix. Fonte: Site IPatrimonio. Acesso 05 abr. 2022.



Figura 37. Matéria de capa do jornal “Tribuna de Minas” do dia 11 de julho de 2007: Prefeitura lacra o espaço onde funcionou o Cine São Luiz.

22.23. Portas do São Luiz, durante reforma/desmonte. 2007. Fonte: MUSSER, Christina. NETO, Gilberto Faúla Avelar; HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Os cinemas de rua de Juiz de Fora: Memórias do Cine São Luiz. Funalfa, Juiz de Fora, 2017.

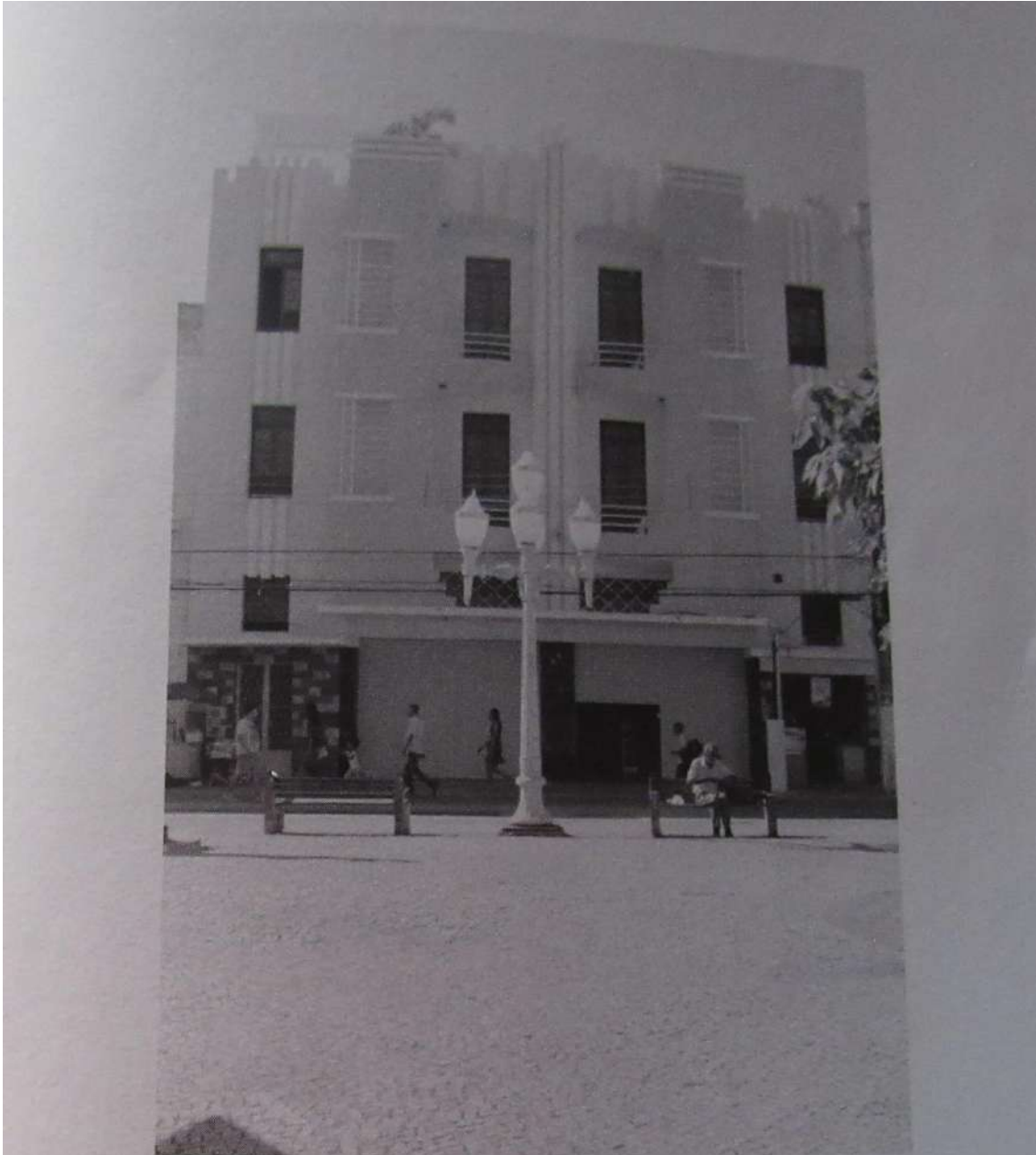


Figura 40. Fachada do prédio onde funcionou o Cine São Luiz, em dezembro de 2015. Foto de Jéssica Ribeiro.

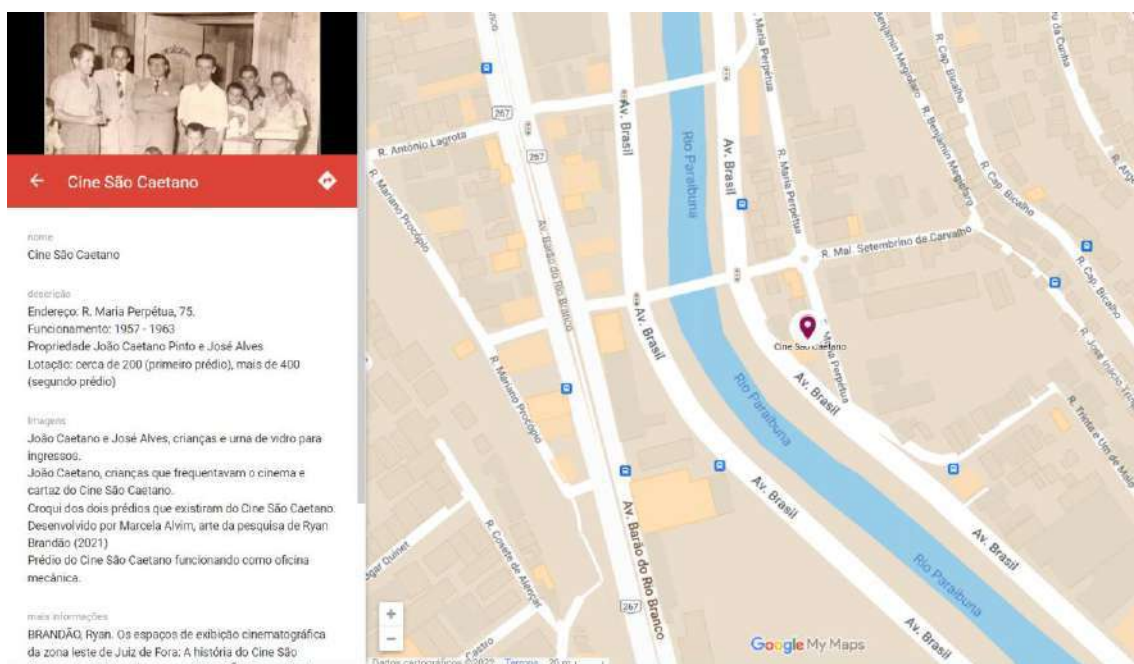
22.24. Fonte: MUSSER, Christina. NETO, Gilberto Faúla Avelar; HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Os cinemas de rua de Juiz de Fora: Memórias do Cine São Luiz. Funalfa, Juiz de Fora, 2017.



Figura 43. Espaço da Loja Lar&Cia, em 2015, onde exatamente se localizava a sala de exposições do Cine São Luiz. Foto de Jéssica Ribeiro.

22.25. Fonte: MUSSER, Christina. NETO, Gilberto Faúla Avelar; HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Os cinemas de rua de Juiz de Fora: Memórias do Cine São Luiz. Funalfa, Juiz de Fora, 2017.

23. Cine São Caetano



23.1. Localização do Cine São Caetano no mapa. Produzido por mim.



23.2. João Caetano, crianças que frequentavam o cinema e cartaz do Cine São Caetano. Fonte: Brandão, Ryan. “Os espaços de exibição cinematográfica da zona leste de Juiz de Fora: a história do Cine São Caetano”. 2021.

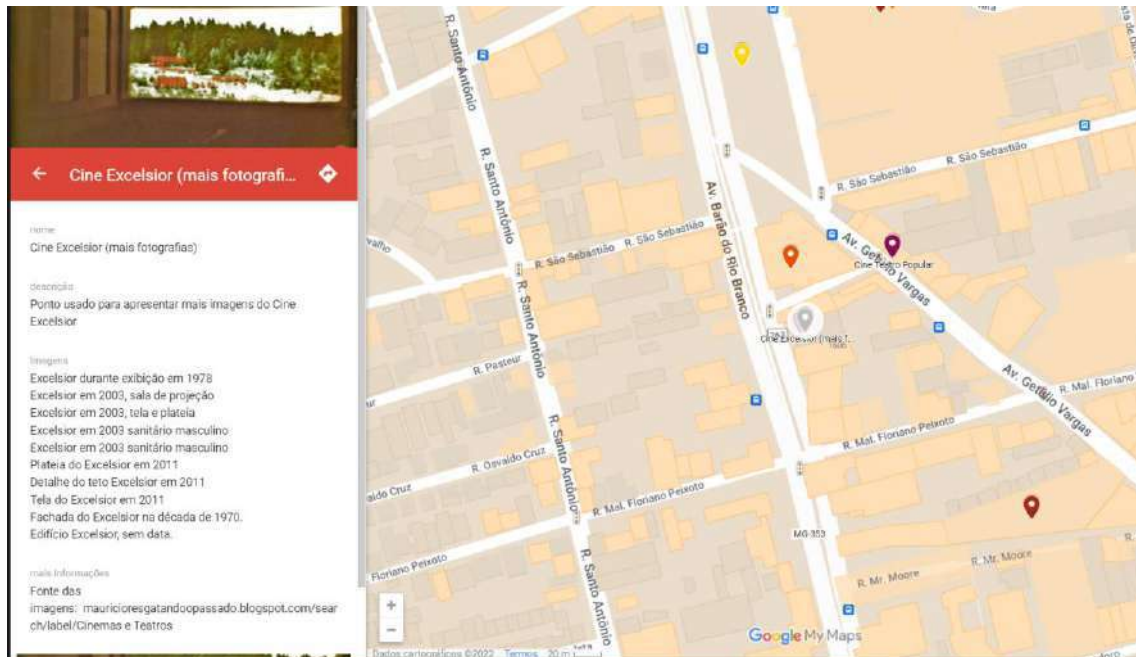


23.3. Prédio do Cine São Caetano funcionando como oficina mecânica. Fonte: Brandão, Ryan. “Os espaços de exibição cinematográfica da zona leste de Juiz de Fora: a história do Cine São Caetano”. 2021.



23.4. Croqui dos dois prédios que existiram do Cine São Caetano. Desenvolvido por Marcela Alvim. Fonte: Brandão, Ryan. “Os espaços de exibição cinematográfica da zona leste de Juiz de Fora: a história do Cine São Caetano”. 2021

24. Cine Excelsior



24.1. Localização do Cine Excelsior no mapa. Produzido por mim.



24.2. Cine Excelsior em construção visto da Av. Barão do Rio branco. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



24.3. Cine Excelsior em construção visto da rua Oswaldo Cruz, 1957. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



24.4. Barão do Rio Branco em 1969, Excelsior à esquerda. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



24.5. Barão do Rio Branco em 1970, Excelsior à esquerda. Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



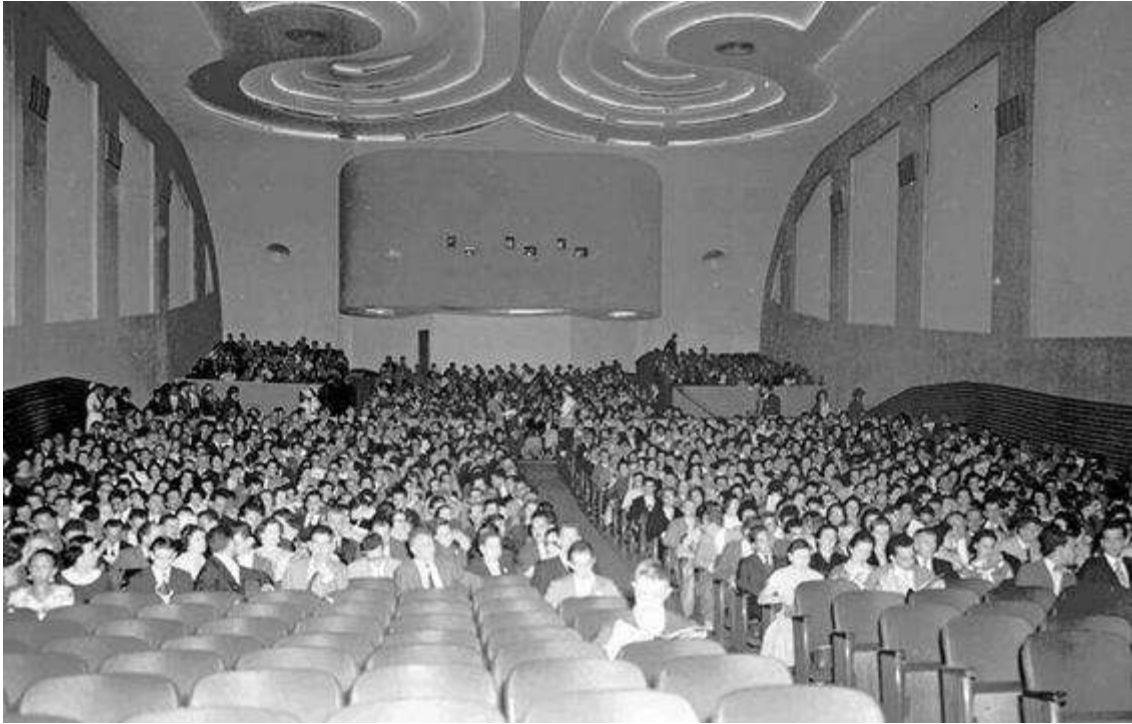
24.6. Fachada do Excelsior em 1958, inauguração. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



24.7. Entrada do Excelsior em 1958, inauguração. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



24.8. Fachada do Excelsior em 1994. Fonte: Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso em 03 abr. 2022.



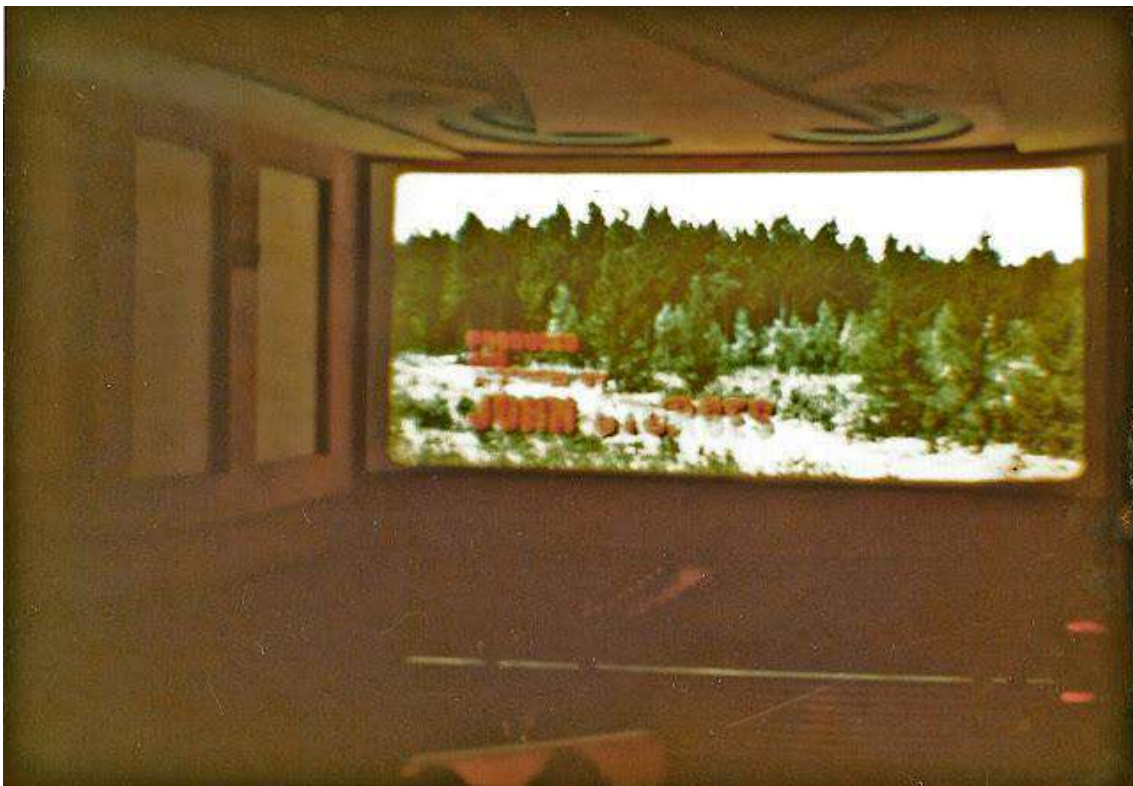
24.9. Plateia do Excelsior em 1958, inauguração. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



24.10. Interior do Excelsior, sem data. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



24.11. Plateia do Excelsior, sem data. Fonte: Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso em 03 abr. 2022.



24.12. Excelsior durante exibição em 1978. Aparentemente do filme Fugindo do Inferno (1963). Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



24.13. Excelsior em 2003, sala de projeção. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



24.14. Excelsior em 2003, tela e plateia. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



24.15. Excelsior em 2003 sanitário masculino. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



24.16. Excelsior em 2003 sanitário masculino. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



24.17. Plateia do Excelsior em 2011. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



24. 18. Detalhe do teto Excelsior em 2011. Fonte: Site “[Maria do Resguardo](#)”. Acesso 03 abr. 2022.



24.19. Tela do Excelsior em 2011. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso 03 abr. 2022.



24.20. Fachada do Excelsior na década de 1970. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso em 03 abr. 2022.



24.21. Edifício Excelsior, sem data. Fonte: Site "[Maria do Resguardo](#)". Acesso em 03 abr. 2022.



25.3. Centro Cultural Benfica em 2015. Fonte: site “[Benfica Net](#)”, acesso 04 abr. 2022.



25.4. Vista lateral do Centro Cultural Benfica em 2010. Fonte: site “[Benfica Net](#)”, acesso 04 abr. 2022.



25.5. Vista lateral do Centro Cultural Benfica na década de 1990. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 04 abr. 2022.



25.6. Cine Benfica (talvez aqui apenas Paróquia Pio XI) em construção, fachada, talvez na década de 1940. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 04 abr. 2022.



25.7. Cine Benfica em construção, lateral. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 04 abr. 2022.



25.8. Cine Benfica em construção, interior. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 04 abr. 2022.

26. Cine Festival



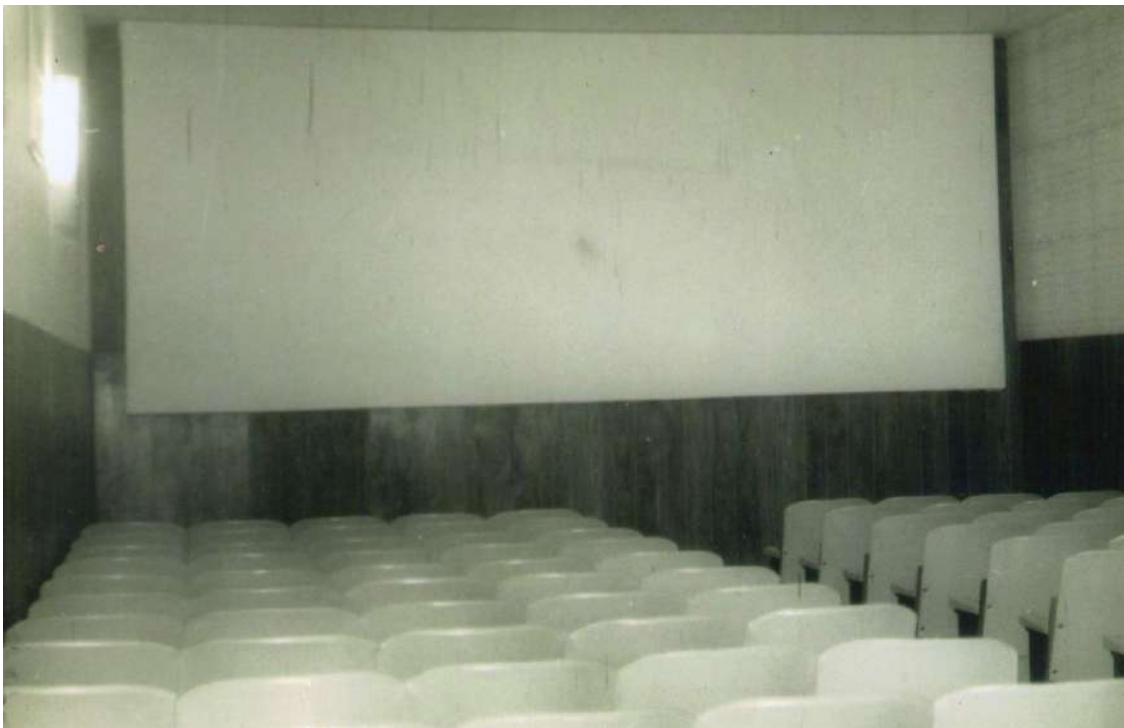
26.1. Fachada do Cine Teatro Central, o filme *Avalanche* (1978) está em cartaz no Excelsior, destaque para o letreiro do Cine Festival à direita. Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso 04 abr. 2022.



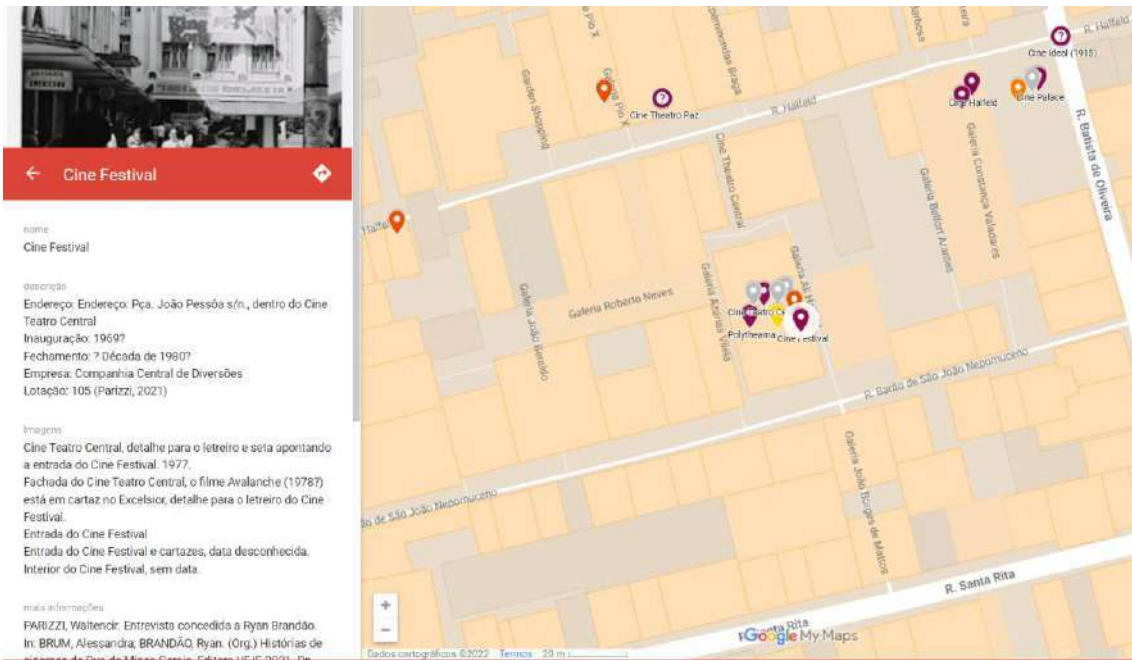
26.2. Entrada do Cine Festival. Fonte: Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso 04 abr. 2022.



26.3. Entrada do Cine Festival e cartazes, data desconhecida. Fonte: Site “[Maurício Resgatando o Passado](#)”. Acesso 04 abr. 2022.

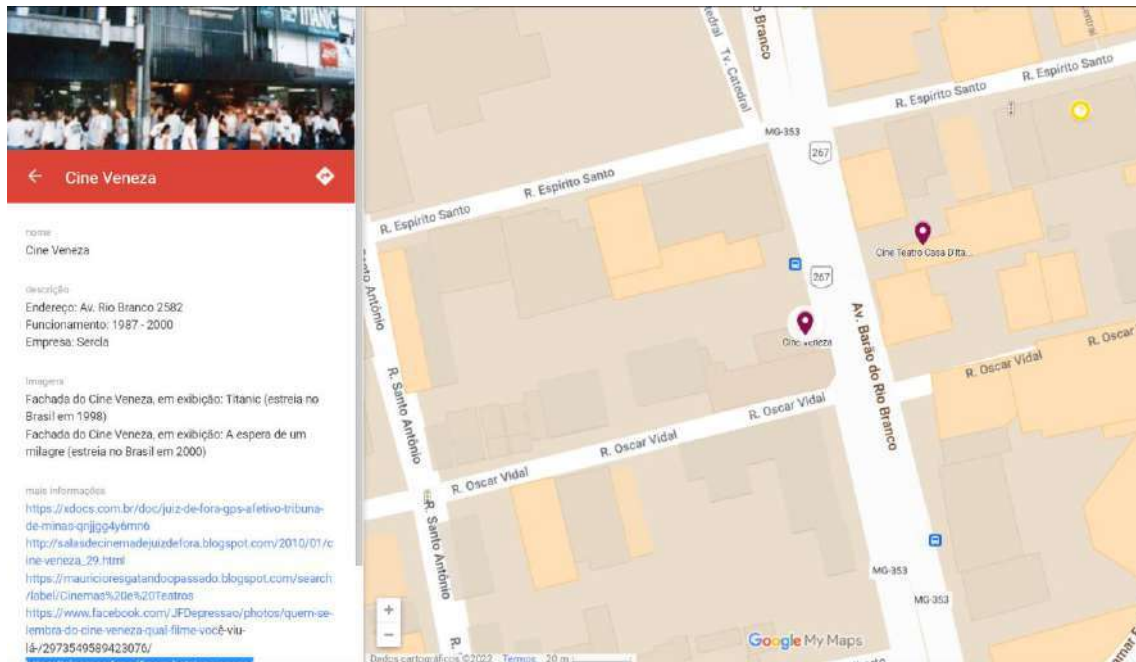


26.4. Interior do Cine Festival, sem data. Fonte: Coleção “[Juiz de Fora em Imagens](#)” da rede social Pinterest. Acesso 03 abr. 2022.



26.5. Localização do Cine Festival. Produzido por mim.

27. Cine Veneza



27.1. Localização do Cine Veneza no mapa. Produzido por mim.

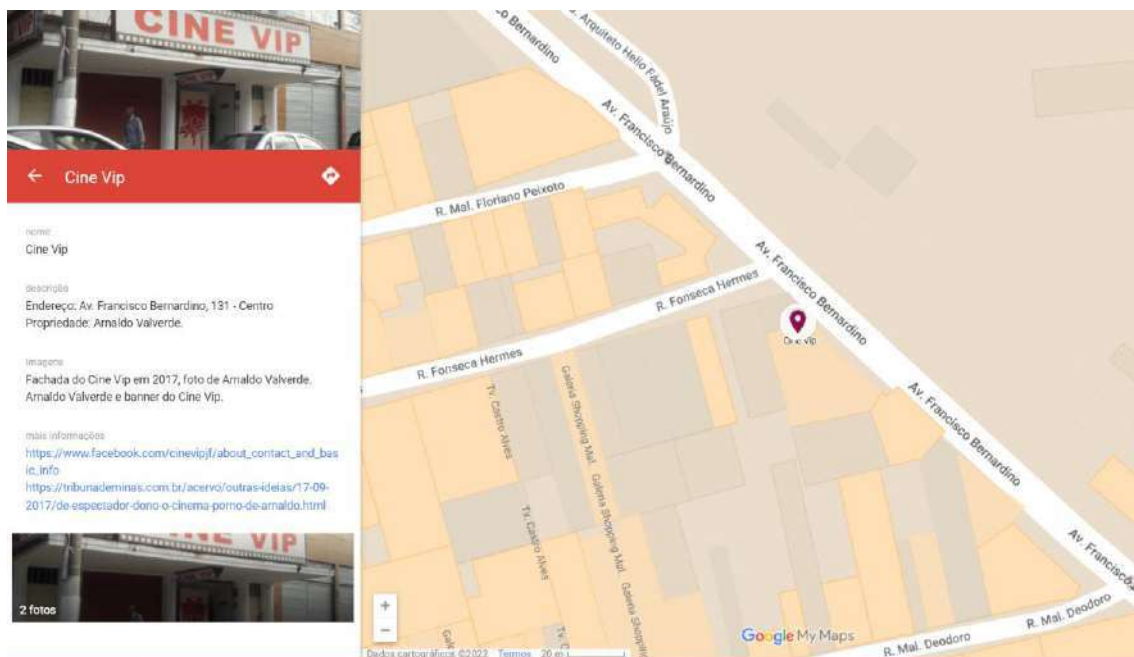


27.2. Fachada do Cine Veneza, em exibição: Titanic (estreia no Brasil em 1998) Fonte: [Postagem do Facebook](#) de 2020.



27.3. Fachada do Cine Venezia, em exibição: A espera de um milagre (estrela no Brasil em 2000) Fonte: Site "[Maurício Resgatando o Passado](#)". Acesso 04 abr. 2022.

28. Cine Vip



28.1. Localização do Cine Vip no mapa. Produzido por mim.

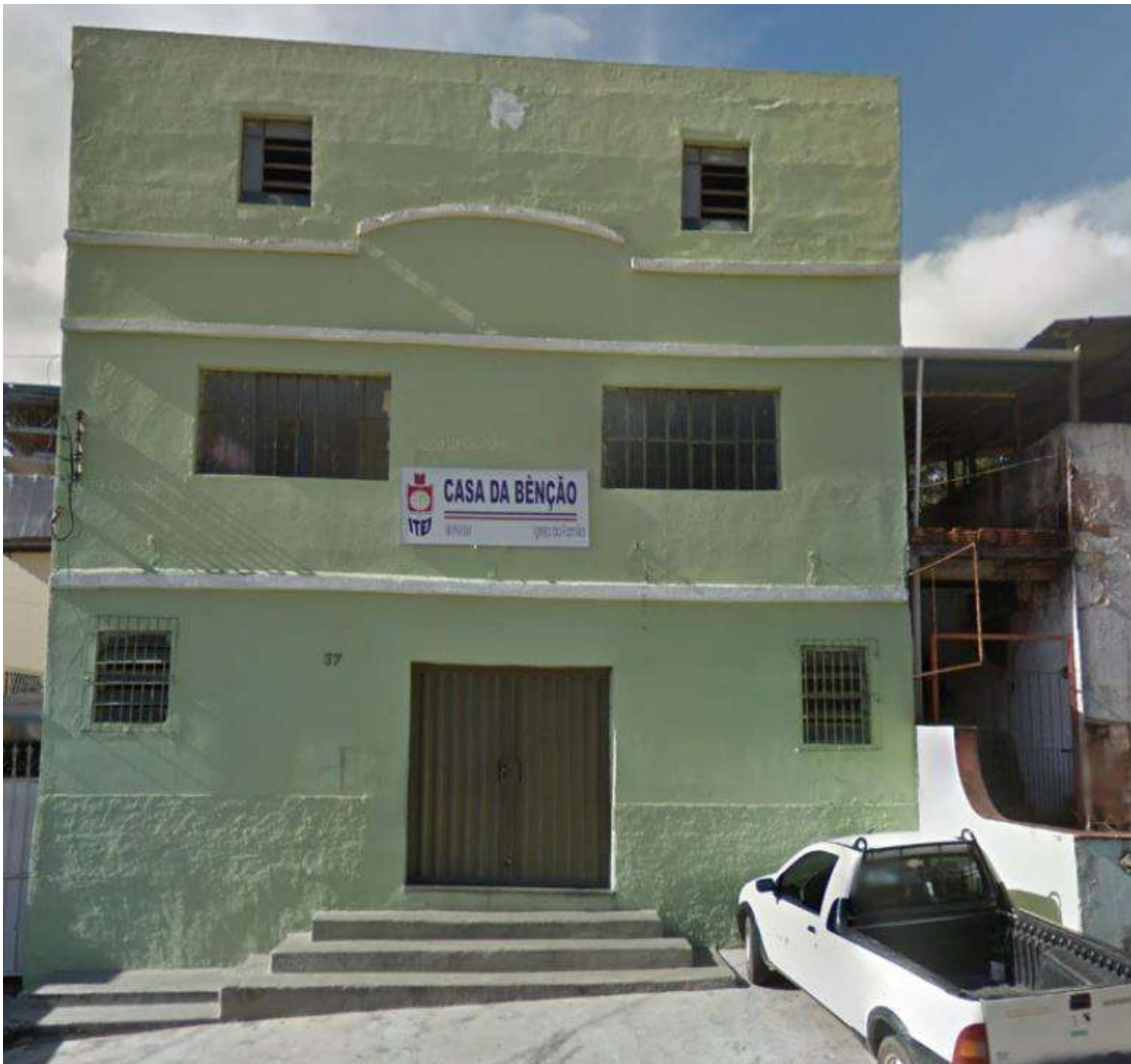


28.2. Fachada do Cine Vip em 2017, foto de Arnaldo Valverde. Fonte: [Google Maps – imagens](#). Acesso 24 abr. 2022.

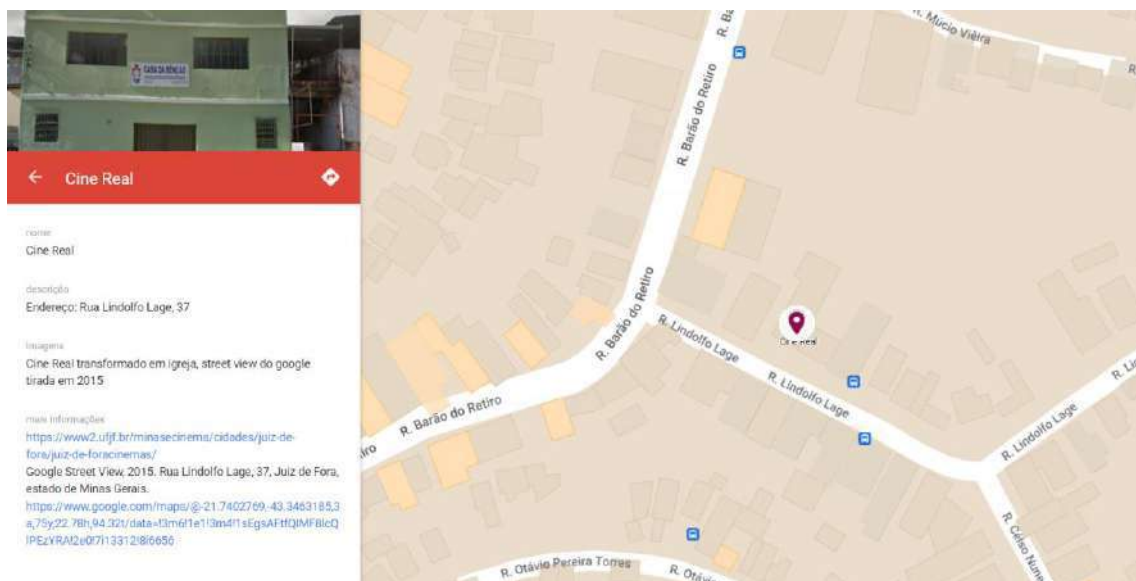


28.3. Arnaldo Valverde e banner do Cine Vip. 2017. Fonte: [Tribuna de Minas](#). Acesso 24 abr. 2022.

29. Cine Real



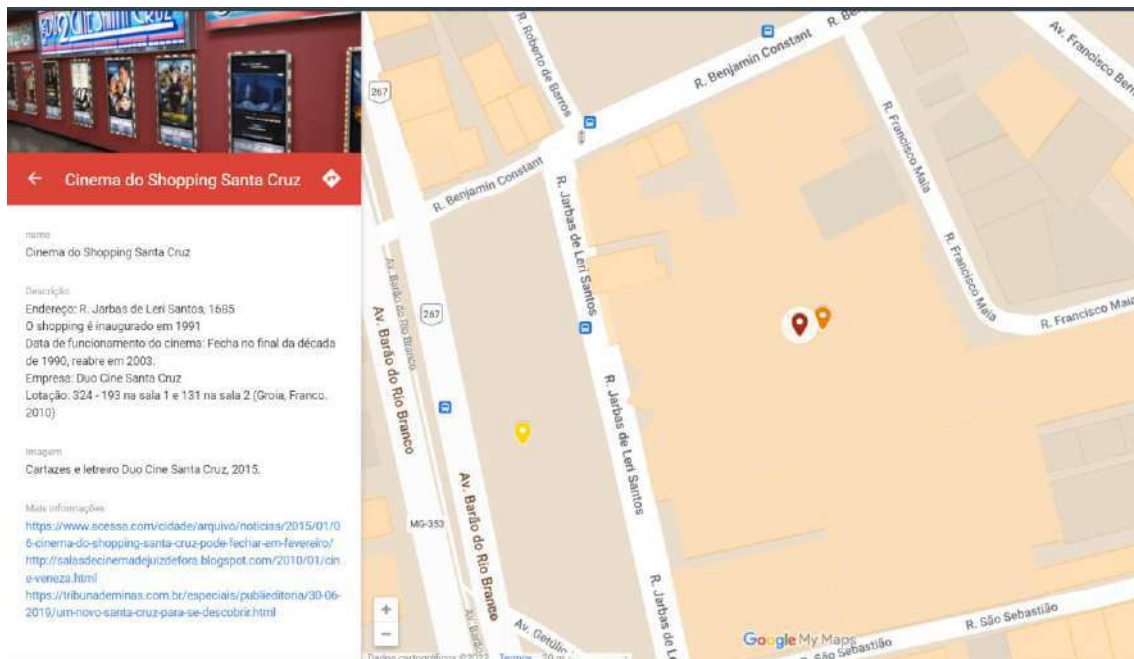
29.1. Cine Real transformado em igreja, [street view do google](#) tirada em 2015. Captura de tela em 18 abr. 2022.



29.2. Localização do Cine Real no mapa. Produzido por mim.

Salas de shopping

1. Cinema do Shopping Santa Cruz

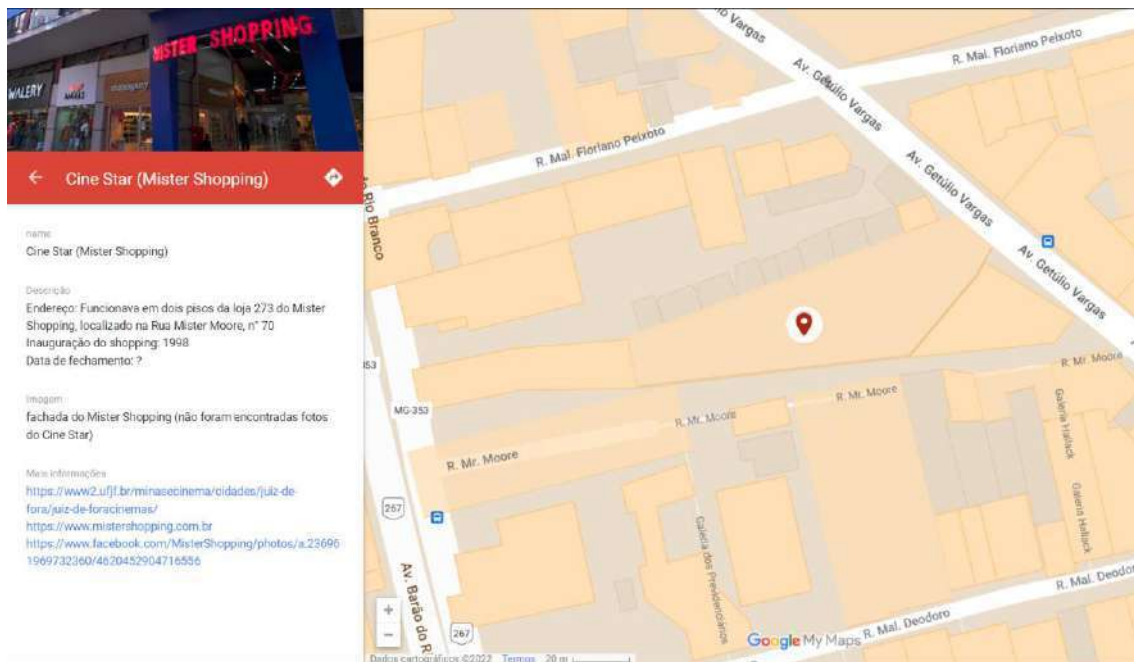


1.1. Localização do Cine Santa Cruz no mapa. Produzido por mim.



1.2. Cartazes e letreiro Duo Cine Santa Cruz, 2015. Fonte: Soares, Lucas. "Cinema do shopping Santa Cruz pode fechar em fevereiro", 2015. Disponível em: ["Acessa" arquivo de notícias](#). Acesso em 05 abr. 2022.

2. Cine Star (Mister Shopping)

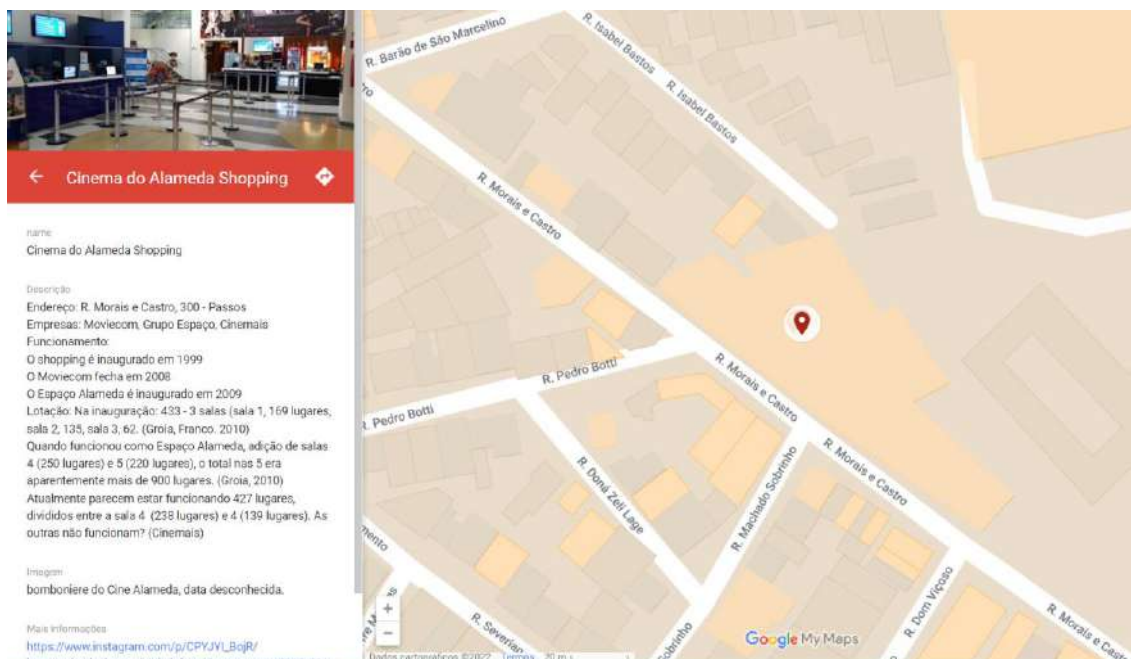


2.1. Localização do Cine Star (Mister Shopping) no mapa. Produzido por mim.



2.2. Fachada do Mister Shopping (não foram encontradas fotos do Cine Star). Fonte: [Facebook do Mister Shopping](#). Acesso em 05 abr. 2022.

3. Cinema do Alameda Shopping

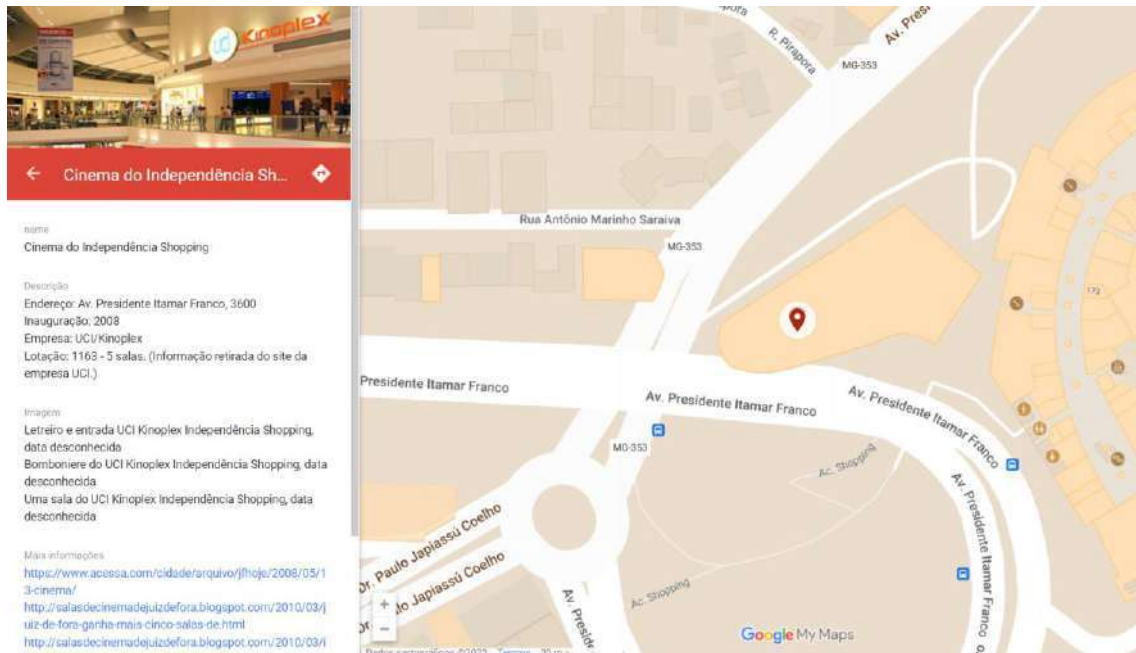


3.1 Localização do Alameda Shopping. Produzido por mim.



3.2. bomboniere do Cine Alameda, data desconhecida. Fonte: [Instagram do shopping Alameda](#). Acesso 05 abr. 2022.

4. Cinema do Independência Shopping



4.1. Localização do Independência Shopping no mapa. Produzido por mim.



4.2. Letreiro e entrada UCI Kinoplex Independência Shopping, data desconhecida. Fonte: [site da United Cinemas Internacional Brasil](#).

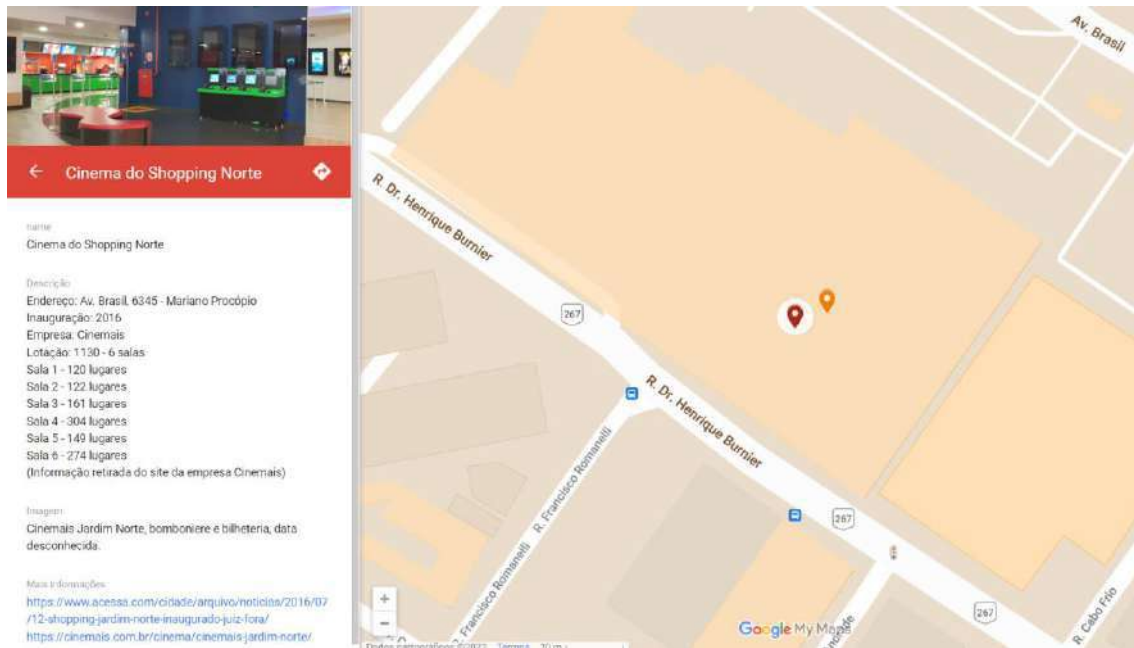


4.3. Bomboniere do UCI Kinoplex Independência Shopping, data desconhecida. Fonte: [site da United Cinemas Internacional Brasil](#).



4.4. Uma sala do UCI Kinoplex Independência Shopping, data desconhecida. Fonte: [site da United Cinemas International Brasil](#).

5. Cinema do Shopping Norte



5.1 Localização do Shopping Norte no mapa. Produzido por mim.



5.2. Cinemais Jardim Norte, bomboniere e bilheteria, data desconhecida. Fonte: [site da empresa Cinemais](#).

